

O ECUMENISMO

Seus Objetivos e Seus Métodos

Dr. Aníbal Pereira dos Reis
(ex-padre)

Edições Cristãs

O ECUMENISMO

Seus Objetivos e Seus Métodos

DEDICATÓRIA

* A quem dedicarei este livro senão àqueles que, com FIDELIDADE integral e intransigente, procuram VIVER o Evangelho?

* Fidelidade a Jesus Cristo e à Bíblia e vida espiritual se interdependem. Uma inexiste sem a outra!

* Àqueles que, na visão missionária do IDE, PREGAI, gastam suas energias, arrostam sacrifícios, imolam seus direitos, investem seu tempo porque, acima de tudo, interessa-lhes a Glória de Jesus Cristo, o Único e Todo-Suficiente Salvador das almas.

.oOo.

PREFÁCIO

O estudo, a reflexão, a experiência e o anseio sazoneram estas páginas.

O estudo do imenso documentário sobre o assunto... A reflexão sobre os sinais marcantes desta fase da História... A experiência do meu ministério de pregador da Palavra de Deus após os longos anos de serviço no sacerdócio católico- romano... E, sobretudo, o anseio de ver almas salvas abrigadas no amorável rebanho de Jesus Cristo.

A esses fatores conjugou-se o tempo. Cerca de quatro anos... Durante os quais vacilei... Escrever ou não escrever? Qual a oportunidade deste

livro? E qual a sua contribuição em prol da Causa do Reino? Sob quais dimensões devê-lo-ia escrever?

Pus-me, como compete ao servo, em disponibilidade na presença do Senhor.

Côncio de me sujeitar aos planos de Deus, despretencioso, entrego este livro a Edições Caminho de Damasco a fim de lançá-lo a lume.

.oOo.

Nada me demoverá, ao longo de suas páginas, da exposição sincera de fatos e da análise de documentos.

Alheio à minha vontade o desígnio de ferir. Mas, acima de tudo, necessário se faz colocar a lealdade a Jesus Cristo. A fidelidade à Bíblia. À Verdade!

“Amicus Plato, sed magis amica Veritas”.

Destina-se este livro a alertar os incautos. A prevenir os ingênuos. A sacudir os adormecidos. A abrir os olhos ofuscados pela fumaça ecumenista. A incentivar os amofinados pelo psicotrópico ecumenistizante.

Objetivam estes capítulos documentados o esclarecimento sobre o ECUMENISMO!

Que, lendo-os, cada um tome a sua posição. Posição consciente!

Ninguém mais poderá desculpar-se ao alegar desconhecimento... Nem mesmo quem não os ler porque a ignorância vencível é culposa e onera gravemente a consciência.

Este livro, inédito sobre o tema, convoca todos os evangélicos a se definirem diante do ecumenismo. Ou pela apostasia. Ou pela fidelidade escoimada de subterfúgios a Jesus Cristo. Ou pela abominação do dominismo religioso. Ou pelo aparceiramento com os fautores do antievangelho.

.oOo.

Se a cada um Deus reserva um programa a cumprir, estou convencido de que Ele permitiu minha vivência de quinze anos no sacerdócio católico-romano e meu afastamento dele nesta era pós-conciliar exatamente para cumular com vasta bagagem de experiências a me conceder o indispensável aval nas minhas atitudes de intransigência nesta hora de abdições espirituais e morais.

Impunha-se ao atalaia vigilância contínua para, à aproximação do inimigo, advertir, ao som da trombeta, a iminência do perigo.

A postura do atalaia é a de sentinela. *Sópeh!*

O instrumento da sua militância é a trombeta. *Sopar!* Ele é, pois, o trombeteiro. O clarim no instante da ameaça. A sentinela em função da segurança da cidade...

À par da comunicação do recado de Deus ao povo de Israel, competia ao profeta ser também atalaia para avisá-lo sobre os riscos resultantes de suas transgressões à Lei Divina, sobretudo a referente à idolatria de tal sorte abominada por Deus que a chama de prostituição.

O atalaia sente-se onerado para com Deus e para com o Seu povo. Fidelidade para com o Primeiro. E presteza em benefício do segundo, porque sobre a torre de vigia, de imediato, nota a presença do inimigo.

Seus olhos se habituam a perscrutar os horizontes, a rasgar as trevas, a observar os sinais...

.oOo.

Os quinze anos de sacerdócio católico, depois de longos e exaustivos estudos da dogmática vaticana, propiciam-me pressentir o engano, o ardil, a aproximação da rede astuciosa para envolver os inadvertidos nas malhas dos interesses pontifícios.

Se Deus me chamou nesta hora e me constituiu atalaia, alerta, preciso desobrigar-me alteando o som do clarim.

.oOo.

“E, vendo o atalaia que a espada vem sobre a terra, tocar a trombeta, e avisar o povo; se aquele que ouvir o som da trombeta, não se der por avisado, e vier a espada, e o tomar, o seu sangue será sobre a sua cabeça. Ele ouviu o som da trombeta, e não se deu por avisado; o seu sangue será sobre ele. Mas o que se dá por avisado salvará a sua vida.

“Mas se, quando o atalaia vir que vem a espada, não tocar a trombeta, e não avisar o povo, se a espada vier, e levar uma vida dentre eles, este tal foi levado na sua iniquidade, mas o seu sangue demandarei da mão do atalaia”

(Ezequiel 33:3-6).

Este livro é o clamor estridente e angustioso da trombeta. Se alguém for levado em sua iniquidade, de minha mão o Senhor não demandará o seu sangue. O seu sangue será sobre a sua própria cabeça.

Os capítulos que recheiam este volume clarinarão as consciências. As retas apoiá-los-ão. As dúbias esclarecer-se-ão. As vacilantes definir-se-ão. As pervertidas cristalizar-se-ão. As autossuficientes empedernir-se-ão. As sentimentaloides inconformar-se-ão. As comprometidas desculpar-se-ão. E, em evasivas, agasalhar-se-ão as encegueiradas.

.oOo.

Repartir-se-á esta obra em três livros.

No primeiro, relacionando-as, mostraremos as afinidades das seitas católicas, todas elas fundamentadas no antievangelho e em busca da meta comum do U N I O N I S M O sob a tiara pontifícia do Vaticano. Sob este aspecto, portanto, o ecumenismo se manifesta como ambição unionista.

No segundo, no esforço de esclarecer, evidenciar-se-á a permanência de todos os dogmas nos quadros da teologia romana, pois o Concílio Ecumênico Vaticano II nenhuma transformação doutrinária promoveu, mas, ao contrário, insistiu em confirmar, reafirmar, ratificar, sustentar, conservar todas as teses postas nos concílios anteriores e por todos os papas à anuência da fé. A teologia pós-conciliar se identifica plenamente com a pré. No caso, o *pós* simplesmente sublinha a continuidade de todas as definições anteriores.

No último livro, apresentaremos os métodos da ação ecumenizante para, envolvendo os discípulos do Senhor, coibir-lhes o ímpeto evangelístico, desde que não os possa subjugar ao dominismo absoluto da aristocracia clerical.

.oOo.

Dentre as muitas pessoas do meu reconhecimento, preciso, em nome da justiça, destacar afetuosos agradecimentos à minha Esposa, MARIA DE LOURDES.

A Moisés concedeu o Senhor uma Maria (Myriam no hebreu) para lhe valer em sua fragilidade infantil à mercê das águas do Nilo; para lhe incentivar, na exaltação do Senhor, o júbilo pela gloriosa travessia do Mar Vermelho; para, como profetisa, lhe aliviar o peso da liderança do seu povo em marcha.

Em Sua jornada terrena, Jesus foi cercado pela doce presença de quatro mulheres privilegiadas com o nome de Maria. A Sua mãe segundo a carne, sempre escondida durante o Seu ministério público por reconhecer inoportuna a sua ostensiva apresentação. Maria Madalena, a mais dedicada dos Seus discípulos; tão generosa que Lhe ministrava o necessário para o Seu sustento; bem-aventurada — mil vezes bem-aventurada — por ter sido a primeira a ver Jesus Ressuscitado e por haver, coração em festa, sido a mensageira da Grande Notícia aos outros discípulos. Maria de Betânia, o exemplo da quietude confiante quando Jesus está presente e da devoção ao Mestre ao Lhe antecipar a unção do Corpo com o precioso e rescendente bálsamo. Agonizante na Cruz, a solidão pelo abandono dos discípulos foi compensada com a presença alentadora das três: Maria, mulher de Cleófas, e Maria Madalena, e Maria, a Sua mãe.

A Paulo Apóstolo não faltou também uma Maria entre os seus muitos auxiliares. Esta Maria, que muito trabalhou por ele (Romanos 16:6) a fim de que se concretizasse o seu sonho dourado de evangelizar também a Capital do Império.

O testemunho destas personagens bíblicas chamadas Maria nos dá o profundo significado deste nome, conquanto etimologicamente parece ser amargura.

Porque Maria é solicitude. Incentivo. Devotamento. Constância. Humildade. Devoção. Desprendimento. Renúncia. Generosidade. Cooperação.

Maria é vigilância na hora da ameaça... Exaltação na vitória... Participação no trabalho... Ternura no enlevo... Quietude no amor... Presença na dor... Estímulo na solidão... Alegria na ressurreição...

A mim também o Senhor me deu uma Maria, creditada à minha mais profunda gratidão à par do amor que lhe dedico por me representar uma grande dádiva do Céu.

Minhas constantes e demoradas viagens deixam-na em longas soledades. Minha permanência em casa, por se encher de trabalhos diuturnos no preparo dos meus livros, também não lhe compensa muito aqueles períodos de solidão.

De sua parte, porém, nunca um reclamo. Jamais um empecilho. Olhos postos na Eternidade, a Presença permanente e indefectível do Presente, compartilha o ministério missionário do esposo. Porque ela é a cooperação oculta e desprendida. Compreensiva e alegre. Generosa e terna. Humilde e incentivante.

.oOo.

Fecundadas pela graça do Senhor e ungidas pelo Espírito Santo, possam estas páginas, escritas com entusiasmo, oração e anseio pelo desenvolvimento e maturação do Reino de Deus entre os homens, cumprir o seu ministério para a Glória e Exaltação de Jesus Cristo.

S. PAULO, 25 de dezembro de 1971

Dr. ANIBAL PEREIRA DOS REIS

.oOo.

LIVRO

1

OBJETIVO PRIMACIAL DO ECUMENISMO: A UNIDADE DE TODOS OS GRUPOS CATÓLICOS SOB A AUTORIDADE DO PAPA

Decalcado sobre o Império dos Césares, o imperialismo espiritual do Vaticano, após haver, num fantástico lance sincretista, absorvido e encampado em sua dogmática e em sua liturgia, as doutrinas e os ritos e objetos do culto pago antigo, agora noutra encruzilhada da História, quando se vê inferiorizado diante da explosão demográfica do mundo e humilhado com a deserção de multidões antes fiéis, por meio do ecumenismo, quer compensar-se juntando em seu redil as seitas católicas dissidentes.

.oOo.

Ao se verificar o desenvolvimento histórico da ação ecumênica, constata-se a grande e insofismável realidade: só existe um único ecumenismo a mobilizar em direção do Vaticano as seitas católicas dissidentes de Roma e as denominações protestantes catolicizadas.

Os episódios atestam: o ecumenismo, sinônimo de vaticanocentrismo, é único!

Negar a constatação dessa irrefreável marcha para a só papal é fechar os olhos à realidade dos fatos. É negar o evidente!

Fora desta única meta o ecumenismo se reduziria a um piegas romanticismo literário a inspirar “ais” próprios de adolescentes apaixonadas por galãs de cinema e televisão.

.oOo.

A marcha das seitas católicas dissidentes para Roma é interceptável. À sua frente, em clangores de conagração está o Concílio Mundial de Igrejas, a organização complexa e eficiente, possuidora de recursos capazes de exercer pressão sobre os grupos e seitas católicas ainda não conformadas com o unionismo debaixo da tutela vaticana.

.oOo.

CAPÍTULO 1

PRELIMINARES INDISPENSÁVEIS

NOSSA JORNADA exige conveniente preparação. Seu acometimento reclama revigoradas energias na convicção neotestamentária da ECLESIOLOGIA

A Igreja de Jesus Cristo se forma de todos os crentes, os “*nascidos de novo*” (João 3:3-5), os “*santos em Jesus Cristo*” (Filipenses 1:1), os que “*invocam o Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo*” (1 Coríntios 1:2).

Essa Igreja — que é INVISÍVEL — é a “*raça eleita, sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido*” (1 Pedro 2:9) que no próprio Jesus Cristo tem a sua autoridade à qual se submete cada crente. Submete-se prescindindo de qualquer mediação clerical ou hierarquia eclesiástica.

Submete-se-Lhe pela sua consciência!

O próprio Jesus Cristo “*é a cabeça da Igreja*” (Efésios 5:23). É Ele a sua “*pedra angular*” (Mateus 16:17; Atos 4:11; 1 Pedro 2:6; Efésios 2:20).

E “*ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo*” (1 Coríntios 3:11).

.oOo.

Jesus Cristo, a cabeça (Efésios 5:23), a pedra (Mateus 16:17; Atos 4:11; 1 Pedro 2:6; Efésios 2:20), o fundamento (1 Coríntios 3:11)!!!

No mistério de Cristo — *“estai em Mim, e Eu em vós”* (João 15:4) — é que os crentes, os salvos, se revestem do amor, que é *“o vínculo da perfeição”* (Colossenses 3:14). Unidos espiritualmente em Cristo é que se amam no cumprimento do preceito: *“que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei”* (João 15:12).

No amor a Jesus Cristo todos os salvos se estreitam no amor mútuo. Pelos laços desse amor, *“o vínculo da perfeição”* (Colossenses 3:14) constituem-se na grande família, na imensa comunidade espiritual, na invisível Igreja de Cristo, pela qual Ele mesmo Se entregou, *“para a apresentar a Si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”* (Efésios 5:27).

A unidade estabelecida por Cristo acontece na estrutura espiritual da Sua Igreja por ter ela o próprio Cristo como cabeça e fundamento.

Fora de Cristo nenhum nome poderá aglutinar os salvos! Nem uma hierarquia clerical montada na mais sólida organização. Nem um soberano religioso identificado com os poderes e as riquezas da terra.

.oOo.

Em Cristo o amor sobrepuja todas as arestas e vence todas as barreiras, ultrapassa todas as distâncias e supera todos os desnivelamentos sociais.

Em Cristo — e somente em Cristo — o amor promove o inefável relacionamento de todos os salvos porque nEle crentes.

Em Cristo — porque pelo amor nEle os salvos estão — se efetiva por parte do Pai o atendimento de Sua súplica: *“Pai Santo, guarda em Teu Nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós”* (João 17:11).

Guardados no Nome Santo do Pai — e não no nome de um monarca imperialista religioso — é que os salvos se congregam naquela unidade estabelecida pela amorável atração do Salvador.

A causa exemplar dessa unidade, aliás, é a própria unidade espiritual, indefectível e eterna, entre o Pai e o Filho. *“Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em nós: Eu neles, e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos em unidade”* (João 17:21 e 23).

Os salvos porque crentes nEe, os *“santificados em Cristo Jesus”* (1 Coríntios 1:2), essa *“raça eleita”* (1 Pedro 2:9), essa *“nação santa”* (1 Pedro

2:9), esse “*povo de propriedade exclusiva de Deus*” (1 Pedro 2:10), “*quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres*” (1 Coríntios 12:13), todos partícipes da Igreja espiritual, invisível, porque estreitados em Cristo, nEle tendo o único ponto de referência, a Cabeça, o Fundamento, a Pedra Angular, o Chefe, a Autoridade Indestrutível, de acordo com os planos divinos exarados em o Novo Testamento, devem se organizar em assembleias, ou comunidades, ou igrejas particulares, locais, visíveis. Departamentos locais e visíveis da Igreja Universal e Invisível.

No usufruir da liberdade de filhos de Deus, servem o Evangelho do Senhor nesses redos locais, verdadeiros departamentos comunitários da Igreja Universal. Invisível.

Igreja Universal visível, cujo conceito é alheio ao Novo Testamento, é pretensão imperialista. Escravizante!

Igreja Universal visível aberrante do Evangelho. É antievangélico por se colocar como imprescindível à salvação do pecador.

Igreja Universal visível é apóstata do amor por entrar nas competições políticas dos homens irregenerados, onde se jogam todos os interesses mesquinhos no objetivo de se galgarem posições. Ao longo da História abundam páginas negras escritas sob os miasmas da política eclesiástica.

.oOo.

Nesta peregrinação terrena é o salvo constituído também de corpo material, o qual deve estar a serviço de Deus, pois do Seu Espírito Santo é templo (1 Coríntios 3:16; 6:19; 2 Coríntios 6:16). Maravilhosa e exuberante plenitude da Redenção a reunir o Homem Integral: espírito e matéria! Plenitude de repercussões eternas a se desabrocharem nesta vida a caminho da Pátria Além.

E por ser a Redenção de efeitos imediatos no viver do salvo, por atingir-lhe o corpo material e por engajá-lo no ministério de transmitir a outros a mensagem do Evangelho, Jesus Cristo quer que a Sua Igreja Espiritual Invisível se manifeste por meio de congregações locais e visíveis. Aliás, são elas consequência natural da própria disseminação dos Seus discípulos.

“As igrejas em toda a Judeia, e Galileia, e Samaria tinham paz, e eram edificadas, e se multiplicavam” (Atos 9:31).

“E passou [Paulo] pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas” (Atos 15:41).

“De sorte que as igrejas eram confirmadas na fé, e cada dia cresciam em número” (Atos 16:5).

“O que não só eu [Paulo] lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios. Saudai também a igreja que está em sua casa” (Romanos 16:4-5).

“Porque vós, irmãos, haveis sido imitadores das igrejas de Deus que na Judeia estão em Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 2:14).

Por mais 107 vezes encontramos em o Novo Testamento a expressão IGREJA, sendo 13 vezes no significado de Igreja Universal e Invisível e 94 no sentido de corporação local, autônoma, independente.

Estes departamentos, estas congregações, estas comunidades ou estas assembleias tornam visível a Igreja de Jesus Cristo ao qual se submetem incondicionalmente. NEle — e não sob algum poder humano religioso — é que se unem. Nenhum magistério eclesiástico ou pontifício norteia-lhes as doutrinas porque aceitam exclusivamente o magistério da Bíblia.

.oOo.

Congregados em igrejas, os salvos se unem no amor de Jesus Cristo, pois a autonomia das igrejas não monta barreiras entre eles, como as diversas e muitas famílias constituídas pelos liames do sangue não dividem a sociedade, mas a compõem. Todas as igrejas se entendem por se subordinarem ao seu Único Líder, Jesus Cristo!

Na vivência eclesial, que não se circunscreve apenas aos atos de culto, mas se derrama em todas as suas atividades, os salvos devem se emular no cumprimento do *“amai-vos uns aos outros”*.

As dissensões acontecidas provêm da nossa miséria humana e não por qualquer falha do plano eclesial neotestamentário. Aliás, as dissensões no seio dos imperialismos religiosos atrelados à autoridade de um papa, ou de um patriarca, são muito mais sérias porque provenientes de ambições políticas.

Unidos a Cristo pela graça salvífica e, por isso, unidos entre si pelo amor, cujo protótipo é a unidade entre o Pai e o Filho, os salvos, congregados nas assembleias locais testemunham perante o mundo.

Um em Cristo, os salvos têm a incumbência de revelar em atitudes o seu amor mútuo para que o mundo creia que Jesus é o enviado do Pai (João 17:21).

“Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:34-35).

.oOo.

CAPÍTULO II NA DIMENSÃO DO UNIONISMO ECUMENISTA

MÁGOA PROFUNDA invade o coração do pontífice romano ao contemplar as grandes e antigas cisões no seio do catolicismo. Quem lhe dera poder um dia submeter à sua tiara aurifulgente todas essas seitas teimosas em permanecer distantes de sua órbita! Deseja ser ele o astro majestoso a cujo torno gravitem todos quantos, à fé em Jesus Cristo, acrescentam a necessidade das obras para a salvação.

Sim! A grande linha divisória entre o Evangelho e o paganismo se constitui na seguinte doutrina: O Evangelho requer para a salvação do pecador exclusivamente a sua fé, a sua confiança, em Jesus Cristo como UNICO E TODO-SUFICIENTE SALVADOR. O paganismo — porque todas as religiões pagãs intentam igualmente a salvação espiritual dos seus fiéis — ensina a necessidade das “*boas obras*” (esmolas, gestos de benemerência, devoções e ritos religiosos) para a salvação.

Desde os primórdios do Cristianismo teimou-se juntar à fé em Cristo as obras para a salvação. O que são os judaizantes ou legalistas (Atos 15; Gálatas 2:11-14) — os contraditores de Paulo, por excelência o Apóstolo do Evangelho — senão os instauradores do catolicismo? Porque o catolicismo requer para a salvação, além da fé em Jesus Cristo, as “*boas obras*”.

Nega o catolicismo a Todo-Suficiência do Sacrifício de Jesus Cristo. O seu Jesus Cristo, por não ser todo-bastante, precisa das achegas de ritos cabalísticos (os sacramentos), da cooperação de outros personagens (santos), da ajuda de Maria, da interferência da hierarquia clerical, do fogo acrisolador do “purgatório”, do poder das indulgências...

.oOo.

Fixemos! O fundamento basilar entre o Evangelho e o paganismo está em que aquele requer exclusivamente a fé em Jesus Cristo como Único e Todo-Suficiente Salvador. E este, que desconhece o Plano Salvífico de Deus, exige as “boas obras” para a salvação dos seus fiéis.

Entre o paganismo antigo e grosseiro dos povos gentios e o catolicismo há apenas a diferença de que este diz crer num Jesus Cristo que necessita do concurso do pecador para salvá-lo.

O catolicismo simplesmente encaixa um Jesus Cristo limitado na doutrinação paga.

Portanto, todas as facções religiosas que apregoam a necessidade de algo mais além da fé em Cristo para a salvação, se constituem em seitas católicas.

Essa doutrina, através dos séculos, sub-repticiamente, vem se introduzindo no seio dos evangélicos, sobretudo, agasalhada na roupagem capciosa da possibilidade do crente perder a salvação.

Se a salvação não é eterna significa simplesmente que a sua conservação depende da correspondência do pecador. Em outras palavras: Se o crente pode perder a salvação, é porque ela depende de suas obras pessoais. A salvação já não é graça somente. E se não é graça apenas deixa simplesmente de ser graça!

Sob essa capa disfarçado há catolicismo em todos os grupos evangélicos. Entre os presbiterianos, entre os pentecostais, entre os batistas... Rejeitam-se os adventistas como defensores da imprescindibilidade da guarda do sábado no sentido da salvação do pecador, e não se veem os católicos disfarçados no seu seio!

.oOo.

O convite ecumênico para a união sob a autoridade papal se dirige a todos os católicos separados da comunhão romana.

Para se ter uma visão de conjunto, o que facilitará nossa compreensão, poderemos distingui-los nas três áreas seguintes:

ORTODOXISMO,
LUTERANISMO E
ANGLICANISMO.

Evangélicos há que se confundem quando alguém lhes alega as divisões denominacionais e pretende exaltar a “Igreja Católica” como a “*Una Sancta*”. E, no desejo de rebater essa euforia, lembram ao seu interlocutor as divisões das ordens religiosas e das muitas “irmandades” no seio do catolicismo vaticano. Dominicanos, jesuítas, salesianos,

agostinianos, franciscanos, capuchinhos, barnabitas, camilianos e centenas e centenas de outros. E quem desconhece a multissecular rivalidade entre dominicanos e jesuítas que se reflete entre as congregações marianas e a ação católica?

Realmente essas divisões denunciam a falta de unidade lá dentro.

Mas o povo desconhece as grandes disputas teológicas a esfacelar a decantada unidade vaticana!

Aliás, o Concílio Ecumênico Vaticano II veio expor as profundas e sérias dissensões grassantes lá dentro.

Ocorre, porém, que as maiores dissensões no seio do catolicismo acontecem em consequência das suas múltiplas seitas. Seitas mesmo! Facções!

Somente no Brasil, afora o catolicismo romano, há a Igreja Católica Apostólica Brasileira, a Igreja Católica Livre, a Igreja Católica Unida, a Igreja Católica Restaurada. Divergem apenas quanto à aceitação da autoridade do papa e em mais algumas poucas coisas de somenos importância, pois todas elas aceitam inclusive o culto da Senhora Aparecida.

Além daquelas três grandes faixas, onde se aninha uma infindável subdivisão, há centenas de “igrejas nacionais” rotuladas de católicas a cobrir a face da terra, como, por exemplo, a Igreja Católica da Argentina, a Igreja Católica da Polônia, a Igreja Católica do Japão, a Igreja Católica da Albânia, a Igreja Católica da Finlândia, a Igreja Católica da Venezuela, os Velhos Católicos da Holanda.

Todas elas, além da doutrina da salvação pela fé em Cristo e mais obras, mantêm muitos pontos de contacto com o catolicismo vaticano (ou romano). Por isso, teimam todas em ser católicas... Teimam todas em ser santas... Teimam todas em ser detentoras da unidade... Teimam todas em ter na sua hierarquia a sucessão apostólica.

.oOo.

O Vaticano vê nestas afinidades doutrinárias e também de culto grandes possibilidades de entendimento em busca da unidade.

No Credo do Povo de Deus, Paulo VI sublinha-as com a seguinte expressão: “Reconhecendo também a existência, fora do organismo da Igreja de Cristo, [refere-se à comunhão romana por ele a reconhecer como a exclusiva Igreja de Cristo] de numerosos elementos de verdade e de santificação, que lhe pertencem como coisa própria e tendem à unidade católica e crendo na ação do Espírito Santo, que suscita no coração dos

discípulos o amor por esta unidade, Nós temos a esperança de que os cristãos, que não estão ainda em plena comunhão com a única Igreja, se reunirão um dia, num só rebanho e com um único pastor”.

Em outras palavras, o papa Montini repetiu o que o Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, disse: “Quase todos, porém, se bem que de modo diverso, aspiram a uma Igreja de Deus una e visível que seja verdadeiramente universal.” (§ 1).

O catolicismo romano herdou atavicamente do Imperialismo de Roma os apetites de domínio e suas estruturas jurídico-eclesiásticas. Na tessitura dos seus sonhos sobressai o sentimento universalizante de Roma culminando na divinização do imperador Otávio, o Augusto.

Decalcado sobre o Império dos Césares, o imperialismo espiritual do Vaticano, após haver, num fantástico lance sincretista, absorvido e encampado em sua dogmática e em sua liturgia, as doutrinas e os ritos e objetos do culto pagão antigo, agora, noutra encruzilhada da História, quando se vê inferiorizado diante da explosão demográfica do mundo e humilhado com a deserção de multidões antes fiéis, por meio do ecumenismo, quer compensar-se juntando em seu redil as seitas católicas dissidentes.

De fato, a explosão demográfica deve alarmar o orgulhoso e dominador Vaticano.

O livro *La Chiesa verso il 2000*, de Eduardo Pretiner Cíppico (Roma, 1962), à página 8, apoiado em dados da ONU e da sé vaticana, apresenta o seguinte quadro:

ANO	População Mundial (em milhões)	Católicos (em milhões)	Porcentagem católica
1700	640	185	28,9
1800	900	210	23,9
1900	1.400	260	18,3
1925	1.900	340	17,8
1950	2.400	420	17,5
1962	3.140	510	16,2

À vista dessa estatística, em pouco mais de 250 anos, o catolicismo romano caiu 50% em sua população percentualmente considerada com a população mundial.

Levando-se em conta que o aumento desta adquire ritmo vertiginoso, qual será a porcentagem católica romana dentro de três décadas?

E, para maior terror na hierarquia vaticana, os povos orientais, até há bem pouco, inexpressivos, acentuam a sua presença no mundo pela consciência que adquirem de sua capacidade construtiva.

Quando da invasão do Império Romano pelos povos bárbaros, em sendo diferentes as circunstâncias porque estes povos, embora dotados de grande força, mas ofuscados pelo esplendor da orgulhosa Capital do Mundo, submeteram-se às imposições políticas do seu bispo, tornou-se mui viável ao catolicismo romano absorver esses povos, batizando-os e integrando-os.

Nesta conjuntura atual, as nações que reclamam participação efetiva no banquete internacional, longe de se embaraçarem com o esplendor de Roma, agora encoberto pela grandeza de outras capitais e obnubilada pelo prestígio de outras regiões, desconhecem a autoridade papal e nem se impressionam com os seus brados.

Qual seria então a saída desta circunstância adversa aos seus caprichos de dominismo?

Aglutinar sob sua tiara as seitas católicas esparsas! Pelo menos dilataria até àqueles povos os seus bafejas de religião considerada o sustentáculo do cristianismo.

E, sob a cobertura falsa da sucessão de Pedro e da suposta autoridade de vigário de Cristo, mas em verdade, como César da hierocracia vaticana, um simulacro de Otávio Augusto, se apresenta na qualidade de centro da unidade desejada por Cristo.

Escapando de todo e qualquer bom senso hermenêutico, apossa-se da perícope joanina: *“Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste. E Eu dei-lhes a glória que a Mim Me deste, para que sejam um, como Nós somos um. Eu neles, e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que Tu Me enviaste a Mim, e que os tens amado a eles como Me tens amado a Mim”* (17:21-23).

“Que também eles sejam um em Nós!”

Não em Pedro! Não em qualquer hierarca! Não numa hierarquia! Não numa organização religiosa! Não sob alíneas de um Direito Canônico! Não em estruturas humanas!

Mas *“um em Nós”!!!*

O modelo dessa união é a União de Jesus com o Pai: *“Para que sejam um, assim como Nós... para que sejam um, como Nós somos um”* (João 17:11, 22).

.oOo.

CAPÍTULO III

O ECUMENISMO E ÚNICO

PESSOAS MENOS avisadas, embora muitas vezes autossuficientes numa supina ignorância mascarada de cultura de almanaque, anunciam a existência de vários ecumenismos. Um entre as denominações evangélicas a propiciar-lhes amistosos encontros. Outro acontecendo entre as seitas protestantes distanciadas do Concílio Mundial de Igrejas. Um outro representado por esse Concílio que congraça seitas protestantes e igrejas ortodoxas.

Veem até um ecumenismo a aproximar as velhas religiões do Extremo Oriente. E o movimento ecumênico proposto pela “santa sé” como uma amigável aproximação do catolicismo romano com outras áreas religiosas, buscando entendimento para soluções conjuntas de problemas humanos e uma maior compreensão após séculos de discórdias.

Os episódios ecumênicos ocorridos dentro da própria faixa protestante levam-nos a constatar ser incompatível com a realidade objetiva a informação sobre a existência desses vários ecumenismos.

Desencantem-se os desavisados! Impossível contestar diante dos fatos a unicidade do ecumenismo.

Enquanto no seio do anglicanismo houve grande efervescência unionista em direção a Roma, conforme se pode verificar no Capítulo XV do livro: “O Papa escravizará os cristãos?”, de nossa lavra, entre os protestantes, no decorrer do século XIX, aconteceram poucas e efêmeras experiências de aproximação entre algumas denominações, como a Aliança Evangélica ocorrida em Londres no ano de 1846.

Em 1908, após vários contactos, muitas igrejas protestantes empreenderam, movidas pelo medo de insolvência espiritual, uma aproximação mais profunda ao criarem uma confederação interconfessional denominada de Conselho Federal das Igrejas de Cristo na América. Todas as confissões partícipes comprometiam-se a colaborar em conjunto com programas sociais, deixando à margem todas as dissensões doutrinárias responsáveis por seus desentendimentos.

Os sintomas da Primeira Guerra Mundial ofereceram ao novel organismo excepcionais oportunidades de se manifestar por meio dos seus esforços no sentido de preservar a paz no mundo. Estes esforços levaram-na a contactar com as denominações protestantes da Europa, sobretudo da Inglaterra e Alemanha. E chegou a celebrar, em agosto de 1914, uma

conferência em Constança, Alemanha. Deste relacionamento com os europeus, fundou-se um organismo permanente, a Aliança

Mundial para Promover a Amizade Internacional através das Igrejas (*World Alliance for Promotion International Friendship through the Churches*).

O período da guerra (1914-1918) a fez pôr em recesso suas gestões pela paz. Mas, em 1919, sucedeu outra reunião na cidade de Oud-Wassenaer, Holanda, quando se distinguiu Nathan Soederblom, de Upsália, Suécia, por lançar pela primeira vez a ideia de um Concílio de todas as igrejas.

As conclusões desta assembleia fizeram extinguir aquela Aliança Mundial e produziram a fundação da Conferência Mundial Cristã de Vida e Ação (*Universal Christian Conference on Life and Work*).

Esta celebrou o seu primeiro congresso internacional em Estocolmo, capital da Suécia, em 1925, com a presença de mais de 500 delegados, representando 37 nações e 31 denominações. A índole eminentemente pragmática dessa assembleia se deduz dos temas tratados: os deveres da Igreja e os desígnios de Deus para com a humanidade; a Igreja e os problemas sociais e morais; a Igreja e a educação cristã; métodos de colaboração política e organizativa entre as igrejas.

O seu segundo congresso foi celebrado em Oxford, Inglaterra, em 1937, já com a participação de delegados do anglicanismo e de igrejas ortodoxas, que manifestaram seu desapontamento em face do “caráter acentuadamente protestante” das reuniões de oração promovidas durante o congresso.

Paralelamente às experiências de aproximação de tipo pragmático-social (Vida e Ação), desenvolviam-se as de feição teológico-doutrinal.

Com efeito, em 1910, no congresso do Conselho Mundial de Missões (*World Missionary Council*), celebrado em Edimburgo, Escócia, nasceu o movimento Fé e Constituição, cuja meta principal colimaria com a unidade doutrinária.

Em 1927 ocorreu outro congresso, em Losana, Suíça, previamente preparado com o estudo do seu temário, que, cotejado com o tema das conferências de Vida e Ação (Estocolmo e Oxford), revela a enorme diferença a mediar os dois movimentos: apelo à unidade; o Evangelho, a Mensagem da Igreja ao Mundo; o ministério da Igreja; a confissão de fé comum da Igreja; o ministério da Igreja; os sacramentos; a unidade da cristandade e as igrejas atuais.

A conferência de Edimburgo, em 1937, marcou outra grande etapa do movimento Fé e Constituição, pois foi participada por 443 delegados de

123 igrejas procedentes de 43 países e assistida por 4 observadores católicos autorizados pelo Vaticano. A presença de anglicanos e ortodoxos se distinguiu sobremodo quando dos debates sobre a Revelação, sobre a Igreja e sobre o ministério, o culto e os sacramentos.

Nesta altura da sortida ecumenista já se completara a maturação própria para o surgimento de uma federação universal das igrejas, conforme os prognósticos de Soederblom. Em 1938, portanto, os dois movimentos: Vida e Ação e Fé e Constituição se integraram numa comissão da qual originou o Concílio Mundial de Igrejas organizado e instalado em Amsterdã, na Holanda, em agosto-setembro de 1948.

Esse rápido bosquejo histórico da aventura ecumenista no seio do protestantismo já demonstra a unicidade do ecumenismo.

Note-se, outrossim, a existência efêmera de cada organização, pois, no período curto de 40 anos, conquanto frustrados em seus desígnios pacifistas por duas guerras mundiais, essas organizações aconteceram numa corrente de motivo-efeito até a instalação do Concílio Mundial de Igrejas a se desaguar proximamente nas torrentes do Vaticano.

Incontestavelmente, na medida em que os fatos se sucedem, salienta-se a aproximação com a “santa sé”. Se nos dois movimentos anteriores se distinguia a presença de anglicanos e ortodoxos, ela foi se salientando muito mais com o suceder de suas assembleias em favor da consumação vaticanocentrista.

Já em 1954, por ocasião da sua II Assembleia, em Evaston, nos Estados Unidos, o arcebispo Michael, da igreja ortodoxa de Nova Iorque, apresentou uma vigorosa declaração na defesa da doutrina católica da “sucessão episcopal” preservadora, desde as origens, do ministério autêntico e da unidade da Igreja. O Dr. Visser’t Hooft, então secretário-geral do Concílio Mundial de Igrejas, se manifestou favorável àquela declaração ao “valorizar a estrutura eclesial como instituição”.

Ao se verificar o desenvolvimento histórico da ação ecumênica, constata-se a grande e insofismável realidade: só existe um único ecumenismo a mobilizar em direção do Vaticano as seitas católicas dissidentes de Roma e as denominações protestantes catolicizadas.

Os episódios atestam: o ecumenismo, sinônimo de vaticanocentrismo, é único!

Negar a constatação dessa irrefreável marcha para a sé papal é fechar os olhos à realidade dos fatos. É negar o evidente!

A III Assembleia do Concílio Mundial de Igrejas foi decisiva nesta mobilização ímpar. A própria fase de sua preparação descortinara vastos e promissores panoramas aos olhos verrumantes do pontífice romano de

sorte a inspirar-lhe a inopinada ideia de convocar um Concílio Ecumênico integrado na perspectiva ecumênica geral.

O Concílio Mundial de Igrejas, com intensidade de preparativos, se aproximava de sua III Assembleia já fixada para fins de 1961, e o papa, por seu turno, se apressava em aglutinar todos os seus dispositivos para convocar a sua reunião. Evidentemente que se lhe tornaria contraproducente entrosar-se com os “irmãos separados”, em Nova Deli no exame doutrinário dos motivos da “separação”.

Isolar-se em concílio próprio dentro dos muros do Vaticano, donde lançaria o convite para que os “irmãos separados” regressassem, era muito mais consentâneo com sua bazófia de *centrum unitatis*. Do seu trono soberano e com a tiara a emoldurar-lhe, em 29 de junho de 1959, na encíclica *Ad Petri Cathedram*, declarou: “Dirigimo-nos... a todos aqueles que estão separados de nós, como a irmãos, usando as palavras de santo Agostinho que diz: Queiram ou não, são nossos irmãos. Só não serão mais nossos irmãos quando deixarem de dizer: Pai Nosso”.

Convencido dos resultados da III Assembleia do Concílio Mundial de Igrejas no sentido de favorecer os seus objetivos unionistas, não se furta o pontífice de se apresentar como o centro da unidade visível da Grande Igreja Vindoura: “Esta união visível é a comunhão de todos os crentes, em uma única profissão de fé, na mesma prática do culto e da obediência à mesma autoridade” (Citado por Agostinho Bea in *Interview with TV — American Broadcasting Company*, — 6 de janeiro de 1962).

Não se enfada o papa de repetir ser ele “o perpétuo e visível princípio e fundamento de unidade” (Constituição Dogmática *Lumen Gentium* — § 23). E, por isso, ele jamais poderia descer os degraus de sua majestade. Os outros que se aproximem dele...

No seu aqodamento, porque não queria perder a grande oportunidade, pelo Motu próprio *Superno Dei Nutu*, de 5 de junho de 1960, instituiu o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, nomeando a 16 do mesmo mês o cardeal Agostinho Bea seu presidente. Esse Secretariado, naqueles dias, objetivava facilitar aos católicos-não-romanos o seguir os trabalhos do Vaticano II e, após, ajudá-los na busca da união com a igreja vaticana.

Todas as previsões pontificias resultaram magnificamente. O seu concílio foi muito bem acolhido nas áreas da III Assembleia do Concílio Mundial de Igrejas.

O Secretariado para a Unidade dos Cristãos levou a bom termo o seu papel de intermediário entrozando-se perfeitamente com o Comitê Central desse Concílio.

Neste clima de expectativa, efetivou-se, em Nova Déli, Índia, de 19 de novembro a 5 de dezembro de 1961, a III Assembleia do Concílio-Não-Vaticano, em que compareceram, em nome da *Oikoumene*, 1.600 participantes e 557 delegados de 197 igrejas-membros de 90 países e territórios, e mais 49 observadores.

Em consequência, esta Assembleia levou o Concílio Mundial de Igrejas a pender decisivamente para a área católica. A recepção da Igreja Ortodoxa Russa e suas satélites, outrossim, ocasionou o destaque interno da posição católica ao reconhecer a tradição e a valorizar o dogma sectário.

Inegavelmente, a ação ecumênica em suas múltiplas facetas e realizada nos mais diversos setores da chamada cristandade aglutina, na sua força de coesão, os muitos grupos nela empenhados a se submeterem ao ecumenocentrismo pontifício.

A IV Assembleia do Concílio Mundial de Igrejas, celebrada em Upsália, Suécia, de 4 a 19 de julho de 1968, com os 15 enviados oficiais do Vaticano, aprofunda a unicidade do ecumenismo quanto ao seu supremo e exclusivo objetivo: levar todas as seitas católicas-não-romanas e todos os grupos protestantes catolicizados ao Vaticano concentracionário.

Fora desta única meta, o ecumenismo se reduziria a um piegas romanticismo literário a inspirar “ais” próprios de adolescentes apaixonadas por galãs de cinema e televisão.

Por reconhecer o valor do trabalho do Concílio Mundial de Igrejas dentro da programática do único movimento ecumênico é que o cardeal Agostinho Bea, então presidente do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, em sua mensagem ao presidente da IV Assembleia de Upsália, ressaltou: “Não podemos diminuir nossos esforços enquanto não tivermos realizado, pela graça de Deus, a unidade eclesial de todos os discípulos de Cristo”.

Quando no Concílio Ecumênico Vaticano II se discutiu o Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, ao invés de intitular o seu primeiro capítulo de: Princípios do Ecumenismo Católico, os bispos conciliares decidiram, por expressar a realidade, denominá-lo de: Os Princípios Católicos do Ecumenismo.

Com efeito, não existe um ecumenismo católico. Ecumenismo é um único!

Um só em seus métodos. Um só em sua ação. Um só em seu objetivo: a unidade dos “cristãos” sob a autoridade do papa, o *centrum unitatis*.

O próprio Concílio Mundial de Igrejas, reconhecido como uma potência religiosa, deliberada, franca e ostensivamente reconhece a unicidade do ecumenismo às ordens do qual, subserviente, se põe. Prova-o

o Segundo Relatório do Grupo Misto de Trabalho entre a “Igreja Católica Romana” e o Concílio Mundial de Igrejas, ao enfatizar repetidamente que “o movimento ecumênico é único”.

Quando de sua visita à sede do Concílio, em Genebra, o papa Montini, que enaltecera a “sua” autoridade de pontífice como pretenso sucessor de Pedro ao dizer: “Eis-Nos, portanto, aqui no meio de vós. Nosso nome é Pedro”, mui feliz, ouviu dos lábios do Dr. Carson Blake a seguinte declaração: “A visita de vossa santidade é significativa, pois proclama a toda Igreja e ao mundo todo que o movimento ecumênico avança a passos cada vez mais largos e conscientes em direção da unidade da Igreja”.

Além dos próprios fatos, portanto, os anseios do Vaticano conjugados com os esforços do Concílio Mundial de Igrejas provam e comprovam, reafirmam e confirmam ser Ú N I C O o movimento ecumenista.

Supor diferente é divagar pelas regiões quiméricas da utopia própria dos alienados da realidade.

.oOo.

CAPÍTULO IV

A ORTODOXIA ORIENTAL, UM GRANDE RAMO CATÓLICO

EM NOSSO livro: **“O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?”**, da página 101 à página 134, apresentamos um exaustivo estudo sobre a origem histórica do Ortodoxismo Oriental, cuja sede foi Constantinopla, a “nova Roma”, centro da civilização bizantina.

Em todo o Oriente, grego ou não, os interesses das denominações católicas em teologia, ritual, disciplina são discutidos e formulados pelos teólogos reunidos.

Enquanto no Ocidente, o catolicismo é originariamente (como no caso do luteranismo e do anglicanismo) dependente de Roma, de tradição latina, as seitas católicas do Oriente eram dirigidas, como suas subsidiárias, por Constantinopla, de tradição grega.

Em tempos posteriores, contudo, o Patriarca constantinopolitano perdeu sua jurisdição sobre as outras seitas separadas em igrejas nacionais, transformadas então em autocéfalas.

Com o intuito de facilitar uma visão global dessas denominações católicas, daremos a seguinte lista:

1) Os sete patriarcados: de Constantinopla, de Alexandria, de Antioquia, de Jerusalém, de Moscou, da Iugoslávia e da Romênia.

2) Outras igrejas ortodoxas, isentas daqueles patriarcados: o exarcado da Bulgária, o Katholikato da Geórgia e a ortodoxia na América do Norte que aglutina os descendentes dos imigrantes.

3) O grupo das três igrejas gregas: de Chipre, saída do patriarcado de Antioquia; de Sinai, dissidente do patriarcado de Jerusalém; e a da Grécia, originada do patriarcado de Constantinopla.

4) As igrejas dissidentes orientais de origem nestoriana: do Iraque e da Síria.

5) E igrejas de origem monofisita: a copta no Egito, as várias na Etiópia, a Jacobita-Síria no Iraque e na Síria, a Malabar-Jacobita em Malabar e na Índia, a Armênia na Rússia, no Levante e dispersa pelo mundo.

Trata-se de uma ingente tarefa para o pontífice romano conciliar todos os interesses de todas as lideranças dessas muitas seitas. Dentro do seu plano ecumênico só nessa área da ortodoxia encontrará verdadeiras máquinas eclesiásticas montadas a defender interesses e posições de mando.

.oOo.

Através dos séculos têm-se dado várias tentativas ecumênicas de levar a ortodoxia ao seio do romanismo. Em tempos antigos as perspectivas eram mais promissoras, porquanto todo o ortodoxismo se abrigava à sombra do patriarcado de Constantinopla.

Os desconhecedores da História imaginam ser só agora o interesse por parte do pontífice romano em aliciar a ortodoxia em suas malhas. É tão antigo como a existência da instituição pontifícia!

A aventura unionista sempre marcou as pretensões do papa!

Em 1274, o Concílio de Lião obteve essa sonhada sujeição da ortodoxia, como mero produto de conveniências políticas transitórias e, por isso, logo se desvaneceu.

Outra tentativa com sintomas promissores para o báculo papal, aconteceu no Concílio de Florença, cuja abertura se deu em 9 de abril de 1438 na cidade de Ferrara, Itália. O então pontífice Eugênio IV e o patriarca de Constantinopla, Joseph II, preocupados com o perigo turco-otomano que ameaçava a cristandade oriental e ocidental, tomaram parte no Concílio. Joseph II, secundado por Bessarion, metropolita de Niceia,

por Isidoro de Kiev e por Georges Scholarios, distinguiu-se por seu ardor em prol da união das seitas católicas orientais à Sé Romana.

Em 6 de julho de 1439, resultante dos acertos obtidos, Eugênio IV promulgou a bula *Laetentur Coeli*, assinada pelos padres conciliares latinos e gregos: “Que todos os fiéis espalhados por todo o mundo católico rejubilem, e que todos aqueles que se gloriam do nome dos cristãos exultem com a sua mãe, a Igreja Católica. E isto com justa razão, após um muito longo período de separação e de discórdia, expondo-se aos perigos do mar e da terra e vencendo todos os obstáculos, acorreram felizes e prontos a esse santo Concílio, impulsionados pelo desejo da santíssima união e pela ardente aspiração de restabelecer o antigo amor. A sua expectativa não se sentiu decepcionada. Com efeito, depois de longas e laboriosas discussões, eis finalmente alcançada, pela clemência do Espírito Santo, a união ardentemente desejada e muito santa”.

A alegria outra vez durou pouco. A união foi de curta duração. Só enquanto subsistiu a ameaça turco-otomana, cujas forças expansionistas, em 1453, acabaram ocupando Constantinopla. Nesta conjuntura de derrota como fato consumado acabou-se o medo e com ele se evaporou a união.

A grande ruptura no seio da denominação católico-romana proveniente da Reforma Luterana, além de trazer-lhe um grande abalo, abriu-lhe nova área a reconquistar.

O Concílio de Trento foi convocado mais para salvaguardar posições romanas do que para intentar novas aventuras ecumênicas.

Vez por outra, os pontífices externavam seus desejos de ser o soberano também dos ortodoxos e de reunificar os dissidentes europeus.

Pio XI (in *L'Observatore Romano*, 27 de fevereiro de 1927) dizia: “Para a união é mister conhecer-se e amar-se mutuamente. Conhecer-se porque... se a obra da união tantas vezes malogrou, isso deve atribuir-se em grande parte ao fato de que os cristãos não procuravam conhecer-se: Se há preconceitos de ambas as partes, cumpre eliminá-los... Também aos católicos falta, por vezes, o justo apreço pelos irmãos separados, falece a piedade fraterna, porque falta o conhecimento. Somente depois de purificarmos as nossas mentes e as nossas intenções podemos dirigir-nos para o Oriente, superando destarte os primeiros árduos obstáculos que obstruíram por tantos séculos o caminho da união. O Oriente deve poder observar que nós avançamos em direção a ele não já com os detestáveis anseios dos conquistadores, mas imbuídos do desejo puro de um amplexo fraterno”.

Em sua encíclica *Orientalis Ecclesiae*, de 1944, o papa Pio XII lembrava: “Para promover a reunião dos filhos separados com a Igreja Una de Cristo, para a qual todos os homens de bem se esforçam, o resultado mais eficaz será uma boa vontade sincera e prática, com o auxílio e a inspiração de Deus. Os frutos desta boa vontade serão uma compreensão mútua, compreensão que nossos predecessores têm procurado tão ardentemente aumentar e encorajar, por diversos meios”.

.oOo.

As afinidades doutrinárias entre o ortodoxismo e o romanismo são estreitas e íntimas. Distanciam-nos apenas alguns aspectos disciplinares de fácil remoção para o conchavo ecumenista.

Pierre Masset, in *La Croix*, de Paris, em 8 de janeiro de 1966, discorrendo sobre a sua visita à Romênia, observa: “Quanto aos fiéis ortodoxos não é raro vê-los nos templos católicos fazendo suas devoções a imagens de santos recentes que têm os nomes de Santo Antônio, Santa Teresa e Nossa Senhora de Lourdes.”

Aliás, o Diretório Ecumênico, de 14 de maio de 1967, em seu item 40, sublinha: “Entre a Igreja Católica e as Igrejas Orientais separadas de nós existe muita íntima comunhão nas coisas da fé”.

“Como essas igrejas, embora separadas, têm verdadeiros sacramentos, principalmente, porém, em virtude da sucessão apostólica, o sacerdócio e a eucaristia, ainda se unem mais intimamente conosco”, lembra o Decreto *Unitatis Redintegratio* (§ 15).

E, na sua encíclica *Mysterium Fidei*, o papa Paulo VI a este propósito, particulariza: “E dirigimo-Nos com paternal amor também aos que pertencem às veneráveis igrejas do Oriente, nas quais floriram tantos e tão célebres padres, cujos testemunhos a respeito da Eucaristia, recordamos com tanto gosto na presente Carta. Enorme alegria Nos invade, quando recordamos a vossa fé a respeito da Eucaristia, fé que não diverge da nossa, quando ouvimos as orações litúrgicas com que celebrais tão alto mistério, quando admiramos o vosso culto eucarístico e lemos os vossos teólogos, ao expor e defender a doutrina a respeito desse augustíssimo sacramento” (§ 74).

Saliente-se, outrossim, para se sublinhar a identidade doutrinária dessa faixa católica com o romanismo, o fato de que Vasken I e sua catterva, ao visitarem o Vaticano, em 1970, assistiram, piedosos e lânguidos, a canonização de Therese Coudere, a freira francesa fundadora da congregação de Nossa Senhora do Retiro no Cenáculo.

Este livro é um documentário e não simplesmente um feixe de exortações aos crentes no sentido de adverti-los contra a onda ecumenizante.

Com documentos comprovamos as nossas assertivas sobre a identidade de propósitos ecumenistas baseada na afinidade doutrinária das duas comunhões católicas: a romana e a ortodoxa. Desejamos com isso demonstrar que o ecumenismo só pode medrar em áreas cujas doutrinas são católicas.

Com efeito, o Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, promulgado em 21 de novembro de 1964, como pensamento oficial do Vaticano sobre o assunto, em sua alínea 14, reconhece o fato com as seguintes palavras: “Entre outras coisas de grande importância, é grato ao Sacrossanto Concílio trazer à memória de todos o fato de que no Oriente não poucas igrejas particulares ou locais, entre as quais sobressaem as igrejas patriarcais, se gloriam de ter origem nos próprios Apóstolos... Semelhantemente não se deve esquecer que as Igrejas do Oriente têm desde a origem um tesouro, do qual a Igreja do Ocidente herdou muitas coisas em liturgia, tradição espiritual e ordenação jurídica...”

E, no item 15, pormenoriza: “Também é conhecido de todos com quanto amor os cristãos orientais realizam as cerimônias litúrgicas, principalmente a celebração eucarística... pela celebração da eucaristia do Senhor, em cada uma dessas igrejas a Igreja de Deus é edificada e cresce, e pela concelebração se manifesta a comunhão entre elas.

“Neste culto litúrgico os orientais engrandecem com belíssimos hinos a Maria sempre virgem, que o Concílio Ecumênico de Éfeso solenemente proclamou Mãe Santíssima de Deus... Cantam hinos também a muitos santos...”

“Como essas igrejas, embora separadas, têm verdadeiros sacramentos, principalmente, porém, em virtude da sucessão apostólica, o sacerdócio e a eucaristia ainda se unem mais intimamente conosco.

“Conhecer, venerar, conservar e fomentar o riquíssimo patrimônio litúrgico e espiritual dos orientais é de máxima importância para guardar fielmente a plenitude da tradição cristã e realizar a reconciliação dos cristãos orientais e ocidentais”.

O capítulo respeitante a Maria arremata e coroa a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o documento mais importante do Concílio Ecumênico Vaticano II, por definir doutrinas relativas à hierarquia eclesiástica romana. Este clero em sua estrutura não pode prescindir deste culto mariano. Na alínea 69, salienta: “Causa grande alegria e consolação a este sacrossanto sínodo o fato de não faltarem também entre os irmãos

separados os que dão a devida honra à mãe do Senhor e Salvador, especialmente entre os orientais que com fêrvido impulso e coração devoto concorrem ao culto da sempre virgem mãe de Deus”.

As duas comunhões: ortodoxa e romana, podem se entender porque doutrinariamente nenhuma necessita ceder coisa alguma.

Tanto um clérigo romano como um clérigo ortodoxo poderá subscrever as declarações do arquiemandrita Pablo de Bailester, vigário arquiiepiscopal no México, América Central e Caribe, que leu a seguinte mensagem do arcebispo Jacobo da Igreja Ortodoxa Grega da América do Norte e do Sul, na Primeira Sessão, em Medellin, Colômbia, da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em agosto-setembro de 1968: “... na minha qualidade de exarca do venerável patriarca ecumênico de Constantinopla neste Continente e presidente da Comissão Permanente do Episcopado Canônico Ortodoxo nas Américas, vejo emocionado neste convite mais uma belíssima expressão do crescente espírito de identificação sobrenatural que nos está reunindo cada dia mais e melhor na caridade de Cristo, pela celestial mediação de sua Santíssima mãe a virgem Maria, mãe comum de todos nós, e por intercessão de todos os santos.

“Bendizemos a santa memória do inesquecível e bem-aventurado pontífice João XXIII e apreciamos e veneramos os eficacíssimos esforços do atual também inspiradíssimo e evangélico pontífice romano, sua santidade Paulo VI; eles em conjunção sobrenatural com o patriarca ecumênico da ortodoxia de Constantinopla sua santidade Atenágoras I, e indubitavelmente dirigidos com especial carinho pela graça do Espírito Santo, constituem os iluminados artífices da cicatrização, com o bálsamo da mútua caridade, daquela dolorosa ferida que há nove séculos mantinha desnaturadamente separadas as duas partes de uma mesma Igreja Santa, Católica e Apostólica.

“Queira o Senhor que não tarde aquele dia bendito, aquele dia de graça, aquele dia de triunfo do amor de Cristo; aquele dia em que, além de convidar-nos para a mesa do trabalho da colaboração comum diante dos problemas do mundo de nossos dias, possamos ter o sublime e incomparável gozo de convidar-nos também mutuamente, enlevados em êxtase sobrenatural, para a celebração da santa mesa da eucaristia que constitui nosso comum patrimônio de amor a Jesus Cristo”.

Em virtude dessa identidade doutrinária, o Concílio Vaticano II, em seu Decreto *Orientalium Ecclesiarum*, de 21 de novembro de 1964, autoriza e aconselha em certos casos a “*communicatio in sacris* (comunhão nas coisas sagradas) e que o Diretório Ecumênico, de 14 de maio de 1967,

regulamenta. Assim, no item 44: “Fora dos casos de necessidade, pode-se considerar como justa razão para aconselhar a “comunicação nos sacramentos” a impossibilidade moral ou material em que se ache alguém de receber os sacramentos [no artigo 42 se refere de modo particular aos sacramentos da penitência, eucaristia e unção dos enfermos] na própria Igreja durante um tempo, por causa das circunstâncias e para evitar ao fiel ser privado sem motivo legítimo do fruto espiritual dos sacramentos”.

E no artigo 46: “Os orientais, que o desejarem espontaneamente, podem confessar-se a um padre católico, quando não dispuserem de confessor da própria Igreja. Em circunstâncias idênticas, é permitido aos católicos dirigirem-se a confessores duma igreja oriental separada da sé apostólica romana”.

Na alínea 47: “O católico que ocasionalmente... assista à divina liturgia (missa) entre os irmãos orientais separados, num domingo ou dia de festa de preceito, não está mais obrigado ao preceito de ouvir a santa missa numa igreja católica. Igualmente convém que, nesses mesmos dias, os católicos assistam, se possível, a sagrada liturgia entre os irmãos orientais separados, quando por justa razão impedidos de participar da sagrada liturgia numa igreja católica”.

E porque o ortodoxismo admite também o dogma da necessidade do batismo para a salvação e o considera sacramento, a alínea 48 autoriza: “A função de padrinho num batismo conferido numa igreja oriental não é proibida a um católico, se convidado”.

A identidade dogmática é tão estreita que o Concílio Vaticano II, em seu Decreto *Orientalium Ecclesiarum*, no item 25, expressamente admite: “E já que entre eles se conservou o sacerdócio válido, aos clérigos orientais que entram para a unidade católica dê-se a faculdade de exercerem a própria ordem, segundo as normas estatuídas pela competente autoridade”.

.oOo.

A encruzilhada da problemática ecumênica entre essas duas faixas do catolicismo reside no dogma romano do primado exclusivo do papa.

Na esperança de que esse percalço seja removido ou ainda na expectativa de uma “conversão” a ele da parte das denominações integrantes da comunhão ortodoxa também existem iniciativas no sentido da ida para Roma.

Ultimamente sobretudo com o seu ingresso no Concílio Mundial de Igrejas, as seitas ortodoxas vêm sentindo com mais intensidade a urgência

de se entenderem e de se unirem, entre si. O patriarca Atenágoras I, de Constantinopla, eleito em 1948, na qualidade de, em teoria pelo menos, representante máximo de todas as áreas ortodoxas, envidou todos os esforços na ansiedade de levar meios para um conagraçamento efetivo entre elas.

Quando da passagem, em 1951, do 1500º aniversário do Concílio de Calcedônia, dirigiu uma mensagem aos monofisitas convidando-os à união. Com eles ainda realizou-se um encontro em Aarhus, Dinamarca, em agosto de 1964.

A partir de 1961, as grandes questões ecumênicas da Ortodoxia, vêm sendo debatidas nas Conferências Pan-Ortodoxas de Rodes.

Sob muitos aspectos, Atenágoras I se compara, dentro do ortodoxismo, a João XXIII, no romanismo. Aliás, este pontífice foi embaixador do Vaticano em Estambul, antiga Constantinopla, onde, por certo, aprendeu grandes lições ecumênicas do patriarca constantinopolitano. E quando da eleição de João XXIII, o patriarca exclamou: “Houve um homem enviado por Deus e seu nome era João”.

O anúncio, aos 25 de janeiro de 1959, da convocação de um Concílio encontrou em Atenágoras favorável repercussão revelada no envio, aos 17 de março seguinte, de uma comitiva chefiada pelo metropolita Jacovus de Malta (hoje arcebispo dos ortodoxos na América) e prestigiada pela presença do dr. Nikos Nissiolis (hoje diretor do Instituto Ecumênico de Borse), para visitar João XXIII, agradecer-lhe aquela notícia e formular-lhe votos de êxito nos objetivos do Concílio Ecumênico Vaticano II.

As demonstrações de interesse pela aproximação se repetiram também do lado do Vaticano e se distinguiram com a instalação do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, criado juntamente com as comissões preparatórias do Concílio. Por intermédio desse Secretariado de que participaram verdadeiros peritos em assuntos sobre o Oriente Médio, o Vaticano levou a sério manter Contatos com o Patriarcado de Constantinopla e com as outras denominações católicas do Oriente.

Atenágoras I fora informado sobre os trabalhos preparatórios do Concílio por intermédio de uma missão enviada pelo Secretariado para a Unidade dos Cristãos. Posteriormente, o patriarca foi julgado digno das atenções vaticanas, pela visita feita por Mons. Martin, arcebispo de Rouen, acompanhado do Mons. Jan Willebrands, então membro do Secretariado Ecumenista e hoje, como sucessor de Agostinho Bea, o seu presidente.

Em contrapartida, o patriarca credenciou observadores para a Terceira e Quarta Sessões do Concílio Vaticano II.

Em abril de 1964, o cardeal Agostinho Bea, presidente do Secretariado, visitou o Fanar, sede do patriarcado ecumênico de IETambul, a antiga Constantinopla.

O primeiro encontro entre Paulo VI e Atenágoras I ocorreu em Jerusalém, em janeiro de 1964, o que se constituiu num grande marco na jornada ecumenista.

Grandes barreiras foram suplantadas em 7 de dezembro de 1965, ao final do Concílio Vaticano II, oportunidade em que foram suspensas as excomunhões reciprocamente fulminadas no passado. Paulo VI desescomungou o ortodoxismo. E Atenágoras, por sua vez, desescomungou o romanismo.

O tom amistoso se intensificou após aquela mútua absolvição e o Vaticano recebeu com mais frequência as delegações constantinopolitanas. Em fevereiro de 1965, Paulo VI recebeu os metropolitas Melitão e Crisóstomo que lhe levaram, em nome de todas as denominações do bloco ortodoxo, os resultados da Conferência Pan-Ortodoxa celebrada nesse ano na Ilha de Rodes.

Em 1967, a cúria arquidiocesana de Veneza, Itália, devolveu a Creta as relíquias de S. Tito, roubadas ao tempo das Cruzadas. Em idêntico espírito idolátrico, por encargo do patriarca Atenágoras I, a Igreja de Creta, como reconhecimento do grande ato de caridade e fé cristãs, enviou ao Vaticano uma delegação oficial.

E já que mencionamos a devolução dessas relíquias, recordamos de outro fato semelhante a envolver duas seitas idólatras noutro gesto idolátrico. Trata-se da devolução à igreja copta do corpo de S. Marcos. Essa denominação católica, cuja sede está em Alexandria do Egito, julga-se continuadora da igreja estabelecida por Marcos e o seu atual pontífice, Kyrollos YV, se considera o 116º sucessor daquele evangelista.

Em 828, uma quadrilha de romanistas raptou em Alexandria o corpo de Marcos e o levou para Veneza, na Itália. A lenda narra que os raptadores tentaram levar a sua cabeça também, mas abandonaram esse intento porque, miraculosamente, tolheram-se os movimentos do navio enquanto ela esteve a bordo. O “santo” anuiu com os larâpios que lhe levassem o corpo. A cabeça, porém, ficaria em sua catedral alexandrina. Posteriormente o rapto lhe rendeu outra catedral em Veneza, que serve de sé ao patriarca romano, onde o cardeal Roncalli (depois João XXIII) lhe prestou culto.

O “Ano da Fé” aberto na Basílica de S. Pedro, em 29 de junho de 1967, tomou ares ecumenistas com a presença de uma delegação oficial composta de quatro membros do ortodoxismo.

Nesse farfalhar de púrpuras eclesiásticas, sobressai outro encontro de Paulo VI e Atenágoras I. Desta vez ocorreu em Estambul mesmo, a capital da Turquia, aquela Constantinopla de outrora, O novo abraço e o novo beijo trocados entre os dois hierarcas católicos assinalaram outro avanço na empreitada unionista. Com efeito, o pontífice romano manifestou o seu propósito de levar avante, apesar das dificuldades, a obra ecumenista, salientando: “Ao começar este ano, em que celebramos o 19º centenário do testemunho supremo de fé dos Apóstolos Pedro e Paulo, encontramos-nos para renovar o beijo mútuo da caridade fraterna...”

Os dois encontros prognosticaram o êxito do Terceiro encontro ocorrido em Roma, aos 26 de outubro de 1967, entre grandes solenidades e trocas de ósculos ecumênicos. Nessa ocasião, Atenágoras recebeu no Vaticano uma delegação de dois mil fiéis ortodoxos gregos, o que é altamente significativo por se tratar de ser a primeira vez que o chefe de uma comunidade religiosa não-romana concede audiência no Vaticano.

Em seu discurso, Atenágoras I, ao declarar-se simples representante do papa em Estambul, reconheceu ser a sede de Roma “a primeira por honra e ordem no órgão das igrejas disseminadas pelo mundo”.

No roteiro de sua viagem ecumenista pela Europa, visitou o arcebispo Ramsey, o pontífice do anglicanismo, e a sede do Concílio Mundial de Igrejas, em Genebra.

A prosseguir nesse ritmo, aproxima-se rapidamente o momento de se dar a sujeição plena do patriarcado constantinopolitano ao hierarca de Roma.

Esta esperança foi expressa claramente pelo patriarca Atenágoras em sua entrevista à *Der Spiegel* (n.º 20/1967), revista alemã, quando perguntado se a sua visita ao papa não poderia ser interpretada como um reconhecimento de fato do primado papal. “A ortodoxia jamais negou ao bispo de Roma sua posição de um primo *inter pares*”, esclareceu. “A questão sagrada e importante da unidade não é o primado”.

“Não sei quando, mas este dia virá”, respondeu confiante ao ser perguntado se acreditava próxima a união de sua igreja a Roma. “A unidade de todas as confissões cristãs um dia há de realizar-se, disto estou convicto. Este é o ideal santo pelo qual sempre rezamos e trabalhamos”.

A maior resistência da comunhão ortodoxa à reaproximação com a sé romana provinha da Grécia, que se sintonizava com a hostilidade do patriarca de Atenas avesso a essas *démarches*. O golpe de estado grego, todavia, resultou benéfico às pretensões pontificias porque o atual hierarca

ateniense, o arcebispo Ieronymos, nomeado em maio de 1967, apoia as ideias e as incursões ecumenistas de Atenágoras.

O aqodamento ecumenocentrista destaca-se também na Igreja Grega Ortodoxa de tal sorte que a dificuldade relativa ao reconhecimento da autoridade pontifícia também entra em processo de diluição porque a festa de S. Pedro, após haver sido supressa no século XIV em consequência das acirradas polêmicas entre as duas seitas sobre a primazia do papa e sua sucessão, voltou a ser introduzida no calendário litúrgico daquela igreja que lhe reservou o dia 28 de agosto.

Durante os 900 últimos anos, um clima hostil embargava o pontífice de Roma de conceder audiência a um hierarca da Igreja Ortodoxa Russa. Em outubro de 1963, entretanto, a brisa ecumenista arejou a atmosfera e permitiu a conferência do papa Montini com o metropolita Nicodemos, hierarca das comunidades de Minsk e Bielorrússia.

O entusiasmo ortodoxo pelo ecumenismo demonstrou-se maciçamente com a presença de 203 representantes de 29 igrejas, federações ou comunidades dessa área no último período, em 1965, do Concílio Vaticano II.

Encerrado o Concílio Vaticano II, as gestões ecumênicas visando a ortodoxia prosseguiram não apenas envolvendo o patriarca de Constantinopla e em estudos nas Conferências Pan-Ortodoxas de Rodes, mas também com a interferência de outros líderes dessa comunhão católica.

Assim, Jan Willebrands, sucessor do cardeal Agostinho Bea na presidência do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, participou em Moscou dos funerais do patriarca Alexei, falecido em abril de 1970.

Assim também Vasken I, a quem quatro milhões de ortodoxos armênios dão o título de papa, visitou Paulo VI aos 8 de maio de 1970, sendo hóspede oficial por cinco dias no próprio palácio do pontífice romano. Vasken I participou nessa oportunidade, na Capela Sixtina, de orações *pro unitate* e, junto com Paulo VI, abençoou os presentes.

Ressalte-se, no intuito de se comprovar a afinidade de interesses nesta aproximação com Roma, que a comitiva do sumo pontífice Vasken I era integrada pelos patriarcas dos armênios de Jerusalém, de Estambul e dos arcebispos dos armênios da Europa Ocidental, da Inglaterra, dos Estados Unidos, do Canadá e da América do Sul.

Dentre muitíssimos contatos entre chefes ortodoxos e dignitários romanos, destacamos apenas esses para demonstrar a facilidade de relacionamento acontecida nessas duas faixas do catolicismo, com o que, aliás, se diluem as reservas quanto à aceitação do primado de honra e de

jurisdição do sumo pontífice vaticano e se propiciam as aberturas para a concretização do unionismo ecumenocentrista.

.oOo.

CAPÍTULO V

O LUTERANISMO, OUTRO RAMO CATÓLICO

DE INICIO, cabe-me o dever de uma observação assaz importante. Guardo profunda admiração por Martinho Lutero, o frade ardoroso que, disposto a servir a Deus, se rebelou contra os desmandos da hierarquia romana máxime com referência à negociata da pregação das indulgências.

Ninguém como ele se armou de coragem naquela conjuntura político-religiosa da Europa em que imperava o “crê ou morre”.

Na vida religiosa de Lutero distinguem-se três fases: a de submissão católica romana como monge e professor de teologia na Universidade de Wittemberg; a de rebeldia contra os abusos da elite clerical burocratizada e jungida à política feudalista tresandando na torpidade da comercialização das indulgências; e a do crente em Jesus Cristo.

Na segunda fase, caracterizada por sua insubmissão, é que se deu a Reforma. Revela-nos a História a profunda insatisfação reinante na Europa e sobre tudo nas regiões saxônicas contra o pontífice romano, o soberano verdugo que manobrava com mão de ferro todos os príncipes e chefes de Estado.

A revolta latente aguardava uma oportunidade para explodir, o que se deu quando do protesto de Martinho Lutero.

O papa Leão X no açodamento de construir a basílica de S. Pedro e julgando insuficientes todos os recursos, em vista da grandiosidade do empreendimento, decidiu suspender todas as indulgências vinculadas a boas obras e a devoções, atribuindo-as exclusivamente às esmolas oferecidas para a edificação desse suntuoso templo.

Na região europeia de procedência latina a pregação das indulgências repercutiu favoravelmente, mas na região saxônica sucederam surpresas imprevisíveis e desagradáveis para o pontífice leonino.

Descontentaram-se as ordens religiosas porque aos dominicanos exclusivamente fora atribuída a incumbência de pregar as mencionadas indulgências e de recolher as esmolas.

Ao ser Leão X informado da rebeldia de Lutero, julgou a princípio tratar-se de querela de frades.

Enganou-se, porém, porque a Lutero aderiu grande parte dos príncipes alemães com o propósito de sacudir o jugo do papa.

E Leão X, que desejou immortalizar-se pela construção da basílica de S. Pedro, celebrizou-se na História por ter o seu nome vinculado aos fatos da Reforma Protestante do século XVI.

É muito importante fixar-se esse fato histórico a fim de se libertar do grande engano de se supor a Reforma Luterana como um movimento simplesmente religioso de retorno à Bíblia. O aspecto religioso apenas ofereceu oportunidade àquela Reforma que consistiu mais num movimento político de insurreição ao despotismo pontifício.

É verdade que sendo desmoralizado o poderio papal criou-se ambiente propício para grupos religiosos se desvencilharem dos dogmas católicos e buscarem na Bíblia as doutrinas do puro Cristianismo.

O Luteranismo, todavia, não se abeberou completamente da Bíblia. Quis se constituir em igreja nacional da Alemanha, o que, aliás, aberrava do Novo Testamento, e se manteve vinculado ao Lutero rebelde contra o sistema de se proclamar as indulgências.

O luteranismo, envolto pelos problemas políticos da Alemanha, não acompanhou a evolução religiosa do seu fundador, que somente cerca de doze anos após chegou às últimas conclusões da *Scriptura Sola*.

Afeito a estudos sérios, porém comprometido com o movimento político dos príncipes rebeldes, faltou-lhe ambiente de tranquilidade e meditação serena a fim de que o processo de sua conversão espiritual fosse mais rápido. E, quando chegou à conversão decisiva, tornou-se-lhe totalmente impossível influenciar as doutrinas e práticas do luteranismo.

Algumas facções luteranas, muito reduzidas por sinal, descomprometidas das injunções políticas, posteriormente, aceitaram algumas doutrinas evangélicas e se libertaram de alguns dogmas católicos. Esses inexpressivos grupos, contudo, nem sequer representam o luteranismo, que, na totalidade continua o Lutero rebelde contra o sistema de se pregar as indulgências estabelecido por Leão X, mas já vencido com o término das obras da basílica.

.oOo.

Diz-se que esse Lutero saíra do romanismo, mas o romanismo não saíra de Lutero. E é deste Lutero que provém o luteranismo.

Ao se referir à rebeldia do monge-professor da Universidade de Wittemberg, ouvem-se as “ressonantes marteladas” que afixaram as Noventa e Cinco Teses na porta do Castelo dessa cidade. Lenda criada pela imaginação dos seus ardorosos sequazes! A verdade histórica inequívoca, porém, é mui diversa. Com uma respeitosa carta, o frade agostiniano remeteu as suas Noventa e Cinco Teses ao arcebispo de Magdeburgo, Albrecht von Hohenzollern.

Obtivera este príncipe o pálio arquiiepiscopal mediante o pagamento ao Vaticano da soma elevadíssima de 30 mil florins, levantados como empréstimo na casa bancária dos Fugger.

Esgotados os prazos estipulados na transação e coagido pelo receio de uma situação de insolvência, Albrecht tentou valer-se do departamento de finanças do papa, que lhe sugeriu levantar a quantia do débito entre o povo mediante o pagamento de indulgências. O papa promulgara uma indulgência “extremamente eficaz” por oito anos, e o próprio arcebispo de Magdeburgo fora nomeado comissário da campanha para toda a Alemanha Central.

Descontando-se as despesas com os pregadores, metade da renda se destinava ao pagamento do empréstimo contraído no banco dos Fugger e a outra metade dever-se-ia encaminhar para a edificação da basílica faraônica de S. Pedro.

O arcebispo Albrecht von Hohenzollern nomeou o frade dominicano Johan Tetzel pregador-mor das indulgências transformadas em artigos de negociatas, atribuindo-lhe o salário mensal de 80 florins, livre de toda e qualquer despesa.

Ao receber a carta e as Noventa e Cinco Teses, o arcebispo irritado com o “atrevido monge de Wittemberg”, encaminhou o caso a Roma.

Nesse ínterim, as Teses de Lutero obtiveram uma excepcional repercussão, “percorrendo, em apenas quinze dias, quase toda a cristandade, como se os anjos fossem os mensageiros”, informa Myconius.

Grande parte dos evangélicos atuais excusaram-se do trabalho de ler esse documento e, por isso, desconhece a particularidade sumamente importante de que as Noventas e Cinco Teses agasalham dogmas católicos e, em consequência, enaltecem o antievangelho. Há inclusive a ideia corrente — e falsa! — entre os evangélicos de que as Noventa e Cinco Teses se constituem na apologia da Verdade do Evangelho.

Pois bem, em nenhuma delas Lutero se refere a Cristo como Único e Todo-Suficiente Salvador.

A essa altura nem se havia desvencilhado do conceito romanista de igreja institucionalizada em uma hierarquia sacerdotal como indispensável

para a pregação da Palavra de Deus, conforme se pode verificar em suas Preleções sobre os Salmos, escritas entre 1513 e 1515, e em suas Preleções sobre Romanos produzidas em 1515 e 1516.

Nas suas Noventa e Cinco Teses admite superstições católicas, inclusive o purgatório.

A título de informação e de documentação do que estamos afirmando, transcreveremos algumas dessas célebres Teses:

“6 — O papa não pode remir nenhuma culpa, senão somente declarar que tem sido remida por Deus e afirmar a remissão divina, se bem que seja certo que pode conceder remissão em casos reservados a seu critério.

7 — Deus a ninguém perdoa a culpa a não ser que ele ao mesmo tempo se humilhe em todas as coisas e se submeta a seu representante, o sacerdote.

16 — O céu, purgatório e inferno diferem entre si como diferem o desespero, o quase desespero e a segurança perfeita.

17 — É necessário que se aumente o amor e diminua o ódio para com as almas do purgatório.

18 — Nem a razão nem as Escrituras asseguram que elas estão fora do alcance do amor.

25 — O mesmo poder que o papa tem sobre o purgatório em toda a Igreja, cada bispo o tem em particular na sua diocese e cada padre na sua paróquia.

38 — A remissão papal não deve ser desprezada, não obstante, porque, como se tem dito, é a declaração da remissão divina.

51 — É preciso ensinar aos cristãos que o papa, como é do seu dever, distribuirá, se necessário, seu próprio dinheiro entre as pessoas pobres, a quem os pregadores de indulgências tiram hoje até o último centavo, ainda que, para isso, tivesse de vender a basílica de S. Pedro.

71 — Seja anátema todo aquele que falar contra as indulgências do papa.

72 — Porém, seja bendito aquele que falar contra as palavras loucas e imprudentes dos pregadores de indulgências.

81 — Esta descarada pregação das indulgências faz com que seja difícil, mesmo para os sábios, defenderem a dignidade e a honra do papa contra as calúnias ou mesmo as perguntas sutis e astutas dos leigos”.

Em sua *Explicação das Noventa e Cinco Teses*, publicada em agosto de 1518, Lutero confirma aceitar os dogmas romanos, inclusive o relativo ao purgatório e às indulgências. Reafirmou que combatia a maneira como estas estavam sendo pregadas pelos dominicanos liderados por Tetzl. Insistiu, outrossim, no conceito hierárquico de igreja.

Em janeiro de 1519, Martinho Lutero aceitou a mediação de Karl von Miltitz, notário papal, no sentido de se estabelecer uma conciliação. Por uma pública declaração pediu desculpas de sua veemência e se comprometeu a silenciar daí em diante, contanto que, em compensação, também se calassem os seus adversários. Julgava-se, ainda, filho leal da “Igreja Católica” (isto em 1519) e cria na possibilidade de reformas internas na mesma igreja.

Alheia de seus planos a separação de Roma, embora os seus adversários não se calassem e não cumprissem o acordo estabelecido, o que também o tornara descomprometido.

Combatido pelo professor dr. Eck, de Ingolstadt, que o denunciara como hussita e herege, explicou-se reafirmando sua fé nos dogmas católico-romanos. “Certamente, temos de obedecer, em todas as coisas, ao Santo Trono de Roma”, escrevia. Quanto ao purgatório, por exemplo, afirmava que “deve ser acreditado firmemente”. E sobre o culto aos santos: “Digo eu, e o afirmo com toda a cristandade, que se devem invocar os amados santos com a devida veneração”.

Já se disse, e com muita razão, que hoje o monge agostiniano não teria mais ambiente para enfeixar as atenções porque o clima político é bem outro. Isto, aliás, não diminui o valor do gesto de Lutero porque proporcionou aos príncipes sufocados pelo despotismo pontifício a se rebelarem.

Lutero mantinha-se aferrado aos dogmas romanos e moveu horrível perseguição às comunidades religiosas, como a dos anabatistas, que viviam a pureza do Cristianismo Evangélico sob a égide de Jesus Cristo, Único e Todo-Suficiente Salvador.

Em decorrência da posição doutrinária católica do luteranismo existe em seu seio uma profunda nostalgia de Roma e uma imensa ansiedade pelo retorno.

.oOo.

O luteranismo, considerado como terceira força da cristandade, pelos seus 75 milhões de fiéis, se manifesta unissonamente por meio das assembleias da Federação Luterana Mundial fundada em 1947 e com sede em Genebra.

O sentimento nostálgico de Roma tem-se acentuado com a atmosfera ecumenista criada nestes últimos anos. Por isso a IV assembleia da Federação Luterana Mundial, encerrada em 11 de agosto de 1963, em Helsinqui, e assistida por dois observadores católicos romanos oficiais,

aprovou uma moção no sentido de se incrementar o espírito ecumênico entre os luteranos. Atendendo, portanto, essa decisão têm-se dado vários encontros de teólogos das duas facções católicas (romana e luterana), dos quais destacamos os de Estrasburgo, de 25 a 27 de agosto de 1965 e de 13 a 15 de agosto de 1966, feitos para se avaliar e intensificar as relações entre ambos com o fim de se apressar a união.

Ressaltou-se, outrossim, este sentimento de nostalgia nas comemorações da passagem do 450º aniversário da Reforma programadas pela própria Federação Luterana Mundial. O seu Boletim de Notícias, de 12 de setembro de 1967, à guisa de introdução, estampou a pergunta: “Por que os luteranos deveriam dialogar com os católicos romanos?”

Em extenso e exaustivo artigo o dr. Arthur C. Piepkorn, professor de teologia sistemática no Concordia Seminary, em St. Louis, Estados Unidos, dá a resposta, da qual transcreveremos alguns tópicos a comprovarem a nossa assertiva:

“Os luteranos têm um motivo especial para empenhar-se em conversações com os colegas católico-romanos, precisamente porque eles se comprometeram a isso pela Confissão de Augsburgo. Uma das razões que motivou a redação da Confissão de Augsburgo foi a existência de “dissenções concernentes à nossa santa fé e à religião cristã” e um dos motivos da convocação da assembleia imperial na qual os príncipes luteranos e Estados apresentaram a Confissão de Augsburgo, foi “empregar toda a diligência amigável e caritativa para ouvir, compreender e pesar os julgamentos, opiniões e crenças de alguns dentre nós, unir os mesmos numa única verdade cristã, colocar de um lado tudo aquilo que pudesse não ter sido corretamente interpretado ou tratado por ambos os lados, para ter todos congregados e unidos numa única e verdadeira religião e viver juntos em unidade numa só fraternidade e igreja, já que todos fomos recrutados por um mesmo Cristo” (Prefácio da Confissão de Augsburgo, 2-4).

As paráfrases desta declaração são do Imperador Carlos V, mas o partido luterano as fez suas. Aqueles que hoje aceitam o conteúdo doutrinal da Confissão de Augsburgo devem considerar esse objetivo como parte de algo inacabado, para ser trabalhado sempre que a oportunidade se apresente.

Luteranos e católicos romanos têm muita coisa em comum.

Antes de mais nada, têm 1.500 anos de História que pertencem igualmente a ambos. Os luteranos não consideram a Igreja como algo que começou, em Augsburgo, assim como os católicos romanos também não consideram a Igreja fundada somente a partir do Concílio de Trento. Mas

tudo o que existe para além de Augsburg e de Trento é propriedade comum. Os quinze séculos que luteranos e católicos romanos dividem como herança comum, são inextrincavelmente uma parte de sua fé, de seu culto e de sua teologia.

.oOo.

O teólogo luterano Pierpkorll confirma a sua fé e a dos seus irmãos nos dogmas católicos vigentes antes de Trento e lembra que o “culto da igreja luterana é o rito eucarístico do Ocidente, com algumas feições medievais moderadamente tardias”. Com efeito, existe uma grande identidade de estrutura entre a missa romana e a santa ceia luterana na sequência de suas partes: invocação, confissão, intróito, Kyrie eleison, Glória in excelsis, Coleta, Epístola, Salmodia, Evangelho, Credo, Ofertório, Grande Intercessão (Oração sobre os dons), Prefácio, Santo e Benedictus qui venit, Consagração, Pax, Agnus Dei, Distribuição, Ação de Graças e Bênção. O celebrante luterano, ainda, se paramenta quase com as mesmas vestes rituais do sacerdote romano, se utiliza de velas acesas sobre a mesa da liturgia. Tudo muito ao gosto da missa romana.

O professor de teologia sistemática, no mesmo tópico de suas considerações sobre a herança comum a ambas as seitas católicas, insiste em afirmar que “os luteranos jamais tentaram fazer um retrocesso do tempo, eliminar os séculos que transcorreram, por Providência Divina, desde o ano cem, e reproduzir o ambiente apostólico no culto ou na teologia. Respeitaram o tempo como sendo a arena em que Deus trabalha e Se revela e na qual o Espírito Santo tem guiado o povo peregrino de Deus para a plenitude da verdade e da revelação que Ele inspirou”.

Por essas declarações, o teólogo demonstra que, além das Escrituras, os luteranos aceitam a Tradição a levar “o povo peregrino de Deus para a plenitude da verdade e da revelação”. Eis a tese romana quanto às fontes da Revelação Divina.

“Todos os séculos que nos são comuns, com todos os seus santos, com todas as suas realizações, com todos os seus mestres e com todos os seus erros, são parte da nossa tradição...”, proclama o teólogo luterano Piepkorn no órgão oficial da sua Federação Mundial ao ensejo do 450º aniversário da Reforma do século XVI.

“Viemos, por nossa teologia católica comum, pelo mesmo caminho”.

Em consequência, hoje entre os luteranos revive a ideia da “*communio sanctorum*”, da comunhão com os fiéis mortos. Os luteranos não negam a existência de santos e reconhecem o seu papel de intercessores junto ao

trono de Deus. A veneração dos santos já é hoje uma característica também dos luteranos, além de ser do romanismo e do ortodoxismo.

Numa autêntica e exaltada profissão de fé católica, afirma o teólogo Piepkorn: “Consideramos o mundo, no qual vivemos, como sacramental, um mundo no qual Deus opera através de símbolos materiais e pessoas físicas; a proclamação humana da Palavra de Deus; a ablução com água no batismo do renascimento; o comer e beber do pão e do vinho que no sacramento do altar é o verdadeiro corpo e sangue de Cristo; a boca humana pronunciando uma palavra de ligação ou desligamento que liga ou desliga na presença de Deus; o ministério de homens através do qual Deus comunica auxílio e socorro em nossa luta...; pela união matrimonial de um homem e de uma mulher”.

Noutro trecho de suas declarações dá o seguinte testemunho significativo que a nós, crentes em Jesus Cristo, nos serve de séria advertência para não nos iludirmos: “Por causa de compromisso com nossos respectivos e simbólicos títulos, é verdade, apesar das sérias e formidáveis diferenças, que, ao penetrarmos na compreensão mútua de nossa herança comum, vão surgindo gradativamente maiores concordâncias e menores diferenças em questões cruciais entre os luteranos da América e os católicos romanos da América, do que entre os luteranos da América e as outras importantes denominações ocidentais neste país” (Estados Unidos).

O diálogo sobre determinado assunto somente se pode dar entre pessoas de convicções semelhantes sobre esse assunto, quando pequenas arestas, que não significam divergências, podem ser aparadas. Por isso, Piepkorn concita: “Devido à interpretação dessa herança comum feita por nós e de um para o outro, ambos temos bastante a dizer e bastante a ouvir e assim estabelecer um diálogo eminentemente valioso... É de suma importância que o diálogo não seja limitado a encontros oficialmente programados entre pequenos grupos de teólogos e peritos em ecumenismo que se reúnem no máximo por três dias e duas vezes por ano. Tais conferências oficiais são válidas e necessárias. Mas paralelamente precisa haver centenas de conferências integradas por pessoas bem formadas, responsáveis e interessadas, clérigos e leigos, que se reúnem em grupos bastante pequenos a fim de permitir a intimidade essencial para estudos efetivos, por um período suficientemente longo e com tal frequência que a mútua confiança na integridade dos outros participantes se torne uma experiência do coração e não mera atitude racional”.

O professor Gerard Siegwalt, da Universidade de Estrasburgo, interpretando o sentimento dos luteranos, ao bispo católico romano Arthur

Elchinger, da diocese dessa mesma cidade, lança a pergunta: “Cristãos evangélicos (?), reconhecendo a presença real de Cristo na santa ceia, podem, em toda a claridade, em toda a verdade, comungar numa igreja católico-romana?”

Parágrafos anteriores de sua carta aberta ao prelado estrasburguense, divulgada no n.º 1555 de *La Documentation Catholique*, elucida a convicção luterana: “Nada há na missa, agora renovada, reformada, que possa perturbar realmente o cristão evangélico (?) ou que possa perturbá-lo mais do que poderiam perturbá-lo estes ou aqueles elementos, reais ou ausentes, do culto protestante”.

A teologia católico-romana pós-conciliar confirma as suas doutrinas tradicionais sobre a missa, onde o pão e o vinho mediante as palavras rituais do sacerdote celebrante se transubstanciam no Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Cristo renovando, repetindo, atualizando o Sacrifício do Calvário. As reformas promovidas em base nas orientações do Vaticano II referem-se simplesmente quanto à sua celebração, que pode ser em vernáculo. Anteriormente as grandes desconfianças luteranas quanto a missa recaiam mais na obrigatoriedade do uso da língua latina na liturgia romana.

O tempo, outrossim, se encarregou de amainar as disputas em torno da transubstanciação ou consubstanciação. Com efeito, a teologia tridentina se firma na transubstanciação, isto é, a substância do pão e do vinho desaparece ocupando-lhe o lugar a substância de Cristo, de tal maneira que sob as aparências e acidentes do pão e do vinho se encontra realmente presente Jesus Cristo. Lutero e seus seguidores defendiam a consubstanciação, isto é, o pão e o vinho conservam a sua própria substância, mas, mediante as palavras consecratórias se junta também a substância de Cristo de tal maneira que o pão continua pão e o vinho continua vinho e também Cristo realmente presente com o pão e o vinho.

O catolicismo romano não arredou pé um milímetro sequer do seu ponto de vista dogmático. Os luteranos, em grande parte, cederam e, hoje, não veem nenhuma dificuldade em comungar a hóstia romana.

Com efeito, após dois anos de estudos e debates comuns, nos Estados Unidos, teólogos romanos dentre os quais, D. A. Murphy, bispo auxiliar de Baltimore, e D. W. Baum, vulto eminente na Conferência Episcopal Norte-Americana, e teólogos luteranos dos quais se distinguiram o Dr. P. Empie, então secretário-geral da Federação Luterana Mundial e o Dr. G. Linbeck, professor da Universidade de Yale, apresentaram um documento sobre o acordo substancial quanto à doutrina teológica da eucaristia, sob o ponto de vista sacramental e sacrificial.

Na Holanda deu-se um outro enorme passo de aproximação quando o Dr. Kok, presidente da Igreja Luterana, e o cardeal Bernard Alfrink, arcebispo de Utrecht, chegaram a um acordo ao reconhecerem mutuamente os batismos conferidos por católicos e luteranos.

Tenho para mim serem os luteranos mais acessíveis à integração romana sob a autoridade do papa do que propriamente as igrejas da comunhão ortodoxa, não só porque existe neles uma profunda nostalgia de Roma, como também, e sobretudo, porque sentem falta de uma hierarquia clerical nos moldes da romana, da ortodoxa e da anglicana, porquanto admitem a organização hierárquica da Igreja na conformidade com as convicções de Lutero antes de sua definitiva conversão.

Ao deflagrar a Reforma, Martinho Lutero não foi seguido por nenhum bispo. Esta circunstância impediu ao luteranismo de se arvorar ao “direito” de uma sucessão apostólica. Recorda-se que todas as denominações da ortodoxia se arrogam detentoras dessa sucessão apostólica e os seus patriarcas ou primazes se enumeram na árvore sucessória que finca suas raízes num determinado Apóstolo. Se, porventura, algum bispo católico romano houvesse acompanhado Lutero teria levado essa sucessão apostólica, segundo a doutrina católica, o que ocorre, inclusive, com a hierarquia da Igreja Católica Apostólica Brasileira.

Reconhece-se manco o luteranismo em consequência desta falha. Por isso a sua liderança anela ardentemente integrar-se quanto antes à comunhão romana do catolicismo.

Neste sentido recordamos haver a revista *Il Regno* (1966, p. 494) informado a criação de um movimento na Suécia, iniciado pelos pastores luteranos L. Lundstrom e Cavallin em prol da unidade de várias igrejas ao papado. Dentre os princípios estabelecidos, ressaltam-se os seguintes: “A unidade visível da Igreja Universal torna-se clara na colegialidade dos bispos em torno do bispo de Roma, o qual ocupa lugar especial no meio dos outros, lugar conferido por Cristo a Pedro. A unidade visível deve estar construída sobre a fé e a ordem apostólica assim como o testemunham as Escrituras, transmitidas pela tradição geral da igreja e definida pelo magistério eclesiástico”.

.oOo.

Dentre os muitos episódios reveladores da aproximação havida nestes últimos anos entre essas faixas católicas, podemos lembrar que um representante da Federação Mundial assistiu, como observador, ao Concílio Vaticano II.

Em 1965, outrossim, foi estabelecido um Grupo Misto de Trabalho para intercâmbio de ideias.

Recordamos também a visita ao Vaticano, em 31 de maio de 1969, de uma delegação da Federação Luterana, liderada por seu atual secretário geral, André Appel, quando se discutiam temas relativos à unidade católica e, nessa ocasião, a mesma delegação observou o funcionamento do governo central do romanismo.

Appel, nessa oportunidade, disse ao papa: “Sentimos o desejo especial de aprofundar o diálogo com Roma. Devemos perseverar na busca da unidade da Igreja de Jesus Cristo, em que todos cremos”.

Outro fato, aliás, importantíssimo sob o aspecto do estreito entendimento das duas áreas católicas, sucedeu quando da V Assembleia Geral da Federação Luterana Mundial, ocorrida em junho de 1970, em Evians-les-Bains, França. Sobreleva-se a sua importância ao se recordar que a Federação abrange cerca de 75 milhões de fiéis luteranos e as suas assembleias gerais acontecem de seis em seis anos com o objetivo de determinar a sua linha de ação.

Esta V Assembleia, assistida por delegados procedentes de todos os Continentes, superou as anteriores pelo seu clima ecumênico.

Efetivamente, representaram o catolicismo romano o cardeal Jan Willebrands, presidente do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, Heinrich Fries, de Munique, Walter Kasper, de Munster, John Hotchkin, da Comissão Ecumênica dos Estados Unidos, e o Dr. August Hasler, oficial do Secretariado para a Unidade dos Cristãos.

Os representantes dos patriarcas de Moscou e da Romênia, da Comunhão Anglicana, da Aliança Mundial das Igrejas Reformadas, do Concílio Mundial de Igrejas e das Igrejas Evangélicas Unidas (Alemanha) completaram a ecumenicidade da V Assembleia.

E o tema mais importante e sobre o qual tornaram-se resoluções práticas foi sobre o ecumenismo.

Aliás, o cardeal Jan Willebrands, a convite da Federação Luterana Mundial, proferiu um discurso sobre o tema do encontro, assinalando assim mais uma etapa do diálogo Igreja Católica-Federação Luterana Mundial. Esse diálogo se iniciara de modo concreto com a criação, em 1965, do Grupo Misto de Trabalho entre essas duas entidades religiosas. Os pontos mais salientes do discurso do cardeal Willebrands consistiram em apresentar um novo julgamento da figura e da obra de Lutero e em traçar as perspectivas de uma comunhão mais estreita entre luteranos e romanos.

Em seu relatório, a Comissão *ad hoc* da Assembleia assim comentou o discurso do presidente do Secretariado para a Unidade dos Cristãos: “A Assembleia vê na pessoa do presidente do Secretariado para a Unidade dos Cristãos um sinal do crescente entendimento entre a Igreja Católica Romana e as Igrejas Luteranas e um estímulo a prosseguir ulteriormente rumo àquela fraternidade exigida pelas nossas igrejas para cumprirem a sua missão comum e atividades no mundo”.

Em particular, o Relatório dá ênfase ao julgamento positivo sobre Lutero e sua obra, reconhecendo o significado ecumênico de um representante oficial da Igreja Romana “proferir um julgamento mais justo do Reformador e da Reforma”, o que constitui “um singular e importante passo rumo a um conhecimento mais profundo e muito mais amplo de nossas Igrejas”.

Por outro lado, reconhecendo que também da parte de Lutero e seus contemporâneos houve distorções polêmicas, com relação à Igreja Católica e à sua teologia, “lamentamos [dizem no seu Relatório] sinceramente que nossos irmãos católicos romanos tenham sido ofendidos e incompreendidos por causa dessa representação polêmica”.

A mesma Comissão apresenta ainda uma recomendação, aceita por toda a Assembleia: “Recomenda-se que o diálogo entre a Federação Luterana Mundial e a Igreja Católica Romana continue, mesmo depois de acabados os trabalhos das Comissões de estudos atuais ou projetados”.

As experiências unionistas com os ortodoxos, no passado, falharam, mas ensinaram o pontífice romano a aguardar com serenidade o desenrolar dos acontecimentos que provocarão o sazonar completo da hora de aceitar os luteranos sob os revérberos de sua tiara.

.oOo.

CAPÍTULO VI

O ANGLICANISMO

TAMBÉM UM RAMO CATÓLICO

A ALTA IDADE Média, por se constituir no período áureo do romanismo, possibilitou-lhe interferir francamente nos negócios religiosos e profanos de todas as nações europeias, excetuando-se a Inglaterra,

sempre arisca ao jugo pontifício. Aliás, em sua Carta Magna de 1215, proclamava: "*Ecclesia Anglicana sit libera*" ("Seja livre a Igreja Anglicana").

Longe, contudo, de reconhecer essa igreja imunizada das doutrinas católicas, aceitava-as vindas do paganismo, da mesma forma como ocorreu com a seita romana.

Mantinha-se independente da autoridade do bispo de Roma, mas, através dos monges e da sua própria hierarquia, aceitava os princípios alheios ao Evangelho.

A Reforma Luterana, por afastar muitos príncipes da órbita papal, abalava o prestígio da Alemanha em toda a Europa. Então, essa conjuntura levou Henrique VIII a ver uma perspectiva para o crescimento de seu país no concerto europeu. Ofuscada a Alemanha, abria-se a oportunidade para a Inglaterra, prognosticava ele. Concretizar-se-ia esta oportunidade em magnífico acontecimento se se pusesse sob a égide do papa. Se bem pensou, melhor fez.

Certos setores do clero inglês preocupavam o pontífice romano porque suas tendências wiclefianas faziam crescer as dificuldades de uma futura absorção dessa seita. Aqueles monges começavam a examinar melhor a Bíblia e, isentos da tutela de um magistério eclesiástico consubstanciado na cúria romana, já em algumas áreas escoimavam a religião das achegas pagãs.

Henrique VII preocupou-se em romper barreiras e quebrou lanças com o objetivo de pôr a Inglaterra em posição de relevo na Europa. De acordo com os costumes da época, quando o prestígio de uma nação dependia do conceito de sua família real, Henrique VII obrigou o seu filho Artur a casar-se, aos 14 anos, com Catarina de Aragão, tia de Carlos V, Imperador da Alemanha, e filha de Fernando e Isabel, da Espanha. Nesse caso, supunha, vincularia o seu país quando da ascensão de Artur, herdeiro do trono, ao prestígio daquelas duas nações importantes da Europa: a Alemanha na zona saxônica e a Espanha na região latina. A morte inesperada de Artur, porém, faria fracassar o seu intento, caso não lhe restasse o seu outro filho, Henrique que se preparava para a carreira eclesiástica.

Numa demonstração de distância completa do poder pontifício, Henrique VII, contrariando a lei da seita romana que exigia dispensa especial do papa para alguém casar-se com a viúva do seu irmão, obrigou seu filho Henrique, com 13 anos de idade, a desposar a mulher do seu falecido irmão, Catarina de Aragão.

A Reforma, ao abalar o prestígio político da Alemanha, fez crescer o conceito da Espanha, fiel às suas ligações ao papa, que se distinguia

também em consequência da descoberta da América sob sua tutela. Vinculado, por liames de família, à Espanha e, tendo em vista aquela conjuntura da Alemanha, Henrique VIII, ao assumir, em 1509, o trono real das Ilhas Britânicas, prostrou-se submisso aos pés pontifícios. E a demonstrar seu inteiro e cabal acatamento daquela autoridade eclesiástica perseguiu os monges de tendências wiclefianas e, mais ainda, pôs-se ostensivamente na defesa das normas políticas estabelecidas pelo papa sujeitas ao descrédito na Alemanha pelo luteranismo. Intransigente no seu combate à Reforma, em 1521, publicou a sua *Assertio septem sacramentorum*, verdadeira apologia das feitiçarias católicas.

Por cerca de 20 anos, Henrique VIII empenhara-se com ardor na defesa da autoridade do papa e das suas doutrinas, o que lhe valeu da parte do pontífice reconhecido o título de *defensor fidei*.

Ao divorciar-se de Catarina de Aragão, todavia, suas relações com Roma abalaram-se profundamente resultando no rompimento definitivo. No capítulo XV: “Anglicanismo e Ecumenismo” do livro “O Papa Escravizará os Cristãos?”, de nossa autoria, pormenorizamos as circunstâncias históricas que culminaram nesse cisma.

Aconteceu realmente um cisma caracterizado pela insubmissão de Henrique VIII e não uma heresia que seria o repúdio de doutrinas católicas. Com efeito, o monarca rebelde recusou baldear-se para o luteranismo e repeliu as doutrinas zwinglianas, mas continuou a assistir diariamente à missa e se confessar habitualmente.

Em 1530 a assembleia do clero inglês reconheceu como legítimas as pretensões de Henrique VIII e, em nota conjunta, proclamou-o “supremo protetor, senhor e chefe da igreja da Inglaterra”. E o “Ato de Supremacia Régia”, em 1534, completou a Carta Magna de 1215, sob cujas normas viviam os ingleses, estabeleceu foros legais em favor do rei como chefe da igreja anglicana.

Na cultura católica inglesa a tese da primazia do bispo de Roma não havia tido tempo bastante para se solidificar e, por isso, maciçamente, o clero, incluindo-se o episcopado, aceitou a nova situação.

Frustrou-se Eduardo VI, de reinado curto, em que pesem os seus esforços para escoimar das doutrinas pagãs a seita anglicana.

Maria, a única sobrevivente dos filhos de Henrique VIII e Catarina de Aragão, católica ardorosa e influenciada pelos acenos ecumênicos do romano pontífice, readmitiu na sua igreja aquelas mesmas doutrinas e tentou inutilmente levá-la à reconciliação com Roma.

Ao tempo de Jaime I a denominação anglicana passou a ter duas facções: Igreja Alta e Igreja Baixa, esta pendendo mais para os princípios

evangélicos, sem, contudo, perder inteiramente o ranço católico. Como espécie de gangorra elas se revezavam no domínio da opinião pública religiosa da Inglaterra.

Atrelado ao poder público, como igreja nacional, o anglicanismo (Igreja Alta e Igreja Baixa), sem vislumbrar na eclesiologia neotestamentária as igrejas locais, independentes e democráticas, resvalou para a frieza e letargia.

Na década de 60 do século XVII surgiu John Wesley a sacudir essa igreja embolorada no marasmo. O seu movimento reavivalista congregou os descontentes com a situação reinante que criaram uma nova denominação cognominada metodista carregada de enorme herança católica, inclusive a doutrina da negação da eternidade da salvação.

.oOo.

O fascínio da industrialização inglesa a partir dos meados do século XVIII veio contribuir acentuadamente para o esvaziamento espiritual completo da religião oficial anglicana, transformando-a num gélido tradicionalismo a enfeitar certos atos sociais,

Envolvido com a filosofia da civilização siderúrgica, o rei perdera totalmente o interesse sobre a religião oficial já que não lhe servia mais como peça na engrenagem política.

Inferiorizada, permitiu-se acentuada infiltração romanista porque, enquanto os poderes políticos ingleses descuravam da situação religiosa do povo, o papado, cuja função é implantar-se por manobras aparentemente religiosas, no domínio das consciências, à sorrelfa, permeou o anglicanismo com a ideia da necessidade do estudo de sua posição em face do catolicismo romano.

Foi neste cenário que, em 1833, surgiu o Movimento de Oxford em cujo bojo se abrigaram os *tractarians* que antes haviam encetado uma campanha em prol da restauração do ritual romano.

Esse Movimento de aspecto unionista, o primeiro surgido nas áreas católicas fora da comunhão romana, teve como seu principal mentor John Henry Newman que, em 1845, se subjugou a Roma, levando consigo muitos dos seus adeptos e chegou a ser investido da púrpura cardinalícia.

Com a “conversão” de Newman ao romanismo, os seus comparsas que não o seguiram, criaram o Partido Anglo-Católico, uma corrente fortemente romanizante a permear com vigor o anglicanismo, impondo-lhe ampla reforma litúrgica ao falante da própria liturgia romana e a procura da

Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica na Igreja da Idade Média e na patrística.

Este contacto com a patrística eivou amplamente a teologia anglicana de grande interesse pela tradição, o que descortina os horizontes, de parceria com o ortodoxismo, na busca ecumênica da união a Roma.

Nesse ímpeto romanizante do anglicanismo é que o Movimento de Oxford e o seu sucedâneo Partido Anglo-Católico elaboraram uma teologia da unidade, a qual, hoje, domina o Concílio Mundial de Igrejas. Essa teologia, note-se, de feições neomodernistas marcantes não admite e nem pode admitir tendências evangélicas.

Nesta fase de entusiasmo unionista, distinguiram-se também o tratariano Edward Pusey, autor de um estudo sobre ecumenismo intitulado *Eirenicon*, e F. Georges Lee, fundador da *Associação para a Promoção da União da Cristandade*.

Arrefeceu-se a largada ecumenista quando, em 1870, o papa Pio IX proclamara o dogma do primado do papa a quem, por isso, cabe o carisma da infalibilidade. O próprio cardeal Newman reconheceu nessa proclamação um tropeço a antolhar o caminho unionista, taxando o novo dogma de “praga” numa carta de desabafo ao bispo Ullathorne.

Aconteceu novo despertamento ecumenista graças a ação do cardeal Mercier, de Malines. O seu afã de remover percalços por meio do diálogo com líderes anglicanos o fez um dos grandes expoentes unionistas. A sua carta pastoral de janeiro de 1924, que ressalta “a necessidade de um esforço no sentido da unidade que não se dirija a converter indivíduos, mas aproximar igrejas”, se constitui num dos mais importantes documentos para a teologia ecumenista.

Muitos lances pela reintegração anglicana na comunhão romana vem se sucedendo. A convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II, porém, abriu novas perspectivas e incentivou enormemente a ampliação dos diálogos e estudos nesse sentido.

A visita do Dr. Fischer, arcebispo de Cantuária e chefe da seita anglicana, ao papa João XXIII, em dezembro de 1960, repercutiu intensamente e foi comentada pelo cardeal Willebrands, em 18 de janeiro de 1970 (dez anos após), em uma alocução proferida na Igreja Anglicana de Cambridge, com as seguintes expressões: “Esse encontro fraterno, colocado na perspectiva da História, era muito mais do que um simples gesto de cortesia; era um acontecimento profético decididamente voltado para o futuro”.

A sede romano-integracionista por parte da seita anglicana é tamanha que o arcebispo Fischer foi o primeiro a aceitar a oferta do papa para

enviar observadores oficiais ao Concílio Ecumênico Vaticano II. Mais ainda, conforme lembrou Willebrands naquela alocução: “Os arcebispos de Cantuária e York responderam no espírito e na letra, ao papa João XXIII e, desde o período preparatório do Concílio Vaticano II, enviaram um representante pessoal a Roma”.

E numa entrevista concedida em Seattle, Estados Unidos, no dia 21 de setembro de 1967, o arcebispo Ramsey, sucessor de Fischer, fez algumas declarações sensacionais consideradas pelo hebdomadário anglicano *Church Times* nos seguintes termos: “O arcebispo de Cantuária encarou a possibilidade da união de todos os cristãos do mundo inteiro para formarem uma só igreja com o papa”.

Na X Conferência de Lambeth, instalada em 25 de julho de 1968, com a presença de 460 bispos anglicanos, o catolicismo romano se fez representar por Willebrands e mais sete observadores oficiais. A conferência que desde 1867 se realiza no Palácio de Lambeth, de 10 em 10 anos, para examinar os assuntos próprios das igrejas membros da comunhão anglicana, desta vez se transformou num autêntico encontro ecumênico, pois, além da romana, as igrejas da ortodoxia se fizeram representar, como as de Constantinopla, Alexandria, Antioquia, Jerusalém, Moscou, Sérvia, Romênia, Bulgária, Geórgia, Chipre, Grécia, Síria, Armênia, Copta, Etiópia e de Mar Thomas. E para completar o quadro ecumênico lá se encontravam observadores oficiais da Federação Luterana Mundial, do Concílio Mundial de Igrejas e da Aliança Mundial Presbiteriana.

Após o Concílio Vaticano II, o arcebispo Ramsey visitou o papa Montini. E para apressar a almejada união foi estabelecido em Roma o Centro Anglicano para levar avante o diálogo entre as duas seitas.

Sobre esse Centro, o atual presidente do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, cardeal Willebrands, teve naquela mesma oportunidade anteriormente referida, as seguintes palavras: “O diálogo teológico entre católicos e anglicanos representa um auxílio necessário para descobrir e manifestar a unidade na fé que já temos, e para restaurar a unidade que foi perdida”.

Aliás esse entendimento, conforme nota o mesmo purpurado romano, tem como fundamento “a nossa fraternidade cristã, firmemente apoiada no batismo, graças ao qual renascemos em Cristo”. Eis nesta declaração a comum crença anglicana e romana de que o renascimento espiritual se consuma por meio do batismo e não pelo arrependimento e pela fé, conforme o Evangelho.

O próprio Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo, alínea 13, lembra: “Entre aquelas [comunhões] nas quais continuam parcialmente as tradições e estruturas católicas, ocupa lugar especial a comunhão anglicana”.

Sob este aspecto ocorre a lembrança de que a eucaristia é o coração do ritual católico em geral. A fim de se notar a grande aproximação que se estreita mais e mais entre essas duas comunhões católicas vale a pena ler-se o “*agreement*” da comissão mista americana anglicano-católica publicado após a sua quarta reunião realizada em maio de 1967 em Milwaukee: “Desde os tempos da Reforma a doutrina do sacrifício eucarístico foi considerada como um obstáculo de monta para a reconciliação da Comunhão Anglicana e da Igreja Romana. Nossa Comissão está convencida de que já não ocorre isto. Estudamos atentamente os documentos do Concílio Vaticano II, o relatório da Conferência de Lambeth de 1958, a declaração pública de 1949 pelo Departamento “Fé e Constituição” da Igreja Protestante Episcopaliana dos Estados Unidos, bem como outros documentos sobre a posição atual de nossas duas igrejas. Mostraram-nos todos esses textos claramente que os resultados dos estudos modernos em matéria bíblica, teológica e litúrgica tornaram em boa parte ultrapassada a polêmica de outrora. Cremos ser da maior importância para o clero e laicado de nossas duas igrejas saber o que têm substancialmente em comum em matéria de doutrina da eucaristia, e construir sobre esta base à medida que forem progredindo no diálogo. Podem subsistir desacordos doutrinários entre nossas duas igrejas, mas não naquilo que toca à concepção do caráter sacrificial da eucaristia”.

Em maio de 1964, outrossim, religiosas anglicanas de Londres ofereceram a Paulo VI paramentos confeccionados em seus conventos.

Outro fato revelador da íntima aproximação anglicano-romana foi a peregrinação oficial de 58 anglicanos, em fevereiro de 1964, ao Santuário da Senhora de Lourdes, na França, a fim de rezar pelo êxito dos estudos e dos entendimentos sobre a união das duas seitas.

O envolvimento ecumênico já se imunizou de qualquer risco de fracasso. Nem a canonização dos 40 mártires ingleses ocorrida em 25 de outubro de 1970 pôde abalar a compreensão unionista entre elas, pois os próprios anglicanos aceitam a explicação de que não pereceram aqueles mártires por causa de lutas internas entre romanos e anglicanos, mas sim porque “não quiseram ceder às pretensões injustas de Henrique VIII”.

O Centro Anglicano, em Roma, tem-se empenhado afanosamente por promover encontros e diálogos entre peritos das suas seitas na pretensão

de dirimir as dificuldades e fazer acentuar os pontos de contacto já existentes em ambas as teologias.

O cardeal Heenan, arcebispo de Westminster, ao interpretar as esperanças romanas de uma próxima vinda dos anglicanos, declarou: “Um bispo é também um pontífice, isto é, um construtor de pontes. Proponho-me construir uma ponte que atravessará o Tâmesa para ligar a catedral de Westminster ao Lambeth Palace, onde reside o meu velho amigo Ramsey”.

.oOo.

CAPÍTULO VII

O CONCÍLIO MUNDIAL DE IGREJAS, ACÓLITO DO VATICANO CONCENTRACIONÁRIO

É SUPINA ignorância repartir o ecumenismo em várias espécies, como, por exemplo, o que visa a união de todas as religiões indistintamente numa só, o que procura um entendimento entre todas as denominações evangélicas e aquele proposto pelo Vaticano que intenta o retorno dos “irmãos separados” ao seu seio.

Não! Só existe um ecumenismo.

E objetiva conduzir para o redil do papa todos os católicos dissidentes de Roma e “converter” às doutrinas romanistas os alheios de qualquer seita católica, pois se considera o papa o perpétuo e visível princípio da unidade de fé e comunhão religiosas.

Aliás, o próprio Concílio Ecumênico Vaticano II reconhece um único ecumenismo ao substituir o título primitivo: “Os princípios do Ecumenismo Católico” do capítulo 1 do Decreto *Unitatis Redintegratio* pelo título finalmente aprovado: “Os Princípios Católicos do Ecumenismo”.

Em seu proêmio, esse Decreto afirma: “Também entre nossos irmãos separados, por moção da graça do Espírito Santo, surgiu um movimento cada vez mais intenso para a restauração da unidade de todos os cristãos. Este movimento de unificação é chamado ecumênico... Quase todos, porém, se bem que de modo diverso, aspiram. a uma Igreja de Deus una e visível, que seja verdadeiramente universal... Nós cremos que esta unidade subsiste inamissível na Igreja Católica” (*Unitatis Redintegratio*, § 1 e 4).

“Pois aqueles que creem em Cristo e foram devidamente batizados estão em certa comunhão, embora imperfeita, com a igreja católica. De

fato, as discrepâncias de vários graus vigentes entre eles e os fiéis da Igreja católica — quer em questões doutrinárias, às vezes também disciplinares, quer acerca da estrutura da Igreja — criam não poucos obstáculos, por vezes muito graves à comunhão eclesiástica. O movimento ecumênico visa a superar estes obstáculos” (Idem § 3).

“Contudo, os irmãos de nós separados, quer como indivíduos quer como Comunidades e Igrejas, não gozam daquela unidade que Jesus quis prodigalizar a todos os que regenerou e conviveu num só corpo e em novidade de vida e que as Sagradas Escrituras e a venerável Tradição da Igreja professam. Pois só pela Igreja católica de Cristo, instrumento geral de salvação, pode ser atingida toda a plenitude dos meios de salvação. cremos também que o Senhor confiou todos os bens do Novo Testamento só ao Colégio apostólico, a cuja testa está Pedro, com o fim de constituir na terra um só corpo de Cristo. É necessário que a ele se incorporem plenamente todos os que de alguma forma pertencem ao povo de Deus” (Idem § 3).

E na alínea 24 do mesmo Decreto, sublinha o propósito do ecumenismo: “reconciliar todos os cristãos na unidade de uma só e única Igreja de Cristo”.

Evidentemente que, sob o aspecto da sua finalidade primordial se depreende ser único o movimento ecumênico.

.oOo.

O Concílio Mundial de Igrejas, que foi inspirado, nasceu e se desenvolveu nas esferas anglicanas, está a serviço deste único ecumenismo.

Provaremos esta nossa assertiva!

Quando da II Assembleia desse Concílio, o arcebispo Michael, da Igreja Ortodoxa de Nova Iorque, apresentou uma vigorosa declaração na defesa da doutrina católica da “sucessão episcopal preservadora, desde as origens, do ministério autêntico e da unidade da igreja”. Por seu turno, insistiu o então secretário geral do Concílio, Vissert’t Hooft, “não basta manter relações amigáveis: unidade significa, no mínimo, uma comunhão completa e sem restrições” (G. Thils — *Histoire Doctrinale du mouvement oecuménique* — Louvain — 1955 — pág. 97).

Maurice Villain, romanista ardoroso, não pôde conter a sua emoção ao presenciar, quando do anúncio do propósito pontifício de convocar um Concílio unionista, o entusiasmo causado por essa notícia ao Dr. Vissert’t Hooft, que se encontrava no Instituto Bossey para inaugurar um curso

subordinado ao tema: “As Relações da Igreja Católica Romana com o Movimento Ecumênico” (Maurice Villain — *Introduction a l’Oecuménisme* — Tornai — 1961 — pág. 415).

O anúncio da convocação de um Concílio romano com visão francamente ecumenista insuflou entusiasmo inexcedível na liderança do Concílio Mundial de Igrejas envolvido nos grandes preparativos da sua Assembleia já fixada para fins de 1961 a realizar-se em Nova Deli, Índia.

No intuito de facilitar aos católicos extramuros romanos o seguir o desenrolar dos preparativos e, depois, da programação do Concílio Ecumênico Vaticano II no sentido de ajudá-los no encontro da *Una Sancta* sob a égide do papa, o *centrum unitatis*, é que, pelo motu próprio *Superno Dei Nutu*, de 5 de junho de 1960, se estabeleceu o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, para cuja presidência o papa Roncalli nomeou o cardeal Agostinho Bea, o jesuíta sintonizado com a causa unionista.

Esta primeira investida oficiosa de relacionamento com as aspirações ecumenistas das áreas católicas alheias ao romanismo produziu fabulosos resultados na Assembleia de Nova Deli, tanto assim que esta reunião levou o Concílio Mundial de Igrejas a pender decisivamente para os princípios e doutrinas católicas. Com efeito, o ingresso da Igreja Ortodoxa Russa e as suas igrejas satélites, ocasionou, nesse conclave, o destaque da posição católica dentro do Concílio que passou, na maioria esmagadora dos seus membros, a reconhecer a tradição e a valorizar o dogma sectário.

A atmosfera católica permeou de tal sorte a III Assembleia do Concílio Mundial de Igrejas que bênção do culto matutino de 29 de novembro de 1961, foi impetrada com as seguintes palavras: “Cristo nosso verdadeiro Deus, pela intercessão de Sua puríssima Mãe, sempre virgem Maria; de nosso Pai entre os santos, João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla, dos santos mártires Paramonus, Piloumenus e Faidre, a quem é dedicado este dia, e de todos os santos, terá misericórdia de nós e nos salvará, pois ele é bom e ama a humanidade. Amém”.

Significante, ainda, a bênção do culto matutino de 2 de dezembro de 1961: “Que Deus seja misericordioso para conosco e nos abençoe, e faça Seu rosto resplandecer sobre nós, e tenha misericórdia de nós. Ó Senhor, salva o Teu povo; abençoa a Tua herança; exalta-os para sempre. Mediante as súplicas e orações que Nossa Maria, Theotokos (Mãe de Deus) e os profetas, e os apóstolos, e os mártires e os carregadores da cruz, e os justos fazem em nosso favor. A Ti seja a glória, a majestade, o domínio e o poder para sempre. Amém”.

Mais ainda. A Comissão de Referência Orientadora, cuja presidência recaia no arcebispo Iakovos, da Igreja Ortodoxa Grega, em seu relatório de

1º de dezembro de 1961, afirma: “A Comissão encoraja os contactos mais íntimos que recentemente têm sido estabelecidos com certos elementos eclesiásticos católicos romanos, especialmente preocupados com a união cristã, e tem a esperança que esses contactos se desenvolvam frutiferamente no futuro”.

O cardeal Bea, o presidente do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, a cuja perspicácia nada escapava, observou que o fato mais saliente em matéria de eclesiologia ocorrido em Nova Deli está no “importante progresso da superação de concepção de uma igreja puramente invisível e um notável avizinhamento da posição católica” (*Interview met Kardinaal Bea doon Michele Sima*, in *La Civiltà Cattolica*, 1962, II, págs. 180 e 181, 283 e 284).

A respeito ainda da Declaração da Comissão de Referência Orientadora, sabe-se que o papa, o primeiro e maior interessado nessa união, colocando-se ele como “perpétuo e visível princípio e fundamento desta unidade” (Constituição Dogmática *Lumen Gentium* — § 23). Disto ele não abre mão!

Não abre mão mesmo! Tanto assim que, na sua visita, em 10 de junho de 1969, à sede desse Concílio, em Genebra, começou a sua prédica com a seguinte expressão: “Eis-Nos, portanto, aqui no meio de vós. Nosso nome é Pedro”.

O catolicismo romano tem sido insistentemente convidado para ser membro ativo do Concílio Mundial de Igrejas.

Aliás, o Dr. Carson Blake, entusiasta pela união a Roma e que anteriormente já tivera dois encontros com Paulo VI, em maio de 1967 e em janeiro de 1969, antes da palavra do papa nessa visita a Genebra, em seu discurso de saudação declarou: “A visita de vossa santidade é significativa, pois proclama a toda Igreja e ao mundo todo que o movimento ecumênico avança a passos cada vez mais largos e conscientes em direção da unidade da Igreja”.

Diante de tanta insistência, o pontífice recusa porque só irá quando todos o aceitarem como o fundamento da única Igreja visível de Jesus Cristo e se submeterem ao seu primado. Só irá para absorver a todos na sua fome pantagruélica de domínio.

Enquanto isto não acontece, que o Concílio vá trabalhando para aplinar o caminho.

Aliás, nos capítulos anteriores mediante muitos elementos, constatou-se a avidez que as seitas das três grandes áreas católicas dissidentes de Roma têm de encontrar a *Una Sancta Catolica* sob a égide pontificia. E à

frente desse Concílio pontificam os ortodoxos, os luteranos e os anglicanos.

Impossível perder de vista a grande e fundamental linha divisória entre Evangelho e catolicismo. Enquanto este, por julgar insuficientes os méritos de Cristo para a salvação do pecador, exige além da fé também as obras, o Evangelho proclama o plano salvífico pela fé somente em Cristo.

O Dr. Eugene Carson Blake, atual secretário do Concílio Mundial de Igrejas, está muito bem convencido disto que chegou a declarar: “Existem apenas duas posições que os protestantes têm que modificar para poderem ter a unidade com a Igreja Católica Romana. A primeira é a *“sola scriptura”* (somente as Escrituras) e segunda é a *“sola fide”* (justificação somente pela fé) (O Presbiteriano Bíblico, junho a novembro de 1969).

Ora, se ele, juntamente com as igrejas membros do Concílio convida essa “Igreja Católica Romana” para o Concílio Mundial de Igrejas, significa que concorda com o plano de salvação apregoado pelo catolicismo. Repita-se, aliás, que as igrejas componentes daquela sociedade ecumênica são da órbita católica.

O Dr. Blake conhece sobejamente as pretensões do papa quanto ao movimento ecumenista, pois jamais o pontífice romano as encobriu. Bem ao contrário! Sempre as deixou muito claras e apregoadas.



No próprio âmbito do Concílio Mundial de Igrejas, em 1967, instalou-se um Grupo Misto de Trabalho composto de teólogos romanos e de outras denominações católicas (anglicanos, luteranos e ortodoxos) com a incumbência de aplainar as dificuldades dos temas fundamentais responsáveis pelas barreiras que os mantêm distanciados. O empenho por alcançar no mais curto espaço de tempo esse *desideratum* é incomum, levando o Grupo a se reunir nove longas vezes em apenas dois anos antes da visita do papa a Genebra. Supunham-se aplainadas as dificuldades, o que proporcionaria, quando dessa visita, excelente ocasião para o pontífice romano oficializar o ingresso de sua seita no Concílio Mundial de Igrejas.

Houve, porém, um desapontamento por não se concretizar essa expectativa. E o próprio papa Montini foi peremptório: “Com toda a fraternal franqueza”, declarou em seu discurso de Genebra, “não nos parece que a questão da participação da Igreja Católica no Concílio Mundial tenha amadurecido suficientemente”.

“Não há dúvida”, comenta Rocco Morabito, correspondente em Roma do órgão brasileiro “O Estado de São Paulo”, “que o discurso de Paulo VI,

em termos de ecumenismo, foi extremamente cauteloso e bastante “fechado” em face do discurso muito mais aberto do pastor Blake. O papa reafirmou solene- mente na cidade de Calvino, a intangibilidade do primado de jurisdição (e não só de honra) do prelado de Roma”.

Roma diz-se eterna. E, por isso, não tem pressa.

O ecumenismo, afirma o Concílio Vaticano II, é uma jornada a seguir paulatinamente (Decreto *Unitatis Redintegratio*, § 4 e § 12), superando os obstáculos que impedem a perfeita comunhão eclesiástica... na unidade de uma só Igreja” (Idem, § 3).

O Vaticano está convencido de que a principal dificuldade por parte dos católicos fora de sua órbita reside exatamente no dogma do primado pontifício. Reconhece, é verdade, que muitos líderes dessas seitas católicas, incondicionais, aceitam o mencionado dogma. Desinteressa-lhe, porém, as “conversões” individuais, como a de John Newman, no século passado, que criou sérios e duradouros embaraços para o ecumenismo no seio anglicano. Quer o pontífice romano a adesão em massa daquelas seitas. Evidentemente que isto demanda um tempo mais longo. Mas ele sabe que tem a seu serviço o Concílio Mundial de Igrejas disposto e em atividade permanente para ir demovendo o problema. O trabalho é lento diante da ansiedade de alguns adesistas apressados. É, entretanto, seguro por ser em profundidade e resultará vitorioso no congraçamento de todas as seitas católicas sob a tiara papal, o *centrum unitatis*.

A marcha para Roma é interceptável. À sua frente, em clangores de congraçamento está o Concílio Mundial de Igrejas, que, em sua assembleia de Upsália, adotou por unanimidade, aos 18 de julho de 1968, a Declaração sobre o Relacionamento do Concílio com a Igreja Católica, da qual destacamos o seguinte tópico: “Já que a Igreja Católica Romana participa deste diálogo, que reúne quase todas as Igrejas, seu engajamento ativo no movimento ecumênico é particularmente essencial às comunidades e a seu testemunho comum... A Igreja Romana manifestou, igualmente um interesse novo pelo Concílio Mundial de Igrejas. Ela aprovou, conjuntamente com o Comitê Central do Concílio Mundial de Igrejas, a criação de um Grupo Misto de Trabalho, visando “determinar os princípios que deveriam ser observados na colaboração e os métodos que deveriam ser utilizados... A Assembleia está convencida de que o Grupo Misto de Trabalho contribuirá para a ampliação e o crescimento da unidade do movimento ecumênico. A Assembleia encoraja o Grupo Misto de Trabalho a continuar examinando a questão do ingresso da Igreja Católica Romana no Concílio Mundial”.

Este é uma organização complexa e eficiente. Tem recursos e poder para exercer pressão sobre os grupos das seitas católicas ainda não conformadas com o unionismo debaixo da tutela romana. Através dos seus diversos organismos, sobretudo do Grupo Misto de Trabalho, vai condicionando psicologicamente os discordantes até subjugar-los ao imperialismo papal.

Todos estes acontecimentos que se sucedem rapidamente revelam a existência de um único ecumenismo a cujo serviço, como seu principal acólito, está o Concílio Mundial de Igrejas.

.oOo.

CAPÍTULO VIII

A INTRANSIGÊNCIA DOUTRINÁRIA DO VATICANO NO CONTEXTO ECUMENISTA

APÓS A LEITURA do Credo Niceno em uníssono com os 2.540 bispos presentes na luxuosíssima Basílica de S. Pedro, como remate de sua palavra na abertura pomposa do Concílio Ecumênico Vaticano II, o papa Roncalli, com a intenção de demonstrar a fixidez doutrinária do conclave instalado naquela manhã de 11 de outubro de 1962, enfático, proclamou: “Eu aceito firmemente e recebo cordialmente as tradições apostólicas e os outros métodos e regras da Igreja.

“Eu também reconheço a Sagrada Escritura no sentido em que a nossa santa mãe a Igreja a tem aceitado e ainda a aceita. À Igreja pertence a decisão concernente ao verdadeiro significado e explicação das Sagradas Escrituras.

“Eu nunca interpretarei as Escrituras, nem as explicarei doutro modo senão de acordo com a unânime interpretação dos Padres.

“Eu confesso também que há no próprio e verdadeiro sentido do termo, sete sacramentos da Nova Aliança, os quais foram instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo e que são necessários para a salvação da humanidade, ainda que não sejam todos necessários para cada indivíduo, a saber: batismo, confirmação, eucaristia, penitência, extrema-unção, ordenação e matrimônio, e que, entre eles, o batismo, a confirmação e a ordenação, não podem ser renovados sem sacrilégio.

“Eu aceito também e dou a minha aprovação a todos os ritos promulgados pela Igreja quando estes sacramentos são solenemente praticados.

“Eu aceito inteiramente tudo o que tem sido decidido e declarado no Concílio de Trento, concernente ao pecado original e justificação.

“Eu também confesso que na missa, um sacrifício verdadeiro e redentor é operado pelos vivos e pelos mortos; que no santíssimo sacramento da eucaristia, o corpo e o sangue, assim como a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo estão real e verdadeiramente presentes; que uma transformação se realiza de toda a substância do pão no corpo e de toda a substância do vinho no sangue. Esta transformação é chamada transubstanciação pela Igreja Católica.

“Eu confesso que o Cristo todo, e o sacramento real estão presentes mesmo sob uma só espécie.

“Eu firmemente creio que há um purgatório; que as almas existentes nele são aliviadas pelas orações dos fiéis.

“Eu também creio firmemente que nós devemos venerar e fazer orações aos santos que estão reinando com Cristo; que eles as oferecem por nós a Deus e é necessário venerar as suas relíquias.

“Eu também creio firmemente que nós devemos possuir e guardar imagens de Cristo, da Mãe de Deus, sempre virgem, assim como também de todos os outros santos; que nós devemos prestar-lhes o respeito e reverência que eles merecem.

“Eu também proclamo que Cristo deu pleno poder à Igreja para distribuir indulgências, e que o seu uso está causando grande bênção ao povo cristão.

“Eu reconheço a santa Igreja Romana, Católica e Apostólica como sendo a mãe e mestra de todas as igrejas.

“Eu prometo e juro uma verdadeira obediência ao papa romano, sucessor de S. Pedro e príncipe dos Apóstolos, e o vigário de Jesus Cristo.

“Eu também aceito sem qualquer dúvida, e confesso que todas as outras coisas que têm sido transmitidas, decididas e declaradas sobretudo pelo Concílio de Trento, e pelo Concílio Ecumênico do Vaticano, especialmente concernentes ao primado do bispo de Roma e do seu infalível magistério.

“Também condeno e lamento e anatematizo a tudo o que está em contradição com a fé católica e toda a falsa doutrina que a Igreja tem condenado e anatematizado.

“Esta verdadeira fé católica, fora da qual ninguém pode ser salvo, que eu aqui livremente confesso, e à qual estou firmemente unido, eu estou decidido a confessá-la constantemente e a conservá-la pura sem mescla até ao último alento da minha vida.

“Eu procurarei na medida da minha capacidade para a guarda desta fé, a que seja ensinada e pregada por aqueles que me são subordinados e por aqueles de quem devo ter cuidado por causa do meu cargo.

“Eu prometo-o, faço voto, e juro-o — assim Deus me ajude e estes Santos Evangelhos” -

Esta profissão de fé proclamada naquele momento importante do início do Concílio Ecumênico Vaticano II demonstra a inviabilidade na dimensão da dogmática católico-romana da hipótese de se abrir um elo em sua estrutura. Naquele enquadramento, ou enquadrilhamento ou entrançamento doutrinário é absolutamente impossível a remoção de uma só peça sem o ruir de toda a construção. Naquela engrenagem monolítica de dogmas jamais acontecerá a oportunidade de se retirar dela um dente sequer sem o desmoronar-se de toda a maquinária.

Por exemplo, o dogma do purgatório procede fundamentalmente da sua doutrina da salvação pela fé e pelas obras ao mesmo tempo. E se refere estreitamente aos sacramentos da confissão e da extrema-unção. Relaciona-se ao sufrágio pelos mortos, de maneira particular à missa e às indulgências. Correlaciona-se ainda à tese da distinção entre pecado grave e pecado leve. Estas doutrinas todas íntimas do purgatório se entrosam com as demais teses do contexto dogmático romano.

Este é um autêntico labirinto de corredores e meandros envoltos em densas trevas. Acendida uma luz, descobrir-se-á uma saída e findar-se-á o labirinto.

Para o êxito de suas pretensões ecumênicas, porém, desnecessária se torna a preocupação de ceder um milímetro sequer em suas doutrinas.

Poderá — e isto lhe convém por ser qual camaleão — modificar suas normas disciplinares ou litúrgicas a fim de melhor se acomodar às exigências do tempo ou das circunstâncias locais.

O “*aggiornamento*” ou atualização programada pelo Concílio Vaticano II propôs-se às reformas desse teor.

A celebração dos seus ritos em vernáculo, a missa versus *populo* com a participação ativa dos assistentes, a mudança da lei do jejum eucarístico, a comunhão do cálice em ocasiões especiais, o uso da confissão comunitária para os pecados “veniais”, o traje civil para os clérigos, a abolição de títulos pomposos para os prelados, o emprego de instrumentos mecânicos nos processos de canonização, o simplificar das vestes litúrgicas, a supressão dos dias de indulgências parciais, o extinguir-se da guarda suíça, as normas do uso das imagens, a abolição do celibato (se ocorrer), — e poderíamos enfileirar tantos exemplos! — nada disso afeta a dogmática.

Que a missa, por exemplo, seja em latim ou em português, com o celebrante de costas ou de frente para o povo, continua no romanismo a ser a repetição, ou renovação ou atualização do Sacrifício da Cruz e a hóstia o próprio Cristo com seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade.

Pessoas ingênuas veem nessas mudanças exteriores os sintomas de uma transformação mais íntima ou uma possibilidade de abertura. Não é, porém, uma nova caiação em cores diferentes que irá modificar a estrutura de um edifício.

.oOo.

Julgo mui oportuna a seguinte observação: O Concílio Vaticano II, basicamente, não promoveu mudança alguma. Constituiu-se apenas numa demonstração da força vaticana aos olhos do mundo preocupado com muitas novidades que se sucedem vertiginosamente. O Vaticano II se constitui numa arrancada promocional da hierarquia romana porque a partir dele e no uso de pressões — ninguém lhe nega o poderio econômico! — a presença dos hierarcas é permanente nos meios mundiais de comunicação, como a grande imprensa escrita, as potentes emissoras e televisões.

Todas as mudanças proclamadas pelo Concílio Vaticano II procedem do papa Pio XII. A liturgia romana tornara-se intocável desde o Concílio de Trento. Nem o Concílio Vaticano I se julgara credenciado a modificar-lhe qualquer rubrica.

Pois bem, Pio XII, no uso de suas atribuições de infalível, sem o assessoramento de pomposas comissões de teólogos e sem a retaguarda de um concílio, fez as mais audazes modificações, tais como a lei do jejum eucarístico, a licença para a missa vespertina, a reforma da liturgia da semana santa e muitas outras.

O Concílio Ecumênico Vaticano II simplesmente ampliou todas as inovações empreendidas por Pio XII.

Diz-se que o ponto alto do Concílio Vaticano II esteve no ecumenismo cujo Decreto *Unitatis Redintegratio* encarna suas normas. Mas os 2.500 bispos reunidos em Concílio nada acrescentaram de novo à instrução do Santo Ofício sobre o mesmo assunto, *De Monitione Oecumenica*, de 20 de dezembro de 1949 dirigida por Pio XII ao episcopado mundial. O Vaticano II com o seu Decreto simplesmente reeditou as disposições estabelecidas pelo papa Pacelli.

Este papa sozinho, sem as pompas faraônicas de um concílio, em matéria de “*aggiornamento*” supera e se sobreleva muito a João XIII e a Paulo VI juntos.

Estes dois últimos papas assessorados pelo Concílio Vaticano II e, agora, pelos bispos em colegialidade, dinamizaram as reformas encetadas corajosamente por Pacelli, asperamente criticado pela cúria romana.

Endereçam-se estas informações aos ingênuos para que se informem não serem as novidades do catolicismo romano tão novas quanto parece.

.oOo.

Repetiremos uma verdade insofismável e constatável: o papa não precisa ceder em nenhum ponto doutrinário no sentido do pleno êxito do ecumenismo porque as outras seitas católicas aceitam também fundamentalmente essas mesmas doutrinas e aí está o Concílio Mundial de Igrejas para aplainar o caminho do vaticanocentrismo embasado na tese do primado jurisdicional do papa.

Pelo menos em um ponto se deve reconhecer sinceridade no pontífice romano. Jamais afirmou a possibilidade de fazer qualquer concessão em matéria doutrinária. Jamais disse que desconsideraria qualquer dogma. Jamais minimizou a tradição dos concílios anteriores.

Ao contrário!

No próprio Decreto *Unitatis Redintegratio*, o documento específico sobre o ecumenismo, o Vaticano II (§ 18), além de citar os concílios passados, sublinha: “Tendo tudo isso ponderado, o Sacrossanto Sínodo renova o que foi declarado pelos Sagrados Concílios anteriores e também pelos pontífices romanos...”

Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, alínea 49, se refere à “fé perene da Igreja”. E no item 51: “O Sacrossanto Sínodo recebe com grande piedade aquela venerável fé de nossos antepassados... e propõe de novo os decretos dos Sagrados Concílios Niceno II, Florentino e Tridentino” ao tratar sobre o purgatório.

Sobre esta continuidade doutrinária, o papa Montini, em sua audiência geral de 8 de março de 1964, com um olhar retrospectivo, insta: “O Espírito do Concílio de Trento foi a luz religiosa não só para o distante século XVI, mas o é também para o nosso; porque o espírito do Concílio de Trento reacende e reanima o do presente Concílio Vaticano II, que se associa a ele e nele haure estímulo para enfrentar os problemas antigos e novos que ficaram então sem solução, ou que surgiram no decorrer dos novos tempos”.

Ao tratar da eucaristia, em sua encíclica *Mysterium Fidei*, Paulo VI lembra que o Vaticano II confirma “a doutrina sempre defendida e ensinada pela Igreja e definida solenemente pelo Concílio de Trento” (§ 4).

Defendendo a necessidade da permanência do termo transubstanciação, enfatiza: “Donde se conclui que se deve observar religiosamente a regra de falar que a Igreja, durante longos séculos de trabalho, assistida pelo Espírito Santo, estabeleceu e foi confirmando com a autoridade dos Concílios, regra que muitas vezes se veio a tornar sinal e bandeira da ortodoxia da fé... não se pode tolerar quem pretenda expungir, a seu talante, as fórmulas usadas pelo Concílio Tridentino ao propor a fé no mistério eucarístico” (§ 24).

E, a seguir, no item 25, reafirma o que o Concílio Vaticano I sobre o mesmo assunto da intangibilidade dos dogmas afirmou: “O I Concílio Vaticano ensina que nos dogmas “se deve conservar perpetuamente aquele sentido que, duma vez para sempre, declarou a santa madre Igreja, e que nunca foi lícito afastarmo-nos desse sentido, pretextando e invocando maior penetração”.

“Com estas palavras (do juramento imposto pelo papa Gregório VII a Berengário) concordam (admirável exemplo da firmeza da fé católica) os Concílios Ecumênicos do Latrão, de Constança, de Florença e, por fim, de Trento, naquilo que ensinaram à uma acerca do mistério da conversão eucarística, quer expusessem a doutrina da Igreja quer condenassem erros” (§ 53).

Os dois Concílios imediatamente anteriores ao Vaticano II primaram pelo seu repúdio à Bíblia, como única Fonte de Revelação ao exaltarem a Tradição e o Magistério Eclesiástico. O Vaticano II, em sua Constituição Dogmática *Dei Verbum*, especificamente sobre a Revelação Divina, na mesma trilha dos seus coirmãos anteriores, diz: “Por isto, seguindo as pegadas dos Concílios Tridentino e Vaticano II, este Santo Concílio se propõe expor a genuína doutrina acerca da Revelação Divina e de sua transmissão...” (§ 1).

.oOo.

O papa Paulo VI em seu discurso comemorativo do primeiro centenário da instalação do I Concílio Vaticano, em 10 de dezembro do 1969, a contrariar as previsões ingênuas de superação por parte do romanismo dos dogmas do primado e da infalibilidade pontifícios com o interesse de facilitar o ecumenismo, Paulo VI afirmou ainda a demonstrar a atualização daquele sínodo: “O fato do centenário desse Concílio deve ser

comemorado por causa da sua atualidade, ou, por outras palavras, da importância que este Concílio conserva ainda hoje, não só pela conexão que tem com o II Concílio do Vaticano, mas também pelos ensinamentos que proclamou, ensinamentos estes que exercem, mesmo em nossas dias, grande influência”.

E acrescentou: “Julgamos que os ensinamentos do I Concílio do Vaticano conservam, não só a atualidade perene de sua verdade objetiva, mas também a atualidade contingente de sua oportunidade relativa ao nosso tempo. Alguém poderia pensar que o II Concílio do Vaticano tenha confinado à história do passado e aos arquivos da erudição eclesiástica o I Concílio do Vaticano. Alguém poderia pensar que o Concílio de Pio IX já não tem mais nada a dizer à nossa sensibilidade espiritual e à nossa maturidade cultural em matéria de atualidade subjetiva, ou oportunidade contingente. Mas não é assim.

“Não é assim porque, como já foi explicado, os dois Concílios do Vaticano são complementares. O primeiro ficou incompleto; foi bruscamente interrompido [a 9 de outubro de 1870, com a batalha de Sedan, ocorreu a anexação de Roma à Itália, perdendo o Papa seus territórios, o que provocou a suspensão do I Concílio do Vaticano em 20 do mesmo mês de outubro de 1870], e está colocado, lógica e historicamente, na base do segundo. Este fato está bem demonstrado pelas referências com que o segundo se relaciona com o primeiro. Por isso, se o II Concílio do Vaticano é atual, como de fato o é, também o I Concílio do Vaticano o é e deve ser, ainda que, entre ambos, haja diferenças notáveis.

“Não é assim — a atualidade do I Concílio do Vaticano não está superada — por outra razão mais forte; as verdades afirmadas pelo I Concílio do Vaticano estão bem presentes à mentalidade moderna...”

Na sua fala o papa se tornou bem explícito — neste particular jamais ele é reticente! — quanto às duas doutrinas referentes ao papado: “Sob os auspícios do Evangelho, da palavra dos santos padres e mestres, e também da história da Igreja são-lhe reconhecidas duas grandes prerrogativas, uma relativa ao governo da Igreja: o primado pontifício; e outra relativa ao magistério da Igreja: a infalibilidade pontifícia... Apenas queremos recordar como os dois dogmas que o I Concílio do Vaticano assegurou ao patrimônio da fé da Igreja se revestem de uma grande atualidade. O dogma do primado refere-se à unidade da Igreja, àquela unidade da qual o bispo de Roma, sucessor de S. Pedro, não só é o vértice e a expressão, o “centro em pessoa dessa unidade”, mas também o “princípio e fundamento perfeito e visível da unidade de fé e de

comunhão”, como afirma o II Concílio do Vaticano (*Lumen Gentium*, § 18) fazendo sua a doutrina do I Concílio do Vaticano”.

E, alto e bom som, arremata o papa Montini: “O grande, penoso e atual problema da reunião de todos os cristãos na unidade requerida por Cristo (Cf. João 17) não pode prescindir desta verdade do I Concílio do Vaticano. É o II Concílio do Vaticano que o afirma, com estas palavras: “Todos os homens são chamados a essa unidade católica do povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal (*Lumen Gentium*, § 13)”.

O pensamento do papa se revela tão claro nessas palavras que dispensa quaisquer comentários.

Além de afirmarem e reafirmarem João XXIII, Paulo VI e o Concílio Ecumênico Vaticano II a impossibilidade de ser dispensada a tradição doutrinária procedente do passado e, em especial, dos anteriores concílios, como à saciedade verificamos, positivamente combate-se a ideia de quaisquer concessões em terreno doutrinário ou quaisquer disfarces da completa doutrina romana, no desejo de se facilitarem os entendimentos ecumênicos.

.oOo.

Alguns teólogos romanos com a ideia de suavizar a dogmática da eucaristia para facilitar o diálogo com as áreas protestantes, ao invés de “transubstanciação”, o termo consagrado para a “presença real de Cristo” na hóstia, começaram a empregar os vocábulos transignificação e transfinalização. A talho de foice a encíclica *Myterium Fidei*, de Paulo VI, interfere no assunto: “Salva a integridade da fé, é necessário salvar também a maneira exata de falar, para que não aconteça que, usando nós palavras ao acaso, entrem no nosso espírito... ideias falsas como expressão da crença nos mais altos mistérios... Donde se conclui que se deve observar religiosamente a regra de falar que a Igreja, durante longos séculos de trabalho, assistida pelo Espírito Santo, estabeleceu e foi confirmando com a autoridade dos concílios...” (§ 23 e § 24). E a encíclica *Mysterium Fidei*, ao propugnar pela conservação da tradicional terminologia relativa ao sacramento da eucaristia, rememora toda a velha dogmática sobre o assunto.

“A Igreja está vigilante e exige que a palavra que anuncia a fé não traia a verdade substancial... A doutrina católica não pode estar sujeita aos caprichos da moda”, declarou o papa Montini no dia 14 de maio de 1969.

Em mensagem enviada ao episcopado mundial, para lembrar o aniversário do encerramento do Vaticano II, Paulo VI, em 8 de dezembro de 1970, insiste na fidelidade às doutrinas católicas.

Essa exortação é considerada mais do que um apelo, em vista do tom firme que caracteriza o documento pontifício. A exortação indica que alguns bispos são indiretamente responsáveis pelas numerosas ambiguidades e incertezas que hoje cercam algumas teses fundamentais do romanismo.

As atitudes dúbias alheiam-se das normas do Vaticano, “pois sua ação ecumênica não pode ser senão plena e sinceramente católica, isto é, fiel à verdade que recebemos dos Apóstolos e dos padres, em harmonia com a fé que a Igreja Católica sempre professou” (*Unitatis Redintegratio*, § 24).

“Com diligência afastem tudo que, por palavras ou fatos, possa induzir os irmãos separados ou quaisquer outros em erro acerca da verdadeira doutrina da Igreja”, insta a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, (§ 67).

O Decreto sobre o ecumenismo, requer (§ 11) que, no diálogo ecumênico, os teólogos católicos sejam “sempre fiéis à doutrina da Igreja”.

O romanismo não aceita ingênuos. Por isso é franco e claro. O referido Decreto adverte: “É absolutamente necessário que toda a doutrina católica seja exposta com clareza. Nada tão alheio ao ecumenismo quanto aquele falso irenismo, pelo qual a pureza da doutrina católica sofre detrimento e é obscurecido seu sentido genuíno e certo” (§ 11).

Se o próprio documento romano sobre o ecumenismo é assim tão claro sobre o assunto, por que esperanças ingênuas quanto a uma utópica reformulação das posições doutrinárias da seita pontificia?

.oOo.

LIVRO

2

O CONCÍLIO VATICANO II

CONFIRMA TODA A

TRADICIONAL DOGMÁTICA ROMANA

O I Concílio Vaticano ensina que nos dogmas “se deve conservar perpetuamente aquele sentido que, duma vez para sempre, declarou a Santa Madre Igreja, e que nunca é lícito afastarmo-nos desse sentido, pretextando e invocando maior penetração” (Paulo VI, in Encíclica *Mysterium Fidei*, § 25).

.oOo.

Para o êxito de suas pretensões ecumênicas desnecessária se torna a preocupação de ceder um milímetro sequer em suas doutrinas.

Poderá — e isto lhe convém por ser qual camaleão — modificar suas normas disciplinares ou litúrgicas a fim de melhor se acomodar às exigências do tempo ou das circunstâncias locais.

O “*aggiornamentto*” ou atualização programada pelo Concílio Vaticano II propôs-se às reformas desse teor.

Pessoas ingênuas veem nessas mudanças exteriores os sintomas de uma transformação mais íntima ou uma possibilidade de abertura. Não é, porém, uma nova caiação em cores diferentes que irá modificar a estrutura de um edifício.

.oOo.

Repetiremos uma verdade insofismável e constatável: o papa não precisa ceder em nenhum ponto doutrinário no sentido do pleno êxito do ecumenismo porque as outras seitas católicas aceitam também fundamentalmente essas doutrinas e aí está o Concílio Mundial de Igrejas para aplainar o caminho do vaticanocentrismo embasado na tese do primado jurisdicional do papa.

Pelo menos em um ponto se deve reconhecer sinceridade no pontífice romano. Jamais afirmou a possibilidade de fazer qualquer concessão em matéria doutrinária. Jamais disse que desconsideraria qualquer dogma. Jamais minimizou a tradição dos concílios anteriores.

.oOo.

CAPÍTULO IX

A TESE BASILAR DA TEOLOGIA ROMANA

TODA ESTRUTURA doutrinária do catolicismo se fundamenta na tese da salvação pela fé em Jesus Cristo e mais as obras por parte do pecador.

Exalta a pessoa de Jesus Cristo e comemora com ritos especiais a Sua Morte e Ressurreição. Prega a necessidade de se crer nEle como Salvador. Exige, contudo, que, ao lado desse crer, haja a prática de obras, incluindo-se entre elas os exercícios religiosos.

A fé católica em Cristo é inútil consoante a palavra de Jesus registrada por Mateus 15:9 e a observação de Paulo em Gálatas 5:2.

A teologia católica é a herdeira e a continuadora dos “judaizantes”, que, além da fé em Cristo exigiam circuncidarem-se os gentios e a prática por parte deles da Lei de Moisés (Atos 15:1, 5).

O Apóstolo Paulo foi o lutador impertérito da Verdade do Evangelho e terçou a espada da Palavra de Deus em sua defesa. A sua Carta aos Gálatas impressiona pelas suas expressões fortes ao combater a deturpação do Evangelho.

Sim! Porque acrescentar qualquer coisa ao plano salvífico de Deus é corromper o Evangelho. É minimizá-lo. Pasteurizá-lo. Miniaturizá-lo!

É transformá-lo em antievangelho!

Desgraçadamente, muitos evangélicos supõem que um católico sob a orientação de sua seita pode se salvar. Aliás, o Concílio Ecumênico Vaticano II, com êxito, conseguiu implantar nos meios evangélicos a ideia de que o catolicismo é uma facção do cristianismo.

Àqueles que aceitavam a doutrina judaizante, escapando da Graça, Paulo afirmava: “*Cristo de nada vos aproveita*” (Gálatas 5:2). É o caso dos católicos.

Há ainda aqueles que, de boa fé, admitem mudanças profundas na teologia romana promovidas pelo Vaticano II.

Enganam-se!!!

E para que se desiludam definitivamente — se de fato são sinceros e aceitam esclarecimentos — apresentaremos a doutrina pós-conciliar coincidente com a doutrina antecconciliar.

.oOo.

É sobremaneira expressivo o documento Constituição Apostólica *Paenitemini* sobre a Disciplina Eclesiástica Penitencial, de 17 de Fevereiro de 1966, promulgada por Paulo VI dentro do espírito do Vaticano II.

Começa cometendo uma assacadela contra o Evangelho. “Fazei penitência e crede no Evangelho” (Marcos 1:15), objetivando proclamar “o significado e a importância do preceito divino (?) da penitência” (§ 1). Proclama um preceito como divino, partindo de uma tradução tendenciosa e contra o original do texto bíblico.

A sua pertinácia malévola, aliás sempre do gosto dos teólogos romanos, leva-o a corromper, com o intuito de abonar em base bíblica a tese pagã da salvação pelas obras, outra passagem sacra: “Queremos hoje repetir a nossos filhos as palavras pronunciadas por Pedro no seu primeiro discurso após o Pentecostes: “Fazei penitência... para a remissão dos vossos pecados” (Atos 2:38).

Lembra que o Concílio, ao examinar a natureza da Igreja em toda a dimensão, aprofundou “antes de tudo, o vínculo que a une a Cristo e à Sua ação salvadora, sublinhou ela ainda mais o fato de serem, assim, todos os seus membros chamados a participarem também da Sua expiação (§ 2). Na conformidade com a dogmática pós-conciliar a obra expiatória de Cristo é insuficiente e o pecador, para se salvar, precisa participar dela por meio de penitências ou resignação nos sofrimentos inerentes à nossa condição terrena”.

Na sua Exortação Apostólica *Signum Magnum*, de 13 de maio de 1967, explicita: “Devemos aceitar os sofrimentos da alma e do corpo com vistas a expiar nossos pecados e os do próximo” (§ 36).

O papa Montini sintoniza-se intimamente com o Vaticano II, que na Constituição *Sacrossantum Concilium* sustenta a tese judaizante: “Por isso a Igreja anuncia aos não-crentes a mensagem da salvação, para que todos os homens conheçam o único verdadeiro Deus e Aquele que enviou, Jesus

Cristo, e se convertam de seus caminhos, fazendo penitência” (§ 9). A salvação é produto da penitência!

Neste diapasão conciliar, a Constituição Apostólica *Paenitemini* prossegue os seus discursos antievangélicos: “Cristo, que em Sua Vida sempre fez aquilo que ensinou, antes de iniciar o Seu Ministério passou quarenta dias e quarenta noites na oração e no jejum e inaugurou a Sua Missão pública com a alegre mensagem: “Está próximo o Reino de Deus”, à qual logo juntou o mandamento: “Fazei penitência e crede no Evangelho”. Estas palavras constituem, de certo modo, o compêndio da vida cristã” (§ 11).

O jejum de Cristo é um exemplo à penitência! Não é Ele o nosso Salvador porque com o Seu sofrimento pagou pelos nossos pecados. “Com efeito, enfatiza o papa, Cristo é o modelo supremo dos penitentes: quis sofrer pelos pecados não seus, mas dos outros” (§ 13).

Tremo ao escrever estas citações. E sinto uma intensa revolta!

“Seguindo, por isto, o Mestre, todo cristão deve renegar-se a si mesmo, tomar a sua cruz, participar dos sofrimentos de Cristo; transformado, deste modo, numa imagem da Sua Morte, é ele tornado capaz de merecer a glória da ressurreição (§ 15).

Verdade é que o papa reconhece a necessidade da *metanoia*, isto é, aquela “íntima e total mudança e renovação do homem todo” (§ 12).

Ocorre, todavia, que no conceito da teologia pós-conciliar, essa *metanoia* não significa o conceito bíblico da conversão do pecador para Deus, que consiste numa transformação íntima operada pelo arrependimento que leva o indivíduo a se sintonizar perfeitamente com a vontade de Deus e, humildemente, depender da graça salvadora de Jesus Cristo.

Na teologia pós-conciliar que, aliás, reproduz a tradicional tese judaizante, a *metanoia* é um elemento fornecido pelo batismo e se restabelece, no caso de perdido, pelo sacramento da penitência ou confissão. Quando o pecador se confessa ao sacerdote, este lhe impõe para expiação dos pecados declarados uma obra penitencial (a repetição, por exemplo, de alguma reza), chamada também satisfação que leva o penitente a participar da expiação de Cristo. Àquela satisfação sacramental ou obra penitencial, “pode o penitente unir intimamente qualquer outra ação sua, qualquer outro padecimento seu e qualquer outro sofrimento” (§ 16).

Nesse passo de sua Constituição sobre a penitência, o papa cita Tomás de Aquino para recomendar aos sacerdotes evitem impor uma satisfação por demais difícil a fim de não desesperar o pecador. Deve,

contudo, o sacerdote informá-lo de que grande penitência dever-lhe-ia ser imposta e, por isso, livremente realize obras penitenciais.

“E aquilo que ele faz além do expressamente mandado, recebe maior vigor expiatório com relação à culpa pretérita daquela recomendação geral do sacerdote; “tudo o que de bom fizeres, sirva para ti como remissão dos pecados” (*Quaestiones Quodlib.*, III, q- XIII, a.28). Efetivamente, ao final da confissão, o sacerdote diz: “*Passio Donxini Nostri Jesu Christi, merita beatae Mariae Virginis et omnium Sanctorum, quidquid boni feceris et mali sustinueris, sint tibi in remissionem peccatorum, augmentum gratiae et praemium vitae eterriae e Amen.* Que a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, os méritos da beata Virgem Maria e de todos os santos, tudo aquilo de bom que fizeres e do mal que resistires, sejam em favor da remissão dos teus pecados, do aumento da graça e do prêmio da vida eterna. Amém”.

Por ser insuficiente a Paixão de Jesus Cristo, devem-se acrescentar os méritos de Maria e dos Santos, e mais ainda, os próprios merecimentos do pecador.

Ê! O Jesus Cristo do catolicismo é um pobre coitado. Ê insuficiente!!! Necessita inclusive do próprio pecador para conceder-lhe vida eterna. Que não é eterna, segundo o catolicismo, de vez que o pecador pode perdê-la...

Em consonância com os ensinamentos tradicionais, a teologia pós-conciliar da penitência lembra que a disposição interior de se juntar os sacrifícios pessoais à obra expiatória de Cristo para se poder merecer a remissão dos pecados, não dispensa e nem atenua a prática exterior dessa virtude, antes lhe evoca com particular urgência a necessidade (§ 18).

“Em tempo algum pode, porém, a verdadeira penitência prescindir de uma ascese também física” (§ 19).

E nesta altura de sua exposição, Paulo VI, no propósito de fundamentar-se na Tradição, fonte da teologia romana, passa a enfileirar uma longa lista de

citações extraídas da patrística, das quais, como exemplo, transcreveremos algumas:

“Isto, porém, [o fazer penitência] possui tal virtude que [o homem] fazendo penitência, recebe de Deus a remissão dos pecados” (S. Justino, *Diálogo com Trifão*, 141,2).

Interrompendo a lista das citações dos pais da Igreja, o papa recorda:

“O caráter preeminentemente interior e religioso da penitência e os novos aspectos admiráveis, que “*in Christo et in Ecclesia*” ela assume, não excluem nem atenuam de qualquer modo a prática exterior de tal virtude, antes lhe evocam com particular urgência a necessidade, e induzem a Igreja — sempre atenta aos sinais dos tempos — a buscar, além da

abstinência e do jejum, expressões novas, mais aptas a realizar, segundo a índole das diversas épocas, o próprio fim da penitência” (§ 18).

“Não obstante haver sempre tutelado de modo particular a abstinência de carne e o jejum, todavia, a Santa Madre Igreja quer indicar na tríade tradicional “oração-jejum-caridade” os modos fundamentais para obedecer o preceito divino da penitência” (§ 30).

Em prosseguimento, vale-se de 21 depoimentos extraídos da patrística, desde a Didaqué, para, em desespero antievangélico, dar foros de seriedade à sua heresia da salvação pelas obras. Nesta conjuntura impossível furtar-se de citar Clemente Romano, 1 Coríntios 7. 4-8: “Boa coisa, portanto, é a esmola como penitência do pecado, melhor o jejum do que a oração, e a esmola melhor do que ambos. Pois a caridade cobre a multidão dos pecados. Uma oração que procede da boa consciência liberta da morte. Bem-aventurado o que, em todas essas coisas, for achado perfeito, pois a esmola se torna alívio do pecado”.

Constitui-se-lhe valiosa contribuição mencionar Orígenes (Homilias sobre o Levítico, Hom. 10,2): “Amemos muito o jejum, pois o jejum, a oração e a esmola constituem grande defesa: liberta o homem da morte. Assim como pela comida e desobediência foi Adão escorraçado do Paraíso, assim aquele que desejar de novo ingressar nele terá de fazê-lo mediante o jejum e a obediência”.

Ambrósio (As Virgens, 3, 2, 5) também é arrolado como testemunha do pontífice na satânica tarefa de pregar outro evangelho: “Grande virtude a do jejum. Seu exercício tão precioso que agradou até a Cristo o jejuar. Poderoso a ponto de elevar o homem até o céu... O jejum é a morte da culpa, destruição dos delitos; remédio da salvação, raiz da graça... Por esse degrau mais depressa se chega a Deus... O jejum é o alimento da salvação”.

O maior “blefe” da História é a apregoada reforma ou renovação do romanismo. O maior cinismo é a afirmação de sua volta à Bíblia.

Quando um clérigo proclama retorno de sua seita às “fontes de origem” simplesmente se refere ao apego mais consciente à doutrina tradicional e mofada nos alfarrábios da patrística e às práticas devocionais antigas. Nesse sentido é que o papa, seguindo os sulcos do Vaticano II, quer que “todos os fiéis estejam unidos numa celebração comum da penitência”, pelo que fixa “alguns dias e tempos penitenciais, escolhidos entre os que, no decurso do ano litúrgico, mais próximos estejam do Mistério Pascal de Cristo, ou sejam reclamados por particulares necessidades da comunidade eclesial” (§ 33).

Ao estabelecer “as novas prescrições”, que de novas só têm o nome porque reprodução das já instituídas por Pio XII e referentes à abstinência de carne e ao jejum quaresmais, sub grave, obrigatórios, com ares dogmáticos, sentencia: “Por lei divina, todos os fiéis são obrigados a fazer penitência” (§ 35).

Lei divina expressa, como vimos, na versão corrompida de Marcos 1:15 e Atos 2:38.

Mais afoito na sua dogmática pós-conciliar ao corromper o sentido de outro texto evangélico, quando de sua exortação na quarta-feira de cinzas de 1967: A primeira verdade — e ninguém, com o Evangelho nas mãos, poderá contestá-la — é a seguinte: permanece sempre a necessidade da penitência: não se pode fugir à penitência. Aí está a palavra de Cristo a ressoar alto e bem claro: “*Si paenitentiam non egeritis, omnes ... peribitis*. Se não fizerdes penitência, perecereis todos”. E o diz duas vezes o Evangelho de S. Lucas que sói registrar de preferência as efusões misericordiosas de Jesus. É necessário fazer penitência”.

Magoa-me profundamente apresentar esta exposição por me recordar quão imensa é a cristandade que a aceita. Revolta-me, contudo, saber de líderes evangélicos, almofadinhas vazios de seriedade, mas inchados de vaidade no usufruir de posições de mando obtidas à custa de bajulação e sorriso postiço e conservadas ao preço de escusas concessões — revolta-me saber desses líderes pascácios envolvidos na trama ecumenista a apregoar que o romanismo de hoje não é o de dez anos passados.

Que um semianalfabeto vá pelo que ouviu dizer, tolera-se... Mas que um líder de uma comunidade eclesial divulgue notícias dessa origem sem analisá-las, é estupidez arrematada.

O romanismo pós-conciliar é o mesmo romanismo tridentino. É o mesmo romanismo que finca suas raízes nos “legalistas” combatidos por Paulo Apóstolo. Empreender campanhas contra ele é manter acesa a herança épica do grande Apóstolo.

.oOo.

Feito o desabafo, prossigamos no exame da vigência pós-conciliar da tese judaizante da salvação pelas obras, que devem ser cumpridas pós-morte por que, por mais penitências que se façam nesta terra, impossível completar-se a expiação de todos os pecados cometidos.

A teologia pós-Vaticano II, continuadora fiel da tridentina desconhece o versículo 7 de I João 1: “*O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica*

de todo o pecado”. Desconhece que “o Sangue de Cristo que pelo Espírito Eterno se oferece a Si mesmo imaculado a Deus” purifica as nossas consciências das obras mortas (Hebreus 9:14). Desconhece que Jesus, “o primogênito dos mortos, que nos ama... em Seu Sangue nos lavou dos nossos pecados” (Apocalipse 1:5). Desconhece que, aos que O aceitam, Deus, fiel em cumprir Suas promessas, garante: “E jamais Me lembrarei de seus pecados e de suas iniquidades” (Hebreus 10:17).

O nosso purgatório é o Sangue de Jesus!

O outro purgatório, a cozinha dos padres, como afirmam os próprios clérigos, é antievangelho. E Cristo de nada aproveita para quem aceita esse espúrio acréscimo por contradizer a Todo-Suficiência do Sangue de Jesus Cristo.

O Vaticano II na rota tridentina confirma o absurdo do purgatório.

Efetivamente, no seu documento máximo, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, para contradizer a tolice dos pascários crédulos de uma possível abolição do purgatório na teologia católica, confirma a sua “existência” ao se referir aos que “ainda se purificam após a morte, e propõe de novo os Decretos dos Sagrados Concílios Niceno II, Florentino e Tridentino” (§ 51). No parágrafo 50, ao inculcar a sustentação da tese purgatória, lembra que a Igreja “desde os primórdios venerou com grande piedade a memória dos defuntos e, porque é um pensamento santo e salutar rezar pelos defuntos para que sejam perdoados os seus pecados” (II Macabeus 12:46), também ofereceu sufrágios em favor deles”.

A pertinácia católica cega tanto que mantém estribado o dogma do purgatório nessa passagem de um apócrifo.

Não só a *Lumen Gentium* se referiu aos outros que, “terminada esta vida, são purificados” (§ 49), mas também Paulo VI, no seu Credo do Povo de Deus, divulgado em 30 de junho de 1968, como marco do encerramento das comemorações do XIX centenário do martírio de Pedro e Paulo, menciona as almas que ainda devem purificar-se no purgatório.

A imprescindibilidade das obras expiatórias por parte do pecador, no contexto da teologia católica, exige, em decorrência da exiguidade da vida neste mundo, a existência do purgatório.

Sem rebuços, o papa Montini, na Constituição Apostólica *Indulgentiarum Doctrina*, de 1 de janeiro de 1967, para confirmar a permanência da doutrina diz: “Assim nos ensina a revelação divina que os pecados acarretam como consequência pena infligida pela santidade e pela justiça divina, penas que devem ser pagas ou neste mundo, mediante os sofrimentos, dificuldades ou tristezas desta vida e sobretudo a morte, ou

então no século futuro pelo fogo, pelos tormentos ou penas purgatórias” (§ 2).

“Podem restar e de fato restam frequentemente penas a expiar ou sequelas de pecados a purificar, mesmo depois de remida a falta; a doutrina relativa ao purgatório mui bem o mostra; nesse lugar, com efeito, as almas dos defuntos que verdadeiramente penitentes deixaram esta vida na caridade de Deus, antes de terem satisfeito por suas ofensas e omissões por justos frutos de penitência, são após a morte purificadas pelas penas purgatórias” (§ 3).

O papa insiste em fundamentar as suas declarações na doutrina tradicional do catolicismo a nos comprovar que Roma é sempre a mesma. E não poderia com esse propósito deixar de mencionar o Concílio de Trento, citando-lhe o cânon 30 da Sessão VI: “Se alguém disser que a todo pecador penitente, que recebeu a graça da justificação, é de tal modo perdoada a ofensa e desfeita e abolida a obrigação à pena eterna, que não lhe fica obrigação alguma de pena temporal a pagar, seja neste mundo ou no outro, no purgatório, antes que lhe possam ser abertas as portas do reino dos céus, seja excomungado”.

A tese judaizante requer obras para a salvação. E, dentre elas, de maneira específica, as penitências. Estas, devido a exiguidade de tempo nesta vida a impossibilitar a sua cabal execução, devem ser cumpridas no purgatório.

O purgatório, portanto, se amolda perfeitamente na teologia pagã do catolicismo renitente em negar a Todo-Suficiência do Sacrifício Vicário de Jesus Cristo, o Nosso Bendito e Eterno Salvador.

Penitências e purgatório, por seu turno, reclamam as INDULGÊNCIAS.

.oOo.

No entravamento da teologia romana, em virtude da correlação dessas teses, sobressaem as duas Constituições Apostólicas Paulossestianas: *Paenitemini e Indulgentiarum Doctrina*.

Ocorre, outrossim, serem as indulgências produtos das boas obras. Caem no fosso pagão da salvação por obras.

A Constituição Apostólica *Indulgentiarum Doctrina* assim define a indulgência: “É a remissão da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à falta” (§ 8):

Ao estabelecer as novas normas no sentido de se lucrá-la, sob nº 1, explicita: “A indulgência é a remissão diante de Deus da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, que o fiel, convenientemente disposto e mediante certas condições definidas, obtém por intervenção da Igreja, que, como administradora da Redenção, distribui e aplica com autoridade o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos”.

A Igreja administra a Redenção???

Neste ensejo, o papa cita extensamente o Decreto *Cum Postquam*, de Leão X, e para demonstrar o correlacionamento entre as doutrinas do purgatório e das indulgências, esclarece: “Se os fiéis transferem as indulgências a favor dos defuntos, exercem então de maneira excelente a caridade... O magistério da Igreja expôs e defendeu esta doutrina em diversos documentos” (§ 8).

“As indulgências, ou parciais ou plenárias, podem sempre aplicar-se aos defuntos por modo de sufrágio”, decide sob o nº 3, em suas Normas a *Indulgentiarum Doctrina*.

Desencantem-se os crédulos da nova teologia pós-conciliar. O papa Montini nessa passagem da sua *Indulgentiarum Doctrina*, a demonstrar a assertiva sobre a tradicionalidade das indulgências, transcreve citações de 9 documentos dos papas Clemente VI, Martinho V, Sixto IV, Leão X, Pio XI e Pio XII. Saliente-se que o Decreto sobre as Indulgências emanado pelo Concílio de Trento é que oferece toda a tônica da Constituição paulossesetiana.

Essa Igreja pontificada por Paulo VI, como “administradora da Redenção” (???) estabeleceu o denominado “tesouro da Igreja” que ela manipula à vontade.

Ninguém como ela torce e retorce os textos sacros para coonestar biblicamente as suas aberrações. Sabe tripudiar sobre a Revelação Divina e corromper a evidência da Palavra de Deus.

Estarreça-se, leitor, ao constatar como ela, satanicamente, força uma base bíblica para o “seu tesouro”. É a cediça tática do *Scriptura ex Machina*: a tática de se buscar nas Escrituras textos que coonestem uma tese *a priori* estabelecida. O catolicismo quis instalar o tal do tesouro espiritual mui estreito com a doutrina do purgatório e, então, mandou seus teólogos prepararem na alquimia vaticana o sofisma com uma roupagem escriturística.

Neste caso, começa exaltando Cristo: “Com efeito, Cristo, “que não cometeu pecado”, “sofreu por nós” (1 Pedro 2:22 e 21); “Ele foi ferido por causa das nossas iniquidades, batido por nossos crimes,... e por suas

feridas fomos sarados” (cf. Isaías 53:4-6 com 1 Pedro 2:21-25; cf. também João 1:29; Romanos 4:25 e 5:9 ss; 1 Coríntios 15:3; II Coríntios 5:21; Gálatas 1:4; Efésios 1:7 ss; 11h. 1:3, etc; 1 João 3:5)” (Idem, § 5).

Os ecumeníacos veem nesta fila de referências bíblicas um retorno do catolicismo às Escrituras.

Baseado nestas perícopes sacras, vejam-se as conclusões pontificias: “Seguindo as pegadas de Cristo, os fiéis sempre procuraram ajudar-se uns aos outros no caminho que conduz ao Pai celeste pela oração, pela apresentação de bens espirituais e pela expiação penitencial; e quanto mais seguiam o fervor da caridade, tanto mais também imitavam a Cristo sofredor, levando sua cruz em expiação de seus pecados e dos outros, convencidos de poderem ajudar a seus irmãos junto a Deus, o Pai das misericórdias, para que obtenham a salvação”.

Daquelas passagens bíblicas, por acaso, tira-se essa conclusão de que Jesus Cristo padecente é apenas um exemplo para nós que, como Ele, devemos carregar a nossa cruz em expiação dos nossos pecados e dos outros? Esta conclusão, porventura, não contradiz o ensino daquelas Escrituras?

Citando, porém, muitíssimos documentos de pontífices anteriores e passagens de “pais da Igreja”, Paulo VI prossegue no brutal crime de forçar uma interpretação contra a Palavra de Deus: “Assim se constituiu o “tesouro da Igreja”, que não é uma soma de bens comparáveis às riquezas materiais acumuladas no decorrer dos séculos, mas é o valor infinito e inesgotável que têm junto a Deus as expiações e os méritos de Cristo Senhor, oferecidos para que a humanidade toda seja libertada do pecado e chegue à comunhão com o Pai; não é outra coisa que o Cristo Redentor, em quem estão e persistem as satisfações e os méritos de Sua Redenção (Cf. Hebreus 7:23-25; 9:11-28).

“Pertence, além disso, a esse tesouro o valor verdadeiramente imenso e incomensurável e sempre novo que têm junto a Deus as preces e as boas obras da Bem-aventurada Virgem Maria e de todos os Santos, que, seguindo as pisadas de Cristo Senhor, por Sua graça, se santificaram e totalmente acabaram a obra que o Pai lhes confiara; de sorte que, operando a própria salvação, também contribuíram para a salvação de seus irmãos na unidade do Corpo Místico...

“A união dos viajores com os irmãos adormecidos na paz de Cristo, longe de se romper, pelo contrário, se acha reforçada pela comunicação dos bens espirituais, conforme a imutável crença recebida na Igreja... De fato, uma vez acolhidos na pátria celeste e permanecendo junto do Senhor (Cf. II Coríntios 5:8), por Ele, com Ele, e nEle não cessam de interceder por

nós junto ao Pai oferecer os méritos que na terra adquiriram graças a Cristo Jesus, Único Mediador entre Deus e os homens (Cf. 1 Timóteo 2:5). . . “ (§ 5).

Mas, seu Paulo VI, se Cristo é o Único Mediador por que toda essa pata- coada de “tesouro da Igreja” que acumula os méritos dos santos e por que a necessidade de que eles intercedam por nós? Se Cristo é o Único é único mesmo, excluem-se todos os demais como dispensáveis e inúteis.

Desculpe-me, “santidade”, a interrupção. Pode prosseguir porque desejamos que a sua própria verborreia exponha a descoberto a hediondez de tanta heresia e acinte ao Evangelho de Jesus Cristo.

“Esse tesouro, prossegue o papa, quis ele [Jesus] que fosse distribuído por S. Pedro, portador das chaves do céu, e por seus sucessores, seus vigários na terra, e fosse, por motivos particulares e razoáveis, a fim de remir ora parcial ora completamente a pena temporal devida ao pecado, misericordiosamente aplicada, em geral ou em particular, como diante de Deus se julgasse mais útil, aos que verdadeiramente penitentes, se tivessem confessado. Sabe-se que os méritos da Bem-aventurada Mãe de Deus e de todos os eleitos contribuem para a riqueza desse tesouro” (§ 7).

Note-se entrelaçamento das doutrinas romanistas: da tese da salvação pelas obras fluem as necessidades da penitência como boa obra especial porque eminentemente expiatória, da confissão que é a própria penitência transformada em sacramento, do purgatório para a continuidade da expiação até completar a exigência dela resultante dos pecados praticados, das indulgências provenientes do “tesouro da Igreja” manipulado pelo romano pontífice, da suprema autoridade deste, da intercessão dos santos.

Já se vê a inadmissibilidade da hipótese de se retirar de todo esse entrosamento um só dos seus dogmas.

A bem da verdade, todavia, deve-se mencionar a grande reforma promovida pela teologia pós-conciliar no âmbito das indulgências. Resume-se ela em três pontos: 1º) no estabelecimento de nova medida no que tange à indulgência parcial porque anteriormente era determinada por dias, meses e anos. Por exemplo: um devoto fazia uma determinada reza e obtinha 50, 100 ou 500 dias de indulgência, isto é, a sua permanência (ou de alguma alma se assim o quisesse), no purgatório diminuiria esse tempo. 2º) na redução de motivos ou oportunidades para a obtenção das indulgências plenárias “para que os fiéis as apreciem de modo mais justo, e as possam adquirir, porque então hão de apresentar as condições requeridas”. 3º) na diminuição também das indulgências vinculadas a

lugares e objetos, sem, contudo, prejudicar-se a feitiçaria porque “aos fiéis que utilizam religiosamente um objeto de piedade (crucifixo, cruz, terço, escapulário, medalha) validamente abençoado por um padre, concede-se uma indulgência parcial” (§ 17).

Em matéria de indulgência, eis as grandes reformas (!!!) Ridículas reformas! Roma é sempre a mesma!!! Fundamentada na tese pagã da salvação pelas obras, toda a sua teologia se fulcra na tradição patrística, nos concílios e nos documentos pontifícios. Impossível a adoção da Bíblia como Única Regra de Fé e Única Fonte de Revelação, porque, se isto ocorresse, o catolicismo deixaria de ser catolicismo. Toda a sua estrutura dogmática ruiria.

.oOo.

CAPÍTULO X

A HIERARQUIA ROMANA

DA ERA PÓS-VATICANO II

INERENTES E DESTACADOS se fazem à salvação pelas obras os rituais religiosos. Estes, por sua vez, requerem ministros especiais.

O Antigo Testamento marca a vigência da preparação para o advento de Cristo quando Deus outorgou a Sua Lei consubstanciada de maneira suprema no Decálogo. Não foi estabelecida como meio de salvação porquanto desde sempre a salvação é proveniente exclusivamente da graça, independente de quaisquer méritos pelo cumprimento da Lei ou de suas obras. A função da Lei é a de levar o pecador a se reconhecer incapaz diante de Deus (Romanos 3:20) e nesta convicção valer-se da graça salvadora merecida por Cristo. Neste sentido é que a Lei nos serve de aio, para nos conduzir a Cristo a fim de que, pela fé, sejamos justificados (Gálatas 3:24).

Naquele período de expectativa, Deus também instituiu o sacerdócio levítico, cujo ministério consistia em promover sacrifícios de animais. O sacerdócio e as obras da Lei se correlacionam (Hebreus 7:11). As obras da

Lei identificadas sobretudo naqueles sacrifícios foram improficuas quanto ao remover os pecados (Hebreus 10:11, 4).

Todo o sacerdócio levítico e as suas obras tiveram uma grande finalidade:

levar o pecador à convicção da inutilidade dos seus esforços e dos seus rituais religiosos quanto ao merecer a salvação e, em consequência, predispo-lo à ansiedade pela vinda do Salvador.

A inutilidade daquele sacerdócio (Hebreus 7:18, 19) se demonstra, outrossim, pelo fato de se levantar outro sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Hebreus 7:11, 17). Jesus Cristo não é o sacerdote segundo a ordem levítica, mas segundo a ordem de Melquisedeque. E o próprio Jesus, sumo sacerdote do Novo e Eterno Pacto, cancelou o sacerdócio ritualista da ordem de Aarão e, com a Sua Morte, o Sacrifício perfeito, extinguiu aquele culto sacrificial do Velho Testamento.

Ora bem, ao aceitar o catolicismo a necessidade de obras para a salvação insiste em continuar a fase do legalismo judaico e imprescinde, por isso, de um sacerdócio sacrificial ou sacramental. Tanto é assim que o próprio Concílio

Ecumênico Vaticano II aplica aos sacerdotes católicos o que Hebreus 5:1 diz sobre os sacerdotes levíticos “assumidos dentre os homens e estabelecidos em favor dos homens em suas relações com Deus, para oferecerem dons e sacrifícios pelos pecados” (Decreto *Presbyterorum Ordinis*, § 3).

.oOo.

Em torno desse sacerdócio sacramental ou sacrificial é que o catolicismo romano convocou os seus dois últimos concílios ecumênicos. No Concílio de Trento pretendeu legitimar a sua origem divina e as suas funções de mediador na confecção e dispensação dos sacramentos. No Vaticano I e no Vaticano II definiu-o em sua estrutura hierárquica. Revigorou a sacerdotalia com a hierarquiologia.

A sacerdotalia revitalizada pela hierarquiologia exalta ao máximo a eclesiologia.

Aliás, ao se dirigir aos bispos reunidos para a abertura da III Sessão do Vaticano II, salientou Paulo VI que em suas pessoas (papa e bispos) se resumem as funções da Igreja Universal (In *Signo Sanctae Crucis*, § 2). “A Igreja que se exprime por meio de nós, e do nosso ministério recebe

estrutura e vida” (idem, § 8). A Igreja recebe estrutura e vida por meio da hierarquia: papa e bispos!

O primordial objetivo do Concílio Ecumênico Vaticano II foi levar a Igreja

a contemplar-se a si mesma (Idem, § 12) e, em consequência, complementar a sua teologia tirando do Vaticano I as últimas conclusões relativas aos privilégios do episcopado que “constitui o grau mais alto e mais importante da hierarquia” (Idem, § 14).

“A sagrada hierarquia é a instituição, nascida da caridade de Cristo, destinada a realizar, difundir e garantir a transmissão intacta e fecunda do tesouro de fé, de exemplos, de preceitos e de carismas, deixados por Cristo à Sua Igreja; é ela que gera a comunidade dos fiéis e ordena a sua organização visível; é o órgão que merece à Igreja o título de Mãe e Mestra; é a transmissora das riquezas sacramentais, a guia da oração e a promotora das atividades caritativas” (Idem, § 21).

Sem a hierarquia não há a Igreja!

Ao intitular a Igreja de Mãe, o Concílio se refere à hierarquia.

A hierarquia (o papa e os bispos) é MÃE dos fiéis.

“Mas a sociedade provida de órgãos hierárquicos e o corpo místico de Cristo, a assembleia visível e a comunidade espiritual, a Igreja terrestre e a Igreja enriquecida de bens celestes, não devem ser consideradas duas coisas, mas formam uma só realidade complexa que coalesce elementos divinos e humanos... Esta é a única Igreja de Cristo que no Símbolo confessamos una, santa, católica e apostólica; que nosso Salvador depois de Sua Ressurreição entregou a Pedro para apascentar (João 21:17) e confiou a ele e aos demais Apóstolos para a propagar e reger (cf. Mateus 28:18 ss), levantando-a para sempre como “coluna e fundamento da verdade” (1 Timóteo 3:15). Esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste na Igreja Católica governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele...” (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, § 8).

Saíram os bispos do Concílio Vaticano II conscientes de seu valor como hierarcas: “Temos um carisma que os teólogos não têm, nem os presbíteros, nem o fiel em particular, nem grupo algum de fiéis, nem a opinião pública. A nós, sucessores dos Apóstolos, cabe, em união com o sucessor de Pedro, reger a Igreja de Deus.

“A Igreja é sacramento de caridade, é sinal de unidade, Uma Igreja dividida. uma Igreja separada de seus legítimos pastores, uma Igreja que não se reúne em torno do sucessor de Pedro, uma Igreja “agitada por qualquer vento de doutrinas”, “que segue profetas segundo seus

caprichos”, não seria a Igreja de Cristo” (Do Episcopado chileno em Declaração Coletiva, aos 4 de outubro de 1968).

.oOo.

Se existe alguma relação neste particular da eclesiologia romana com o Concílio de Trento, entre os Concílios Vaticanos I e Vaticano II a conexão é mui estreita. Doutrinariamente poder-se-ia dizer que não houve o Concílio Vaticano II, mas sim a continuação, depois da interrupção de um século, do Concílio Vaticano I. Ao papa Montini não escapou esta observação, ao ensejo da passagem do primeiro centenário do sínodo de Pio IX: “O primeiro ficou incompleto; foi bruscamente interrompido; e está colocado, logica e historicamente, na base do segundo. Este fato está bem demonstrado pelas referências com que o segundo se relaciona com o primeiro. Por isso, se o II Concílio do Vaticano é atual, como de fato o é, também o I Concílio do Vaticano o é e deve ser” (Discurso de 10 de dezembro de 1969).

Note-se outra vez evidenciada a continuidade permanente da dogmática romana que repele qualquer investida no sentido de cancelar um dos seus dogmas. A decantada era pós-conciliar vive na mesma atmosfera do passado.

Jamais passou pela cabeça de João XXIII, ao convocar o Vaticano II, a ideia de enfraquecer ou empanar qualquer tese da sua dogmática com o propósito de se nivelar às outras seitas católicas para mais facilmente atraí-las. Não! Significa cabal desconhecimento do catolicismo romano e inescusável ingenuidade o supor-se a remotíssima possibilidade de qualquer concessão em terreno doutrinário.

A Igreja, isto é, a hierarquia não se abaixa. Não se nivela! Paira acima de tudo e de todos na enfatuada convicção de senhora absoluta da verdade, manipuladora dos dons sobrenaturais, a cujo poder pertence gerir o destino eterno dos homens e controlar o próprio Deus, transformado em laçaio dos seus caprichos.

Dos quinze documentos oficiais produzidos pelo Concílio Vaticano II, cinco tratam especificamente do magno assunto: Igreja!

E os dez restantes vinculam-se-lhes por depender deles.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* é o mais importante de todos. E o seu Capítulo III, por versar sobre a constituição hierárquica da Igreja, é o seu ponto mais memorável (Paulo VI, Discurso *Post duos menses*, § 5).

Pois bem, o Vaticano II é incansável em repetir a blasfema e antievangélica tese de que fora da Igreja não há salvação.

Extra ecclesiam nulla salus!

Desgarrado da Igreja, isto é, da hierarquia destinar-se-á às chamas eternas.

O Concílio Ecumênico Vaticano II redefine: “Apoiado na Sagrada Escritura e na Tradição ensina que esta Igreja peregrina é necessária para a salvação. não podem salvar-se aqueles que, sabendo que a Igreja Católica foi fundada por Deus através de Jesus Cristo como instituição necessária, apesar disto não quiserem nela entrar ou nela perseverar. São incorporados plenamente à sociedade da Igreja os que, tendo o Espírito de Cristo, aceitam a totalidade de sua organização e todos os meios de salvação nela instituídos e na sua estrutura visível — regida por Cristo através do sumo pontífice e dos bispos — se unem com ele pelos vínculos da profissão de fé, dos sacramentos, do regime e da comunhão eclesial” (*Lumen Gentium*, § 14).

A própria fé os fiéis recebem de Deus pela Igreja (*Lumen Gentium*, § 11), que é “o sacramento universal da salvação” (Idem, § 48). É na Igreja (hierarquia) que o “divino Redentor opera a salvação” (Idem, § 54).

No seu Decreto *Ad Gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja, o Vaticano II, objetivando inculcar em seus fiéis o interesse por esse trabalho, repete na primeira frase do proêmio a redefinição estabelecida na *Lumen Gentium*, § 48 de ser a Igreja “o sacramento universal da salvação” e no parágrafo 5 repisa: “Antes de ser assumido ao céu [Jesus] fundou Sua Igreja, como o sacramento da salvação”.

Ela é quem gera os salvos! (Paulo VI in *Signo Sanctae Crucis*, § 21).

Tem-se na conta de consubstanciar em si o Reino de Cristo (*Lumen Gentium*, § 3 e 5).

“Cristo é a verdadeira vide, que dá vida e fecundidade aos ramos, quer dizer, a nós que pela Igreja permanecemos nEle e sem o qual nada podemos fazer (João 15:1.5)” (*Lumen Gentium*, § 6).

Grifei aquele: pela Igreja para chamar a atenção.

Lendo-se a perícopa sacra referida verifica-se que se trata nesse pela Igreja de um acréscimo criminoso, falso e herético. Criminoso por ser estelionato. Falso porque mentiroso. E herético por corromper o significado da Palavra de Deus.

À luz do Novo Testamento sabe-se que os salvos se congregam na Igreja de Cristo. Quer dizer: primeiro o pecador é salvo e como salvo passa a integrar a Igreja. Não vai ele para a Igreja a fim de buscar nela os recursos para a salvação.

O catolicismo na senda da sua tese basilar da salvação pelas obras é que, ao contrário da Verdade do Evangelho, põe a Igreja como necessária à salvação. Resultado: o catolicismo, em todas as suas seitas é aquela caterva dos irregenerados.

Senhores ecumeníacos, querem saber onde mais o Vaticano II afirmou semelhante dogma?

No Decreto *Unitatis Redintegratio*! No Decreto sobre o Ecumenismo!!!

Os ecumenistóides absoluta e vergonhosamente desinformados, despejam a sua insensatez num palavrório piegas aureolado pela flama do sentimentalismo efeminado.

Os evangélicos ecumenistóides açodados por participarem das semanas de oração pela unidade desconhecem aquele Decreto e, por isso, nele não leram o seguinte: “Pois só pela Igreja Católica de Cristo (a hierarquia), instrumento geral de salvação pode ser atingida toda a plenitude dos meios de salvação” (§ 3).

João 1:17 diz que a “*graça e a verdade vieram por Jesus Cristo*” e o Vaticano II diz que a Igreja, como entidade visível (a hierarquia) é quem “difunde a verdade e a graça a todos” (*Lumen Gentium*, § 8).

Com quem vocês preferem ficar?

.oOo.

A hierarquia enfunou as suas velas na arrancada ecumenista sob o estrugir dos aplausos dos abilolados. Ela sabe o que quer! Suas convicções produzem normas seguras para o êxito de sua empreitada unionista. E não esconde a ninguém os seus objetivos e nem os diz nas entrelinhas dos seus manifestos. Não! A hierarquia divulga amplamente e com expressões mui claras suas intenções. Seus documentos conciliares aí estão para serem lidos, examinados e meditados. Ela não aceita iludidos!

Na própria Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a natureza da hierarquia, lê-se nas primeiras declarações do seu proêmio que se põe como “SACRAMENTO DA UNIDADE DE TODO O GÊNERO HUMANO”.

E, no parágrafo 9, repete que Cristo a “dotou de meios aptos de união visível e social”.

Para a concretização do ecumenismo ela “é o sacramento visível desta salutífera unidade” (Idem, § 9).

Citamos textos conciliares do Vaticano II que repetem o vocábulo sacramento. Igreja sacramento de salvação = Igreja sacramento de unidade!!!

E o que é sacramento na conceituação romana?

Sabendo o seu significado verificar-se-á a que ponto a hierarquia eclesiástica (papa e bispos) se considera imprescindível no contexto do plano de salvação pelas obras.

Sacramento na definição tridentina é um sinal sensível, material, tangível ou visível, instituído por Jesus Cristo para transmitir, comunicar e conferir ao pecador a graça divina.

Por conseguinte, de acordo com esse conceito tridentino de sacramento, a Igreja é o sinal visível, material (a hierarquia) destinado por Jesus Cristo para conferir a graça divina aos seus fiéis. Em decorrência disso é que os clérigos gozam de tantos poderes sobrenaturais que os capacitam a manobrar o próprio Deus. Em consequência disso, ainda, é que a hierarquia detem em suas mãos as chaves do Reino dos Céus. É, por isso também, que a Igreja Católica se intitula Mãe dos fiéis.

Qual é, porém, a natureza dessa Igreja necessária à salvação? Dessa Igreja-sacramento? Dessa Igreja estruturada e vivificada pela hierarquia? Dessa Igreja-hierarquia?

A teologia super-moderna (?) do Concílio Vaticano II esclarece: “Este sacrossanto Sínodo, seguindo os passos do Concílio Vaticano 1, com ele ensina e declara que Jesus Cristo, Pastor Eterno, fundou a santa Igreja, enviando os Apóstolos, assim como Ele mesmo fora enviado pelo Pai (Cf. João 20:21). E quis que os sucessores dos Apóstolos, isto é, os bispos, fossem em sua Igreja pastores até a consumação dos séculos. E para que o próprio episcopado fosse uno e indiviso prepôs aos demais Apóstolos o bem-aventurado Pedro e nele instituiu o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade de fé e comunhão.

“Esta doutrina sobre a instituição, perpetuidade, poder e natureza do sacro Primado do Romano Pontífice e sobre o seu infalível Magistério, o Sagrado Sínodo novamente a propõe para ser crida firmemente por todos os fiéis. E continuando na mesma iniciativa, resolveu declarar e professar diante de todos a doutrina sobre os bispos, sucessores dos Apóstolos, que junto com o sucessor de Pedro, vigário de Cristo e Cabeça visível de toda a Igreja, regem a casa de Deus vivo” (*Lumen Gentium*, § 18).

“Assim como por disposição divina do Senhor, S. Pedro e os outros Apóstolos constituem um Colégio Apostólico, paralelamente o Romano Pontífice, sucessor de Pedro, e os bispos, sucessores dos Apóstolos, estão unidos entre si.

“Mas o Colégio ou o Corpo Episcopal não tem autoridade se nele não se considera incluído, como chefe, o Romano Pontífice, sucessor de Pedro. Permanece íntegro o poder primacial do papa sobre todos, quer pastores

quer fiéis. Pois o Romano Pontífice, em virtude do seu *múnus* de vigário de Cristo e Pastor de toda a Igreja, possui na Igreja poder pleno, supremo e universal, E ele pode sempre livremente exercer este seu poder. Mas a Ordem dos bispos, que sucede ao Colégio Apostólico no Magistério e no regime pastoral e na qual em verdade o Corpo Apostólico continuamente perdura, junto com o seu chefe o Romano Pontífice e nunca sem ele, é também detentora do poder supremo e pleno sobre a Igreja inteira. Mas este poder não pode ser exercido senão com o consentimento do Romano Pontífice. Pois o Senhor colocou apenas Pedro como pedra e guarda-chaves da Igreja Católica (cf. Mateus 16:18-19) e o constituiu Pastor de todo o seu rebanho (Cf. João 21: 25 ss). Porém o *múnus* de ligar e desligar, que foi dado a Pedro (Mateus 16:19), consta que também foi dado ao Colégio dos Apóstolos, unido ao seu Chefe (cf. Mateus 18:18). Enquanto composto de muitos, este Colégio exprime a variedade e a universalidade do povo de Deus; e enquanto unido sob um Chefe, exprime a unidade do rebanho de Cristo. Nele, os bispos, respeitando fielmente o primado e principado de seu chefe, gozam do poder próprio para o bem dos seus fiéis e mesmo para o bem de toda a Igreja, revigorando sempre o Espírito Santo sua estrutura orgânica e a sua concórdia” (*Lumen Gentium*, § 22).

.oOo.

A Igreja consubstanciada na hierarquia se estrutura fundamentalmente no romano pontífice. Segundo definição do Concílio Vaticano I reafirmada pelo Vaticano II, ao papa, como sucessor de Pedro, compete o primado de jurisdição: “Permanece íntegro o poder primacial do papa sobre todos, quer pastores quer fiéis. Pois o Romano Pontífice, em virtude do seu *múnus* de vigário de Cristo e pastor de toda a Igreja, possui na Igreja poder pleno, supremo e universal” (*Lumen Gentium*, § 22).

O decreto conciliar *Christus Dominus* no mesmo diapasão, afirma: “Nesta Igreja de Cristo, o Romano Pontífice, como sucessor de Pedro, a quem Cristo confiou suas ovelhas e seus cordeiros para apascentar, tem, por instituição divina, poder supremo, pleno, imediato e universal na cura das almas (§ 2). Em resultado, os bispos governam as suas dioceses sempre “sob a autoridade do Romano Pontífice” (§ 11).

O Credo do Povo de Deus promulgado pelo papa Montini em 30 de junho de 1968, ao encerrar-se o Ano da Fé comemorativo do XIX centenário do martírio de Pedro e Paulo, enfatiza o dogma do primado pontifício: “Cremos na Igreja una, santa, católica e apostólica, edificada

por Jesus Cristo sobre esta pedra que é Pedro. Ela é o Corpo Místico de Cristo, sociedade visível instituída com órgãos hierárquicos e comunidade espiritual simultaneamente”.

Na sua constância de doutrinar e firmar convicções em seus súditos, por vezes titubeantes na sua fé, Paulo VI, incansável, lembra: “O dogma do primado refere-se à unidade da Igreja, àquela unidade da qual o bispo de Roma, sucessor de S. Pedro, não só é o vértice e a expressão, o “centro em pessoa dessa unidade”, mas também o “princípio e fundamento perfeito e visível da unidade de fé e de comunhão”, como afirma o II Concílio Vaticano (*Lumen Gentium*, § 18), fazendo sua a doutrina do I Concílio Vaticano.” (Discurso na Comemoração do Primeiro Centenário do Vaticano I, em 10 de dezembro de 1969).

Quando de sua visita a Bogotá, Colômbia, em agosto-setembro de 1968, aos fiéis da paróquia de Santa Cecília, catequizou: “Sou o sucessor de S. Pedro, o Apóstolo a quem o Senhor deu as chaves, isto é, os poderes para dirigir e para santificar a Igreja e para guiar todos os fiéis à sua salvação no paraíso. Sou o papa, o que significa pai em relação a todos esses fiéis”.

Arrogando-se a atribuição do primado jurisdicional, e não apenas de honra decorrente de um título honorífico, é que se reconhece a si próprio como o centro de unidade de toda a Igreja, conforme define o Vaticano II que, em Pedro, Jesus “instituiu o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade de fé e comunhão” (*Lumen Gentium*, § 18).

Toda a tônica do ecumenismo está nessa tese e por isso não existe nenhuma outra forma de ecumenismo.

Ecumenismo é um só! O proposto pelo Vaticano. Aquele que aceita as suas normas e táticas. Aquele que move a todos os católicos dissidentes a se submeterem ao primado pontifício. Aquele por quem empenhadamente trabalha o Concílio Mundial de Igrejas.

Com a maior naturalidade, Paulo VI exaltou esse primado na própria sede do Concílio Mundial de Igrejas por se sentir mui à vontade na casa do seu lacaio: “Eis-Nos, portanto, aqui no meio de vós. Nosso nome é Pedro. E a Escritura diz-nos qual o sentido que Cristo quis atribuir a este nome, quais os deveres que ele nos impõe: as responsabilidades dos Apóstolos e de seus sucessores”.

O dogma da infalibilidade é uma decorrência do dogma do primado jurisdicional do papa. É-lhe implícito. Aconteceu-lhe, porém, ser reafirmado nos quadros da novíssima teologia pós-conciliar.

Quando o papa João XXIII anunciou a convocação de um Concílio Ecumênico, dentre outras, com a finalidade unionista, muitos entusiastas

dessa causa, na esperança de que o romanismo iria rever seus dogmas, anteviam a supressão da infalibilidade papal.

A teologia engajada na era tecnocrata resolveu dar-lhes um quinau e a confirmou: “Esta infalibilidade, porém, da qual quis o Divino Redentor estivesse sua Igreja dotada ao definir doutrina de fé e moral, tem a mesma extensão do depósito da Revelação Divina, que deve ser santamente guardada e fielmente exposto. Esta é a infalibilidade de que goza o Romano Pontífice, o Chefe do Colégio dos bispos, em virtude de seu cargo, quando, com ato definitivo, como pastor e mestre supremo de todos os fiéis que confirma seus irmãos na fé (cf. Lucas 22:32), proclama uma doutrina sobre a fé e os costumes. Esta é a razão porque se diz que suas definições são irreformáveis por si mesmas e não em virtude do consentimento da Igreja, pois foram proferidas com a assistência do Espírito Santo a ele prometida no bem-aventurado Pedro. E por isso não precisam de aprovação de ninguém nem admitem apelação a outro tribunal” (*Lumen Gentium*, § 25).

A infalibilidade é um carisma que torna o papa apto a se pronunciar sobre fé e moral imprimindo às suas definições “a mesma extensão do depósito da Revelação Divina”. Quer dizer que o papa, como infalível, é revestido da mesma inspiração que gozavam os hagiógrafos ao escreverem os livros da Bíblia. Em consequência, os fiéis lhe devem “religiosa submissão da vontade e da inteligência... mesmo quando não fala “*ex-cathedra*” e isso de tal forma que seu magistério supremo seja reverentemente reconhecido, suas sentenças sinceramente acolhidas, sempre de acordo com sua mente e vontade” (*Lumen Gentium*, § 22).

O Credo do Povo de Deus reza: “Cremos na infalibilidade de que agora o sucessor de Pedro, quando ensina “*ex-cathedra*”, como pastor e doutor de todos os fiéis”.

À hierarquia interessa sobremaneira que se divulgue entre o povo a fé na autoridade pontifícia, o respeito a sua palavra e verdadeira devoção à pessoa do papa. Por isso procura todos os recursos para fazê-lo presente no noticiário da imprensa. Utiliza-se ainda de um expediente propício a condicionar psicologicamente os fiéis ao favorecer-lhes a indulgência plenária contanto que, além de praticarem uma obra enriquecida desse privilégio, “preenchem as seguintes três condições: confissão sacramental, comunhão eucarística e oração nas intenções do sumo pontífice”: (Constituição Apostólica *Indulgentiarum Doctrina*, Normas. n.º 6).

.oOo.

Ao papa juntam-se os bispos na composição da hierarquia. Através de que a Igreja se exprime e recebe vida.

Também a respeito da doutrina do episcopado o Vaticano II nada adicionou. Ao referir-se à Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o ponto alto do documentário conciliar, em seu discurso ao ensejo do encerramento da III Sessão do Concílio Vaticano II, Paulo VI salientou: “esta promulgação verdadeiramente não muda coisa alguma à doutrina tradicional”.

E, com efeito, a *Lumen Gentium* repete o já repetido na dogmática católica: porque a missão confiada por Cristo aos Apóstolos devesse durar até ao fim dos séculos, cuidaram eles “de instituir sucessores nesta sociedade hierarquicamente ordenada..., assim como permanece o *múnus* que o Senhor concedeu singularmente a Pedro, primeiro dos Apóstolos, para ser transmitido aos seus sucessores, da mesma forma permanece o *múnus* dos Apóstolos de apascentar a Igreja, o qual deve ser exercido para sempre pela sagrada ordem dos bispos. Portanto, ensina o Sagrado Sínodo que os bispos, por instituição divina, sucederam aos Apóstolos como pastores da Igreja.

“Para desempenhar ofícios tão excelsos, os Apóstolos foram enriquecidos por Cristo com especial efusão do Espírito Santo, descendo sobre eles (cf. Atos 1:8; 2:4; João 20:22-23). E eles transmitiram aos seus colaboradores mediante a imposição das mãos este dom espiritual (cf. 1 Timóteo 4:14; II Timóteo 1:6-7), que chegou até nós pela sagração episcopal”. (*Lumen Gentium*, § 20 e 21).

Afora a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o ponto alto da teologia do Vaticano II, este, que se preocupou sumamente com o assunto hierarquia, sobre ela, promulgou mais três documentos [Decretos *Presbyterorum* e *Optatam Totius*]. O Decreto *Christus Dominus* é um deles onde especifica o *múnus* pastoral dos bispos na Igreja, sem se omitir de repisar que são os bispos os “sucessores dos Apóstolos” (§ 6 e 8).

O Concílio Vaticano II sob o aspecto da dogmática da hierarquia nada inovou, como, aliás, Paulo VI enfatizou ao se referir à *Lumen Gentium*: “esta promulgação verdadeiramente não muda coisa alguma à doutrina tradicional.

O que estava fica. O que a Igreja por séculos ensinou, ensinamo-lo igualmente” (Discurso *Post Duos Menses*, § 7).

A máxima preocupação de toda a doutrina do Vaticano II sobre a Igreja é enfatizar a unidade dos bispos sob a autoridade papal, o que constitui a chamada colegialidade episcopal. “Assim como por disposição do Senhor S.

Pedro e os outros Apóstolos constituem um Colégio Apostólico, paralelamente o Romano Pontífice, sucessor de Pedro, e os bispos, sucessores dos Apóstolos, estão unidos entre si, A índole e o caráter colegial da ordem episcopal é expressa já pela disciplina muito antiga, segundo a qual os bispos de todo o mundo tinham comunhão entre si e com o bispo de Roma no vínculo da unidade, caridade e paz, como também pelos Concílios reunidos nos quais se resolviam em comum questões mais difíceis, auscultando ponderadamente a opinião de muitos. O mesmo é comparado abertamente pelos Concílios ecumênicos celebrados do decurso dos séculos. Da mesma forma também o insinua o antiquíssimo costume de convocar vários bispos para participarem da elevação do neoeleito ao ministério do sumo sacerdócio. Alguém é constituído membro do Corpo Episcopal pela sagração sacramental e pela hierárquica comunhão com o Chefe e os membros do Colégio” (*Lumen Gentium*, § 22).

A Igreja, isto é, a hierarquia se torna e única por se estruturar basicamente na autoridade do papa que lhe dá consistência. “O Romano Pontífice, como sucessor de Pedro, é o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade quer dos bispos quer da multidão dos fiéis” (*Lumen Gentium*, § 23).

Fora da órbita do papa se está excluído da Igreja!

É através dos bispos que os sacerdotes caem naquela esfera, pois que no exercício de seu poder ministerial devem depender dos bispos sob cuja autoridade “santificam e regem a porção da grei do Senhor que lhes é confiada” (*Lumen Gentium*, § 28).

Alheios desta estrutura hierárquica os irmãos separados “não gozam daquela unidade que Jesus quis prodigalizar a todos os que regenerou e convivificou num só corpo” conforme doutrina o Vaticano II em seu Decreto *Unitatis Redintegratio* (§ 3).

O objetivo do ecumenismo consiste em incorporar todos os que se dizem cristãos naquela unidade fundamentada na hierarquia romana.

Nesse propósito é que os bispos, agora mais cômicos de sua colegialidade, quais tentáculos do polvo, porfiam em atrair os discordantes da sé vaticana.

Em matéria de dogmas relativos ao organismo eclesiástico houve apenas a exaltação da colegialidade apostólica. A única novidade reside nas táticas a serem adotadas em forma de diálogo para diminuir as distâncias que afastam os “separados” até subjugá-los à teocracia papal.

CAPÍTULO XI

A IDOLATRIA NA DIMENSÃO DA ATUAL TEOLOGIA ROMANA

O CONCÍLIO ECUMÊNICO Vaticano II embandeirou-se de coloridos anúncios unionistas. E na boataria deflagrada pela imprensa distingue-se o vocábulo “*aggiornamento*”. Atualizar a Igreja para sincronizá-la com a era moderna e sintonizá-la com os anseios de união proclamados entre as seitas católicas divergentes de Roma.

A proposta de “*aggiornamento*”, contudo, capitalizou para o Vaticano um outro grande crédito. É que assanhou os meios evangélicos ao lhes levar a ideia de uma completa reformulação dos dogmas romanistas. E o primeiro a ser atingido, conforme se supunha, era o da infalibilidade papal. E de parceria o do culto aos santos.

Finório, João XXIII, no intento de solidificar essa expectativa, “caçou” Santa Filomena, proclamando *urbi et orbi* jamais haver existido a santa da grande devoção do seu antecessor, o papa Pio X, que quis morrer abraçado à sua imagem.

Outros santos teriam seus cultos supressos, conforme se anunciava o que, posteriormente, se concretizou.

Cancelado o culto desses santos, é lógico, suas imagens foram retiradas. Além disso, outras foram removidas em atendimento à norma estabelecida pela Constituição *Sacrossantum Concilium* que recomenda sejam elas expostas com moderação quanto ao número e com conveniência quanto à ordem (§ 125). Exemplificando: num altar evitem-se colocar duas ou mais imagens de “Nossa Senhora” mesmo de títulos diferentes (de Aparecida e de Fátima), ou do mesmo santo num templo.

Com o decorrer do tempo, os fiéis devotos, em pagamento de promessas, com a anuência dos vigários cordatos, foram entulhando os templos e altares com ícones de sua devoção. Agora, aquelas normas proporcionaram uma verdadeira limpeza para gáudio dos sacristães com o seu serviço reduzido.

Bastou isto para alvoroçar os arraiais evangélicos engrossando o clamor dos beatos descontentes.

Aos quatro cantos se proclama a disposição por parte do Vaticano no sentido de cancelar a idolatria.

— Agora os padres estão lendo a Bíblia e o resultado aí se vê: estão retirando de suas igrejas as imagens!

Ao pregar, de certa feita, em Sorocaba, no interior paulista, informaram-me sobre um templo católico recém-inaugurado e sem nenhum ídolo. Acompanhado do evangélico informante, fui visitá-lo. Contamos as imagens. Vinte e duas! Fiquei penalizado com o desapontamento do moço.

Sem qualquer análise, a turba vai se engajando na boataria a contentar a hierarquia que se vê promovida.

.oOo.

É ingenuidade supor-se o cancelamento da idolatria no catolicismo! Supina ignorância! É bobice elevada ao quadrado!

“Observem religiosamente o que em tempos passados foi decretado sobre o culto das imagens de Cristo, da bem-aventurada Virgem e dos santos” (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, § 67).

A própria Constituição *Sacrossantum Concilium* que estabelece normas para o culto romano, sem rebuços, proclama: “Firme permaneça o costume de propor nas igrejas as sagradas imagens à veneração dos fiéis” (§ 125).

Ao se referir aos supostos restos mortais de Pedro, encontrados (?) nos subterrâneos da Basílica de S. Pedro, com toda clareza, Paulo VI disse em 26 de junho de 1968: “Obrigados como somos a honrar as sagradas relíquias...”.

Observe-se o adjetivo: sagradas.

O papa Montini, na senda dos tempos passados, foi a Fátima, Portugal, prestar culto à imagem daquela Senhora, ao ensejo do cinquentário de suas aparições. Para desapontamento dos bobocas a Rede das Emissoras Associadas pelos seus canais de TV retransmitiu os lances do culto idolátrico e fatímico. A revista italiana *Epoca*, de 21 de maio de 1967, estampou na capa a fotografia do papa aos pés da imagem da Senhora de Fátima com este título: “*A colori il papa a Fátima*”. “*Nella foto il momento piu tocante: sotto la statua della Madona l’incontra de Paolo VI com suor Lucia*”.

O dia 12 de outubro assinala no calendário litúrgico brasileiro a comemoração da Senhora Aparecida. Em 1970, mais de mil ônibus e

dezenas de milhares de pessoas congestionaram as ruas e vielas da “capital espiritual do Brasil” em novo recorde de afluência de peregrinos nos últimos anos a venerar a imagem da “madroeira”.

Ao romanismo torna-se imprescindível a iconolatria. O clero pós-conciliar empenha-se em manter viva a chama idólatra. Sagaz, utiliza-se de todas as oportunidades, inclusive dos esportes.

O Corinthians Futebol Clube, de S. Paulo, recorre a todos os meios para sagrar-se campeão paulista, cuja taça se ausentou de sua sede desde 1954. Renovou seu time em 1971 e, ao começo do campeonato, foi valer-se, numa romaria especial liderada pelo seu técnico, Aimoré Moreira, dos eflúvios maternais da Senhora Aparecida. A imprensa desportiva, ilustrando com fotos dos jogadores ajoelhados, pormenorizou o acontecimento ressaltando que o padre Pedro Ávila facilitou que se beijasse a imagem, “puxou” a reza de três ave-marias pelo Corinthians, entregou-lhes uma medalha aparecidana recomendando que a levassem em todos os jogos e repetiu, para estimulá-los, a frase de Paulo VI dita antes da copa do mundo de 1970: “Lutem como irmãos, para ganhar sempre, mas não esqueçam as regras do esporte”.

Desculpem-me a rápida digressão!

Porventura sagrou-se campeão o Corinthians?

Não!!! De nada lhe valeu a Aparecida...

Mas à Aparecida valeu muito a romaria corintiana.

Em Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul, todos os anos há festividades especiais em torno da imagem da Senhora Medianeira. O clero gaúcho sabe aproveitar-se das grandes peregrinações que lá acorrem cada 9 de novembro. E, em 1969, conseguiu levar o governador do Estado, Perachi Barcelos.

Mas o próprio Presidente da República, Garrastazu Médici, em 1970, acompanhou a procissão do círio em Belém do Pará.

Um cigano espertalhão, suposto pintor, em princípios de 1971, roubou a imagem da Senhora Santana, madroeira de Iguatu, no Ceará. O sucedido provocou uma verdadeira revolução do sentimento religioso da população local, declarou o sr. José Mauro Ramalho, bispo romano da diocese. A descoberta do ídolo em Campinas, no interior do Estado de S. Paulo, propiciou ao hierarca iguatense o ensejo de promover um espalhafato incomum e reavivar os seus fiéis bastante entibiados. Em abril de 1971, o delegado de polícia em Campinas, Amandio Malheiros, pessoalmente, foi levá-la a Iguatu.

Sessenta mil pessoas, à frente o ordinário diocesano, José Mauro Ramalho, receberam em delírio a imagem. “De braços abertos, recebemos a nossa padroeira”, proclamavam faixas estendidas sobre as vias públicas.

Os fatos confirmam a doutrina reafirmada oficialmente no Concílio Ecumênico Vaticano II.

Seria um nunca terminar se fôssemos enfileirar os fatos sucessivos de promoção clerical à iconolatria.

.oOo.

Esta decorre do culto aos santos!

A supressão de alguns no calendário romano, outrossim, não significa o cancelamento desse culto.

Atenção, senhores ecumenistóides! Também neste assunto o romanismo persiste em manter a doutrina tradicional. “O Sacrossanto Sínodo recebe com grande piedade aquela venerável fê de nossos antepassados sobre o consórcio vital com os irmãos que estão na glória celeste ou ainda se purificam após a morte, e propõe de novo os decretos dos Sagrados Concílios Niceno II, Florentino e Tridentino” Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, § 51).

E nos termos do § 49 desta Constituição, declara: “Porquanto, recebidos [os santos] na pátria e presentes diante do Senhor (cf. II Coríntios 5:8), por Ele, com Ele e nEle não deixam de interceder por nós junto ao Pai, apresentando méritos que alcançaram na Terra pelo único Mediador de Deus e dos homens, Cristo Jesus (cf. 1 Timóteo 2:5), servindo ao Senhor em tudo e completando em sua própria carne o que falta aos sofrimentos de Cristo por Seu Corpo, que é a Igreja (cf. Colossenses 1:24)”.

“Convém, portanto, sumamente que amemos esses amigos e co-herdeiros de Jesus Cristo, além disso irmãos e exímios benfeitores nossos, rendamos devidas graças a Deus por eles, os invoquemos com súplicas e que recorramos às suas orações, à sua intercessão e ao seu auxílio para impetrarmos de Deus as graças necessárias, por meio de Seu filho Jesus Cristo Nosso Salvador, Único Redentor e Salvador Nosso”. (*Lumen Gentium*, § 50).

Exorta o Vaticano II que se busquem nos santos “o exemplo da vida, o consórcio na comunhão e o auxílio na intercessão” (Idem, § 51).

“A união dos viajores com os irmãos adormecidos na paz de Cristo, longe de se romper, pelo contrário se acha reforçada pela comunicação dos bens espirituais, conforme a imutável crença recebida na Igreja. Do fato de

sua muito íntima união com Cristo, mais ainda confirmam os bem-aventurados na santidade a Igreja inteira... e de várias maneiras contribuem na crescente obra de sua edificação (cf. 1 Coríntios 12:12-27). De fato, uma vez acolhidos na pátria celeste e permanecendo junto do Senhor (cf. II Coríntios 5:8), por Ele, com Ele e nEle não cessam de interceder por nós junto ao Pai, oferecer méritos que na terra adquiriram graças a Cristo Jesus, Único Mediador entre Deus e os homens (cf. 1 Timóteo 2:5), servindo ao Senhor em tudo e acabando o que falta às tribulações de Cristo em sua carne a favor de Seu Corpo que é a Igreja (cf. Colossenses 1:24). Eis portanto uma ajuda muito preciosa que sua fraternal solicitude traz à nossa fraqueza” (Constituição Apostólica *Indulgentiarum Doctrina*, § 5).

Porque não quer escapar das normas estabelecidas nas eras medievais, determina o Vaticano II: “Os santos sejam cultuados na Igreja segundo a tradição. Suas relíquias autênticas e imagens sejam tidas em veneração” (*Sacrossantum Concilium*, § 111).

Em tal extremo o Vaticano II acirrou a santolatria que o prafrentista José de Medeiros Delgado, o pós-conciliaríssimo arcebispo romano de Fortaleza, Estado do Ceará, acaba de encetar uma campanha em prol do culto ao padre Cícero Romão Batista, do Juazeiro do Norte. Informa-nos a História de que esse sacerdote, apesar de disciplinado pela suspensão do uso de ordens, galvanizou, desde o início deste século, o fanatismo popular no Nordeste Brasileiro, O desenvolvimento material da região e o disseminamento das escolas vêm libertando o sofredor povo nordestino da exploração religiosa. Em consequência, a figura polêmica daquele sacerdote estava começando a ser esquecida, quando o trêfego arcebispo Delgado, em agosto de 1970, lança a público o documento: “Padre Cícero, mártir da disciplina”.

Pretende reabilitar no contexto eclesiástico da sua seita aquele personagem marginalizado canonicamente por decisões dos antigos bispos de Fortaleza: Joaquim José Vieira [o qual “não teve a devida serenidade”, afirma Delgado] e Manoel da Silva Gomes, e do Crato: Quintino e Francisco, decisões essas confirmadas pelo então papa Leão XIII.

Pretende mais ainda! Reacender, incentivar e oficializar o culto popular atribuído ao “padim Ciço”. “Sua pessoa se me afigura mais luminosa do que a muitos poderá parecer... Tenho o padre Cícero como mártir e sua vida como martírio, dignos de exaltação”, salienta Delgado.

.oOo.

O pontificado de Paulo VI está a serviço da santolatria como nenhum outro seu antecessor, pois o romanismo do Vaticano II acirrou o teímo polidaimonista que o caracteriza. O deus de Paulo VI é um Deus burocrata a necessitar de muitos secretários.

Antes de principiar o Credo do Povo de Deus, em testemunho de seu culto pessoal aos santos, declara: “confiando na ajuda da Santíssima Virgem Maria e dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo...” E a inculcar nos fiéis a confiança no valimento deles, expõe: “Cremos que a multidão das almas que já estão reunidas ao redor de Jesus e de Maria, no Paraíso, formam a Igreja do céu, onde, na eternidade feliz, veem Deus como Ele é (Cf. 1 João 3:2) e onde são também, em graus diversos, associados aos santos anjos no governo divino exercido por Cristo glorioso, intercedendo por nós e ajudando a nossa fraqueza com a sua solicitude fraterna”.

Para que a doutrina não fique sem a confirmação dos fatos, mais do que nenhum outro, Paulo VI se deu à tarefa de canonizar santos.

Eis a demonstração relativa aos 12 últimos pontífices:

Papas	Solenidades de Canonizações	Número de Santos canonizados
Pio VII (1800-1823)	1	5
Leão XII (1823-1829)	—	—
Pio VIII (1829-1830)	—	—
Gregório XVI (1831-1846)	1	5
Pio IX (1846-1878)	2	52
Leão XIII (1878-1903)	4	18
Pio X (1903-1914)	2	4
Bento XV (1914-1922)	2	3
Pio XI (1922-1939)	16	33
Pio XII (1939-1958)	21	33
João XXIII (1958-1963)	3	10
Paulo VI (1963-...)	5	65

Pio XII em 19 anos de pontificado canonizou 33 santos. E Paulo VI em 7 anos já canonizou 65. Sessenta e cinco!!!

De fato, em 30 de outubro de 1967, canonizou o irmão marista Benilde; em março de 1964, canonizou os 22 mártires católicos africanos e ao ir, em julho-agosto de 1969, à Uganda, consagrou-lhes um altar; em 25 de janeiro de 1970, elevou às “honras dos altares” a freira espanhola Maria

Soledad Torres Acosta, fundadora da congregação religiosa das servas de Maria; em 11 de maio desse ano ainda, canonizou Therese Courdee, a freira francesa fundadora da Congregação de Nossa Senhora do Retiro no Cenáculo; em 25 de outubro ainda de 1970, em pomposíssimas solenidades, procede o ato oficial da canonização de 40 mártires ingleses.

A respeito destas duas últimas cerimônias de proclamação de santos vale notar-se a sua atmosfera ecumênica.

A canonização da freira francesa foi prestigiada com a piedosa presença de Vasken I, patriarca da Igreja Ortodoxa Armênia.

E a dos 40 mártires ingleses — *risum teneatis!* — a tônica ecumenista foi de boquiabrir o mais entusiasta das reformas pós-conciliares. O governo inglês, cuja religião oficial é o anglicanismo, fez-se representar pelo diplomata Desmond Grawley e o arcebispo Michael Ramsey, o pontífice sumo dessa seita católica enviou um legado na pessoa do reverendo Harry Smythe e declarou que o fato não prejudicará as conversações sobre a união das duas igrejas.

O Bristish Council of Churches, aliás, aos 17 de dezembro de 1969, reconheceu a “importância da veneração desses mártires, por parte da Igreja Católica”, e chegou a mostrar-se contente “porque as denominações cristãs, hoje, se encontram concordes em reconhecer a tradição dos mártires como elemento comum de onde a Igreja deve haurir forças, superando as fronteiras das diversas denominações”.

Note-se, para se ter a ideia da comicidade ecumenista do ato, que os 40 mártires britânicos (13 sacerdotes, 20 monges, 7 leigos, dentre os quais 3 mulheres) foram executados entre os anos de 1531 e 1679, durante as lutas religiosas entre católicos anglicanos e católicos romanos.

Na oportunidade, em seu sermão, Paulo VI fez votos de que “o sangue derramado pelos 40 santos mártires possa servir para curar a ferida aberta na igreja de Deus pela separação da Igreja Anglicana da Igreja Católica, para que chegue logo a hora da restauração da unidade na fé, em que em nada afastará a honra e a soberania do grande país que é a Inglaterra, nem fará diminuir o prestígio e o rico patrimônio espiritual da própria Igreja Anglicana”.

Em troca de S. Jorge, que foi caçado, o papa deu aos ingleses 40 outros protetores. É mui generoso! Enfraquecera-se o Jorge em seu poder intercessório incapaz de segurar o seu padroado arrastado pela correnteza da decadência.

É possível que os 40 recém canonizados no ardor do início da tarefa reergam a velha nação britânica.

A canonização é a culminância de um longo processo marcado por um primeiro estágio intitulado beatificação.

Preparando o progresso futuro e constante da santolatria, Paulo VI beatificou muitos candidatos aos altares. Em outubro de 1968, todavia, a febre de beatificações atingiu os paroxismos levando o pontífice romano a três atos dessa solenidade: no dia 6, logo por atacado, beatificou 24 coreanos; em 13, a alemã Maria dos Apóstolos, fundadora da Congregação das Irmãs do Divino Salvador; e a 27, a italiana Maria da Conceição Barbieri, fundadora das Irmãs da Virgem Dolorosa.

Na sua incontida ânsia santólatra ampliou a teologia pós-conciliar. Aliás, é mister dar-se razão ao entusiasmo dos que aguardam inovações na vigência das normas do Vaticano II.

Com efeito, o título de “doutor da igreja” é reservado aos grandes mestres da doutrina romanista que, simultaneamente, se tenham destacado pela santidade de suas vidas, segundo o conceito da seita. Durante todos os séculos de romanismo apenas 30 pessoas foram contempladas com essa honra e todas do sexo masculino.

No dia 4 de outubro de 1970, num surpreendente gesto inovador, o papa proclamou “doutoras da Igreja” duas mulheres. Fato inédito!

A dominicana Catarina de Siena e a carmelita Teresa de Ávila.

Em tempos anteconciliares, atribuí-se o título de “doutor da Igreja” somente a homens que, santos e ortodoxos na fé romana, se distinguiram por eminente sabedoria em assuntos religiosos, documentada em seus escritos.

Agora, as mulheres também podem receber o título honorífico. E até as ignorantes com o precedente de Catarina de Siena que era analfabeta!

Rejubilem-se os entusiastas pela era pós-conciliar. Que grande novidade na teologia santólatra!

Há mais!

A era pós-conciliar precisa fabricar santos em alta escala a fim de se enquadrar na época de febricitante produção. Por isso, aos 19 de março de 1969, o romano pontífice promulgou através do seu Motu Proprio *Sanctitas Clarior* as novas normas que regulamentam os processos de beatificação e canonização, tornando-os mais rápidos com a adoção inclusive de meios mecânicos, como computadores.

.oOo.

A santolatria tem caráter epidêmico irreversível em todas as seitas católicas e atinge as raías do exagero no romanismo.

Nem bem a III Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II havia começado a se movimentar e o cardeal Spellamn, então arcebispo em Nova Iorque, nos Estados Unidos, e Clemente Gaddi, bispo de Bérgamo, na Itália se tornaram peticionários da introdução da causa de beatificação de Pio XII e João XXIII respectivamente.

Solícito, o papa Montini anuiu aos requerimentos e incumbiu o frade franciscano Antônio Cairolí de postular a beatificação, a primeira etapa do processo de canonização de João XXIII. E a 18 de novembro de 1965, sob os aplausos dos 2.500 bispos conciliares, na Basílica de S. Pedro, anunciou o início dos processos de beatificação daqueles dois papas, seus antecessores imediatos.

E nunca mais ficou vazia a caixa para recolher os óbulos destinados ao andamento do processo posta na mesma Basílica.

O frade Cairolí, apesar de lhe dar mais trabalho o processo de João XXIII do que todos os outros 215 juntos, por haver o futuro santo exercido suas atividades de núncio apostólico em Sofia, Atenas, Estambul e Paris, não pode se lamentar porquanto o *Motu Proprio Sanctitas Clarior* modernizou os métodos de trabalho ao admitir a taquigrafia, gravações, sistema automático de fichas, máquinas copiadoras, computadores, etc.

Tudo é feito para apressar ao máximo o andamento do processo. Efusivo, Cairolí, em junho de 1971, declarou que João XXIII será santo até 1980 e esclareceu: “Por estes dias estarão sendo encerrados quase todos os processos de instrução abertos em Bérgamo, Veneza, Assis, Oristano, Turim, Vicenza, Sofia, Atenas, Estambul, Aquisgrana, Paris e Clongert. O processo principal, iniciado no vicariato de Roma, também está quase no fim... Tudo isso já forma dois grossos volumes, com cerca de mil páginas cada um. Há testemunhos e escritos pelo general Charles de Gaulle, do ex-chanceler do Reich Franz von List, da Rainha Giovana da Bulgária (filha do Rei Vittorio Emmanuele III, da Itália, que se casou com o Rei Bóris III, em 1930), e de muitas outras pessoas que conheceram o papa Roncalli como monsenhor núncio apostólico em vários países da Europa. Foram também encerrados os dois processos informativos sobre dois milagres atribuídos ao papa João XXIII”, pormenorizou Cairolí para gáudio dos que aguardam o enriquecimento da idolatria com mais um a ser elevado às “honras dos altares” e ser posto como intercessor junto a Deus.

Só uma imbecilidade estupefaciente pode permitir alguém aceitar novos roteiros na dogmática pós-conciliar do romanismo.

.oOo.

CAPÍTULO XII

E A POSIÇÃO DE MARIA

NA NOVA DOGMÁTICA?

INEXEQUÍVEL REFERIR-SE à teologia da era pós-conciliar dispensando-se a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o documento máximo do Concílio Ecumênico Vaticano II de que dimanam todos os demais Decretos e Constituições.

Especificamente a *Lumen Gentium* apresenta a teologia romana sobre a Igreja, conforme vimos em capítulo anterior, mas através dela “é a primeira vez que um Concílio Ecumênico apresenta síntese tão vasta na doutrina católica acerca do lugar que Maria Santíssima ocupa no mistério de Cristo e da Igreja”, como observou Paulo VI em seu discurso no encerramento da III Sessão do Vaticano II, em 21 de novembro de 1964.

Ao ensejo dessa alocução, o papa afirmou considerar Maria como “protetora do presente Concílio” e a proclamou MÃE DA IGREJA concitando que “seja a Virgem doravante ainda mais honrada e invocada por todo o povo cristão”.

Ruíram as esperanças dos ingênuos no sentido de que as teses romanas sobre Maria seriam reformuladas.

Para lhes aprofundar o desapontamento e convencê-los de ser absolutamente impossível à teologia católica prescindir de Maria, ouçam lá outras afirmações pontificias emitidas na mesma oportunidade: “Auguramos, pois, que, com a promulgação da Constituição sobre a Igreja, selada pela proclamação de Maria, Mãe da Igreja, isto é, de todos os fiéis e pastores, o povo cristão se dirija à Virgem Santa com maior confiança e ardor, e a Ela tribute o culto e a honra que lhe competem... cada um de vós, veneráveis irmãos, empenhe-se em manter alto entre o povo cristão o nome e a honra de Maria”.

A teologia mariana é imprescindível no contexto da dogmática romana que, nem em nome do unionismo, se encobre a sua presença. Bem ao contrário! O papa proclama Maria como MATER UNITATIS, a Mãe da Unidade, em 2 de fevereiro de 1965. E está seguro de que a união só se

pode dar com a adesão plena dos dissidentes ao romanismo. Ora, se Maria é a Mãe dessa Igreja, há de ser ela, segundo o raciocínio pós-conciliar, a Mãe da Unidade.

“Assim será que o amor e a piedade dos católicos para com a Mãe de Cristo aditarão a outros méritos o de reunir em torno de Maria *Mater Unitatis* não somente todos os católicos, que de tantas maneiras já lhe estão filialmente próximos, senão igualmente, se Deus quiser, todos os cristãos, mesmo os que de nós ainda estão separados” (Discurso de 2 de fevereiro de 1965).

O que dirão os ecumeníacos?

E o que dirão ainda ao lerem o seguinte tópico da Exortação Apostólica *Signum Magnum* do pontífice reinante publicada em 19 de maio de 1967 e encimado com o subtítulo: “A Mãe da Igreja, estandarte da unidade, estímulo da fraternidade entre todos os cristãos”?

“Na convicção que alimentamos, veneráveis irmãos, de que a doutrina atual da Igreja a respeito do culto a prestar à Santíssima Virgem — sinal dum espírito que sabe louvar, reconhecer e amar — esta doutrina, repetimo-lo, está plenamente de acordo com a do Evangelho que a Tradição Oriental assim como a do Ocidente interpretou e explicitou com mais precisão, ergue-nos o espírito a esperança de que esta nossa exortação pastoral a promover para com Maria uma piedade mais ardente e ativa ao máximo será recebida em generosa adesão, não só entre os cristãos confiados a vossos cuidados, mas também por aqueles que, não gozando ainda da plena comunhão com a Igreja Católica, nem por isso deixam de estar conosco na veneração à serva do Senhor, a Virgem Maria, venerando-a conosco como à Mãe do Filho de Deus” (§ 39).

E o pontífice mariólatra formula votos para que Maria “seja um sinal de unidade e um convite a reforçar entre todos os cristãos os laços fraternais na única Igreja de Jesus Cristo, que, instruída pelo Espírito Santo cerca (a Virgem Maria) com sentimentos de piedade filial como Mãe amantíssima” (Idem, § 40).

Sim, algo de novo aconteceu no Vaticano II quanto à mariolatria. Dois capítulos foram-lhe acrescentados: Maria *Mater Ecclesiae* e Maria *Mater Unitatis*.

Ambos interdependentes. Como Maria Mãe da Igreja, Maria há de ser a Mãe da Unidade.

O que terão a dizer os ecumenistas que reclamam a unidade a fim de se atender o desejo de Jesus expresso na Sua Oração (João 17:21-23)?

O que poderão dizer à vista de João 17:21-23 relativamente à afirmação do papa sobre a união com Cristo “que não podemos pensar

dissociada daquela que é a Mãe do Verbo Encarnado, e que o próprio Jesus Cristo quis tão intimamente unida a Si para a nossa salvação? (*Signum Magnum*, § 22).

.oOo.

O culto a Maria se encaixa perfeitamente nos quadros da teologia católica cujo alicerce é a tese da salvação pela fé em Cristo e mais as obras, ritos e devoções. Sem jamais pretender escapar da rota da Tradição, que interpreta o Evangelho, o Concílio Ecumênico Vaticano II afirma ser o Concílio de Éfeso celebrado em 431, o ponto de partida da jornada mariolátrica. (*Lumen Gentium*, § 66) ao aclamar Maria Mãe de Deus.

Quanto à mariologia, que se constitui num tratado à parte da dogmática romana, outrossim, ocorre o mesmo entravamento existente com referência a todos os dogmas. Ruiria a dogmática católica caso se dela fosse retirada a mariologia. Desmontar-se-ia todo o andaime mariolátrico caso se removesse dele qualquer tese.

Os ecumenistoides aguardavam — e os mais teimosos e cabeçudos ainda esperam (a esperança é a última que morre) — uma reformulação da mariologia. Vivem por isso à procura da manifestação isolada de algum teólogo discordante das doutrinas tradicionais do catolicismo. E quando surge alguma manifestação nesse sentido — aliás, raríssima — se inflam de júbilo e se alvoroçam na tola esperança de que alguma reforma surja na seita do papa.

O bom senso, todavia, manda que se busquem informações sobre quaisquer assuntos em fontes legítimas.

Seria leviandade buscar-se orientação sobre medicina nas folhas de um almanaque ou sobre engenharia com um pedreiro meia-colher.

As fontes oficiais da teologia pós-conciliar são os documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II e do papa.

São eles unânimes em proclamar a confirmação de todas as doutrinas tradicionais referentes a Maria.

Em sua alocução de 29 de maio de 1968, Paulo VI lembra que o Concílio “apresentou Maria Santíssima de tal forma e com tais títulos, que todos os fiéis perante os ensinamentos conciliares devem sentir-se não apenas confortados na expressão de sua piedade mariana, sempre mantida pela Igreja em alta estima e fervor, mas também convidados a modelarem sua devoção segundo a ampla, autêntica e densa página conciliar oferece à contemplação e devoção do cristão esclarecido”.

O dogma-fonte da mariologia, donde procedem todas as suas aberrações, é o definido no Concílio de Éfeso em 431, quanto à maternidade Divina, a cuja crença estava agarrado Lutero quando da deflagração do seu movimento.

“É certo que esta dignidade e esta glória da Mãe de Deus são sem iguais entre todas as criaturas, e que é esse o seu título supremo; porquanto à Maternidade Divina estão radicalmente ligados os outros privilégios e prerrogativas de Maria” (Paulo VI em Carta ao seu delegado para o Congresso Mariano de S. Domingos, Capital da República Dominicana, realizado de 18 a 22 de março de 1965).

Este atributo de maneira especial e abundante foi exaltado na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, “pois a Virgem Maria que, na Anunciação do Anjo, recebeu o Verbo de Deus no coração e no corpo e trouxe ao mundo a vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus e do Redentor” (§ 53). “Por graça de Deus exaltada depois do Filho acima de todos os anjos e homens, como Mãe Santíssima de Deus, Maria esteve presente aos mistérios de Cristo e é merecidamente honrada com culto especial pela Igreja” (§ 66) E por doze vezes a *Lumen Gentium* se refere à Maria como Mãe de Deus.

No seu entusiasmo mariolátrico, o Vaticano II ao expor, no Decreto sobre o Ecumenismo (!!!) as afinidades das seitas orientais com a romana, lembra a crença comum na maternidade Divina de Maria (*Unitatis Redintegratio*, § 15).

Sob a inspiração de idêntico entusiasmo a atingir o delírio, o pontífice romano, proclamador de Maria como *Mater Ecclesiae* e *Mater Unitatis*, na Exortação Apostólica *Signum Magnum*, lembra o “primeiro estrondoso triunfo da humilde serva do Senhor: o momento em que os bispos do Oriente e do Ocidente, reunidos em Concílio Ecumênico, em Éfeso, em 431, saudaram a Maria como *Theotakos*, isto é, Mãe de Deus. Já nessa ocasião, os cristãos dessa ilustre cidade se inflamaram num movimento de fé e se associaram à alegria dos padres conciliares, reconduzindo-os a seus domicílios, levando tochas acesas. Oh!, com quanta alegria para seu coração de Mãe, nessa hora brilhante da história da Igreja, não terá Maria olhado do alto do seu celeste trono para esses pastores e fiéis...” (§ 15).

.oOo.

Ao se referirem a Maria, os evangélicos costumam tratá-la de Virgem — e com razão! — porque querem enfatizar a Conceição e o nascimento

virginais de Cristo no cumprimento da profecia de Isaías (7:14) lembrada por Mateus 1:22-23 (cf. Lucas 1:35).

A teologia católica, porém, ao qualificar Maria como Virgem apregoa continuar ela sempre nessa condição por ser Jesus Cristo o seu único e exclusivo filho. Repele o fato de fácil constatação nos Evangelhos de haver ela tido outros filhos (Mateus 12:44.49; 13:55; Marcos 3:31.32; João 7:3,5; Atos 1:14).

Diante dessas passagens, os teólogos católicos fazem uma barafunda de sofismas e, em desespero de causa, esquecidos de que a língua dos originais do Novo Testamento é o grego em cujo vocabulário *adelfos* significa *irmão* e *sungeneus*, *primo* ou *parente*, apelam para o argumento de que, no aramáico, irmão é sinônimo de primo. Explodem de raiva quando se lhes mostra Lucas 1:36 que, ao se referir a Isabel, diz ser ela prima de Maria. Por que não se usou também aí a palavra *irmã*?

O mais hediondo crime que se possa praticar é o de raptar os filhos a uma mãe. Este crime cometem os padres.

Será porventura desonra para Maria ser mãe de muitos filhos? De maneira alguma!

Pois bem. A moderna e “esclarecida” teologia pós-conciliar mantém esse dogma da virgindade perpétua de Maria, ao repetir muitas vezes o adjetivo *virgem* para qualificar Maria no capítulo VIII da *Lumen Gentium* e, segundo se expressa na Exortação Apostólica *Signum Magnum* “permaneceu Virgem no parto e após o parto, como não cessou de crer e professar a Igreja Católica um só momento” (§ 26). Em abono desta assertiva, porém, não se reporta a nenhuma passagem das Escrituras. Arrola, sim, nove depoimentos da Tradição, inclusive o Concílio de Latrão, quando, em outubro de 649, sob Martinho I, foi definido como dogma de fé.

.oOo.

O dogma da imaculada concepção de Maria, definido em 8 de dezembro de 1854 pelo papa Pio IX, foi também ratificado pelo Vaticano II que invoca a autoridade dos Santos Padres que a chamam de “Mãe de Deus toda santa, imune de toda mancha de pecado” (*Lumen Gentium*, § 56). A fim de dar uma aparência bíblica à confirmação imaculatória, a *Lumen Gentium* invoca Lucas 1:28: “Dotada desde o primeiro instante de sua Concepção dos esplendores de uma santidade inteiramente singular, a

Virgem de Nazaré é por ordem de Deus saudada pelo Anjo anunciador como “cheia de graça”.

O uso do cachimbo faz a boca torta, diz o refrão popular.

A mania de distorcer o sentido das Escrituras incrustou-se na mente dos hierarcas romanos que jamais se aperceberão do ridículo em que, pelo seu mau uso, incorrem diante de quem conhece a Bíblia. A expressão grega *quecaritomen*, que o romanismo traduz por “cheia de graça” e, por isso, conclui em favor da imaculada Conceição de Maria, é encontrada em outras passagens bíblicas como em Efésios 1:6, quando, após bendizer o Pai por nos haver eleito em Cristo e nos predestinado para filhos de adoção, diz: “*para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a Si no Amado*”.

Se coerentes, os bispos da teologia pós-conciliar proclamariam o dogma da imaculada Conceição de todos os crentes. Todos os crentes teriam sido concebidos sem o pecado original. Seria uma imaculabilidade de nunca acabar! Tamanha aberração do imaculatismo de Maria nega a necessidade do Sacrifício de Jesus Cristo.

O plano mariolátrico é inclinado e escorregadio. Resvalou-se nele, caiu inexoravelmente no abismo.

Os católicos efesinos invejaram seus patrícios cultores de Diana e engendraram uma Maria, Mãe de Deus. Para configurá-la às deusas do passado, emolduraram-na posteriormente com o atributo da virgindade perpétua. Ora, sendo mãe de Deus, pelo que precisou ser sempre virgem, exigia haver sido concebida sem pecado. Sem pecado concebida, jamais poderia sofrer a corrupção do túmulo pela morte, Maria foi assunta em glória aos céus.

.oOo.

O Vaticano II endossou o dogma da assunção corpórea de Maria proclamado em 1º de novembro de 1950 pelo papa Pio XII, quando na *Lumen Gentium* relembra: “A Imaculada Virgem, preservada imune de toda mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste. E, para que mais plenamente estivesse conforme a seu Filho, Senhor dos senhores (cf. Apocalipse 19:16) e vencedor do pecado e da morte, foi exaltada pelo Senhor como Rainha do Universo” (§ 59).

No Credo do Povo de Deus, composto por Paulo VI para celebrar o ano da fé comemorativo do martírio de Pedro e Paulo, não poderia faltar oportunidade

para o romano professar a sua fé no dogma assuncionista: “Associada por um vínculo estreito e indissolúvel aos Mistérios da Encarnação e da Redenção a Santíssima Virgem Maria, a Imaculada, foi, no termo da sua vida terrestre, elevada em corpo e alma à glória celeste e configurada ao seu Filho Ressuscitado, antecipando a sorte futura de todos os justos”.

Mas, no céu, como rainha o que lhe cabe fazer? Quais serão, conforme a doutrina pós-conciliar, suas funções? Seu ministério?

Alegrem-se os ecumeníacos e os evangélicos alvoroçados. De fato, neste particular o Vaticano II inovou. Tirou conclusões consentâneas com a mariologia estabelecida até Pio XII.

O Vaticano II atribuía Maria importantíssimas funções no céu, como Mãe da Igreja.

.oOo.

Antes, no entanto, estabelece a doutrina que a vincula de maneira peculiar à obra da Redenção. Não se atreveu por tática a usar o termo corredentora, atendendo advertências cautelosas de alguns bispos conciliares durante as reuniões em que se estudou os assuntos mariológicos.

Se o nome corredentora não consta expressamente na *Lumen Gentium*, a doutrina sobre o assunto é patente. “É com razão que os santos padres julgam que Deus não se serviu de Maria como de instrumento meramente passivo, mas julgam-na cooperando para a salvação humana com livre fé e obediência. Pois ela, como diz Santo Irineu, “obedecendo, se fez causa de salvação” (§ 56). “E com ânimo materno se associou ao Seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima por ela mesma gerada” (Idem, § 58). “Ela concebeu, gerou, nutriu a Cristo, apresentou-O ao Pai no templo, compadeceu-se com seu Filho morrendo na Cruz. Assim de modo inteiramente singular, pela obediência, fé, esperança e ardente caridade, ela cooperou na obra do Salvador para restauração da vida sobrenatural das almas. Por tal motivo ela se tornou para nós mãe na ordem da graça” (Idem, § 61).

Na Exortação Apostólica *Signum Magnum*, o papa Montini contempla Maria “forte e perseverante no cumprimento da missão a ponto de se oferecer a si mesma, unida com todos os sentimentos de seu coração ao

Filho que morreu na Cruz para presentear aos homens com uma nova vida” (§ 27).

Como corredentora é que desenvolve o seu papel na ordem da salvação eterna (Idem, § 18), porque, segundo a teologia pós-conciliar, “após haver participado no sacerdócio do Filho, causa de nossa Redenção, e isto num tão íntimo modo que mereceu ser designada por Ele como mãe, não apenas do discípulo João, mas também — seja-nos lícito dizê-lo — do gênero humano, que este discípulo de alguma forma representava, continua ela agora no céu a desempenhar o papel de Mãe cooperando na geração e no crescimento da vida divina em cada uma das almas dos homens resgatados” (Idem, § 20).

No Credo do Povo de Deus, o papa põe nos lábios dos seus súditos esta profissão de fé: “Cremos que a Santíssima Mãe de Deus, Nova Eva, Mãe da Igreja, continua no céu a desempenhar o seu papel materno em relação aos membros de Cristo, cooperando para o nascimento e desenvolvimento da vida divina nas almas dos resgatados”.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, no parágrafo 62, atinge as radicais conclusões dessa tese relativa ao papel corredentor de Maria ao dogmatizar:

“Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura ininterruptamente, a partir do consentimento que ela fielmente prestou na Anunciação, que sob a cruz resolutamente sustentou, até à perpétua consumação de todos os eleitos. Assunta aos céus, não abandonou este salvífico *múnus*, mas por sua múltiplice intercessão prossegue em granjear-nos os dons da salvação eterna. Por sua maternal caridade cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam rodeados de perigos e dificuldades, até que sejam conduzidos à feliz pátria. Por isso a Bem-aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Adjutrix, Medianeira. Isto, porém, se entende de tal modo que nada derogue, nada acrescente à dignidade e eficácia de Cristo, o único Mediador”.

Senhores bispos conciliares, vocês deram uma de jesuíta. Se Cristo é o Único Mediador como admitir-se uma medianeira?

Não escarneçam tanto de Cristo! Deixem de tripudiar sobre a Bíblia!

Desculpem-me! Mas os salvos por Cristo confiam exclusivamente nEle como seu Único Mediador (1 Timóteo 2:5-6), o seu Único advogado diante do Pai (1 João 2:1-2), o seu Único Intercessor (Romanos 8:34; Hebreus 7:25).

Não venham abonar as suas heresias alegando que Maria “conseguiu por sua intercessão o início dos sinais de Jesus (*Lumen Gentium*, § 58), lá

nas núpcias em Caná da Galileia. Recordem-se, senhores hierarcas, que Jesus, em atendimento a pedidos, miraculou muita gente.

Já sei! Vocês insistirão em concluir pelo poder intercessório de Maria alegando que Jesus, apesar de não haver chegado a sua hora (João 2:4), atendeu o seu pedido. Folheiem algumas páginas adiante e no capítulo 7 do mesmo Evangelho encontrarão Jesus a fazer idêntica observação quando seus manos incrédulos, por sinal, insistiam com Ele para que subisse a Jerusalém e se manifestasse ao mundo. *“Ainda não é chegado o meu tempo... subi vós para a festa; Eu não subo ainda a esta festa, porque ainda o meu tempo não está cumprido. Mas, quando seus irmãos já tinham subido à festa, então subiu Ele também não manifestamente, mas como em oculto”* (João 7:6.10).

E quando a festa ia ao meio subiu Jesus ao templo, e ensinava, e contendia com os judeus, e curou um cego de nascença.

Porque Maria, enquanto vivia neste mundo fez um pedido a Jesus não se há de inferir em favor de seu poder intercessório pós-morte. Ela não é onisciente e nem onipotente...

Ninguém, todavia, pôs embargos aos reverendos conciliares quando estabeleceram os dogmas que aureolam Maria como Advogada, Auxiliadora, Adjutrix e Medianeira. Promulgaram-se essas doutrinas e pronto! Agora quem aparecer contestando é tido como ultrapassado porque a polêmica caiu em desuso.

No Credo do Povo de Deus, o papa põe nos lábios dos seus súditos esta profissão de fé: “Cremos que a Santíssima Mãe de Deus, Nova Eva, Mãe da Igreja, continua no céu a desempenhar o seu papel materno em relação aos membros de Cristo, cooperando para o nascimento e desenvolvimento da vida divina nas almas dos resgatados”.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, no parágrafo 62, atinge as radicais conclusões dessa tese relativa ao papel corredentor de Maria ao dogmatizar:

“Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura ininterruptamente, a partir do consentimento que ela fielmente prestou na Anunciação, que sob a cruz resolutamente sustentou, até à perpétua consumação de todos os eleitos. Assunta aos céus, não abandonou este salvífico múnus, mas por sua múltiplice intercessão prossegue em granjear-nos os dons da salvação eterna. Por sua maternal caridade cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam rodeados de perigos e dificuldades, até que sejam conduzidos à feliz pátria. Por isso a Bem-aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Adjutrix, M e d i a i i e i r a. Isto, porém, se entende de tal

modo que nada derogue, nada acrescente à dignidade e eficácia de Cristo, o único Mediador”.

Senhores bispos conciliares, vocês deram uma de jesuíta. Se Cristo é o Único Mediador como admitir-se uma medianeira?

Não escarneçam tanto de Cristo! Deixem de tripudiar sobre a Bíblia!

Desculpem-me! Mas os salvos por Cristo confiam exclusivamente n'Ele como seu Único Mediador (1 Tm. 2:5-6), o seu Único advogado diante do Pai (1 Jo. 2:1-2), o seu Único Intercessor (Rm. 8:34; Hb. 7:25).

Não venham abonar as suas heresias alegando que Maria “conseguiu por sua intercessão o início dos sinais de Jesus (*Lumen Gentium*, § 58), lá nas núpcias em Caná da Galileia. Recordem-se, senhores hierarcas, que Jesus, em atendimento a pedidos, miraculou muita gente.

Já sei! Vocês insistirão em concluir pelo poder intercessário de Maria alegando que Jesus, apesar de não haver chegado a sua hora (Jo. 2:4), atendeu o seu pedido. Folheiem algumas páginas adiante e no capítulo 7 do mesmo Evangelho encontrarão Jesus a fazer idêntica observação quando seus manos incrédulos, por sinal, insistiam com ele para que subisse a Jerusalém e se manifestasse ao mundo. “Ainda não é chegado o meu tempo... subi vós para a festa; Eu não subo ainda a esta festa, porque ainda o meu tempo não está cumprido. - . Mas, quando seus irmãos já tinham subido à festa, então subiu ele também não manifestamente, mas como em oculto” (Jo. 7:6.10).

E quando a festa ia a meio subiu Jesus ao templo, e ensinava, e contendia com os judeus, e curou um cego de nascença.

Porque Maria, enquanto vivia neste mundo fez um pedido a Jesus não se há de inferir em favor de seu poder intercessório post-mortem. Ela não é onisciente e nem onipotente,...

Ninguém, todavia, pôs embargos aos reverendos conciliares quando estabeleceram os dogmas que aureolam Maria como Advogada, Auxiliadora, Adjutrix e Medianeira. Promulgaram-se essas doutrinas e pronto! Agora quem aparecer contestando é tido como ultrapassado porque a polêmica caiu em desuso.

E vá o povo submissamente ruminar toda essa congérie de pieguices.

A tecla mais repisada pelos infalíveis desde Bento XV nas suas exortações é em prol da paz. Suplicam-na tanto pela mediação de Maria — a “onipotência suplicante” — e não há paz. Paulo VI no já surrado diapasão, clama: “E como nos momentos de dúvida e ansiedade a Igreja recorre à poderosíssima intercessão daquela que é sua Mãe, volvemos a Maria o pensamento nosso e vosso, veneráveis irmãos, e de todos os

cristãos. Ela de fato, como diz Santo Irineu, “tornou-se causa de salvação para todo o gênero humano” (Encíclica *Christi Matri Rosarii*, § 6).

São sobremodo abundantes as referências da teologia pós-conciliar ao dogma da mediação de Maria. Cada uma mais absurda do que a outra.

Escusem-se os leitores o enfileirar das citações. Fazemo-lo no anelo de demonstrar à saciedade quão distante se encontra o catolicismo da Palavra de Deus e como ele aberra do Evangelho.

O papa Paulo VI timbra em ressaltar o suposto poder intercessório de Maria e na sua Exortação Apostólica *Signum Magnum*, doutrina: “Normal é que os filhos tenham os mesmos sentimentos que suas mães e lhes reproduzam as qualidades e as virtudes no próprio comportamento. Desde então, se é verdadeiro que todo homem pode fazer sua a frase de S. Paulo: “O Filho de Deus me amou e se entregou por mim” (Gálatas 2:20; cf. Efésios 5:2), assim pode nutrir a inabalável fé em que o divino Salvador lhe deixou a Mãe como herança espiritual e, com ela, todos os tesouros de graças e virtudes de que a cumulou, para que, pela poderosa intercessão de Maria e por nossos esforços por imitá-la, cheguem até nós esses tesouros. Por conseguinte, escreveu S. Bernardo com plena razão: Pela vinda a ela do Espírito Santo, ela ficou repleta; e vindo outra vez esse mesmo Espírito, ela ficou mais do que repleta e sobre nós derrama a sua graça (*Homil. 2 super Missus est*, n.º 2, PL. 183, 64)” (37).

.oOo.

O papa caracteriza a era pós-conciliar de “época marial”. E elucida: “Com efeito, importa reconhecer que o povo cristão, por graça particular de Deus, compreendeu agora de modo mais claro que outrora o papel providencial confiado a Maria na história da salvação” (Idem, § 38).

Nesta sua exortação Apostólica, o pontífice atinge as raias da mariolatria quando enfatiza o seu dogma atinente à mediação consubstanciado no lema: “*ad Jesum per Mariam*”. A Jesus por Maria, afirma que ela “nos é semelhante em tudo, exceto o pecado” (Idem, § 32).

O que têm a dizer os entusiastas da teologia pós-conciliar?

O que nos têm eles a dizer diante da proclamação paulossetiana: “Se queremos ser cristãos, devemos ser também marianos”? (Discurso pronunciado na Sardenha em 24 de abril de 1970).

É no contexto dessa teologia mariólatra pós-conciliar que o pontífice romano instantaneamente recomenda as velhas práticas devocionais a Maria como o escapulário do Carmo (Carta ao seu legado para o Congresso

Mariano de S. Domingos, § 56) e sobretudo o Rosário afirmando que “esta forma de oração é de fato muito acomodada à mentalidade do povo de Deus, muito agradável à Mãe de Deus e muito eficaz para impetrar os dons celestes” (Encíclica *Christi Matri Rosarii*, § 8),

De priscas eras o mês de outubro é dedicado ao Rosário e o papa publicou a Encíclica acima referida exatamente para estimular os seus fiéis à sua continuidade.

Se todo o mês de outubro é consagrado ao Rosário, o seu dia 7 o é de maneira especialíssima. Nessa data do ano de 1969, durante a audiência pública, sobre o assunto assim se expressou o pontífice: Que o Rosário em sua forma estabelecida por S. Pio V — como nas mais recentes que, com o consentimento da legítima autoridade, o adaptam às necessidades atuais — sejam verdadeiramente, segundo o desejo do nosso amado predecessor João XXIII “uma grande oração pública e universal, diante das necessidades ordinárias e extraordinárias da Igreja Santa, das nações e do mundo inteiro”, este Rosário que é “como uma síntese do Evangelho”, é “já uma devoção da Igreja”.

Nem venham os ecumenistoides alegar a falta de conformidade com essas declarações pontifícias e conciliares por parte dos bispos renovacionistas e engajados na arrancada reformista do catolicismo romano.

De fato, sob o aspecto político os bispos se dividem para melhor produzir em prol do Vaticano. Uns se mantêm na estacada do capitalismo liberal. Outros, na do neocapitalismo. Outros, na do socialismo radical. E outros, na do socialismo moderado. Comparam-se a um time de futebol. Cada jogador: na extrema direita, ou na extrema esquerda, na meia direita, ou na meia esquerda, no centro, na defesa, cada um faz a sua tarefa visando formar o conjunto em busca da vitória de suas cores. Assim age sob o aspecto político a hierarquia clerical.

Em matéria doutrinária, entanto, todos são unânimes na sustentação da mesma dogmática.

O incendiário Helder Câmara não deixa a sua missa e nem a reza do rosário.

O avançado arcebispo de Fortaleza, que chegou a ecumenisticamente, ocupar o púlpito da Igreja Batista do Castelo, cedido pelo seu simplório pastor, não deixa a sua idolátrica veneração pelo padim Ciço. O espertalhão e arruaceiro Valdir Calheiros não deixa de mastigar as suas rezas devocionais.

Com que cara devem ter ficado os ecumeníacos que supunham ares renovados pelo menos em uma área do romanismo ao serem informados

da reza antievangélica escrita pelo avançadíssimo arcebispo belorizontino João Resende da Costa.

Vale a pena transcrever-se a reza por demonstrar a pertinácia dos ordinários prafrentistas quanto aos dogmas de sua seita.

“Oremos, irmãos caríssimos” — foi a prece babujada pelo clero mineiro no dia 8 de dezembro de 1968, motivada pela prisão dos três sacerdotes estrangeiros a serviço da comunização do Brasil — “invocando a intercessão da Imaculada Virgem Maria para que Deus, nosso Pai, atenda às nossas preces e nos conceda o que pedimos com coração puro.

“Para que, por intercessão de Maria, puríssima mãe de Deus, libertada de todo o pecado, a santidade e a graça do Evangelho se difundam no mundo inteiro, rezemos ao Senhor: escutai a nossa prece!

“Para que, por intercessão de Maria, mãe da Igreja, Deus conceda a luz e a força a todos os nossos pastores para que defendam o rebanho de todos os perigos.

“Para que, por intercessão de Maria, mãe dos pobres, encontrem pão os que têm fome, abrigo os que não têm casa, emprego os que não têm trabalho, rezemos ao Senhor, escutai a nossa prece!

“Para que, por intercessão de Maria, consoladora dos aflitos, Deus proteja todos os que sofrem e são perseguidos, os doentes, os presos, os órfãos, os abandonados, rezemos ao Senhor: Senhor, escutai a nossa prece!

“Para que, por intercessão de Maria, rainha do céu, todos os que deixaram esta terra encontrem a ressurreição e a vida na casa do Pai, rezemos ao Senhor.

“Senhor, escutai a nossa prece!

“Oremos! Imaculada Virgem Maria, Senhora nossa, preservada de todo o pecado e enriquecida de todas as graças, dai-nos um sinal de alegria e de esperança: ajudai-nos a superar as tribulações da hora presente e dai à Vossa Igreja a plenitude da paz e da alegria, por Cristo, Nosso Senhor! Amém!”

Imagem! Cristo se transforma em mediador diante de Maria. Os bispos da esquerda festiva, os superavançados, se submetem às orientações pós-conciliares da teologia mariana expressas na exortação de Paulo VI: “Cada um de vós, veneráveis irmãos, empenhe-se em manter alto entre o povo cristão o nome e a honra de Maria” (*Signum Magnum*, § 31).

Tão alto mantém ese nome e essa honra que põem Jesus Cristo a seu serviço porque O transformam em mediador entre os homens e Maria!!!

.oOo.

CAPÍTULO XIII

O SUPREMO CULTO IDOLÁTRICO

O culto às imagens, se bem que importante no conjunto do ritual católico, é acessório.

Toda a sua liturgia funciona na engrenagem dos sacramentos.

Na conceituação católica, sacramento é um sinal sensível instituído por Jesus Cristo para comunicar a graça divina ao pecador.

Assim no batismo o sinal sensível, material, é a água, que, aplicada sob a forma constituída das palavras: “Eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”, produz no batizando a graça divina da regeneração.

No caso do batismo infantil, a água dispensa plenamente a fé porquanto o recém-nascido não pode crer.

Na confissão o sinal sensível, material, está nos próprios pecados revelados pelo penitente. Neste caso, então, a graça é comunicada ao pecador utilizando-se como meio os seus próprios pecados.

Semelhante doutrina aberrava dos ensinamentos bíblicos que exigem exclusivamente a instrumentalidade da fé para que Deus conceda a graça da regeneração e do perdão ao pecador arrependido.

Na rota das doutrinas sacramentárias do Concílio de Trento é que o Vaticano II reafirma os velhos absurdos sobre o batismo.

“Pelo batismo configuramo-nos com Cristo” (*Lumen Gentium*, § 7) e os fiéis “são regenerados para serem filhos de Deus... se tornam filhos de Deus no batismo” (Idem, § 11; “Os fiéis pelo batismo foram incorporados a Cristo” (Idem, § 31).

No Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o ecumenismo — anotem isso, senhores ecumeníacos! — sem ambages, o Vaticano II insiste: “justificados pela fé no batismo” (§ 3). Ora, não é pela fé?

E para dar uns ares bíblicos o decreto ecumenista arrola Colossenses 2:12 e manda conferir Romanos 6:4, e informa: “Pelo sacramento do batismo, sempre que fôr retamente conferido segundo a instituição do Senhor e recebido com a devida disposição de alma, o homem é verdadeiramente incorporado a Cristo crucificado e glorificado, e regenerado para o consórcio da vida divina, segundo do Apóstolo: “Com Ele

fostes sepultados no batismo e nEle fostes co-ressuscitados pela fé no poder de Deus, que O ressuscitou dos mortos” (Colossenses 2:12; cf. Romanos 6:4)” (§ 22).

Duas perguntas.

Qual devida disposição de alma, requerida para o infante?

Conforme o texto sacro citado, é pelo sacramento do batismo ou “pela fé no poder de Deus” que os crentes nEle são co-ressuscitados?

Na Constituição *Sacrossantum Concilium*, a teologia do Vaticano II, numa abundância impressionante de referências bíblicas, porém, mal aplicadas e com o sentido deturpado, como sempre, salienta: “Assim, pelo batismo os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo: com Ele mortos, com Ele sepultados, com Ele ressuscitados (Romanos 6:4; Efésios 2:6; Colossenses 3:1; II Timóteo 2:11) recebem o espírito de adoção de filhos “pelo qual clamamos: “abba, Pai” (Romanos 8:15), e assim se tornam os verdadeiros adoradores procurados pelo Pai (João 4:23)” (§ 6).

Noutro dia um teólogo jesuíta, o clérigo Galot, escreveu um artigo na revista *Civiltà Cattolica* em que menoscabou o limbo. Foi um alvoroço nos arraiais ecumeníacos por se vislumbrar o fim da doutrina limbória.

Fátuo esse entusiasmo!

A teologia pós-conciliar expressa no Credo do Povo de Deus a necessidade do batismo infantil precisamente para, outorgando a vida divina, livrar do limbo os recém-nascidos caso venham a falecer. “O batismo deve ser administrado mesmo às criancinhas que não foram ainda capazes de cometer algum pecado pessoal, a fim de que, tendo nascido privadas da graça sobrenatural, renasçam “da água e do Espírito Santo” para a vida divina em Jesus Cristo (cf. *Dz. — Sch.* 1514)”.

Na Constituição *Sacrossantum Concilium*, o Vaticano II reconhece a legitimidade do batismo infantil, que não tinha razão de ser caso não fosse o risco do limbo, ao propor no item 67 que se revejam as suas cerimônias. No mesmo passo recomenda que o novo ritual permita que “o papel dos pais e padrinhos bem como as suas obrigações sejam expressas com mais clareza dentro do próprio rito”.

E para que se facilite uma maior quantidade de batismos — ah! é preciso batizar aos magotes porque do contrário os países de grande índice de mortalidade infantil promoveriam uma verdadeira explosão demográfica no limbo! — e para que se facilite uma maior quantidade de batismos nas chamadas missões, sobretudo, recomenda um rito bem simples e rápido, que, outrossim, deve ser de uso fácil a fim de facilitar a qualquer pessoa administrá-lo no caso de perigo de morte da criança (§ 68).

O ímpeto de novidade que sacode as regiões romanistas não conseguiu sequer dispensar a presença dos padrinhos.

.oOo.

Se o batismo — “a porta dos sacramentos” — mereceu da teologia revolucionária (???) do Vaticano II toda essa reformulação — desculpem-me o sarcasmo! — contemplou-se o sacramento da eucaristia com os maiores encômios. Na eucaristia centraliza-se todo o culto católico!

É “o coração e o centro da sagrada liturgia”, lembra Paulo VI (Encíclica *Myteriun Fidei*). “O mistério eucarístico é verdadeiramente o centro da sagrada liturgia e mesmo de toda a vida cristã” (Instrução *Eucharisticum Mysterium*, Sagrada Congregação dos Ritos, § 1). E na sua *Mysterium Fidei*, insiste o papa: que a eucaristia é o “centro da Igreja Universal” (§ 68).

Se os outros sacramentos são apenas sinais materiais, sensíveis, da comunicação da graça, a eucaristia é o próprio Jesus Cristo, o próprio Deus, autor da graça.

Nela os fiéis encontram a graça em plenitude porque nela recebem o próprio Deus e nela O adoram.

A eucaristia, portanto, é a máxima idolatria.

Se, porventura, o Vaticano II cancelasse o culto das imagens, ainda assim o romanismo continuaria idólatra.

Qualquer católico reconhece numa imagem um símbolo, uma representação, através da qual cultua o santo da sua devoção. Mas na hóstia ele adora o próprio Deus. O católico é idólatra sobretudo porque é eucaristiólatra!

Desesperançadas devem estar as pessoas sinceras que aguardavam verdadeiras reformas na teologia romana. Com efeito, surgiram teólogos expondo suas opiniões reveladoras de sua descrença no dogma eucarístico. Mas, o papa a talho de foice, com a sua Encíclica *Mysterium Fidei*, coibiu essas opiniões, exigindo inclusive que os teólogos incrédulos mantenham o vocabulário em torno desse sacramento.

Procrastinam na ilusão, todavia, os evangélicos ecumenistas entusiastas pela teologia pós-conciliar. Neste particular, a neoteologia também se mantém vétero-teologia, pois o pontífice romano na *Mysterium Fidei*, explicitamente lembra que o Vaticano II confirma “a doutrina sempre defendida e ensinada pela Igreja e definida solenemente pelo Concílio de Trento” (§ 4). E inculca aos teólogos que “se deve observar religiosamente a

regra de falar, que a Igreja, durante longos séculos de trabalho, assistida pelo Espírito Santo, estabeleceu e foi confirmando com a autoridade dos concílios, regra que muitas vezes se veio a tornar sinal e bandeira da ortodoxia da fé. Ninguém presuma mudá-la, a seu arbítrio ou a pretexto de nova ciência... não se pode tolerar quem pretenda expungir, a seu talante, as fórmulas usadas pelo Concílio Tridentino ao propor a fé no mistério eucarístico” (§ 24).

Nada menos de onze vezes, na sua encíclica *Mysterium Fidei*, o papa Montini expressamente cita o Concílio de Trento.

A mudança do ritual, isto é, da celebração da missa promovida pelo Vaticano II não significa mudança doutrinária. A doutrina tradicional sobre a eucaristia permanece intata!

Em 19 de novembro de 1969, ao se referir às modificações rituais da celebração da missa, o baluarte inexpugnável da idolatria católica, Paulo VI adverte: “Mas fique bem claro este ponto: nada foi mudado na substância de nossa missa tradicional... O rito e a respectiva rubrica por si não são uma definição dogmática... A missa é e continua a ser a recordação da última ceia de Cristo, na qual o Senhor, mudando o pão e o vinho em Seu Corpo e em Seu sangue, instituiu o Sacrifício do Novo Testamento e quis que, por meio da virtude do seu sacerdócio, conferida aos Apóstolos, esse Sacrifício fosse renovado em sua identidade e apenas oferecido de modo diverso, isto é, de modo incruento e sacramental, para recordação perene dele até ao dia de sua volta”.

.oOo.

E, com efeito, os dois aspectos da eucaristia: transubstanciação e sacrifício permanecem sustentados pela teologia pós-conciliar.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o documento mais importante do Vaticano II, por tratar da Igreja, o assunto central dos seus estudos, não descuidou de dar a sua palavra a respeito do cerne do culto católico ao lembrar: “Na fração do pão eucarístico participamos realmente da Corpo do Senhor” (§ 7). Por ocasião da última sessão do Vaticano II, ao transcorrer, em 3 de setembro de 1965, o dia litúrgico de S. Pio X, o papa que se distinguiu pela sua devoção à eucaristia, o pontífice reinante, dentro do espírito do Sínodo *aggiornamentista*, com os três seguintes objetivos: ressaltar a convicção da teologia conciliar nesta doutrina, rememorar a “papa da eucaristia” e coibir o avanço de alguns teólogos

contestadores, divulgou a Carta Encíclica *Mysterium Fidei* sobre o culto da sagrada eucaristia.

Por contestarmos à luz da Bíblia e do bom senso as teses eucarísticas, mesmo em se tratando de citações romanas, escusamo-nos de empregar letras maiúsculas nos vocábulos a elas ligados.

Naquele documento, o papa, depois de transcrever longo trecho de João Crisóstomo, exalta “a presença de Cristo na Sua igreja pelo sacramento da eucaristia” como “verdadeiramente sublime” (§ 38). E elucida: “Esta presença chama-se real... porque é substancial, quer dizer, por ela está presente, de fato, Cristo completo, Deus e Homem” (§ 39).

No parágrafo 44, no anseio de explicar, invoca o depoimento de Teodoro de Mopsuéstia: “O Senhor não disse — Isto é o símbolo do Meu Corpo e isto é o símbolo do Meu Sangue — mas — Isto é o Meu Corpo e o Meu Sangue — ensinando-nos a considerar a natureza, visível que os sentidos atingem, mas a crer que ela (a natureza visível) pela ação da graça se mudou em carne e sangue”.

Para serem coerentes, Paulo VI e o seu citado Teodoro deveriam, aplicando idêntica interpretação, discordar com os símbolos da luz, da porta, da videira, da água que a Si Jesus aplica.

Desadvertido, porém, e na sua contumácia, o romano pontífice arrola o depoimento do Tridentino que, “baseando-se nesta fé da igreja”, afirma clara e simplesmente que, no augusto sacramento da santa eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, está presente verdadeira, real e substancialmente, sob a aparência destas realidades sensíveis... Todavia, para que ninguém entenda mal este modo de presença que supera as leis da natureza e constitui no seu gênero o maior dos milagres, é necessário escutar com docilidade a voz da Igreja docente e orante. Esta voz, que repete continuamente a voz de Cristo, ensina-nos que neste sacramento Cristo se torna presente pela conversão de toda substância do pão no Seu Corpo e toda a substância de vinho no Seu Sangue; conversão admirável e sem paralelo, que a Igreja Católica chama, com razão e propriedade, transubstanciação.

“Com efeito, sob as ditas espécies (pão e vinho) já não há o que havia anteriormente, mas outra coisa completamente diversa: isto não só porque assim julga a fé da igreja, mas porque é uma realidade objetiva, pois — convertida a substância ou natureza do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo — nada fica do pão e do vinho, além das espécies; debaixo destas, está Cristo completo, presente na realidade física, mesmo

corporalmente, se bem que não do mesmo modo como os corpos se encontram presentes localmente” (Idem, § 45 e 46).

Demonstra-nos esse depoimento pontifício a necessidade por parte do catolicismo de outras fontes de Revelação, além da Bíblia. É imprescindível também à teologia pós-conciliar “escutar com docilidade a voz da igreja docente e orante”. Do contrário, onde buscar tanta fantasmagoria?

Da fato, pelas Sagradas Escrituras torna-se inexequível a eucaristologia. Reconhece-o Paulo VI que afirma: “Ao magistério da igreja confiou o Redentor divino a Palavra de Deus tanto escrita como transmitida oralmente, para que a guardasse e interpretasse. É esse magistério que devemos seguir, como estrela orientadora, na investigação desse mistério” (Idem, § 22).

Quanto ao primeiro enunciado desta declaração propomos formal negativa. O enunciado gratuito. E *“quod gratis affirmatur gratis negatur”*.

Reportamos os leitores ao nosso livro: “O Vaticano e a Bíblia”, onde encontrarão copiosa contestação ao suposto magistério eclesiástico pretensamente encarregado de guardar e interpretar as Escrituras.

Pelo segundo enunciado de sua declaração, o sumo pontífice porém demonstra reconhecer a improcedência do dogma transsubstancionista à luz das Escrituras. Só um magistério idólatra pode atingir as profundezas horripilantes dessa doutrina.

O papa da teologia do Vaticano II recorre na sua encíclica aos depoimentos de vários “pais da igreja”, culminando-os com a transcrição do juramento que Gregório VII obrigou — crê ou morre — Berengário a prestar porque se recusara a aderir ao dogma transsubstancionista: “Creio de coração e confesso de palavra que o pão e o vinho, colocados sobre o altar, se convertem substancialmente, pelo mistério da oração sagrada e das palavras do nosso Redentor, na verdadeira, própria e vivificante Carne e no Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e que, depois de consagrados, são o verdadeiro Corpo de Cristo, que, nascido da Virgem e oferecido pela salvação do mundo, esteve suspenso na Cruz e agora está assentado à direita do Pai; como também o verdadeiro Sangue de Cristo, que saiu do Seu peito. Não está Cristo somente em figura e em virtude do sacramento, mas na sua natureza própria e na sua verdadeira substância” (Idem, § 52).

Pelo exposto, verifica-se como os teólogos pós-conciliares mantêm a crença na presença real de Cristo na eucaristia com Sua Alma, Divindade, Sangue, Corpo, nervos, cabelos, unhas... E os fiéis quando comungam a hóstia comem o próprio Deus. São teófagos...

Essa presença de Cristo, outrossim, se prolonga nas hóstias conservadas depois da missa, conforme lembra o papa: “Cristo é verdadeiramente “Emanuel”, isto é, “Deus conosco” não só durante a oferta do sacrifício e realização do sacramento, mas também depois, enquanto a eucaristia se conserva em igrejas e oratórios” (Idem, § 67).

.oOo.

Em consequência, exorta o papa eucaristiólatra a que, como no passado, se adore “sempre tão grande sacramento com o culto latrêutico, que só a Deus compete” (Idem, § 55).

Recorde-se que a dogmática católica distingue o culto em três formas: o latrêutico que só a Deus se deve tributar; o de *dulia* que se presta aos santos; e de *hiperdulia*, à Virgem Maria.

Pois bem o culto à eucaristia é o de *latria*, aquele que só a Deus se deve prestar, exatamente porque, na conformidade com a doutrina do Concílio Ecumênico Vaticano II, os fiéis católicos adoram na hóstia o próprio Deus.

A hóstia, segundo aquela doutrina, não é um mero símbolo de Cristo, como os ícones o são. Mas é o próprio Cristo e, por isso, mister se faz tributar-lhe adoração. Repisa o pontífice a exigência desse culto supremamente idólatra no item 56 da Carta Encíclica citada: “Este culto latrêutico ao sacramento eucarístico, professou-o e professa-o a igreja católica, não só durante a missa, mas também fora dela, conservando com o maior cuidado as hóstias consagradas, expondo-as à solene veneração dos fiéis, e levando-as em procissões vitoriadas por grandes multidões”. (Relevem o delírio triunfalista do papa a sonhar com as “procissões vitoriadas por grandes multidões”).

Nos arroubos eucaristiólatras, contudo, o soberano hierarca nos oferece uma palavra definitiva dentro mesmo da teologia pós-conciliar que muito nos ajuda a esclarecer os cegos católicos teimosos em distinguir adoração de veneração quando se lhes fala sobre o pecado de idolatria praticado com o culto das imagens.

Na sua *Mysterium Fidei* o próprio infalível retruca os seus súditos e lhes informa que adorar e venerar significam a mesma coisa.

Senão vejamos! No parágrafo 55, afirma que “a igreja não só ensinou, mas viveu a fé na presença do Corpo e do Sangue de Cristo na eucaristia, adorando sempre tão grande sacramento com o culto latrêutico, que só a Deus compete”. No item 56, afirma que “este culto latrêutico ao

sacramento eucarístico, professou-o e professa-o a igreja católica, não só durante a missa, mas também fora dela, conservando com o maior cuidado as hóstias consagradas, expondo-as à solene veneração dos fiéis, e lavando-as em procissões vitoriadas por grandes multidões”. E na alínea 57 relembra que “temos muitos testemunhos desta veneração”.

E então? Venerar não é o mesmo que adorar?

A Sagrada Congregação dos Ritos, em 25 de maio de 1967, por sua Instrução *Eucharisticum Mystarium*, estabeleceu as normas para as modificações rituais na celebração da missa. No item 3, letra F, porém, a fim de que ninguém se confunda ao supor erroneamente modificações doutrinárias sobre o assunto, salienta: “Ninguém deve duvidar de “que todos os fiéis cristãos, segundo o costume sempre recebido na igreja católica, prestam a esse santíssimo sacramento a veneração e o culto de adoração que só se deve a Deus... Com efeito, também no sacramento que se conserva deve ele ser adorado, pois que ali está substancialmente presente por aquela conversão do pão e do vinho pelo Concílio Tridentino apropriadamente chamada transubstanciação”.

Note-se que também a Sagrada Congregação dos Ritos, responsável pelas normas do culto católico romano, não faz distinção entre venerar e adorar.

A missa é um completo culto idolátrico porque, além da eucaristiolatria e da santolatria, na conformidade com o ensino da *Lumen Gentium*: “Celebrando, portanto, o sacrifício eucarístico, unimo-nos estreitamente ao culto da igreja celeste em santa comunhão e venerando [que é idêntico a: adorando; o entreparêntesis é observação nossa] primeiramente a memória da gloriosa sempre Virgem Maria, assim como a do bem-aventurado José e dos bem-aventurados Apóstolos e Mártires e todos os santos” (§ 50).

Prossigamos, contudo, na análise da eucaristiológia pós-Vaticano II, examinando o seu segundo aspecto que envolve a missa como sacrifício.

.oOo.

Se o aspecto anterior é uma aberração diante da Bíblia e do bom senso, este, além disso, é um horripilante ultraje ao Todo-Suficiente e Único Sacrifício Vicário de Jesus Cristo por ser de valor infinito.

Se na personalidade ímpar de Jesus Cristo não se consubstanciasse à natureza humana a Natureza Divina, o Seu Sacrifício teria sido inútil quanto ao merecer a salvação em favor dos pecadores. Limitar-se-ia a ser

um exemplo de resignação nos sofrimentos ou um modelo de estoicismo diante dos embates da vida como quer a cristandade.

Constitui-se a missa, por sua doutrina, em uma frontal negação à Todo-Suficiência do Sacrifício do Salvador. Aliás, é da índole das próprias pregações do clérigos romanos apresentar Jesus Cristo, apenas como exemplo de virtudes e de paciência nas tribulações: Nos próprios documentos do Vaticano II, de João XXIII e Paulo VI jamais se menciona a gloriosa Verdade do Evangelho. Nem poderia ser diferente porque eles se encaixam nos moldes da tese basilar do catolicismo, que, por reconhecer a insuficiência do Sacrifício de Cristo, segue o antievangelho da salvação pela fé e mais as obras, ritos, devoções, igreja, sacramentos. .

Em decorrência natural do antievangelho é que, segundo a eucaristologia, a missa aspira ser a repetição ou renovação do Sacrifício de Cristo. Pretende prolongá-lo através dos séculos em todos os altares clericais.

Esta doutrina tridentina é confirmada pelo Concílio Vaticano II, o qual, pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, declara explicitamente: “Exerce-se a obra da nossa Redenção sempre que o Sacrifício da Cruz, pelo qual Cristo, nossa Páscoa foi imolado (1 Coríntios 5:7), se celebra sobre o altar” (§ 3). E na alínea 28, no cúmulo da heresia, declara: o sacrifício da missa o único sacrifício do Nôvo Testamento”.

Na Instrução *Eucharisticum Mystrium*, a Sagrada Congregação dos Ritos, antes de propor as modificações do ritual de sua celebração, afirma que a missa é o “sacrifício pelo qual se perpetua o Sacrifício da Cruz” (§ 3). “O Senhor no mesmo sacrifício da missa é imolado quando começa a estar sacramentalmente presente, como alimento espiritual dos fiéis, sob as espécies de pão e de vinho” (§ 3).

No Decreto *Presbyterorum Ordinis*, o Vaticano II, na esteira da *Lumen Gentium* declara: “Os padres pela celebração sobretudo da missa oferecem sacramentalmente o sacrifício de Cristo” (§ 5). “No mistério do sacrifício eucarístico em que os sacerdotes cumprem sua função principal, realiza-se de modo continuo a obra de nossa redenção” (§ 13). E na sua Constituição *Sacrossantum Concilium*, invocando o Tridentino (Sess. XIII, e. 5), recalitra na mesma blasfêmia: “A eucaristia, na qual “se torna novamente presente a vitória e o triunfo de Sua Morte” (§ 6). “Na última ceia, na noite em que foi entregue, Nosso Salvador instituiu o sacrifício eucarístico de Seu Corpo e Sangue. Por ele perpetua pelos séculos, até que volte, o Sacrifício da Cruz” (§ 47).

A Encíclica *Mysterium Fidei* que se propôs apresentar à era pós-conciliar a doutrina sobre a eucaristia não poderia prescindir de exaltar o aspecto de sacrifício, “que pertence à essência da missa” (§ 5).

“Na realidade, anota a encíclica eucaristiólatra, qualquer missa celebrada oferece-se não apenas pela salvação de alguns, mas pela salvação do mundo inteiro” (§ 32). No parágrafo 27, o papa menciona a perícope sacra de Lucas 22:19-20 e sobre o mandato de Cristo: “Fazei isto em memória de Mim”, afirma, no hábito criminoso de deturpar o verdadeiro significado das palavras. “E mandando os Apóstolos que fizessem isto em Sua memória, mostrou a vontade de que este mistério se renovasse.”

Hebreus 10:10 diz: “Na qual vontade, temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez.” E, em 10:14: “Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados”.

Quanto à missa, a *Mysterium Fidei*, renitente em contrariar a Palavra de Deus sobre a Todo-Suficiência e, por isso, a Unicidade do Sacrifício de Cristo, declara: “Esta nova oblação do Novo Testamento, que Malaquias profetizara, sempre a ofereceu a igreja, ensinada pelo Senhor e pelos Apóstolos, “não só pelos pecados, penas, expiações e outras necessidades dos fiéis vivos, mas também em sufrágio dos defuntos em Cristo, ainda não de todo purificados” (§ 29).

É o que já temos repetido e agora ainda uma vez constatado nas próprias expressões papais. As heresias católicas se interdependem na satânica estrutura dessa congêrie de blasfêmias. À missa também se correlaciona o purgatório.

É a novissa (???) teologia pós-conciliar a confirmar o velho adágio clerical: o purgatório é a cozinha dos padres e o altar da missa o balcão do seu comércio.

A *Mysterium Fidei*, que, com acerto, chamaríamos de *Mysterium Iniquitatis* (mistério de iniquidade) reafirma a única e tridentina diferença entre a Cruz e a Missa. Naquela se deu o Sacrifício cruento e no altar desta acontece o mesmo sacrifício, todavia, de maneira incruenta, isto é, sem derramamento de sangue. “O Senhor imola-se de modo incruento no sacrifício da missa” (§ 34). E sob a batuta do pontífice reinante, a encíclica ao se referir à missa bastas vezes a denomina de santo sacrifício.

Impossível omitir-se a Sagrada Congregação dos Ritos de fazer também o seu pronunciamento. E, de fato, na sua Instrução *Eucharisticum Mysterium*, item 3, letra e, secunda aquela assertiva pontifícia: “Nela (na missa) Cristo, perpetuando de modo incruento pelos séculos o sacrifício

consumado na Cruz, a Si mesmo se oferece ao Pai, através do ministério dos sacerdotes, para a salvação do mundo”.

Para sintonizar-se, outrossim, com o Concílio de Trento, ainda no item 3, letra e, lembra os quatro fins do sacrifício da missa: ação de graças, propiciatório, impetração e adoração.

No Credo do Povo de Deus, o roteiro estabelecido para os fiéis desta fase pós-Vaticano II, Paulo VI resume toda a eucaristioiologia na seguinte profissão de fé: “Cremos que a missa celebrada pelo sacerdote que representa a pessoa de Cristo, em virtude do poder recebido pelo sacramento da ordem é oferecida por ele em nome de Cristo e dos membros do Seu Corpo Místico, é o Sacrifício do Calvário, tornado sacramentalmente presente sobre os nossos altares. Cremos que, como o pão e o vinho consagrados pelo Senhor na última ceia, foram mudados no Seu Corpo e no Seu Sangue, que iam ser oferecidos por nós na Cruz, assim também o pão e o vinho consagrados pelo sacerdote se mudam no Corpo e no Sangue de Cristo glorioso que está no céu; e cremos que a misteriosa presença do Senhor naquilo que continua a aparecer aos nossos sentidos do mesmo modo que antes é uma presença verdadeira, real e substancial.

“Cristo não pode estar assim presente neste sacramento, senão pela mudança no Seu Corpo da realidade mesma de pão e pela mudança no Seu Sangue da realidade mesma do vinho, permanecendo apenas inalteradas as propriedades do pão e do vinho, que os nossos sentidos percebem. Esta mudança misteriosa é determinada pela igreja, de modo muito apropriado, transubstanciação. Toda a explicitação teológica que procura alguma compreensão deste mistério deve, para estar de acordo com a fé católica, admitir que na própria realidade, independentemente de nosso espírito, o pão e o vinho cessaram de existir, depois da consagração, de tal modo que estão realmente diante de nós o Corpo e o Sangue adoráveis do Senhor Jesus, sob as espécies sacramentais do pão e do vinho, conforme ele quis, para se dar a nós em forma de alimento e para nos associar à unidade de Seu Corpo Místico.

“A única e indivisível existência do Senhor glorioso que está no céu não é multiplicada, mas torna-se presente pelo sacramento, em todos os lugares da terra onde a missa é celebrada. E permanece presente depois do sacrifício, no santíssimo sacramento, que está no sacrário, coração vivo de cada uma de nossas igrejas. E é para nós um dulcíssimo dever honrar e adorar, na sagrada hóstia, que nossos olhos veem, o Verbo Encarnado, que eles não podem ver e que, sem deixar o céu, se tornou presente no meio de nós”.

.oOo.

Em vista da novíssima (???) teologia do Vaticano II sobre a eucaristia o que nos têm a dizer os ecumeníacos?

Aliás, a eucaristia está intimamente ligada ao ecumenismo por ser o seu vínculo.

Neste sentido a Sagrada Congregação dos Ritos, em sua Instrução já várias vezes mencionada, exorta os ecumenistas: “Rezemos, pois, a Deus para que todos os discípulos de Cristo dia a dia mais profundamente compreendam o mistério da eucaristia, segundo a sua verdadeira vontade, e de tal forma o celebrem que, feitos participantes do Corpo de Cristo, formem um só Corpo (cf. 1 Coríntios 10:17), ‘unidos com os mesmos vínculos que Ele determinou’ (§ 8).

O Concílio Ecumênico Vaticano II, que nunca escondeu os seus propósitos e métodos quanto ao unionismo, no seu Decreto *Unitatis Redintegratio*, ao apresentar os princípios norteadores do ecumenismo, sem reboços, declara: “Na Sua (de Cristo) igreja instituiu o admirável sacramento da eucaristia, pelo qual é tanto significada como realizada a unidade da igreja” (§ 2),

Duas categorias de pessoas se rejubilam com a confirmação vaticana das doutrinas referentes à eucaristia: os católicos dissidentes de Roma por vislumbrarem nos horizontes unionistas a identidade doutrinária que os faz se entenderem; e os salvos por Jesus Cristo por nEle serem crentes e fiéis à Bíblia como Única Regra de Fé por constatarem a franqueza e a clareza com que é apresentado o antievangelho removendo assim os riscos quanto a quaisquer possíveis ilusões unionistas fora da Verdade do Evangelho emoldurada por João 17:21-23.

Desapontados devem estar os ecumenistóides. Convertam-se, porém, à fidelidade ao Nosso Salvador. Eis a nossa súplica!

E se, na sua contumaz e consciente ignorância, não quiserem aceitar a nossa súplica, aceitem os votos e as preces do papa Paulo VI, para cujo curral são convidados: “A Santíssima Virgem Maria — de quem Cristo Senhor Nosso tomou a Carne que neste sacramento, sob as espécies de pão e do vinho, “está presente, se oferece e se recebe” — todos os santos e santas de Deus, especialmente aqueles que sentiram devoção mais ardente para com a divina eucaristia, intercedam junto ao Pai das Misericórdias, para que a fé comum e o culto eucarístico produzam e façam prosperar a

unidade perfeita de comunhão entre todos os cristãos” (Encíclica *Mysterium Fidei*, § 75).

Unidade perfeita que só pode acontecer, segundo o ecumenismo, sob a tiara do romano pontífice, o pretense “perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade” (*Lumen Gentium*, § 23).

.oOo.

LIVRO

3

O OUTRO OBJETIVO DO ECUMENISMO: REPRIMIR A OUSADIA DOS DISCÍPULOS NA PREGAÇÃO DO EVANGELHO

Ecumenismo é a mobilização de todos os artifícios para embaraçar a pregação do Evangelho genuíno.

.oOo.

Eis o outro objetivo do ecumenismo: debilitar as energias evangelizantes dos crentes.

Não pela violência! E sim pela blandícia!

Inoportuno mostrar-lhes as garras afiadas do sombrio tribunal da inquisição. É mais rentável o envergar a máscara da fraternidade. Diminuir as resistências dos discípulos do Evangelho com o vírus da hipocrisia enfeitada com os sorrisos da amizade para levá-los a perder a perspectiva do evangelismo.

.oOo.

Ecumenistizar os evangélicos ativistas significa coarctar-lhes o empenho evangelístico, desgastar-lhes as energias, acanhar-lhes a missão à vista popular.

Ecumenistizar significa encurralar, confinar, enclausurar, entocar, encafunar, acuar os crentes debaixo dos telhados dos seus templos.

Ecumenistizar significa tirar aos crentes a visão missionária.

Ecumenistizar é blandícia insidiosa. Traíçoeira.

Ecumenistizar é cilada. Emboscada. Perfídia. Estratagema. Ardil. Tática. Astúcia. Trama. Porque em nome de uma aproximação amigável, cordata, afável, a hierarquia pretende cercear o ímpeto evangelizante dos crentes.

Se as fogueiras da violência não desacoroçoaram os crentes, a aproximação amigável há de embotar-lhes o ânimo. Há de esmaecer-lhes a coragem. Há de entibiar-lhes o ardor. Há de afrouxar-lhes o ímpeto evangelístico. Há de amaciá-los!

.oOo.

CAPÍTULO XIV

NA EXECUÇÃO DO GRANDE MANDATO

SUCEDERAM-SE NO desdobrar dos séculos os profetas — espíritos oraculares — no anúncio da consumação do Evangelho na Pessoa Divina de Jesus Cristo, o Redentor.

Acontecimentos na trama histórica do povo eleito, quais concretos prognósticos, confirmaram os vaticínios messiânicos.

E, quando se cumpriu o tempo, no deserto da Pereia surgiu um estranho personagem, trajado de pele de camelo, à cintura uma correia de couro, na mão direita um longo bordão de viagem, no farnel gafanhotos e mel silvestre, e nos lábios fuzilantes anátemas contra o pecado.

Forte de musculatura e vigoroso de expressão, êmulo dos antigos profetas, proclamava o avizinhar-se do cumprimento da Promessa em Jesus Cristo, já presente entre os homens.

.oOo.

Que todos se arrependessem... Que todos produzissem frutos dignos de arrependimento! O machado posto à raiz das árvores cortará as estéreis.

.oOo.

Montanhese de Efraim, pastores da Sarnaria, campônios de Esdrelão, pescadores do Tiberiades, publicanos, soldados — nervoso mar humano de cabeças atentas e atônitas em fervente expectativa — ouvem a mensagem carregada de tremendas objurgatórias.

Sobrepunhando as escarpas eriçadas de pedras acorreram as multidões a ouvir-lhe a palavra candente como chicote de fogo a vergalhar a iniquidade e a rasgar os corações no susto da eminência do Algo a acontecer.

Os viandantes divulgam a notícia desde Citópolis a Corazim. E a aglomeração cresce...

Disputas dividem o auditório do surpreendente pregador, cuja palavra é o único ímã a subjugar as atenções. Nenhum outro prodígio, nenhum outro sinal fazia.

Nenhum tema filosófico, nenhum projeto de libertação política para a nação submersa no opressor poderio do Imperialismo Romano, nenhum manifesto de cunho social a apontar normas para a sobrelevação das classes desfavorecidas.

A tônica da sua proclamação se restringe ao arrependei-vos!

Mensagem esquisita a restrugir entre os bosques de sicômoros e tufos cerrados de palmeiras, na superfície das águas jordanianas e nas quebradas dos outeiros...

Surpreendente pregação a engrossar a multidão heterogênea do seu auditório e a aglutinar discípulos.

.oOo.

Preocupam-se as autoridades e as forças sócio-religiosas do país. Os enfatuados sacerdotes. Os ricos saduceus. Os untuosos e maneirosos fariseus. Os ásperos e ascetas essênios. Os soturnos e agressivos zelotes. Os burocratas e subservientes publicanos.

Perscrutadores das Escrituras, os fariseus conheciam as profecias relativas ao cumprimento da Promessa Messiânica e, por inferência, sondavam nos horizontes da História os sinais dos tempos.

Seria ele o Cristo? Ou Elias, o precursor do grande e terrível dia do Senhor? Ou um outro profeta a restaurar vetustas eras de há muito interrompidas quando homens de palavra vibrante, em nome do Senhor, abalavam o povo?

E, solertes enviados dos poderes estabelecidos, os clérigos hierosolimitanos foram colher informes: Quem és tu? Se não és o Cristo, se não és Elias, se não és profeta, que dizes de ti mesmo? Como emissários precisamos transmitir um seguro relatório!

.oOo.

A luz não era ele. Mas sim a voz a testificar a comparência de Cristo no meio dos homens. A voz a proclamar a Grande Novidade da próxima Redenção.

Desprovido de ambições, pouco ou nada se lhe dando a permanência ao seu lado dos discípulos arrebanhados pelo fascínio da sua concitação, porém impaciente de cumprir o GRANDE MANDATO, ao defrontar o Salvador, clamou: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”* (João 1:29).

Abaladas as consciências com a conclamação ao arrependimento que lhes avivava os crimes praticados, poderiam encontrar no Cordeiro a libertação espiritual.

Cumprira João o seu ministério de precursor. Presente o Messias, cabia-lhe recolher-se. Efetuara o seu grande cometimento.

Logo dois dos seus discípulos seguiram o Cordeiro apontado pelo Batista.

.oOo.

André, um deles, atingido pela Verdade, sentiu-se no dever de cumprir a GRANDE COMISSÃO. E a seu irmão Simão informou: Achamos o Cristo. *“E o levou a Jesus”* (João 1:42).

E o próprio Cordeiro a confirmar a gloriosa tarefa, aos Seus dois primeiros discípulos oferece exemplo: *“Achou a Filipe, e disse-lhe: Segue-me”* (João 1:43).

Sim! A GRANDE COMISSÃO, a Gloriosa Tarefa é achar o pecador e levá-lo a Jesus Cristo.

E quem vai a Jesus Cristo, em seu íntimo se apaixona com ardor por levar outros... E Filipe achou Natanael e o levou a Jesus.

Irradiou-se o nome do Cordeiro.

.oOo.

A Doze dos Seus discípulos comprometidos, Jesus atribuiu-lhes a incumbência de pregar a chegada do Reino *“às ovelhas perdidas da casa de Israel”* (Mateus 10:6-7).

A outros setenta que fossem, quais precursores, de dois em dois, *“a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir”* (Lucas 10:1).

Que não levassem ouro ou prata. Nem alforjes em que se dessedentassem, nem alparcas com que protegessem os pés das urzes dos caminhos, nem bordão em que se apoiassem de suas fadigas.

Usurários do tempo, porfiassem em não esbanjá-lo com palestras prolongadas.

Ao invés de lábios carregados com palavras de revide, fossem como cordeiros ao meio dos lobos.

A sua provisão deveria ser somente um coração transbordante da paixão de levar às almas a Palavra do Evangelho.

.oOo.

O próprio Jesus arrasta, com os Seus gostos onipotentes de Taumaturgo, multidões e multidões que Lhe ouvem os ensinamentos.

Concita ao arrependimento porque todos dele carecem de igual modo. E se oferece como o Salvador dos arrependidos. *“Porque Eu vim, não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo”* (João 12:47).

Clama para que, cada um, numa profunda autoanálise, diagnostique a sua própria enfermidade, o pecado. E se apresenta Ele mesmo como o

Remédio. *“Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las”* (Lucas 9:56).

O pecado é a causa de todas as causas da morte. E como Vida, Ele oferece a Vida Eterna àqueles que O aceitam... *“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a Vida Eterna”* (João 6:47).

O Seu Sangue a ser derramado na Cruz o será para a remissão dos pecados. *“Porque isto é o Meu Sangue, o Sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados”* (Mateus 26:28).

É este o Seu Evangelho. A Excepcional e Inefável Boa Nova, a Inaudita Novidade ansiosamente aguardada e, agora, prestes a se efetivar.

Em concretizar o Evangelho, vertendo o Seu Sangue, residia toda a Sua missão. *“A Minha comida é fazer a vontade daquele que Me enviou, e realizar a Sua obra”* (João 4:34).

E, ao cabo de Sua jornada terrena, ao se despedir dos Seus, quando em favor deles orava, exclamou: *“Glorifiquei-Te na terra, ó Pai, tendo consumado a obra que Me deste a fazer”* (João 17:4).

.oOo.

Vertido o Seu Sangue como preço de resgate pelo pecado, ao expirar, bradou: *“Está consumado”* (João 19:30).

Consumara a Boa Nova Prometida! Ao morrer Cristo por nós, sendo nós ainda pecadores, eis a PROVA, a demonstração exuberantemente perfeita do amor divino para conosco. *“Mas Deus prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”* (Romanos 5:8).

Consumara a Boa Nova Prometida! Com o Seu precioso Sangue, como de um Cordeiro Imaculado e Incontaminado, possibilita o resgate do pecador. *“Em quem temos a redenção pelo Seu Sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas de Sua graça”* (Efésios 1:7).

Consumara a Boa Nova Prometida! Com a Sua Morte tornou-se propiciação pelos nossos pecados. *“Sendo justificados gratuitamente pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no Seu Sangue”* (Romanos 3:24-25).

Encerrara-nos a Lei dentro da maldição porque é por ela que nos reconhecemos pecadores. E Jesus, ao se permitir crucificar, fez-se *“maldição por nós”* (Gálatas 3:13).

Aquele que O aceita, dEle recebe a Vida. Vida Eterna! E, como Paulo, pode exclamar: *“Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que*

agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim” (Gálatas 2:20).

.oOo.

Ressurreto, Cristo, ao ascender aos céus, como derradeiro testamento aos Seus discípulos, estabelece o GRANDE MANDATO, a Grande Comissão, síntese de toda a sua tarefa: *“Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem crer e fôr batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”* (Marcos 16:15-16).

Durante todo o Seu ministério proclamara que todo aquele que nEle cresse teria Vida Eterna. E agora investe os Seus com o mandato de difundir o Seu Evangelho.

De nenhum outro conteúdo poderão se rechear as suas prédicas. Exclusivamente que *“em Seu Nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados”* (Lucas 24:47).

Escapam-se-lhes as preocupações pelas reformas econômico-sociais à moda dos homens.

Estes, no objetivo de alcançá-las, legislam, coagem, pilham, saqueiam, assassinam, usurpam, raptam, estabelecem normas, engendram planos, montam revoluções, dividem as sociedades, praticam injustiças, se esfalfam em contendas. Deturpam o próprio Evangelho... E todas as suas experiências se esboroam na dura realidade dos fracassos.

A História da Humanidade é a estonteante trajetória da felicidade jamais conquistada e impossível de se alcançar...

Aos discípulos compete o anúncio do Evangelho, da Boa Nova. Da Boa Nova, encarnada em Jesus Cristo, a Vida dos crentes, O pão supersubstancial descido dos céus para o sustento eterno e indefectível daqueles que O comem.

Nutridos desse Pão, torna-se secundário o alimento material, que, com irrefragável certeza, lhes será acrescentado.

“Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer, ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestido? Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e o vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estrutura? E, quanto ao vestido, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo como eles crescem: não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua

glória, se vestiu como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé? Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? Porque todas estas coisas os pagãos procuram. De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas; mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6:25-33).

Revigorado o espírito com o Pão do Céu, a exclusiva preocupação do discípulo é levar avante a Palavra do Evangelho. O Pai cuidará de satisfazer-lhe os reclamos físicos do seu organismo.

.oOo.

Aos discípulos, ansiosos pela restauração do reino de Israel, confia serem Suas testemunhas e lhes promete Jesus o poder do Espírito Santo como reserva de energias empregadas no cumprimento da Grande Incumbência, desenredada de todo e qualquer comprometimento com os interesses do mundo.

Na terra os Seus discípulos a proclamarem o Evangelho e Ele nos céus, à direita do Pai, como Advogado e em eterna propiciação, a garantir o cumprimento de Sua Promessa de Vida Eterna aos que O aceitarem, ouvindo o Seu Evangelho, o *“poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”* (Romanos 1:16), pois Jesus, *“o grande sacerdote”* pelo Seu Sangue e pela Sua Carne, é o vivo caminho para o céu (Hebreus 10:19-21).

.oOo.

Revestidos de poder, abrasados pelo fogo da paixão de proclamar o Evangelho, os discípulos enfrentaram com galhardia as gigantescas barreiras que lhes surgiam na jornada missionária.

“Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo por causa do arrependimento dos vossos pecados” (Atos 2:38), anunciava Pedro perante a multidão atônita no dia do Pentecostes.

Sem prata nem ouro, mas com a autoridade da sua paixão, dentro do templo em cuja acústica ainda reboava a recordação dos acentos da voz de Jesus, o mesmo Pedro à multidão estupefacta clama: *“Arrependei-vos, pois, e converte-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor”* (Atos 3:19).

E perante as autoridades eclesiásticas, num arroubo ardente de ousadia, brada: *“Ele é a pedra que foi rejeitada por vós... E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”* (Atos 4:12).

E num prodígio de audácia, aqueles discípulos encheram Jerusalém do Evangelho (Atos 5:28).

.oOo.

Tangidos pela perseguição, dispersaram-se os discípulos. Por toda a parte alastravam a Mensagem Salvífica.

Filipe atinge Samaria, onde nem a prevenção contra os judeus e nem a astúcia das mágicas de certo Simão barraram as suas atividades. Ao mordomo-mor de Candace anuncia em Jesus a realização das profecias de Isaías lidas por aquele eunuco embaraçado por não entendê-las.

Os gentios são também alcançados pelo Evangelho. A Cornélio Pedro, dentre outras coisas, sobre Jesus destaca: *“A Este dão testemunho todos os profetas de que todos os que nEle creem receberão o perdão dos pecados pelo Seu Nome”* (Atos 10:43).

A Igreja de Antioquia, a primeira da gentilidade também, no seu ardor evangelizante, se antecipa a enviar a outras paragens missionários nas pessoas de Saulo de Tarso e Barnabé, que, por onde passam, pregam nas sinagogas e aos gentios. De regresso, após longa excursão, à Igreja *“relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles, e como abriu aos gentios a porta da fé”* (Atos 14:27).

A vida de Paulo é uma gloriosa epopeia épica na pregação do Evangelho e se constitui para os discípulos de todos os tempos em luminoso exemplo.

Militante intemorato, missionário por antomásia, leva a mensagem salvífica aos mais afastados rincões: Chipre, Perga de Panfília, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Derbe, Síria, Cilícia, Frígia, Galácia, Troas, Filipos, Tessalônica, Bereia, Atenas, Corinto, Éfeso, Grécia.

Açoitado, preso, apedrejado, naufragado, perseguido, injuriado, nada o esmorece.

Prega em todas as circunstâncias e em todos os lugares. Nas sinagogas. Nas praças públicas. À margem dos rios. No Areópago. Nas estradas. No bojo dos navios. E a sua voz ressoa até no fundo de uma cadeia a bradar o Evangelho a um carcereiro aflito: *“Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”* (Atos 16:31).

Todas as regiões do mundo naqueles primórdios ouvem o Evangelho. Nem o orgulho de Roma, a soberba Capital do Império Ecumênico, impede que seja ele anunciado entre as suas colinas: *“Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus. e em teu coração creres que Deus O ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que, com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação”* (Romanos 10-9-10).

Os discípulos primitivos foram se promovendo à glória celestial e multidões de outros continuaram a imponente obra de pregar o mesmo Evangelho às gerações que se sucediam ao longo da História.

.oOo.

CAPÍTULO XV

NO CÍRCULO VITORIOSO DO HEROÍSMO

AOS DISCÍPULOS de Cristo urge a têmpera de herói.

Heroísmo a evidenciar-se já na aceitação de Cristo como Salvador. Esta experiência envolve duas atitudes conexas: arrependimento e fé.

O aceitar a Cristo impescinde do arrependimento caracterizado por uma completa mudança íntima, uma profunda revolução interior.

Arrependimento é negar.-e a si próprio. *“Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-Me”*, disse Jesus em Lucas 9:23.

Arrependimento é renúncia. *“E, se a tua mão te escandalizar, corta-a... E, se o teu pé te escandalizar, corta-o... E, se o teu olho te escandalizar, lança-o fora...”*, insiste Jesus em Marcos 9:43-47.

O heroísmo se patenteia, entrementes, da fé, cujas testemunhas exaltadas no capítulo 11 de Hebreus formam a grande nuvem a rodear os discípulos chamados a deixar todo o embaraço na luta contra o pecado.

Chamado a ser herói para o discípulo do Evangelho as perseguições, as oposições, os desprezos não se constituem em surpresas.

Adverte-os, aliás, o Mestre: *“Se o mundo vos aborrece, sabeí que, primeiro do que vós, Me aborreceu a Mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria*

o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes Eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece... Se a Mim Me perseguiram, também vos perseguirão a vós” (João 15:18-20).

“Vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus” (João 16:2).

Assegura-lhes sofrimentos por serem vocacionados ao heroísmo,

“Vim lançar fogo na terra... Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas antes dissensão; porque daqui em diante estarão cinco divididos numa casa, três contra dois, e dois contra três. O pai estará dividido contra o filho, e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra a sua nora, e a nora contra a sua sogra” (Lucas 12:49-53).

Na refrega serão, porventura, infelizes os discípulos? Não! *“Bem-aventurados”* — felizes, garante-lhes Jesus — *“sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por Minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós”* (Mateus 5:11-12).

.oOo.

Avaliaram os discípulos o preço de sua combatividade em pregar o Evangelho. *“Se pelo Nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da Glória de Deus”*, escrevia Pedro (I Pedro 4:14). *“Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé”* (I João 5:4). E Paulo pôde, exultante, exclamar: *“Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo”* (II Coríntios 12:10).

Aquele Pedro pusilânime diante de uma criada do palácio pontifício, incendiado na paixão do seu ministério, coração inflado de coragem — e mais do que coragem, porque audácia — ao povo que se concentrava atraído pelas ocorrências extraordinárias do derramamento do Espírito Santo no dia do Pentecostes, increpou os judeus: *“A Este [Jesus] que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-O vós, O crucificastes e matastes pelas mãos de injustos”* (Atos 2.23). *“Salvai-vos desta geração perversa”* (Atos 2:40).

Comprometido com a fé que lhe incendiava a alma, dentro do templo de Jerusalém e na presença dos sacerdotes, determinou Pedro a bradar: *“Jesus, a quem entregastes e perante a face de Pilatos negastes... vós*

negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homem homicida. E matastes o Príncipe da Vida” (Atos 3:13-15).

Dardejando olhares sangrentos e crispando punhos ferozes, sobrevieram os sacerdotes e os saduceus, *“doendo-se muito de que ensinassem o povo, e anunciassem em Jesus a ressurreição dos mortos”* (Atos 4:2).

Desencadeara-se a luta entre a religião oficial e os seguidores do Crucificado.

Aquela hierarquizada num sacerdócio sinecurista e valorizada, como religião estabelecida, com o prestígio das classes dominantes. Estes, desprovidos de bens e glórias terrenas, incendiados numa insopitável flama interior a transformá-los numa legião triunfal.

Pedro e João foram presos e levados à presença *“de Anás, o sumo sacerdote, e Caifás, e todos quantos havia da linhagem do sumo sacerdote”*.

Reunira-se o poder inquisitorial para interrogá-los. Anás e Caifás coruscaram em Pedro e João seus olhos raivosos, a reivindicarem a todo-suficiência do poder eclesiástico em assuntos espirituais, perguntaram-lhes: *“Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?”* (Atos 4:7).

Envolto em entusiasmo irreprimível, Pedro retruca com palavras ardentes de um ativista da fé: *“Seja conhecido de todos vós, e de todo o povo de Israel, que em Nome de Jesus Cristo, o nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos”* (Atos 4:10).

Ressalte-se a intrepidez do Apóstolo recordando-se de que os sacerdotes subornaram a guarda do sepulcro de Jesus para que divulgassem a mentira do roubo do Seu Corpo.

O poder inquisitorial de Jerusalém após confabular, alvitrou proibir sob ameaças Pedro e João continuarem a falar e a ensinar no Nome de Jesus Cristo.

“Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós” — ó sumo sacerdote e sua corte eclesiástica! — *“se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus?”* (Atos 4:19).

Soltos, retornaram aos seus irmãos, aos quais relataram o seu vibrante testemunho perante a “santa inquisição”.

É mui possível que, em caso semelhante, hoje os discípulos de Cristo se congregassem para suplicar a Deus complacência em favor dos perseguidos e mandasse cessar as perseguições ou fossem advogar uma política de conciliação com o poder eclesiástico.

Ouvindo o relato de João e Pedro, aqueles nossos irmãos, aos quais nós envergonhamos com a nossa covardia, bradavam em ardente súplica:

“Ó Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos Teus servos que falem com toda a ousadia a Tua palavra” (Atos 4:29).

E prosseguiram a anunciar *“com ousadia a Palavra de Deus”* (Atos 4:31).

As perseguições acicatavam-lhe o atrevimento!

Doutra feita, chamados às contas pelo sumo sacerdote a atirar-lhes pelos olhos relâmpagos de ira: *“Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse Nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina, e quereis lançar sobre nós o sangue desse Homem”*.

Abaluartados pela fé nesse Nome, responderam os discípulos em santa insolência: *“Mais importa obedecer a Deus do que aos homens”* (Atos 5:28-29).

Não disseram isto diante do supremo ministro de uma religião gentia! Afoitos clamaram assim perante o sumo sacerdote da religião de Moisés, a que seguia as Escrituras Vétero-Testamentárias, a religião do rico e suntuoso templo de Jerusalém, a religião da maioria.

Pressentiram por acaso desgraças em revide de sua ousadia? *“Retiraram-se, entretanto, da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo Nome de Jesus”* (Atos 5:41).

Estariam, porventura, as perseguições desmoralizando o ministério daqueles discípulos?

Bem ao contrário, porque a acutilante empreitada evangelística tentava a todos e incitava-lhes à ousadia. *“E a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais”* (Atos 5:14; cf. Atos 6:7; 12:24; 19:20).

Que contraste com os nossos tempos! As nossas campanhas evangelísticas montadas em fabulosas e dispendiosas propagandas à imitação do comércio produzem resultados humilhantes!!!

Perguntemos aos mofinos de hoje: como nasceram as igrejas de Filipos e de Éfeso?

Acaso a morte do diácono Estêvão — será que os nossos modernos diáconos têm a fibra de Estêvão? Ou são, com raríssimas exceções, uns almofadinhas ou manipuladores da política eclesiástica? — acaso a morte do diácono Estêvão encurralou na covardia os discípulos?

Essa morte recrudesceu a perseguição. E a perseguição aticou a ousadia.

Fustigados, dispersaram-se e, armados de coragem de gigantes, *“por toda a parte anunciavam a Palavra”* (Atos 8:4).

Nesse ínterim, no cenário dos mais belos e intrépidos lances de heroísmo registrados pela História, ocorre a conversão de Saulo de Tarso.

O sanguinário Saulo que *“assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão”* (Atos 8:3), prova de sua impetuosidade e valentia, é atingido em cheio pelo Evangelho.

Vibrante como perseguidor, redobrou sua vibração ao se entregar ao ministério de proclamar o Evangelho.

Já em Damasco *“falara ousadamente no Nome de Jesus”* (Atos 9:27), já em Jerusalém *“falava ousadamente no Nome de Jesus”* (Atos 9:29).

“Falava e disputava também contra os gregos, mas eles procuravam matá-lo” (Atos 9:29).

Os escurraçados de Jerusalém pela violência das perseguições atingiram inclusive Antioquia, *“onde grande número creu e se converteu ao Senhor”* (Atos 11:21) e onde *“foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos”* (Atos 11:26).

.oOo.

Naqueles épicos e gloriosos tempos, cristão era sinônimo de herói. E hoje?

.oOo.

Essa igreja de Antioquia, inspirada pelo Espírito Santo, separou Barnabé e Saulo a fim de estender a longínquas paragens o Evangelho da Salvação. E lá se foram os dois arrostando as maiores dificuldades, porém, felizes na obra missionária.

Empolgado pelo Evangelho — talvez precipitado à vista dos atuais crentes indignos de antepassados tão valentes — assesta as baterias de sua pregação a um só tempo contra três frentes: a dos judeus, a dos gentios e a dos católicos.

A

Ao chegar à outra Antioquia, a da Pisídia, foi à sinagoga a fim de pregar aos judeus, falando-lhes longamente de Jesus Cristo com base nas Escrituras, destemido ressalta: *“Seja-vos, pois notório, varões irmãos, que por Este [Jesus] se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por Ele é justificado todo aquele que crê”* (Atos 13:38-39).

No sábado seguinte, ajuntando-se quase toda a cidade para ouvir a Palavra de Deus, os judeus blasfemos se revoltaram contra Paulo e Barnabé e incitaram as beatas e as autoridades a lhes mover perseguição.

Em Icônio a sua ousadia provocou a ira dos judeus e, sob o risco de serem apedrejados, partiram os dois para outras localidades a lançar a sementeira do Evangelho. Em Tessalônica fato idêntico acontece. E depois de haver passado por Atenas, sem a companhia de Silas, fixa-se por um ano e meio em Corinto, em cuja sinagoga começou suas atividades evangelísticas disputando com os judeus e deles sofrendo vexames.

Na constância do seu método, em Éfeso, também entrou na sinagoga para disputar com os judeus e como alguns *“se endurecessem e não obedecessem, falando mal do Caminho perante a multidão, retirou-se deles e separou os discípulos, disputando todos os dias na escola de um certo Tirano”* (Atos 19:9).

Apesar dos conselhos em contrário, resoluto, partiu para Jerusalém disposto a morrer pelo Nome do Senhor Jesus (Atos 21:13).

Preso em Jerusalém não perdeu nenhuma oportunidade de dar o seu testemunho ainda diante das autoridades e apesar dos clamores: *“Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva”* (Atos 22:22). Na presença do Sinédrio, o tribunal da santa inquisição, o seu depoimento provocou *“dissenção entre os fariseus e saduceus, e a multidão se dividiu”* (Atos 23:7). Taxado de *“peste e promotor de sedições entre todos os judeus”* (Atos 24:5), depois de vários incidentes durante a sua prisão em Jerusalém e Cesareia, por haver apelado para César, foi conduzido para Roma, onde desejava pregar também, embora para lá o levassem como detento as acusações dos judeus.

Em Roma convocou os principais dos judeus *“e procurava persuadi-los à fé em Jesus”* (Atos 28:23). Uns criam e outros não, havendo discórdia e grande contenda entre eles.

Por onde Paulo passava em consequência da sua ousadia em anunciar o Evangelho provocava as maiores discussões entre os judeus.

B

A segunda linha de frente de batalha abriu-se-lhe na ilha de Chipre quando anunciava a Palavra ao procônsul Sérgio Paulo e Elimas, com seus apartes, procurava apartar o governador da fé.

Na sua coragem, o Apóstolo invectiva: *“Ó filho do diabo, cheio de todo engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor?”* (Atos 13:10).

Em Antioquia da Pisídia, sofrendo resistência dos judeus, *“usando de ousadia”*, com seu companheiro Barnabé, disse: *“Era mister que a vós se*

vos pregasse primeiro a Palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais, e vos não julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios” (Atos 13:46).

Em Listra, ao ser curado pelo poder de Jesus um certo varão leso dos pés, as multidões gentias, cuidando tratar-se da manifestação de seus deuses, chamavam Júpiter a Barnabé e Mercúrio a Paulo, e quiseram promover-lhes culto com sacrifícios, Aquele delírio, porém, se transformou em desapontamento diante dos protestos de Paulo e Barnabé, o que motivou um ambiente propício aos judeus vindos de Antioquia e de Icônio para insuflar ódio contra eles. Alheia à sua fidelidade a Jesus Cristo a intenção de conciliar os ânimos numa fórmula satisfatória ao culto pagão!

E os mesmos que antes queriam cultuar o Apóstolo, agora apedrejam-no e o arrastam como morto para fora da cidade.

A igreja de Filipos nasceu também de uma aventura de Paulo que lhe rendeu açoites e a prisão. Posteriormente escreveu aos tessalonicenses: *“Mas, havendo primeiro padecido, e sido agravados em Filipos, como sabeis, tornamo-nos ousados em nosso Deus, para vos falar o Evangelho de Deus com grande combate”* (1 Tessalonicenses 2:2).

Por onde passasse perturbava as cidades,

Em Atenas, taxado de paroleiro, é levado ao Areópago, onde começa o seu sermão com ousadia a declarar aos enfatuados filósofos epicureus e estoicos: *“Em tudo vos vejo um tanto supersticiosos”* (Atos 17:22). Por haver visto um altar com a inscrição: *“Ao Deus Desconhecido”*, aproveita o ensejo e anuncia-lhes o verdadeiro Deus e, outra vez, com valentia, combate o culto idólatra:

“Sendo nós, pois, geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens” (Atos 17:29).

Em Éfeso a sua pregação atingiu os gentios de tal maneira que muitos criam e entregavam-lhe seus livros de artes mágicas e os queimavam na presença de todos. *“Assim a Palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia”* (Atos 19:20) - Por isso mesmo aconteceu *“um não pequeno alvoroço acerca do Caminho”* (Atos 19:23). É que Paulo, evangelista épico por excelência, de rijo atacava a idolatria ali junto da basílica da Senhora Diana afastando dela uma grande multidão.

E Demétrio, fabricante de suas imagens por sentir-se prejudicado em seus lucros, ajuntou-se com seus colegas de profissão. *“Encheu-se de confusão toda a cidade”* (Atos 19:29) e por duas horas a massa dos idólatras bradava: *“Grande é a Diana dos efésios”*. O tumulto impediu a permanência de Paulo, mas a igreja já estava estabelecida e,

posteriormente, recebeu a visita do Apóstolo, oportunidade em que, ao informar aos seus obreiros a sua decisão de ir a Jerusalém, na expectativa de tribulações e prisões, num estravazamento do seu coração, afirmou: *“Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do Evangelho da graça de Deus”* (Atos 20:24). Os seus padecimentos em Éfeso foram tamanhos que, ao se referir aos seus adversários, classificava-os de *“bestas”* (ICoríntios 15:32).

C

A terceira linha de frente abrangida pela batalha de Paulo é a dos católicos, os anunciadores do antievangelho.

Dentre os fariseus, muitos, tocados pelos prodígios de Jesus creram nEle, *“mas o mesmo Jesus não confiava neles, porque a todos conhecia; e não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque Ele bem sabia o que havia no homem”* (João 2:24-25).

Escravizados à velha religião, impediram se desabrochasse em seus corações a fé em Jesus e, por medo de serem expulsos da sinagoga, não O confessavam *“porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus”* (João 12:43).

Vinculados ao mosaísmo por falta de uma experiência profunda de conversão proveniente do arrependimento e fé exclusiva em Jesus, esses que creram nEle apenas por causa dos seus prodígios, enquanto Paulo e Barnabé empreendiam a sua primeira jornada missionária, desceram da Judeia a Antioquia onde apregoavam o antievangelho: *“Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos”* (Atos 15:1).

Com efeito, esses legalistas, para que a lei de Moisés não fosse quebrada, circuncidavam também aos sábados, queriam judaizar o Evangelho. Além da fé em Jesus para que o pecador fosse salvo requeriam que se submetesse à obra de um rito cerimonial. Exigiam que, além da fé em Cristo, o pecador guardasse a lei de Moisés.

Oportuno se torna o recordar a grande baliza divisória entre o Evangelho e as religiões pagãs.

O Evangelho requer somente a fé em Cristo para que Este salve o pecador em benefício de quem verteu o Seu Sangue no Calvário. As religiões do paganismo apregoam a salvação merecida pela prática de boas obras.

Surgindo o Evangelho da graça de Jesus, surgiu o catolicismo a apresentar o seu evangelho, que é uma amálgama de judaísmo e paganismo revestida com uma tintura de cristianismo porque ensina a

necessidade de boas obras, incluindo-se ritos religiosos como, por exemplo, os sacramentos, para a salvação dos seus fiéis, além da fé em Jesus Cristo.

Àqueles que assim professam, distantes da graça, Cristo de nada lhes aproveite (Gálatas 5:2).

O evangelho deturpado deixa de ser Evangelho. Evangelho acrescentado é evangelho corrompido. É evangelho atenuado. Debilitado. Minorado. É minievangelho. É apostasia. É um evangelho decaído da graça que separa de Cristo os seus seguidores (Gálatas 5:4).

É assacar uma infâmia contra Jesus Cristo, cujos méritos são superabundantemente capazes de remir todos os pecadores contanto que O aceitem com exclusividade.

Quem diz que crê em Cristo e, ao mesmo tempo, busca acrescentar outros recursos no esforço de obter sua salvação, realmente não crê de coração em Jesus. A sua fé é a dos hipócritas: confia desconfiando. Ignora que o Evangelho dispensa quaisquer subsídios ou achegas.

.oOo.

Enquanto os discípulos se empenhavam em divulgar o Evangelho, o inimigo, além de mover-lhes perseguições, pretendeu prejudicar-lhes a obra lançando a aventura do antievangelho.

A Verdade do Evangelho proclama: *“O homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo”* (Gálatas 2:16).

A mentira do antievangelho deturpa, dizendo que era mister circuncidá-los (os gentios) e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés: *“Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos”* (Atos 15:1).

Ao chegarem a Antioquia, Paulo e Barnabé, revoltados contra os corruptores do Evangelho, o coração em cóleras, provocaram enorme balburdia. Uma contenda! (Atos 15:2).

Paulo transformou a assembleia de Jerusalém numa verdadeira arena e terçou valentemente armas na defesa do Evangelho que proclama: Só Cristo salva o pecador! *“Ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema”* (Gálatas 1:8).

De nada aproveita Cristo àqueles que ao Seu Evangelho acrescentam alguma coisa!

Inexiste evangelho mesclado!

Acrescentar algo ao Evangelho é corrompê-lo. E evangelho corrompido não é evangelho. É antievangelho!

E pensar-se que em nossos dias há teólogos evangélicos (?) a aceitarem o catolicismo como um ramo do cristianismo e a possibilidade de salvação para os seguidores do evangelho corrompido!

E pensar-se que nestes desgraçados dias há pastores de igrejas acomodados diante das almas prejudicadas pelo antievangelho que as conduz ao inferno!

Covardes se encastelam no triunfalismo mesquinho da construção de belos templos, da apresentação imponente dos seus corais, da sua perfeita administração eclesiástica, da ritualização gélida dos seus cultos insultantes à glória divina.

Todo o pastor acovardado diante do antievangelho católico trai a sua missão e, por isso, busca na realização de obras materiais uma fuga.

Longe do ministério pastoral o construir templos, o dirigir corais, o cuidar de obras sociais. Compete-lhe, isto sim, e com exclusividade, o pregar a Palavra *“a tempo e fora de tempo”* (II Timóteo 4:2) para levar os pecadores a Jesus Cristo,

Desviar-se deste programa é fugir ao seu dever. É trair a sua missão!

.oOo.

Paulo, o oposto desses comprometidos com o antievangelho, provocou tamanho reboliço em Antioquia na sua luta contra o catolicismo a, subrepticamente, pretender infiltrar-se e minar as bases da Igreja que se decidiu discutir o assunto em Jerusalém donde provieram os seus fautores.

Na sua valentia, porque, ao ser servo de Jesus Cristo, lhe desinteressava agradar homens, o intemorato Apóstolo levantou outra balbúrdia, outra contenda.

Posteriormente, a sua desconsideração pela graça dos homens se manifestou outra vez agressiva contra Pedro por se haver tornado repreensível em vista de sua dissimulação (Gálatas 2:11-13). A atitude ecumenistoide de Pedro revoltou Paulo.

“Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo” (Gálatas 2:16), a vibrar todas as suas energias, o Apóstolo clama: *“Ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro Evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema”* (Gálatas 1:8).

Na luta contra a tese fundamental do catolicismo é que Paulo mais se empenhou, por meio de uma carta, deblaterando contra os seus divulgadores, os legalistas ou judaizantes, até em Roma, onde se haviam instalado para, em sua missão diabólica, preparar as bases da sede principal da apostasia.

A pregação corajosa e clara de Paulo disseminou formidáveis contendas entre os judeus, arrancando muitos da perdição eterna e consagrando o Apóstolo Mártir.

A ousadia de Paulo levou-o às mais distantes plagas para pregar o Evangelho consagrando-o Apóstolo Universal.

A fidelidade intrépida de Paulo na luta agressiva contra os judaizantes consagrou-o Apóstolo Teólogo. Dos 27 livros neotestamentários, 14 são de sua autoria. E dos 14, as cartas aos Gálatas e aos Romanos se sobreelevam na defesa intransigente do Evangelho bendito do Senhor Jesus Cristo consubstanciado no lema: Só Cristo salva o pecador!

.oOo.

O heroísmo de Paulo e dos discípulos primitivos permaneceu aceso após a morte deles.

A pregação do Evangelho continuou a ser assinalada pelas marcas das perseguições.

O ódio contra os discípulos do Senhor encontra pretexto em qualquer acontecimento desagradável para acirrar a violência. *“Si Tiberis ascendit ad moenia, si Nilus non ascendit in arva, si coelum stetit, si terra movit, si fames, si lues, statim christianos ad leones”* (Tertuliano).

“Se acontecessem tempestades, se tremores sacudissem a terra, se sobreviessem fome e pestes, sempre os cristãos deveriam ser responsabilizados e pagar na arena dos leões”.

“Nomen proelium est”. Já o nome cristão significa batalha!

“Christianos esse non licet”. É proibido ser cristão, eis a lei imperial de Roma.

Os povos pagãos concebiam a organização estatal estruturada em uma religião oficial ou oficiosa. Os romanos, condicionados também a essa praxe, estabeleceram leis penais contra a introdução de novos cultos. Da sustentação da unidade religiosa do Império dependia a sua unidade política, assim supunham os juristas e políticos de Roma. Por consequência, o crime religioso, em especial, a introdução de novos cultos, se constituía em crime de lesa-majestade.

Ao tempo do Imperador Marco Aurélio, nos meados do século II, o catolicismo atraía as simpatias do poder imperial e pendeu para as propostas de entendimento com o paganismo.

O Império encontrou na igreja da hierarquia, como se denominava a seita católica naquele tempo, um poderoso comparsa na perseguição aos discípulos de Cristo.

Herdeiros do farisaísmo, os legalistas (os hierarcas católicos) se valeram do braço imperial a fim de restaurar entre eles a “santa inquisição”. Aquela mesma inquisição eclesiástica de Jerusalém que condenou Jesus à cruz e Estêvão ao apedrejamento.

Restabelecida, a inquisição permaneceu com foros de legalidade durante

sobretudo a Idade Média, em todos os países europeus manipulados pela política do pontífice de Roma,

E suas masmorras, seus cadafalsos, seus cutelos, suas fogueiras sacrificaram discípulos do Senhor às centenas de milhares.

Nem todas as águas de todos os mares seriam capazes de lavar a horripilante mancha de sangue que a santa inquisição derramou nas páginas da História de todas as seitas católicas.

Mesmo depois de haver perdido seu oficial vínculo político com muitas nações, o catolicismo sustentou a sua inquisição contra pessoas ou diretamente contra a Bíblia. Quando não podia levar às suas fogueiras as pessoas dos “hereges”, levava a Bíblia.

Os primeiros discípulos do Senhor em terras brasileiras sofreram inenarráveis opressões... Seus nomes são dignos da admiração dos seus pósteros!

Impossível assinalar neste livro os empolgantes fatos de heroísmo e de ousadia por parte dos discípulos de Cristo no empenho apaixonado de cumprir a Grande Comissão.

É um círculo glorioso de valentia e de lutas, de bravura e de perseguições, de opressões e vitórias... De grandeza na conquista de almas para Jesus Cristo!!!

.oOo.

CAPÍTULO XVI

O MINISTÉRIO DO ANTIEVANGELHO

HIERARQUIZADO

JAMAIS A VIOLÊNCIA das fogueiras, das masmorras, dos cutelos, dos cadafalsos, dos torniquetes entibiou os ânimos dos discípulos do Senhor. O sangue dos mártires se tornara em semente de cristãos, conforme observava Tertuliano.

E já no fim do primeiro século ascendiam a 500.000 espalhados por todas as vastas regiões do Império.

Ao lado do bom trigo, porém, medrou a erva daninha... E o que pela tira- nia o inimigo não conseguiu, obtê-lo-ia pelo joio.

Desenvolveram-se os legalistas, os preconizadores do antievangelho, apoiados na mentalidade dos judeus fixados em Roma. Contagiados com o ranço do farisaísmo, em consequência lógica, precisaram de uma religião estruturada no sacerdotalismo, o qual, aliás, é inerente às obras da Lei e à mesma Lei.

Baseado no sacerdócio levítico o povo recebera a Lei (Hebreus 7:11).

Se a salvação depender de obras evidentemente que há de exigir a presença de sacerdotes, porquanto dentre as obras se destacam os ritos e as devoções religiosas. Obras e sacerdotes se correlacionam. Correspondem-se. Interdependem-se!

.oOo.

Incontratavelmente o Evangelho, pela sua própria natureza, há de prescindir do sacerdócio hierárquico, sacrificial, litúrgico, sacramental.

O Único Sacerdote do Evangelho é Jesus Cristo! Ele é todo o Sacerdócio!!!

Deriva-se o Seu Sacerdócio de sua própria Encarnação e o realiza na Sua Mediação. Mediador, Ele é o Pontífice! Esgota em Si todo o Sacerdócio!

E Sacerdócio Sacrificial imparticipável. Impartível. Dele ninguém se associa. Recebe-se-lhe, isto sim, pela instrumentalidade da fé, os seus benefícios.

DEle, pela fé, e não por sacramentos e quejandos, se aproximam os crentes em cujo favor está diante do Pai. A Sua Intercessão contínua no celestial santo dos santos é a inefável e permanente propiciação em favor daqueles que O aceitam. O Seu Sacrificio realizado uma única vez no Calvário é de valor infinito (Hebreus 9-10:1-18) e se perpetua diante do Pai

à cuja direita se assenta, por Seu Ministério mediatário, intercessório, como advogado (I Timóteo 2:5; I João 2:1-2).

.oOo.

Como membros de Cristo, o Único Sacerdote Sacrificial, os crentes todos são titulares de um sacerdócio espiritual-real. *“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus”* (I Pedro 2:9).

Com o Seu Sangue, Jesus comprou para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e os constituiu reino e sacerdotes (Apocalipse 5:9-10).

Esses sacerdotes, os crentes, congregados em igrejas devem ter o seu ministério, classificado por Paulo como os *“cooperadores”* com as igrejas (2 Coríntios 1:24).

Portanto, o ministério não é a Igreja. Está, sim, a serviço dela na tarefa de evangelizar e de alimentar com a Palavra de Deus o rebanho de Cristo. Aliás, o vocábulo “ministério” deriva do latim *“ministrare”*, servir. Ministério é serviço consoante sua procedência morfológica.

.oOo.

O ministério novo-testamentário é composto apenas de dois cargos: presbíteros (= bispos = pastores) e diáconos. Os presbíteros (anciãos) não são sacerdotes. É crime de lesa-Bíblia traduzir, como faz o catolicismo, a palavra grega *“presbíteros”* dos originais do Novo Testamento por “sacerdotes”. Os presbíteros, outrossim, não se subordinam aos bispos. Não! São vocábulos a expressar a mesma função ministerial, de serviço, do Evangelho.

O cargo de Apóstolo foi transitório.

Ocuparam, sim, os Apóstolos uma posição de destacada autoridade no Cristianismo primitivo, porque se estava ainda no Período da Revelação Bíblica, de que se constituíam órgãos oficiais.

Com a morte de João, o último Apóstolo, de resto, encerrou-se esse Período.

Extinto o Período da Revelação Bíblica extinguiu-se também o cargo de Apóstolo.

Em nosso livro: “O papa escravizará os cristãos?” tratamos exhaustivamente desse assunto nos capítulos IV, V e VI ao contestarmos as

pretensões da igreja hierárquica, montada na falsa tese da sucessão apostólica.

Teólogos católicos ainda esquadrinham textos escriturísticos na busca de argumentos favoráveis ao intento sucessório dos bispos. Ao ensejo da 47ª Reunião da 2ª Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, num gesto de desespero, o arcebispo coadjutor de Oviedo, Espanha, Garcia de Sierra y Méndes, declarou: “Não está ainda suficientemente provado que os bispos são sucessores dos Apóstolos”.

Os presbíteros (= pastores = bispos) não procedem de sucessão alguma. Cada Igreja é que, livre e democraticamente, os escolhe e, pelo sinal da imposição das mãos, confere-lhes o encargo de liderá-la.

Em Atos 15:2 verifica-se a evidente distinção entre os Apóstolos e os presbíteros. No mesmo capítulo de Atos, verso 4, lê-se: “*E, quando chegaram [Paulo, Barnabé e alguns irmãos da Igreja de Antioquia] a Jerusalém foram recebidos pela Igreja e pelos Apóstolos e pelos anciãos [presbíteros]*”. E os versículos 6, 22 e 23 ressaltam a mesma distinção.

Bispo, sinônimo de presbítero (= pastor) não é sucessor de Apóstolo algum. Não significa nenhuma autoridade superior, nem chefe de uma região, circunscrição eclesiástica, bispado ou diocese.

Paulo quis entrevistar-se com os presbíteros da Igreja efésia: “*E de Mileto mandou a Éfeso, a chamar os presbíteros da Igreja*” e recomendou-lhes: “*Olhai por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos*” (Atos 20:17,28).

Note-se: O mesmo cargo designado com dois nomes.

Escrevendo a Tito, o Apóstolo Teólogo, ao apresentar as qualidades do presbítero (= bispo), declara: “*Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em boa ordem as coisas que ainda restam, e de cidade em cidade fosses providenciando que se estabelecessem presbíteros, como já te mandei: Aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes porque convém que o bispo seja irrepreensível*” (Tito 1:5.7).

.oOo.

Aliás, os teólogos católicos reconhecem que a sua hierarquia clerical se institucionalizou a partir do século II.

Dentre eles destacamos J. Lecuyer, professor da Universidade Católica de Latrão, um dos peritos do Concílio Vaticano II e autor de “*Orientation présente de la theologie de l’episcopat*” (Paris, 1964), onde extensamente estuda a origem histórica, não bíblica, do episcopado

católico. Recordamos ainda L. Beauduin, que apresenta trabalho semelhante no volume IV de “Temas Conciliares”: “Novas Estruturas na Igreja” (Lisboa, 1966).

O sr. Carlos Eduardo Saboia Bandeira de Mello, ordinário de Palmas, no brasileiro Estado do Paraná, em 4 de outubro de 1963, em plena aula conciliar, quando se ventilava o assunto, às claras confessou: *“Liquet ergo potestas quibus presbyteri ex ordinatione imbuuntur ex sola dimancitione ex Episcopo transire ad eos quos ordinant, non ex institutione ex quadam superiore”*. Os presbíteros não procedem de uma instituição superior. Dimanam do bispo que os ordena. São apenas concessões que os bispos foram cedendo, de seus próprios poderes sacros... Esta é também a razão porque os sacerdotes dependem inteiramente do bispo, não só na jurisdição mas também no poder de Ordem”.

Será utilíssima a leitura dos nossos dois livros: “Cristo, sim; padre, não!!!” e “O papa escravizará os cristãos?” para se constatar em que fragilidade se baseia a empáfia dos bispos católicos.

.oOo.

As Igrejas neo-testamentárias, que são repúblicas autônomas, independentes, democráticas, os diáconos, cuja instituição o capítulo 6 de Atos dos Apóstolos relata, têm a responsabilidade de gerir o aspecto material das Igrejas e sobre. tudo cuidar dos pobres.

.oOo.

Em resumo!

Nas páginas do Novo Testamento encontramos Jesus Cristo, como Único Chefe, Cabeça Única e Rocha Indestrutível de Sua Igreja!

A Sua Igreja Invisível, constituída de todos os crentes nEle e salvos pelos Seus Méritos provenientes de Sua Paixão e Morte Vicária, se espalha pela terra por meio de Igrejas Visíveis e locais!

Estas são entre si independentes. Como repúblicas, o seu governo interno é feito sob a forma democrática. Todas têm como único Estatuto o Novo Testamento e a Bíblia como única Regra de Fé e vida!

(N. do E.: cremos que a Igreja não é uma entidade democrática, mas teocrática. Não é o povo que deve eleger seus líderes, mas é Deus que os

levanta e os impulsiona a fazer a Sua obra. Dizer que a Igreja é democrática é apenas uma cópia do mundo).

Na incumbência da Grande Comissão têm um Ministério a liderá-la: na esfera espiritual, como servos humildes da Palavra Divina, os pastores (= bispos, presbíteros) e na esfera social, no “*serviço das mesas*” (Atos 6:1-6), os diáconos.

Ressalte-se a evidência neo-testamentária do dever por parte de toda a Igreja — a comunidade de todos os discípulos de Cristo — e não apenas por parte dos presbíteros (=bispos = pastores) de cumprir a Grande Comissão: Ide, pregai o Evangelho a toda criatura.

“*E todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a Palavra de Deus*” (Atos 4:31). Aquele “*todos*” se refere aos discípulos e não somente aos Apóstolos, conforme se pode depreender no verso 23.

Enquanto os Apóstolos permaneceram em Jerusalém (Atos 8:1), os discípulos dispersos “*iam por toda a parte, anunciando a Palavra*” (Atos 8:4); caminharam até a Fenícia, Chipre e Antioquia. E aqui, pela instrumentalidade da pregação dos discípulos, não de qualquer um dos Apóstolos, estabeleceu-se a primeira Igreja composta de gentios. Filipe, que não era Apóstolo e nem presbítero, mas simples diácono a serviço das mesas, atingiu Samaria, pregou ao eunuco de Candace e, estabelecido em Cesareia, se dedicou à obra missionária (Atos 8:5, 37; 21:8). O mais longo sermão evangelístico registrado pelo Novo Testamento é o de Estêvão, o proto-mártir da evangelização, que não era Apóstolo e nem presbítero (Atos 6:5, 10; 7:1-60).

.oOo.

Baseados na tese antievangélica da necessidade das obras, além da fé em Cristo, para a salvação, os judaizantes, sobreviventes aos anátemas de Paulo, empreenderam a instalação de uma hierarquia eclesiástica, criando para o seu ministério uma casta sacerdotal.

Evidentemente que isto só ocorreria com a perda do espírito democrático das igrejas novo-testamentárias. E, de fato, isto aconteceu à sorrelfa, quando os assuntos de interesse geral das mesmas passaram a ser examinados e as resoluções tomadas nas assembleias dos pastores (= bispos = presbíteros).

Eis o segundo passo da apostasia identificada com o antievangelho. Inexorável essa decorrência da tese legalista ou judaizante!

Surgindo o “poder episcopal”, as Igrejas — as congregações ou comunidades dos discípulos — foram marginalizadas e passaram a acatar as resoluções assumidas nos conclaves dos bispos, que, entretanto, já começavam a manifestar a distinção entre eles e os presbíteros.

Concomitantemente, os líderes residentes em cidades maiores ou de igrejas numerosas foram sobrepujando os colegas. É claro que a gestação da hierarquia eclesiástica aconteceu, lentamente, no período de longos anos. Mas, por ocasião do Concílio de Niceia, em 325, a hierarquia católica já distinguia sem reboços os bispos dos presbíteros comuns, agora já denominados sacerdotes, pela própria influência da teologia judaizante que não podia entender um cristianismo desvinculado do judaísmo.

Nesse mesmo Concílio foi, aliás, estabelecido um novo grau na hierarquia: o de patriarca com jurisdição sobre o clero e os fiéis residentes em sua área. Quatro foram os patriarcados constituídos: Jerusalém, Antioquia, Roma e Alexandria. Somente mais tarde é que Constantinopla teve o seu sólio episcopal ascendido à igual dignidade.

Note-se que o título de patriarca, com o surgir da autoridade papal na pessoa do pontífice de Roma, perdeu o seu lugar na hierarquia e adotou apenas um aspecto honorífico.

.oOo.

Uma observação importantíssima: O catolicismo (romano, anglicano, ortodoxo, luterano) não reconhece ser a Assembleia de Jerusalém o primeiro concílio. Por que enumeram os seus concílios ecumênicos a partir desse de Niceia?

.oOo.

O Concílio de Niceia por haver consumado e oficializado as aberrações do antievangelho foi mais pernicioso à Igreja de Jesus Cristo do que todas as perseguições.

.oOo.

Este Concílio, que qualificou a sua maioria de católica, firmou, por meio de vinte cânones, as bases do catolicismo como imperialismo religioso com o objetivo de atender as pretensões de Constantino Magno preocupado em manter a unidade do seu império ecumênico.

O catolicismo gestado ao longo de 300 anos, veio à luz na cidade de Niceia, em 325, como expressão organizada do antievangelho.

E no seu desenvolvimento orgânico ao longo da História, recebeu muitíssimas adendas provindas do antigo paganismo e deu no catolicismo de hoje revestido das piores aberrações e das mais ilógicas antinomias.

A Igreja passou a se identificar somente com os hierarcas, isto é, os patriarcas e os bispos.

Com o desenrolar dos tempos, o patriarca de Roma se instalou como sumo pontífice do romanismo e estabeleceu a hierarquia na pessoa dos bispos ao papa subjugados.

Exclusivamente à Igreja, quer dizer, à hierarquia cabe, além dos poderes de jurisdição e de governar, o poder de ensinar os seus fiéis e pregar o “seu” evangelho.

O “seu” evangelho oposto ao de Jesus Cristo, frise-se.

O Concílio Ecumênico Vaticano 1 se encarregou de incrustar oficialmente na dogmática romana o “magistério eclesiástico” já aceito e praticado desde seus primórdios e ressaltado no 5º Concílio Ecumênico de Latrão realizado no primeiro quartel do século XVI, e mais ainda no Concílio Ecumênico de Trento, celebrado nos meados da mesma centúria.

.oOo.

O Decreto *Ad Gentes* sobre a “Atividade Missionária da Igreja”, divulgado em 7 de dezembro de 1965, na oportunidade do encerramento do Concílio Ecumênico Vaticano II, no seu parágrafo 5, a confirmar as suas conquistas antievangélicas, resume a doutrina romanista sobre este ponto: “O Senhor Jesus desde o início, chamou a Si os que Ele quis, e fez que os doze estivessem com Ele para ensiná-los a pregar” (Marcos 3:13). Assim foram os Apóstolos os germes do novo Israel e, ao mesmo tempo, a origem da sagrada hierarquia. Depois que por Sua morte e ressurreição completou em Si os mistérios de nossa salvação e da renovação universal, o Senhor obteve todo o poder no céu e na terra. Antes de ser assumido ao céu fundou Sua Igreja como o sacramento da salvação. Como Ele mesmo fora enviado pelo Pai enviou os Apóstolos a todo o mundo, mandando-lhes: “Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do

Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei” (Mateus 28:19 s). “Ide por todo o mundo, e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado” (Marcos 16:15 s). Daí o dever que cabe à Igreja de propagar a fé e a salvação de Cristo. Isto em virtude do expresse mandato transmitido pelos Apóstolos ao Colégio dos Bispos, assistidos pelos Presbíteros, junto com o Sucessor de Pedro e Sumo Pastor da Igreja”.

Cinco reparos opõem-se à petulância da hierarquia romana significada na transcrição acima:

1) Ao enviar os doze a pregar terá Jesus restringido essa incumbência, atribuindo-a com exclusividade aos Apóstolos? Não!

Com efeito, aos setenta discípulos também mandou anunciar o Reino de Deus (Lucas 10:9, 16). A todos os discípulos, aos onze e aos *“que estavam com eles”* (Lucas 24:33), Jesus ordena pregar em Seu Nome *“o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém”* (Lucas 24:47). Jesus não proibiu à samaritana testificar aos seus concidadãos (João 4:39). Impede que o gadareno O siga, mas envia-o a pregar aos seus (Lucas 8:39). A todos, Apóstolos e discípulos, em número de 120 (Atos 1:15), no dia de Pentecostes, unge com o Espírito Santo, capacitando-os a todos ao cumprimento da Gloriosa Comissão.

Falsificam os hierarcas conciliares o sentido dos textos bíblicos como se tomassem um copo d’água.

2) É falsa a alegação de serem os Apóstolos os germes do novo Israel, pois foram escolhidos quando há mais de um ano Jesus principiara o Seu Ministério. Se se constituíssem eles em germes do novo Israel, por certo Cristo tê-los-ia estabelecido logo no princípio de Suas atividades como primeiro passo do Seu programa. Mas quando os escolheu os germes do novo Israel já se haviam estabelecido na conversão de muitos seguidores Seus.

3) Afirmar-se que os Apóstolos são origem da sagrada hierarquia é dogma elaborado nas retortas da alquimia vaticana, porquanto há ainda teólogos à procura das bases escriturísticas para a hipotética sucessão apostólica dos bispos, aliás, contestada também à luz da História desprovida de informes inclusive sobre a sucessão ininterrupta do papa a partir de Pedro.

4) Se sacramento, na definição tridentina, é um sinal sensível, material, provido do condão de comunicar a graça, aberraria de todas as Sagradas Escrituras fartas em ensinar que a graça é outorgada gratuitamente por Deus pela instrumentalidade da fé-confiança por parte

do pecador. Nesse caso é falsa a alegação de que a Igreja ou hierarquia é sacramento de salvação.

5) Discrepa da História Neotestamentária a presunção de que somente aos Apóstolos foi atribuída a tarefa de pregar. Jesus Cristo enviou todos os Seus discípulos a pregar. Assim todos entenderam. Dispersos pelas terras da Judeia e Samaria, enquanto os Apóstolos permaneceram em Jerusalém, anunciavam a Palavra (Atos 8:1, 4). Ao mordomo-mor de Candace, Filipe, simples diácono, anuncia Jesus (At. 8:27, 35). O mais extenso sermão registrado por Atos dos Apóstolos é o de Estêvão. A Igreja de Antioquia, a primeira fora de Jerusalém, foi fundada pelo ministério dos discípulos comuns. Barnabé e Silas se dedicaram intensamente na pregação do Evangelho. O testemunho de Cristo levou muitos coríntios à fé. E o ministério de Apolo? E o devotamento na pregação da Palavra de Deus por parte de tantos outros que não foram nem Apóstolos e nem presbíteros?

.oOo.

Nas seitas católicas, aos fiéis, aos leigos como depreciativamente são denominados, cabe apenas ouvir e, com a cabeça, acenar aprovação como fazem os anjos das bocas dos cofres das esmolas nos templos idólatras.

A hierarquia arrolha os leigos desautorizados de pregar. O simples sacerdote, como lacaio, aliás, prega por mera delegação do seu bispo.

Qualquer livro de assunto religioso escrito por padres ou leigos, por isso, devem ter o *nihil obstat* de examinadores credenciados seguido do *imprimatur* do ordinário, como ao bispo diocesano designa o Código de Direito Canônico Romano.

Aos católicos, então, se revela como estranho o fato de pregarem os crentes o Santo Evangelho. Influenciados pela mentalidade de cabresto zombam dos discípulos de Cristo por pregarem e alegam serem eles incompetentes. São ensinados que a Bíblia é um livro de mui difícil compreensão e somente aos sacerdotes, que muito estudam, cabe pregá-la.

.oOo.

Para desgraça de muitas pessoas o meio ambiente pode influenciá-las. A maioria é assim, O comércio sabe aproveitar-se dessa contingência da debilidade humana e, através da propaganda, promove e incentiva a

nossa sociedade muito bem denominada de “consumo” a comprar o máximo. Muitos modernos artigos supérfluos, pela dinâmica da propaganda, se tornam indispensáveis... As modas de vestuário, de calçados, de móveis, de eletrodomésticos, de automóveis, se sucedem de maneira alucinante sob a imposição da propaganda hábil em criar o condicionamento do meio ambiente.

É de se lamentar que os crentes, desprovidos de resistência pessoal, caiam nessa onda da sociedade de consumo... Mais lamentável, porém, — verdadeira desgraça — é vê-los se subordinar ao mesmo *status quo* do catolicismo quanto à pregação do Evangelho.

Assim como o católico não prega porque aos sacerdotes cabe essa incumbência, assim também o simples membro de igreja transfere ao pastor a sua tarefa de pregar. Incapazes de reagir acomodam-se à pressão do meio ambiente.

Interessa sobretudo a Satanás atalhar a propagação do Evangelho. Quanto menos se prega a mensagem divina, tanto melhor para o reino satânico a povoar-se de pecadores perdidos.

Por sua argúcia, medrou e se desenvolveu o antievangelho, adquirindo na opinião pública, acomodada na concupiscência da carne, foros de cristianismo. Todos se dizem cristãos embora vivam perdidos na prática dos mais execráveis crimes.

Esse cristianismo antievangélico a serviço de Satanás, por meio de suas práticas rituais e exercícios devotos, anestesia as consciências, deixando-as satisfeitas no caminho da perdição.

A hierarquia desse cristianismo espúrio posta às ordens do diabo supõe-se com direitos exclusivos de ensinar os seus fiéis. E os crentes em Jesus Cristo, sem se aperceberem, deixam-se condicionar por essa ideia generalizada e, ao aceitarem serem cristãos os católicos, se acomodam numa criminosa indiferença, enquanto, para a glória de Satanás, o inferno triunfa.

.oOo.

CAPÍTULO XVII

A MOBILIZAÇÃO DE TODOS OS ARTIFÍCIOS

PARA EMBARAÇAR

A PREGAÇÃO DO EVANGELHO

O PRIMORDIAL INTENTO do Ecumenismo é levar as faixas católicas distantes da comunhão romana a se renderem ao trono pontifício, conforme averiguamos na primeira parte deste livro.

É incontestável a impossibilidade de consumação deste objetivo entre os discípulos de Cristo por Ele salvos desde o instante em que nEle depositaram irrefragável confiança. Fiéis ao seu Senhor perseveraram leais em acatar-Lhe a vontade consignada nas Escrituras Sacras, reconhecidas como Única Regra de Fé e Vida.

O ecumenismo, porém, diligencia outra meta concernente à GLORIOSA TAREFA de proclamar o Evangelho.

Insaciável em suas ambições, o romanismo tudo empreende no sentido de ampliar as suas glórias e expandir os seus proveitos. Como área católica, estrutura-se na tese judaizante da salvação pela fé nos Méritos Remitivos de Cristo e mais as adendas das boas obras e, em especial, das práticas rituais. Em consequência de seu legalismo antievangélico torna-se-lhe imprescindível a hierarquia revestida, para controlar os fiéis, de múltiplos poderes, dentre os quais sobressai o de ensinar, caracterizado pelo título pomposo de magistério eclesiástico, através do qual manipula a seu talante as doutrinas de sua dogmática.

Reconhece-se malograda a hierarquia vaticana em suas tentativas de subjugar os crentes em Jesus Cristo. Malogradas foram as fogueiras inquisitoriais.

Sente-se na urgência de reprimir a audacidade deles em pregar o Evangelho. Abaluartados pelo fascínio de Jesus Cristo, os crentes ativam o seu ministério na proporção direta dos entraves postos à sua frente. Quanto mais perseguidos tanto mais acicatados em seu ânimo sôfrego por anunciar as Boas Novas de salvação.

.oOo.

O Vaticano, como força religiosa, reconhece-se falido na Europa.

Com exceção — agonizante, aliás! — de Espanha e Portugal, a prática religiosa católica no Velho Continente é hoje artificial. “É antes o resultado das

pressões sociais do organismo institucional poderoso da Igreja, pressão da escola, pressão das obras sociais e assistenciais, pressões das organizações assim chamadas apostólicas, do que expressão da fé... Mal consegue esconder a indigência espi ritual das massas católicas que frequentam as igrejas e instituições católicas.”

Será esse um depoimento de algum “herege”? De algum comunista? Ou protestante?

É de um sacerdote católico romano em pleno exercício de suas funções clericais e professor do Instituto de Teologia do Recife, Pernambuco. De nacionalidade belga e teólogo doutorado na Europa pela Universidade de Louvain.

É um testemunho do clérigo José Comblin em seu livro: “Os Sinais dos Tempos e a Evangelização” (Livraria Duas Cidades — S. Paulo, 1968), página 57.

Referindo-se ainda à situação europeia em face do catolicismo, o clérigo Comblin, desalentado, prognostica: “Não há mais povo cristão (católico); sobretudo não haverá mais povo cristão (católico). Pois a situação não deixa nenhuma esperança” (Idem — pág. 57).

“Infelizmente as classes sociais adiantadas perderam a confiança na Igreja, nem a aceitam mais”, lamenta o teólogo do Instituto do Recife (Idem — pág. 65).

A própria ação católica, criada com tanto entusiasmo e enormes esperanças por Pio XI, fracassou: “A ação católica e o apostolado leigo como penetração nas massas incrédulas malograram na Europa”, reconhece o autor de “Os Sinais dos Tempos e a Evangelização” (pág. 66).

A tentativa de salvar os restos da catolicidade europeia recorreu a poderosas instituições: partidos políticos, sindicatos, associações inúmeras, escolas, colégios, universidades. Também “malogrou e nem se tem mais esperança de compensar o malogro”, desapontado, reconhece Comblin (idem — pág. 68).

E a afrontar o fracasso de sua seita em terras do Velho Continente, pergunta: “Qual é a contribuição válida da Europa católica moderna do ponto de vista intelectual?” (idem — pág. 699).

Efetivamente, nenhuma.

Qual é nestes inícios da década de 70 o príncipe dos pensadores católicos vivos na Europa?

Ainda é Jacques Maritain há mais de 40 anos!

Não houve nenhuma renovação!

Esta decadência irremediável do prestígio religioso-romano na Europa, prevista por Pio XI, levou-o a, em sua encíclica *Divini Redemptoris*,

de 19 de março de 1938, conclamar todos os católicos a juntarem as suas forças. Baldados clamores porque a inanição já era tamanha a ponto de suas ovelhas terem perdido a capacidade de reagir à derrocada.

O papa Pio XII, embora se distinguisse como um dos maiores pontífices vaticanos, viu-se embaraçado nos problemas da Segunda Guerra Mundial, desde os vaivens de suas ameaças até o pós-carnificina com todo o seu quadro de horror e a preocupação de tudo reconstruir.

Assim mesmo, quando a fase de reconstrução do após-guerra chegava à sua etapa final, no intento de congregar todas as forças católicas, por meio do Santo Ofício, promulgou a Instrução *De Monitione Oecumenica*, em 20 de dezembro de 1949, onde estabelece normas sobre a ação ecumênica entre as áreas católicas distantes da comunhão vaticana.

É de se admitir o valor do empreendimento ecumenista cercado das muitas esperanças pontifícias depois de reconhecido o fracasso das tentativas anteriores aplicadas na salvaguarda do prestígio da grei católico-romana em terras da Europa.

A João XXIII, sucessor imediato de Pio XII, coube ampliar a cruzada congracionista através do Concílio Ecumênico Vaticano II.

.oOo.

Mas o pontífice de Roma volta seus olhos auspiciosos para o Continente Americano e, de maneira particular, para o Brasil.

“Chegou a hora da Igreja Brasileira!” exclama o reverendo belga à pág. 74 do seu livro.

Por ser reputado o Brasil como a maior nação católica do mundo e, em vista dos prognósticos de se elevar a sua população a 230 milhões de almas até o fim deste século, terá o catolicismo em nosso País de, necessariamente, liderar o catolicismo mundial. O papa considera o Brasil revestido com essa vocação providencial no instante em que a sua grei enfrenta o maior embate de toda a sua história.

Se a América Latina e, particularmente o Brasil, recusarem essa incumbência, o catolicismo ficará no Ocidente sem líder para orientá-lo, sem renovação, sem dinamismo, sem projeção no plano mundial. “A Igreja no Ocidente estará morta ou agonizante junto com as suas gloriosas lembranças de um passado brilhante, porém, consumado”, alarma-se Comblin (Idem — pág. 51).

Nas grandes cidades deste Continente a situação católica conjectura que, em futuro bem próximo, o papa irá se desencantar em seus anseios de encontrar base para manter o dominismo de sua seita no mundo.

Realmente, em multidões, o povo dessas grandes cidades abandona o catolicismo e aceita outros cultos.

À pág. 105 de sua obra citada, Comblin observa: “A autoridade social do clero não é suficiente nas grandes cidades para afastar o povo de tais religiões”.

Na Capital Paulista, por exemplo, apenas 7% dos chamados católicos assistem missa aos domingos, incluindo-se os alunos dos colégios obrigados a essa prática por força de estatuto e as crianças, de casa em casa, pescadas por freiras.

Constata Comblin que “os que frequentam regularmente um desses cultos” — que não o católico — “são mais numerosos que os católicos que assistem às missas aos domingos” (Idem — pág. 105).

Apenas 25% das crianças nascidas em cada ano no Brasil estão sendo levadas às pias batismais romanistas, nota o clérigo José Marins à pág. 86 do seu livro: “Reconstruir o Mundo”. E à pág. 83 afirma: “As estatísticas dizem que no Brasil há 95% de católicos..., mas os verdadeiramente praticantes não chegam a 10%”.

O fenômeno brasileiro se repete em todos os países latino-americanos.

Se a fuga das práticas religiosas por parte dos romanistas impressiona a hierarquia, terrifica-a a implantação dos grupos evangélicos nas plagas latino-americanas favorecidos pela mentalidade receptiva do povo.

Este pavor recrudesce ao verificarem o seu crescimento rápido, embora apenas há cem anos se instalaram neste Continente.

Quanto a este pormenor, não a molestam os grupos do protestantismo histórico, estagnados no seu círculo, onde se fecham como numa espécie de *ghetto* social e cultural, cujo desenvolvimento acontece de modo vegetativo com a integração dos filhos batizados quando recém-nascidos.

Desassossegaram-se os prelados vaticanos com os grupos evangélicos, especialmente os batistas e pentecostais, comprometidos com a evangelização levada a efeito por eles com prodígios de audácia.

Os missionários evangélicos escalaram montanhas, transpuseram rios, embrenharam-se pelas florestas, arrostando toda sorte de sacrifícios ao penetrarem regiões inóspitas, cruzaram os sertões, sobrepujaram enfermidades endêmicas e tropicais, afrontaram o poder clerical mancomunado com os poderes civis... De rijo combateram a idolatria e a feitiçaria... Rejeitavam a tática cômoda de se anunciar doutrinas sem colocar sob a luz da Bíblia os erros religiosos. Procederam, a exemplo de Paulo, o maior missionário, não só pela amplitude de sua jornada, mas

também e sobretudo pela sua intrepidez em trazer à luz do Evangelho os erros para profligá-los.

Quantos crentes preteridos! Quantos espezinhados! Quantos transferidos!

Quantos crentes tiveram de se mudar de cidade porque o comércio nada lhes vendia!

Quantos crentes viram os seus justos interesses postergados!

Quantos crentes desrespeitados em suas merecidas reivindicações!

Quantos crentes humilhados ao verem as portas das escolas fechadas para os seus filhos!

Quanta má vontade, quanta dilação, quanto escárnio sofreram naquele tempo os nossos irmãos em Cristo!

Quantos templos evangélicos incendiados, destruídos, apedrejados!

A nossa curta história no Brasil é uma esteira de lutas, de sofrimentos, de sangue... Já é uma esteira de heroísmo!!!

Os crentes mais antigos ainda nos relatam as peripécias das perseguições e as atas das primeiras igrejas nos transmitem informes sobre gloriosas aventuras.

.oOo.

Notabilizou-se, porém, o surto evangélico ocorrido na década de 50 e inícios da de 60, causando sérias preocupações aos hierarcas vaticanos instalados na América Latina a serviço de sua seita. Em 1955, na oportunidade do Congresso Eucarístico Internacional celebrado no Rio de Janeiro, reuniram-se para confabular e adotar medidas repressoras. Em resultado, uma onda de violência contra os evangélicos varreu o nosso Continente, sobretudo em cidades interioranas. Qual o evangélico brasileiro que não se recorda de alguma perseguição no período de 1955 a 1962? Eu próprio, quando vigário em Guaratinguetá, em princípios de 1961, acatando ordens superiores, comandeí uma obra de vandalismo contra um templo evangélico.

A fibra invencível dos crentes impediu que o seu trabalho evangelizante fosse desmantelado pelo medo das violências. Está na história do colosso estádio do Maracanã a sua maior enchente popular (ao lado da acontecida por ocasião da finalíssima da Copa do Mundo de 1950) para ouvir Billy Graham no encerramento da Convenção Batista Mundial, em julho de 1960.

Os bispos do Estado Fluminense têm atravessado na garganta o fato de que há nesse Estado mais templos batistas que católicos.

Procedeu o IBOPE, em setembro de 1968, uma pesquisa sobre a RELIGIOSIDADE CARIOCA. De 50 pessoas adultas e declaradas evangélicas, 83% procediam do catolicismo. E destas, 86% preferem a religião evangélica, conforme declararam, porque aceitaram Cristo. Note-se que essas pessoas adultas e conscientes da atitude tomada, se converteram exatamente naquele período de 1955-1962.

Cada prelado sente em sua diocese o problema da pujança evangelizante dos crentes. Mas o episcopado latino-americano, em globo, tem uma vista total do fato — motivo de agitadas insônias — através de estudos elaborados por especialistas em estatística religiosa, dentre os quais ressaltamos o jesuíta Renato Poblete (*“Anomie and Quest for Community”*), Thomar F. O’Dea (*“The Formation of Sects among the Puerto Rican of New York”*, em *Americ. Cath. Cocid. Rev.*, 1960), Christian Lalive D’Epinay (*“Le Pentecostisme dans la société chilienne”*).

Urge, pois, sustar o avanço do Evangelho nos países latino-americanos se almejam os bispos criar uma atmosfera propícia ao desenvolvimento maciço do catolicismo.

Compreendem os hierarcas o fracasso de sua missão se os evangélicos continuarem alvoroçados na promoção do Evangelho.

Ineficazes na atualidade os métodos violentos para reprimir a saída dos fiéis da grei papal.

As experiências de um passado recente produziram efeito contrário por incentivar mais ainda a intrepidez dos crentes.

Apelar para que outro recurso?

.oOo.

Eis o outro objetivo do Ecumenismo: debilitar as energias evangelizantes dos crentes.

Não pela violência! E sim pela blandícia!

Inoportuno mostrar-lhes as garras afiadas do sombrio tribunal da inquisição. É mais rentável o envergar a máscara da fraternidade. Diminuir as resistências dos discípulos do Evangelho com o vírus da hipocrisia enfeitada com os sorrisos da amizade para levá-los a perder a perspectiva do evangelismo.

Certa feita um cidadão procurou o delegado de polícia de sua cidade para lhe pedir providências porque um grande desafeto seu iria residir em casa vizinha à sua. “Que o senhor faria, sr. doutor, num caso semelhante?”, perguntou o preocupado cidadão ao chefe de polícia. Ao que este sagazmente respondeu: “Faria tudo para tratá-lo bem; da melhor

maneira possível; seria o primeiro a cumprimentá-lo todas as manhãs; e a oferecer-lhe meus préstimos. Assim liquidaria o meu adversário”.

.oOo.

Tem o ecumenismo um sentido unionista quanto aos católicos afastados da obediência à sé romana e um sentido ecumenistizante quanto aos evangélicos engajados na Grande Comissão.

Ecumenistizar os evangélicos ativistas significa desanimá-los no empenho evangelístico, desgastar-lhes as energias, acanhar-lhes a missão à vista popular.

Ecumenistizar significa minimizar, restringir, limitar, estreitar, desbastar, rarefazer, adelgaçar, atenuar, apoucar, acanhar, diminuir a veemência evangelizante,

Ecumenistizar significa encurralar, confinar, enclausurar, entocar, encafunar, acuar os crentes debaixo dos telhados dos seus templos.

Ecumenistizar significa tirar aos crentes a visão missionária.

Ecumenistizar é blandícia insidiosa. Traíçoeira.

Ecumenistizar é cilada. Emboscada. Perfídia. Estratagema. Ardil. Tática. Astúcia. Trama. Porque em nome de uma aproximação amigável, cordata, afável, cordial a hierarquia objetiva cercear o ímpeto evangelizante dos crentes.

Se as fogueiras da violência não desacoroçoaram os crentes, a aproximação amigável há de embotar-lhes o ânimo. Há de esmaecer-lhes a coragem. Há de entibiar-lhes o ardor. Há de afrouxar-lhes o ímpeto. Há de amaciá-los!

O crente contaminado pelo vírus ecumenistizante compromete-se com o comodismo, com o conformismo. Acomoda-se!

.oOo.

O papa é o indivíduo mais inteligente, mais solerte e mais ardiloso do mundo. É diabolicamente sagaz. É diabolicamente perspicaz.

Porém, acreditem, jamais supunha ser tão feliz ao deflagrar a onda ecumenistizante.

Conseguiu arrebanhar os insensatos das denominações vinculadas ao protestantismo histórico fadadas à extinção porque o seu crescimento é vegetativo através do batismo infantil e não provém de pessoas comprometidas com Cristo pela genuína conversão.

Obteve a cumplicidade dos incrédulos que estão no meio evangélico por amadorismo religioso e subrepticamente, quais estafetas, levam para o meio dessas comunidades o vírus ecumenistizante.

Pôde contar com a credulidade dos esnóbeis, que nada entendem, mas querem se passar por mui atualizados e, porque está na moda ser ecumenista, aceitam dançar no ritmo da música clerical.

Na rabada desse movimento, o papa, com os seus olhos de ganância, vê a malta dos fantoches predicantes de boa vizinhança com o diabo.

Granjeou o beneplácito de figurões complacentes fascinados com a eventual promoção que a boataria religiosa lhes poderia proporcionar por considerá-los ajustados à hora presente.

Ocorre que a apatia de muitos evangélicos caídos na rotina se alia ao trabalho se sapa que os “falsos irmãos” fazem no sentido de criar um ambiente de conformismo com a situação reinante.

O papa se utiliza de todos esses para compor o *cast* da comédia ecumenistizante. Move a todos esses bonecos-de-engonço sem se embaraçar jamais nos cordões.

Aliás, tudo lhe sai muito mais fácil do que as suas previsões, pois, se conta com o apoio dos bispos latino-americanos, os arlequins provenientes dos meios evangélicos se agacham e se acapacham com muito mais mobilidade do que “sua santidade” imaginava.

.oOo.

Se o ecumenismo quanto ao seu intento unionista se assemelha a um jardim de aclimação, onde todos os bichos da fauna católica (romanos, ortodoxos, anglicanos e luteranos) podem submeter-se a uma mesma atmosfera ambiente; o ecumenismo quanto ao seu objetivo ecumenistizante é a arregimentação dos eunucos espirituais residentes nas áreas evangélicas, é um usucapião consumado em latifúndios morais, é a capitulação dos desfibrados, é o recrutamento dos palermas a cortejar a aristocracia embatinada.

.oOo.

A prostituta mercadeja suas carnes. E o ecumenistóide a mascatear normas ecumenistizantes, qual prostituta moral, transaciona com os princípios evangélicos porque quer se amancebar com a idolatria.

.oOo.

Nestes ignóbeis tempos assinalados pela aventura ecumenistizante, para gáudio do vaticano pontífice e seus lacaios prelatícios, o surto evangélico muito se arrefeceu. Os evangélicos postos a reboque dessa onda saída dos corredores papais arrastaram para as suas igrejas o afrouxamento que as leva a evadir-se da responsabilidade evangelística.

Como pregador de campanhas de evangelização constato com profunda mágoa o desinteresse quanto ao cumprimento da Grande Comissão por parte da maioria dos crentes. Com quanta dificuldade se consegue persuadir uma meia dúzia a levar visitantes para ouvir a mensagem do Evangelho!

O sumo pontífice romano aguarda para o futuro a consumação do seu objetivo unionista ao acenar com o lenço branco do ecumenismo para as seitas católicas desgarradas do seu curral.

Mas está credenciado às mais efusivas felicitações porque, quanto ao entibiar e afrouxar os discípulos de Cristo, conseguiu vitórias surpreendentes. O que as masmorras inquisitoriais nunca obtiveram, a ação ecumenistizante alcançou.

Parabenizem-se mutuamente os bispos romanos da América Latina. Este Continente, abafada a pregação do Evangelho, compensará o prejuízo que o Vaticano teve com a perda da Europa Católica.

Congratulem-se reciprocamente os bispos romanos do Brasil porque, infeccionadas as igrejas evangélicas com o vírus da ecumenistização, este País será o líder do catolicismo mundial.

.oOo.

CAPÍTULO XVIII

ARTIFÍCIOS ECUMENISTIZANTES

POSTOS EM PRÁTICA

O PONTO NEURÁLGICO do ecumenismo reside na tese de ser o romanismo a única e verdadeira igreja na qual se congregarão todos os dissidentes dispostos a cumprir a vontade de Cristo quanto a existência de

um só rebanho e um só pastor demonstrada em Sua oração: “*Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em Nós, para que o mundo creia que Me enviaste*” (João 17:21).

O Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, na alínea 3, é bem explícito: “Os irmãos separados, quer como indivíduos quer como comunidades e Igrejas, não gozam daquela unidade que Jesus quis prodigalizar a todos os que regenerou e conviveu num só corpo e em novidade de vida e que as Sagradas Escrituras e a venerável Tradição da Igreja professam. Pois só pela Igreja Católica de Cristo, instrumento geral de salvação, pode ser atingida toda a plenitude dos meios de salvação. Cremos também que o Senhor confiou todos os bens do Novo Testamento só ao Colégio Apostólico, a cuja testa está Pedro, com o fim de construir na terra um só corpo de Cristo”.

Nesse mesmo parágrafo, porém, anuncia o seguinte: “Pois aqueles que creem em Cristo e foram devidamente batizados estão em certa comunhão, embora não perfeita com a Igreja de Cristo”. E a seguir: “Justificados pela fé no batismo, eles são incorporados com o nome de cristãos e reconhecidos merecidamente pelos filhos da Igreja Católica como irmãos no Senhor”.

.oOo.

“Justificados pela fé no batismo”?
Isto é antievangelho!

.oOo.

Em outras palavras, o Decreto *Unitatis Redintegratio* confirma o petulante dogma vaticano que, por ser a igreja católica romana à verdadeira e única igreja de Cristo (então, todas as demais são falsas) somente nela acontece a genuína e autêntica unidade dos cristãos. Somente gozam a perfeita unidade do corpo de Cristo os submissos à hierarquia, cujo fundamento é o papa, que, na suposta qualidade de sucessor de Pedro, “é o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade quer dos bispos quer da multidão dos fiéis” (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, § 25).

Está fora da comunhão perfeita requerida por Cristo o insubmisso ao sucessor de Pedro em quem Jesus “instituiu o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade de fé e comunhão” (idem, § 18).

Conforme ensina o ecumenismo os “que creem em Cristo e foram devidamente batizados” gozam com a igreja romana de certa união. A ela estão ligados por uma comunhão imperfeita.

Quer o crente evangélico queira quer não, ele é católico romano. De maneira imperfeita, sim. Mas é. E o é na marra!

Por isso o primacial objetivo do movimento ecumênico é promover a perfeita comunhão deles todos com a verdadeira Igreja de Cristo.

Embora privados da comunhão perfeita, o romanismo os reconhece cristãos e quer que os seus fiéis os tratem como “irmãos no Senhor”.

É o cúmulo da petulância!

A igreja apóstata, a mãe de todas as abominações, a suprema mestra do antievangelho a se pôr como centro da unidade perfeita de todos os cristãos, na conformidade com o desejo do próprio Cristo e a demonstrar, farisaicamente, misericórdia para os ausentes de seu curral reconhecendo-os cristãos e propondo aos seus fiéis que os tratem como irmãos.

Sim, senhores! Até bem pouco tempo éramos hereges. Agora reconhecem-nos como irmãos, mas separados.

Irmãos separados! Sim... Nós, os crentes é que somos separados, os trãsfigas. E nos quer o papa, como pródigos, genuflexos a lhe beijar o chinelo pontifício.

.oOo.

Com efeito, ex-comungado quer dizer separado da comunhão com a igreja. Separado e excomungado são, portanto, vocábulos sinônimos. O primeiro, contudo, é mais ameno e melífluo. Soa melhor no contexto ecumenista! Presta-se melhor à blandícia ecumenistizante.

Infelizmente, os evangélicos lerdos de raciocínio, descuidam-se de observar as astuciosas táticas romanas manifestas inclusive no seu vocabulário.

.oOo.

À força quer o romanismo que os crentes, por serem batizados, façam parte de sua grei, embora de modo imperfeito. Pelo ecumenismo luta a fim de que essa participação se torne perfeita na integração de todos os católicos dissidentes sob o sumo pontífice, o *centrum unitatis*. E quanto aos crentes evangélicos aplica o estratagema ecumenistizante com o fato de denominá-los irmãos.

Sendo todos cristãos e irmãos, ninguém terá mais necessidade de aceitar o Evangelho. Diante da exposição do plano da salvação em Cristo, os católicos se dizem também cristãos — “somos todos irmãos!” — quando um crente lhes prega.

“O santo padre diz que somos todos cristãos. Todos somos irmãos. Temos todos o mesmo Cristo. Os católicos não precisam mais passar para o meio evangélico”, alegam os fiéis do Vaticano.

“O tempo das rivalidades religiosas já passou. São outros os tempos. Agora deve reinar a paz entre todos. Cada um fique na sua religião. A polêmica desta época é paz geral”, proclamam eles.

Generalizou-se a ideia de que pregar-se o Evangelho puro de Jesus Cristo e apresentar-se o plano de salvação conforme a Verdade do Evangelho é sectarismo. Proselitismo!

Se os católicos são também cristãos, por que anunciar-lhes o Evangelho? Fazê-lo é, transgredindo as normas atuais da boa e pacífica vizinhança, ser sectário e proselitista.

Verifica-se desse modo outro resultado da ação ecumenizante afora o afrouxamento dos crentes: os católicos se acomodam no indiferentismo do “todos-somos-irmãos” e do “todos-somos-cristãos”.

.oOo.

O romanismo dispõe de uma impressionante máquina publicitária, cujas principais peças são os bispos espalhados pelo mundo inteiro. Cada um em sua diocese manipula todos os meios de comunicação para a propaganda cerrada de sua seita e das táticas ecumenistas.

Em nosso país, a hierarquia clerical, afora jornais, possui mais de 200 emissoras radiofônicas. Na cidade de Patos, localizada no centro fisiográfico do Estado da Paraíba, onde me encontro nestes dias pronunciando uma série de pregações numa campanha evangelística, existe só uma emissora: a da diocese local, livre, portanto, de qualquer concorrência, a abranger vasta região do sertão paraibano. E toda a sua programação objetiva inculcar mais e mais as doutrinas romanistas. Fato semelhante ocorre no bispado limítrofe de Cajazeiras.

Além disso, a hierarquia possui grandes quantidades de ações das grandes e poderosas emissoras, dos canais de TV e dos grandes jornais.

.oOo.

Alegam os arlequins ecumenistóides haver acontecido grandes transformações no catolicismo romano. Discordo quanto a mudanças doutrinárias. Discordo, outrossim, quanto aos seus objetivos. Concordo em relação a mudanças de suas estratégias.

Quem conhece a História sabe como a hierarquia romana se amolda às situações sociais e políticas dos povos para sugar-lhes as energias.

Jamais se empenhou pelas soluções desses problemas, apesar de haver dominado a Europa por vários séculos. A sua recente abertura para as esquerdas intenta envolvê-las a fim de tirar proveito próprio e sustentar a sua organização pantagruelicamente capitalista a cavaleiro de quaisquer imprevistos futuros.

Outra mudança ocorrida é quanto ao aproveitamento dos modernos meios de comunicação social.

No passado, a escola representava um notável veículo de contacto com o povo e apreciável investimento comercial. Em consequência desse duplo resultado, o clero se empenhava em prol dos estabelecimentos de ensino secundário.

Sempre se descuidou do ensino primário porque o governo o fornecia gratuitamente. Preferia, então, explorar o comércio do ensino médio, por meio do qual, entretanto, exercia influência sobre as camadas das classes média e alta.

Mas, desde que hoje os poderes públicos vêm disseminando colégios gratuitos em grande quantidade, fazendo concorrência ao clero, este se desinteressou deles e a muitos tem fechado.

Para tudo o clero só tem olhos de cupidez.

E desde que, dentre os meios de comunicação popular, se destaca a imprensa em suas três modalidades: escrita, falada e televisionada, a hierarquia investe altas somas neste empreendimento.

Realmente, na imprensa encontra um excepcional veículo para disseminar o vírus de suas doutrinas que infeccionam toda a sociedade.

No Estado sulino do Rio Grande, por exemplo, montou uma rede de 20 emissoras que cobre todo o seu Interior e o sul de Santa Catarina, encabeçada pela Difusora porto-alegrense, rádio e TV canal 10, inaugurada em outubro de 1969. A estação de Rádio e TV da Difusora porto-alegrense ocupa um prédio de seis mil metros quadrados, e, como mais moderna instalação de TV do Brasil, serve-se de moderníssimo equipamento americano RCA, sendo a primeira estação pronta para transmitir a cores. E o IBOPE informa o seu alto conceito público por sempre ocupar o primeiro lugar de audiência.

Por meio deste recurso a carrear lucros fabulosos para os cofres da hierarquia, esta, ao mesmo tempo, manobra a opinião pública a seu arbítrio.

Dispondo desses meios de comunicação representa a hierarquia clerical um verdadeiro poder a nos ameaçar constantemente.

Por outro lado, através desse poder, ela pressiona todo o resto da imprensa do País.

No ano passado quis fazer um teste. Visitei todos os grandes jornais e as grandes revistas de S. Paulo, incluindo duas do Rio de Janeiro, e ofereci ao diretor, ao chefe do departamento de reportagens e a dois ou três repórteres de cada organização um exemplar do meu livro: “Poder-se-á confiar nos padres?” A pedido meu, todos receberam minha entrevista sobre o livro. Mas, algum publicou essa entrevista?

Nenhum!

Insisti em vão. E o diretor de dois teve, em seu cinismo, a sinceridade de me informar sobre a situação desses jornais dependentes dos cofres arqui-diocesanos. O chefe de reportagens do Diário Popular, por exemplo, saiu-se com esta: “Nós sabemos de muita desonestidade de poderosas firmas comerciais e, todavia, embora traíamos nosso dever de defender o povo esbulhado por elas,

não as combatemos porque nos pagam custosíssimas propagandas. Nossos interesses de expansão impedem-nos indispor-mo-nos com o clero”.

Todos concordam com as argumentações e as conclusões do meu livro. Arrolhados pelo poder econômico clerical, porém, escusam-se de promovê-lo em suas colunas.

De antemão, estava convencido de não encontrar cobertura da imprensa para o meu livro. Tive esse trabalho como um teste a fim de divulgar agora essa experiência como prova do que acabo de afirmar sobre o controle mantido pelos hierarcas romanos sobre a chamada grande imprensa, que se blasona de ser livre.

Outra experiência: Converteu-se uma freira após haver servido como professora por longos anos em colégios de sua ordem. A legislação trabalhista credenciava-lhe alguns direitos. Procurou um advogado seu conhecido, porém, católico, a quem confiou sua documentação. Misteriosamente (?) esta desapareceu das gavetas do causídico. Agora, desprovida desses documentos, por sugestão minha, pois queria testar um programa de TV especializado em atender reivindicações de pessoas prejudicadas em seus direitos, foi procurar Derci Gonçalves.

Ouviu-a a artista com muita simpatia, confessou-se umbandista e “inimiga” de padres e freiras a respeito de quem contou piadas

apimentadas. Pediu, contudo, escusas à nossa irmã ex-freira por nada lhe poder fazer, porquanto se o fizesse teria na certa o seu programa suspenso pela direção da Globo, poderosa rede de TVs, rádios e jornais, pressionada pelo clero.

O romanismo dispõe desse assombroso dispositivo de divulgação. Basta um espirro e a cara do papa está nos jornais. Se o Vaticano oferece uma migalha aos flagelados de qualquer calamidade pública, a notícia sai em manchetes e nos noticiários de TV e radiofônicos! Se o bispo divulga uma carta pastoral e o papa promulga qualquer arrazoado, as colunas da imprensa se enchem de comentários. As resoluções e os manifestos produzidos nos encontros dos bispos encontram agasalho em largas colunas e comentários de toda imprensa. Tudo serve de pretexto, contanto que os hierarcas estejam na ordem do dia desses veículos de divulgação. E não é porque os jornalistas e repórteres queiram, pois muitos são acatólicos e conhecem bem o clero e dele têm asco. É que são forçados pela conjuntura.

Pois bem, tudo isso está posto a serviço do ecumenismo. O Vaticano preparou a coisa de tal maneira que os crentes se dipõem a servi-lo. O Vaticano é satanicamente astuto para aproveitar-se da sua ingenuidade.

.oOo.

Reconheço três formas de violência:

1ª — A violência física que emprega a força bruta.

2ª — A violência estrutural quando o contexto social periferiza grande parte da população, privando-a dos bens fundamentais da vida: alimento, saúde, habitação, cultura, participação política, justiça, etc.

3ª — A violência psicossocial que consiste no emprego dos meios de propaganda, de publicidade, em proveito de uma organização ou de alguma corrente política ou religiosa. Ao condicionar as atitudes dos indivíduos reduz-lhes a liberdade a uma simples aparência.

O clero sempre se habilitou na aplicação dessas três formas de violência. Pela inquisição adotou a primeira. Pela sua riqueza astronômica que o engaja num capitalismo exacerbado suga os povos onde predominam os seus fiéis, impedindo-os do banquete humano dos justos e fundamentais direitos da vida.

A violência psicossocial pratica-a através da sua imprensa, que condiciona a opinião pública, envolvendo-a nos meandros de suas sutilezas, coarctando-lhe a liberdade imprescindível para atender sua consciência.

Na efervescência provocada na sociedade pela imprensa — o estupendo veículo de propaganda posto às ordens clericais — os bispos adquirem a cumplicidade do complacentes cartolas protestantes catolicizados.

E nesta hora em que eles, na encenação ecumenista, manejam os cordéis desses figurões, ridículas marionetes carnavalescas, é preciso ter-se uma consistência de aço para se manter fiel às normas bíblicas numa sociedade forjada pelas vantagens dos manipanços embatinados.

A fidelidade ao Evangelho requer têmpera e convicção inquebrantável nestes ominosos tempos de covardia social quando se alastra nos meios evangélicos a hipócrita bajulação aos sacerdotes cultores da idolatria.

.oOo.

Pressionados por essa violência psicossocial porque falta-lhes aquela têmpera de coragem própria dos discípulos de Cristo, muitos veem nestes dias uma grande oportunidade para o Evangelho porque os católicos nos sorriem e os padres frequentam nossos templos.

Os padres frequentam os nossos templos atendendo uma tática.

Ao se nos referirem pela grande imprensa, tratam-nos de irmãos separados porque “pelo batismo já fazem parte da igreja católica, embora de modo imperfeito”, conforme propala o Decreto *Unitatis Redintegratio*.

E acontece nos meios populares católicos exatamente aquilo que o pontífice romano quer: o boato de que todos somos irmãos porque o “santo padre” falou. “Ele não quer mais indisposição com os protestantes. Somos todos iguais. Todos os caminhos dão ao céu. Ninguém mais precisa mudar de religião para se salvar. Somos todos cristãos. Os padres já nos mandam ler a Bíblia e nós já a possuímos em casa”.

“E agora é aquela paz... Religião não se discute mais. Já se foram os tempos atrasados de se queimar a Bíblia e apedrejar templos. Somos todos irmãos”.

O católico se fecha nessa terrível indiferença diante do Evangelho porque agora tudo é a mesma coisa.

Se se lhe mostrar alguma diferença entre o seu credo e a Bíblia, alega logo ser maneira diversa de se interpretar a Palavra de Deus e se haver ultrapassado a época do fanatismo.

O papa é o indivíduo mais inteligente do mundo. Satanicamente astuto!

Convencido do surto evangélico, sobretudo nos países americanos, com uma formidável guinada de 180º, levou a santa inquisição a mudar

de tática coercitiva. Das fogueiras e das masmorras nada de positivo a seu favor pode esperar: produziram-lhe efeito contrário nesta fase da História quando a humanidade se libertou de suas peias políticas. Decidiu prosseguir a coação pelos métodos da blandícia, da afabilidade hipócrita.

Se a violência não lhe rende, então apela para a virulência da falsa amizade.

Os seus prognósticos tornaram-se eficacíssimos. O seu grande investimento ecumenista tem-lhe rendido juros compensadores.

Na área romanista é o que se observa: a indiferença total diante do Evangelho a fixar os seus fiéis no terreno em que se encontram.

E entre os evangélicos esse investimento está lhe produzindo bonificações excepcionais, porquanto muitos deles, na sua imaturidade emocional, escusam-se de analisar o empreendimento unionista e ecumenistizante à luz da História e das doutrinas católicas.

Acresce outro lucro colossal em favor da teologia católica. É que ninguém mais rebate as suas heresias, as suas doutrinas ilógicas.

A mentira, de tanto ser repetida e sem as barreiras da denúncia, toma foros de verdade.

Vivemos a hora do protesto. Todo mundo contesta. E contesta-se contra tudo e contra todos.

Hoje só quem não protesta são os protestantes.

Chamam-nos de protestantes e não protestamos. Encafudados na covardia social, sorrimos complacentes para todas as aleivosias assacadas contra o Evangelho. Somos uns paspalhos a envergonhar nossos antepassados que deram o seu sangue pela Causa.

.oOo.

Abandonei o sacerdócio católico romano em maio de 1965 e presenciei muitas confabulações entre o clero visando a prática dos lances ecumenistas.

Em julho de 1964 participei de um retiro espiritual dos padres do arcebispado de Ribeirão Preto a cuja jurisdição canônica estava sujeito. Ao final desse exercício, o nosso arcebispo, hoje cardeal em Roma, o sr. Agnelo Rossi, promoveu um dia de estudos sobre aplicações práticas da ação ecumenista, assunto palpitante e de máximo interesse para o clero, O hierarca forneceu-nos muitas “instruções de efeitos positivos surpreendentes”.

Dentre tantas, salientou-nos que os padres vigários de paróquias onde houvesse alguma igreja protestante (?) deveriam fazer tudo por se

tornarem amicíssimos dos crentes, mas, sobretudo, dos pastores e que demonstrassem pública e rasgadamente essa amizade. E, enfeitado por um sorriso malicioso, apresentou o resultado: aí o povo concluirá que tudo é a mesma coisa e quando alguém for abordado por um protestante logo se sairá com a explicação que tudo é a mesma coisa haja vista a estreita amizade entre o “seu” vigário e o pastor.

Sugeriu-nos ainda o prelado que procurássemos prestigiar o pastor promovendo-lhe a participação ativa na diretoria de alguma sociedade recreativa ou beneficente da paróquia. Lembrou-nos a ótima oportunidade de certas festas, como as de formatura de estudantes, recomendando-nos que convidássemos o pastor a compor o cenário do palco. E comentava o nosso amantíssimo ordinário: “Os pastores em geral são pessoas simples e sentir-se-ão envaidecidos quando numa solenidade forem saudados entre as autoridades eclesiásticas.”

Sentir-se-á notável aparecendo a comboiar o sacerdote...

Sugeriu-nos o hierarca procurássemos visitar o pastor em sua casa e o convidássemos para refeições em nossa própria. Que nos prontificássemos a ajudá-lo em tudo e dispendo-nos, com insistência, a lhe emprestar objetos, como bancos, quando necessários. Que atendêssemos prontamente seus convites e de maneira especial os relativos a cultos religiosos.

Todas as sugestões ecumenizantes do arcebispo visavam esta meta: levar o povo à conclusão de que tudo é a mesma coisa e assim os católicos estariam imunizados dos incidioso proselitismo protestante.

Muitos pastores evangélicos — reconheço-os sinceros na sua boa fé — supõem ser já tempo de se acabarem as rixas entre ministros de religiões diferentes. Entre pessoas educadas, com nível escolar superior, fica muito bem a cordialidade. Devem-se tratar como cavalheiros.

Que candura!

Cavalheirismo, sim! E quando o cavalheirismo põe em cheque a fidelidade a Jesus Cristo e à Sua Vontade?

Cavalheirismo! Como sinônimo de subserviência? De ingenuidade? De cumplicidade? De parceria na trama ecumenizante?

Porventura Jesus foi cavalheiro com os fariseus? Com os sacerdotes? Serão expressões cavalheiras as suas objurgatórias registradas no capítulo 23 de Mateus?

Terá sido cavalheiro Paulo Apóstolo na presença dos judaizantes? Foi de cavalheiro a sua conduta na assembleia de Jerusalém? Será de cavalheiro o chamar-se de bestas os adversários efesinos? (I Coríntios 15:32).

.oOo.

Sobremodo apreciam os crentes verem a presença de sacerdotes nos cultos evangélicos.

Uns veem nesse gesto uma predisposição, uma abertura para o Evangelho, um interesse especial a revelar busca da Verdade. Outros, um ensejo para que ouçam a pregação da Palavra de Deus.

Tudo isso é utopia!

A comparência do clérigo aos nossos cultos não significa nem uma coisa e nem proporciona a outra.

Ele comparece por uma terceira razão. Porque está fazendo o jogo ecumenistizante!...

Os ingênuos teimosos — pascácios! — insistem que, ouvindo, poderá algum deles se converter.

Sim! A fé é pelo ouvir a Palavra de Deus (Romanos 10:17).

Mas, como ouvi-la? Com aquela predisposição de quem é sincero na busca da salvação e no desejo de atender a Vontade de Deus.

Se pelo fato de se ouvir a Palavra de Deus já se aceitasse a Cristo, quem não seria crente nestes brasis? Tantos clérigos têm ouvido a mensagem do Evangelho e quantos a aceitaram?

Aqui no Brasil quais são os padres convertidos durante este período de assanhamento ecumenista?

Ninguém se iluda mais! Os sacerdotes se apresentam em nossos cultos cumprindo o programa da ação ecumenistizante.

Qual o comportamento do pastor em semelhantes circunstâncias? A do bom senso!

Sabedor dos propósitos da cilada, deve tratar o reverendo como a outro qualquer pecador, sem anunciar-lhe sequer a presença. E na apresentação da mensagem, não se impressionando, fazê-lo com fidelidade à inspiração do Espírito Santo e lealdade com a inteireza doutrinária da Bíblia.

O pastor cauteloso, antecipadamente, orienta o seu rebanho no sentido de não se impressionar quando isto ocorrer. Ninguém deve dar especial atenção ao sacerdote para não enfatizar o seu comparecimento.

Toda vez que vejo um clérigo presente vem-me à lembrança a observação bíblica ao relatar a tentação e queda dos primeiros pais: *“Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo”* (Gênesis 3:1).

Ao se referir aos judaizantes, Paulo prevenia os coríntios, lembrando-lhes a astúcia da serpente (II Coríntios 11:3).

.oOo.

Dirigi há pouco uma série de pregações evangelísticas num dos subúrbios da grande S. Paulo.

Ao chegar no sábado à noite encontrei o templo regurgitante e o povo turbulento com a notícia da vinda do vigário a convite da esposa do pastor da igreja.

Este, pretendendo transformar em ribalta ecumênica a plataforma do púlpito, já havia posto uma cadeira de alto espaldar destinada ao clérigo. Repeli essa ideia, colocando o simplório pastor num dilema: ou tirar de lá a cadeira ou a minha retirada.

Em vista de minha inflexível decisão, julgou de melhor alvitre colocar a cadeira embaixo.

Efetivamente, poucos minutos antes do início do culto, chegou o reverendo acompanhado de grande comitiva de paroquianos, todos mui cordiais.

Foi aquela azáfama para instalá-los todos nos primeiros assentos ao lado do pároco.

Enquanto tudo isso se processava, a esposa do pastor, como recepcionista, postada à porta do templo, saltitante, apontava o vigário como o seu convidado especial a informar a todos, o seu êxito em levá-lo.

O pastor, de cara apalermada e encegueirado, apesar de minhas advertências, com voz cheia de cálida adulação, apresentou o clérigo, que, com palavras repassadas de elogios e agradecimentos, de pé e acenando com a mão para a assistência, retribuiu o palanfrório entre sorrisos simpáticos de ecumenista profissional.

“Lábios lisonjeiros e coração dobrado”.

Naquela noite, Deus me deu uma mensagem candente. Investi duro e firme contra a idolatria.

Ao fazer o apelo houve muitas decisões. Toda a comitiva do sacerdote se manifestou. E o próprio vigário pôs-se de pé e foi à frente.

A madame do pastor não cabia em si de jubilosa. O extravazamento de sua euforia contagiava os irmãos circunstantes. “O vigário se converteu. Todos seus acompanhantes também. A palavra de Deus é como o martelo a esmiuçar a penha. Acabou-se a paróquia católica do bairro”.

Alguns membros da igreja, que haviam presenciado a minha manifestação de intransigência, vitoriosos, me olhavam com ares de censura e desdém.

Cumprimentei todos os decididos, inclusive o vigário e sua caterva, enquanto os conselheiros anotavam os nomes e endereços de todos.

Após orar, entreguei o púlpito ao pastor da igreja para encerrar o culto.

Enxuguei lágrimas de tristeza ao ouvir as palavras finais do pastor que, traindo o Evangelho, acabava de colocar a sua igreja a reboque da onda ecumenista.

Ao me despedir dele, informou-me que o vigário queria uma entrevista com ele e pediu-me que o acompanhasse no dia seguinte à casa paroquial.

Escusei-me. “Desde que o reverendo se converteu e precisa de orientação, será melhor que o irmão vá sozinho. E, depois, caso julgue de mister, poderei ir também”, disse-lhe eu, sabendo já qual seria o desfecho daquela patuscada.

Tempos depois, encontramos-nos e perguntei ao pastor sobre o vigário “convertido”.

“Nem queira saber”, contou-me. “Logo na segunda-feira fui à casa paroquial. O padre me colocou num labirinto de sofismas. Fiquei apalermado! No fim, disse-me palavras ásperas. E, após duas horas de tortura moral, retirei-me. Quase erro o caminho de casa”.

“E quantos decididos frequentam a igreja?”, perguntei-lhe.

“Nenhum! Apesar de muito visitados, todos se dizem cristãos porque também creem em Cristo, mas preferem continuar ao lado do “sô” vigário”.

O pastor, desmoralizado no bairro tem o seu ministério arruinado. O melhor a fazer seria mudar-se de lá. E que faça bom proveito da lição.

.oOo.

É tão astuto o clero que nem perde a oportunidade das nossas campanhas para manifestar a sua simpatia ecumenista e ecumenizante.

Este ardil faz-me lembrar a estória do jacaré.

De certa feita um casal em lua de mel decidiu gozar as suas delícias na Amazônia. Seria uma lua de mel diferente. Sensacional! Dar-lhe-ia fartíssima reserva de acontecimentos para rechear as suas conversas com os amigos.

Quiseram os dois pombinhos fazer sortida pelas florestas. Às margens de um igarapé, boquiabertos, encontraram muitos jacarés em banho de sol naquela manhã ensolarada no céu de um azul profundo. Jacaré-açu. Jacaré-curuá. Jacaré-de-óculos. Jacaré-de-papo.amarelo. Uma aglomeração de jacarés. Uma jacarezada!

Um deles afastara-se do aconchego dos seus semelhantes, O jovem maridinho, no desejo de documentar a sua aventura, resolveu fotografar o cenário jacareniano.

Sorriam-lhe sorrisos largos os jacarés... Sorrisos convidativos à amizade.

O rapaz, atraído por tanta cordialidade jacareense, resolveu tirar uma foto sensacional. Originalíssima!

Um instantâneo de sua amada esposinha a cavalo no jacaré separado da multidão.

A cavalo, no caso, é força do hábito. Montada no jacaré. A jacaré! Garrida e saltitante de felicidade pela proeza insólita, a jovem anuiu à proposta. Encorajava-a o amplo sorriso do jacaré.

Cavalgou num garbo de valente amazonas.

Ao bater a chapa fotográfica, o rapaz constatou haver-se terminado o filme. Agastado por lhe faltar experiência com a máquina recém-adquirida na “Zona Franca”, recolheu-se à sombra de frondosa árvore altaneira para a operação da troca.

A sua amada, em gritinhos de menina corajosa, incitava à pressa o príncipe dos seus amores, mui lerdo na substituição do filme.

E o jacaré sorrindo... Sorrindo largo.

O silêncio brusco da moça o fez um pouco apreensivo. “De certo se cansou de gritar ou está extasiada na contemplação da exuberante natureza”.

Manobra concluída, volta-se num repente o moço para colher a mais espetacular foto instantânea.

Cadê a jovem esposa?

Desaparecera dos lombos do jacaré.

O jacaré a engolira!

Mas continuava com o seu sorriso largo e amigo.

O ecumenismo transforma em realidade a fábula do jacaré!

Os sacerdotes emboscados no ecumenismo sorriem fraternos e louvaminheiros aos crentes... Para tragá-los nos meandros de seus interesses.

.oOo.

Em Belém do Pará, o arcebispo romano, Alberto Ramos, andou convocando encontros com pastores protestantes e evangélicos em seu próprio palácio. Foram quase todos e, para sumo agrado de s. excia. lá

estavam os batistas, caracterizados em passado recente pela sua intransigência doutrinária.

Em outubro de 1967, atendendo um honroso convite, fui pregar naquela cidade durante uma grande campanha de evangelização promovida pelas igrejas batistas locais.

A propaganda foi vasta, mas de água-doce. Estiraram-se faixas sobre as vias públicas a ostentar o lema “Cristo, a Única Esperança”. Lema, diga-se, incolor porque serve ecumenisticamente a todas as facções da intitulada cristandade.

E a política da boa vizinhança religiosa se distinguia nessas faixas com uma cruz em vermelho ao lado daquele dístico.

Soube posteriormente que alguns responsáveis pela campanha manifestaram sua opinião contrária a que fosse pregador um ex-sacerdote romano porque ele poderia atacar o clero e o tempo disso já passou.

O arcebispo Alberto Ramos, na adoção de tática oposta à do seu antecessor, Antônio de Macedo Costa, célebre por sua luta política ao tempo do Império e autor do Catecismo sobre a Igreja Católica, onde violentamente ataca as doutrinas evangélicas e, por isso, com clareza e bravura contestado por M. G. Tôrres através do seu livro “A Igreja Romana à barra do Evangelho e da História”.

O sr. Alberto Ramos, agora tranquilo na certeza de não encontrar um Tôrres que o contestasse, espalhou pelos jornais locais de 8 de outubro de 1967 a sua mensagem ao povo para marcar a passagem das comemorações do círio na festa da Senhora de Nazaré, a mais importante do Norte do País.

A propósito do nosso assunto, destaco o seguinte tópico da saudação do prelado: “Desde muitos anos ela (a Virgem) nos diz que Cristo é nossa vida, é nosso caminho, é a solução para todos os nossos problemas, é a nossa única esperança como ainda há pouco, andaram apregoando nossos irmãos batistas, em faixas e conferências pela cidade.

A Virgem de Nazaré vem às ruas para dizer-nos, como em Caná: “Fazei tudo o que Ele vos disser. Fazei tudo o que Jesus vos mandar. O que vale afirmar: Fazei tudo que vos preceitua através de sua Igreja, nas determinações conciliares e nas encíclicas pontificias”.

Ninguém apareceu na imprensa para rechaçar a sandice arquiépiscopal. O ecumenismo arrolhou-os a todos.

Não fica bem nos dias atuais abrir-se polêmica!

E a fidelidade à Verdade do Evangelho? Ora, a fidelidade!!!

.oOo.

A ingenuidade atinge as raias da... (desculpem-me: ia dizer estupidez) nem sei de quê a tal ponto que numa campanha de evangelização levada a efeito por várias igrejas de grupos protestantes e evangélicos diferentes, em Porto Alegre, em 1967, a Comissão Central resolvera encaminhar à paróquia romana mais próxima do endereço dado pelo decidido por Cristo que escolhesse a igreja romana.

Um trágico acidente vitimou o Rev. Daily Resende França, presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana Independente e, dentre as manifestações de condolências, apareceu um telegrama do bispo romano Vicente Zioni, de Botucatu, interior do Estado de S. Paulo, pelo qual se propunha o prelado a rezar pela alma do falecido. Na maior ingenuidade do mundo o órgão da denominação, O Estandarte, de 31 de julho de 1971 transcreve o mencionado telegrama.

.oOo.

A astúcia ecumenistizante faz-me recordar a espetacular luta de boxe que chamou a atenção desportiva do mundo inteiro entre o campeão internacional Éder Jofre e Massahico Harada, acontecida em Tóquio, Japão, a 18 de maio de 1965. Lutaria o nosso patricio para conservar o título máximo e o seu contendor para conquistá-lo.

Os brasileiros aficionados da modalidade esportiva se postaram diante da TV. E, na torcida fremente, estavam eufóricos na certeza da vitória do nosso consagrado boxista.

Ao entrarem os dois lutadores no tablado da refrega, ao invés do protocolar e rápido aperto de mão, Harada deu um apertado e efusivo abraço em Éder Jofre.

Admiraram-se muitos brasileiros do alto nível de educação do simpático japonês. Outros, porém, viram nesse gesto um sinal de sua fraqueza, uma demonstração do seu medo, um reconhecimento da superioridade do boxer brasileiro.

Soado o gongo, assombrados os telespectadores patricios assistiram, ao contrário do normal numa luta idêntica, Harada dar outro abraço em Éder.

E o locutor a berrar: “Harada abraça Éder. Sensacional, srs.! Esquisito! Harada dá um abraço em nosso campeão!

Agora Harada dá uma cabeçada em Éder Jofre! Cabeçada violenta! O nosso Jofre sente o golpe.

Harada dá outro abraço em Éder Jofre. Agora outra cabeçada”.

E, entre amplexos cordiais, as cabeçadas violentas se sucediam minando a resistência do nosso representante máximo em luta de boxe.

Resultado: os brasileiros assistiram a fragorosa derrota do nosso campeão mundial.

Eis o ecumenismo! Entre sorrisos, abraços, afabilidades, os golpes mortais contra o evangelismo...

.oOo.

No artigo Avivamento Hoje publicado no órgão O Batista Nacional (n.º 6, de julho de 1970), o pastor Reuel P. Feitosa declara: “Há pouco chegounos às mãos a carta de um pastor americano, David du Plessis, onde dá conta de que

“Deus está abençoando grandemente nosso país em todas as igrejas. É simplesmente espantoso como um reavivamento carismático das igrejas está varrendo este país, especialmente a Igreja Católica Romana. Tem acontecido que centenas de freiras e sacerdotes estão recebendo o batismo com o Espírito Santo cada semana nos conventos e seminários”. Observa o pastor Reuel que “o Pastor du Plessis tem tido oportunidades fora do comum visitando igrejas, inclusive “igrejas liberais” e católico-romanas”.

Uai, desconhecia a tese de que o incrédulo tem o Espírito Santo! Que O tem quem nega a inspiração divina das Escrituras. Que O recebe quem aceita o magistério eclesiástico como Fonte de Revelação sobreexcelente e sobreexcelente por julgar a Bíblia obscura e incompleta. Que O recebe quem O nega ao colocar como seu guia espiritual uma hierarquia eclesiástica que se arvora em legítima e única norma de interpretação da Palavra de Deus.

E um crente pode permanecer no catolicismo? Crendo nas boas obras como meritórias para a salvação, no purgatório, nos sacramentos, na idolatria, no culto aos santos, em Maria como medianeira, corredentora, advogada?

Será que o pastor Reuel desconhece que o clero norte-americano se encontra minado de alcoólatras e viciados em entorpecentes? As manifestações vistas por du Plessis são alucinatórias!

Sucede com eles o mesmo que aconteceu com alguns bispos do Concílio Ecumênico Vaticano II: reuniam-se para grossas farras e carraspanas sensacionais. E depois alguns pentecostais divulgaram a notícia de que o Espírito Santo estava batizando até bispos reunidos em Concílio.

.oOo.

Alastra-se, por influência da onda ecumenizante, a ideia errônea e prejudicial à evangelização de que os católicos podem encontrar a salvação no labirinto da sua seita contanto que nas suas práticas sejam sinceros por ver nelas remorsos legítimos e capazes de levá-los ao céu.

Deus, porém, recusa a sinceridade no erro. Aliás, qualquer um de nós assim se comporta. Se, porventura, algum comerciante muito amigo do leitor, numa de suas grandes compras cometer um engano de soma contra o freguês, este, em que pese a probidade do comerciante, com delicadeza removerá a possibilidade de prejudicar-se solicitando uma revisão na soma.

Ao tempo de padre pude constatar através do confessionário a ansiedade e a insegurança que invadem os corações dos católicos sinceros. Invade-lhes uma permanente dúvida. E posso garantir que, aos sinceros de verdade, Deus concederá, na Sua Infinita Misericórdia, uma oportunidade de conhecerem o Seu Plano de Salvação em Jesus Cristo.

Os evangélicos ecumenizados, por estarem presos por uma invencível imaturidade emocional, embaralham tudo e saem aos quatro ventos proclamando as mais berrantes parvoíces.

Na noite de 5 de fevereiro de 1971, quando uma tragédia no Bairro da Gameleira, em Belo Horizonte, que vitimou muitos trabalhadores em uma construção, ao lado de um sacerdote romano, um pastor pentecostal, pelo microfone da Rádio Inconfidência, bradava um convite ao povo para a missa de sétimo dia em sufrágio dos mortos.

O papa está de parabéns. O êxito agora impossível como resultado de violências, é conseguido mais facilmente por meio de sorrisos e amáveis palmadinhas nos ombros dos irmãos separados.

Quando a hierarquia romana nota uma retração no surto ecumenizante, inventa qualquer pretexto ou expediente para, chamando a atenção pública, assoprá-lo e fazê-lo recrudescer.

No ano de 1971 generalizou-se a impressão de que essa epidemia entrara em fase decrescente, e eis a presença do reverendo Nehemias Marien num programa de televisão a responder sobre a Bíblia.

O reverendo possui uma memória bastante boa (?). Sabe de cor muitos versículos da Bíblia. Mas não assimilou a mensagem divina. Não digeriu essa memorização. Indigestou!

O programa transformou-se num autêntico show ecumenista e ecumenizante. O homem que começou seu programa a dizer que, se abocanhasse o prêmio dos milhões, aplicá-lo-ia na construção dum templo

ecumênico, na sua indigestação de tantos versículos decorados, não vislumbrou a condenação das imagens e ofereceu um crucifixo como lembrança, sob os aplausos dos clérigos romanos presentes, ao entrevistador do programa.

O clero soube aproveitar-se do reverendo para deflagrar outra campanha ecumenista e, mais ainda, ecumenistizante. Lá numa das respostas o reverendo entrevistado disse o nome de um personagem bíblico que não conferia com o constante no papel do entrevistador.

Na conformidade com o regulamento do programa, receberia um prêmio de consolo e encerrar-se-ia a sua participação.

Mas, de acordo com a encenação adrede preparada, sacerdotes romanos surgiram a clamar pela continuidade do reverendo diante das câmeras do programa. Um deles desfilou os seus títulos e informou de que a resposta do pastor ecumenista era certa porque o nome do personagem bíblico também era aquele. E, perante o público, o reverendo deve ao clero romano a sua permanência no programa até o fim.

A entrega do prêmio foi emoldurada por uma vergonhosa comédia ecumenista quando estiveram presentes um bispo romano da Guanabara, o presidente da Sociedade Bíblica do Brasil (a serviço da campanha ecumenistizante) e vários clérigos.

De então para a frente, o Nehemias percorre o Brasil na sua inglória tarefa de pregar ecumenismo. Em João Pessoa, capital da Paraíba, num culto ecumênico chegou a cantar em dueto com o sr. José Maria Pires, arcebispo dos católicos da capital paraibana. Não me surpreenderei com a notícia da visita do reverendo ecumenista ao papa, de quem precisa a bênção a fim de prosseguir a sua cruzada.

Muitos crentes se dizem antiecumenistas e caem em contradição ao aplaudir o “pastor da Bíblia” (?) que repele a Bíblia do Pastor.

A avalanche ecumenistizante, aproveitando as muitas chances que lhe surgem em seu ímpeto, vem obtendo grandes êxitos em favor dos objetivos papais a tal ponto que muitos membros de igrejas evangélicas aceitam sem rebuços a idolatria mais grosseira.

De um pastor evangélico no Paraná conheço a sala principal de sua casa “santificada” com um enorme quadro de Jesus Agonizante no horto. No açougue de um “crente” de outra cidade paranaense há dependurada uma multicolorida estampa do Sagrado Coração de Jesus. No Ceará conheço um diácono devoto do Padre Cícero a lhe provar o seu fervor enfeitando-lhe a imagem com flores todos os dias. Numa cidade do interior paulista um outro diácono e tesoureiro de sua igreja é proprietário da Farmácia Santa Maria. Numa localidade do Norte Mineiro um outro

“irmão” recebe hóspedes no seu Hotel São Geraldo muito abençoado por seu orago em troca de sua imagem escandalosamente exposta à entrada. O governador pernambucano, que se confessa evangélico, em que pese o nome de sua família, Gueiros, ilustre em nosso meio religioso, em 16 de julho de 1971, desceu as escadarias do seu palácio para acompanhar a procissão da Senhora do Carmo.

Diluindo-se as balizas doutrinárias entre o Evangelho e o antievangelho, concluímos que todos somos cristãos porque todos cremos no mesmo Cristo, embora cada um a seu modo, o que é secundário. E cumpre-se dessa maneira os prognósticos pontifícios quanto objetivou ecumenistizar os crentes.

E a nossa fidelidade a Jesus Cristo? E a nossa fidelidade à Palavra de Deus?

Sem fidelidade doutrinária poderemos acaso ser fiéis nos preceitos? Se queremos agradar o erro e ceder-lhe nossas atenções ao invés de profligá-lo, será de se estranhar ao ver o pecado tomando de assalto as nossas igrejas?

Qual a diferença entre os crentes e os mundanos?

* * *

Em conclusão! E dolorosa conclusão!!!

Ecumenismo é uma guerra gentil a, sob as aparências de fraternidade, solapar de manso o evangelismo.

Ecumenismo é uma conspirata, cujas armas são a blandícia, a perfídia, o disfarce, o embuste, a emboscada, contra o evangelismo.

O ecumenismo está na razão inversa da evangelização...

.oOo.

CAPÍTULO XIX

O DIÁLOGO E AÇÃO ECUMÊNICA

INTRODUÇÃO

NA SUA JORNADA unionista e ecumenistizante, para diluir resistências doutrinárias, o método prático adotado pelo ecumenismo é o diálogo, considerado em três aspectos:

Encontros de Estudo (ou diálogo propriamente dito);

Cooperação Social; e

Reuniões de oração *pro unitate* e cultos ecumênicos.

Os outros aspectos táticos dessa investida, como o nos chamar de “irmãos”, a aproximação cordial à vista do público, a assistência a cultos evangélicos por clérigos — aspectos considerados em capítulos anteriores — visam, de um lado, reprimir no crente o elã evangelizante e, de outro, minimizar a mensagem do Evangelho aos olhos do povo indiferente diante dela.

O diálogo, cuja importância se revela no contexto da ação ecumênica pela preocupação ressaltada a seu respeito pela hierarquia, procura atingir diretamente as convicções doutrinárias.

Com efeito, existem, expressamente, sobre o ecumenismo três documentos.

Primeiro e Fundamental: o Decreto *Unitatis Redintegratio*, promulgado pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, sob a chancela pontifícia, a 21 de Novembro de 1964. Recordar-se que, quando do seu estudo em aula conciliar, o bispo de Split, Iugoslávia, Francisco Franic lembrou: “O esquema deve apresentar não apenas a doutrina católica do ecumenismo, mas uma espécie de doutrina prática, para não dizer tática, sobre as relações entre os fiéis das diversas igrejas cristãs”.

Segundo: o *Diretório Ecumênico*, produzido pelo Secretariado para a Unidade dos Cristãos, cuja primeira parte foi publicada em 14 de maio de 1967, e a segunda, em 15 de maio de 1970. Trata-se de uma espécie de regulamentação geral sobre as estruturas do aspecto prático e tático do ecumenismo, como exigia Franic, por parte da hierarquia romana. Se na sua primeira parte cuida das normas sobre o relacionamento com as comunidades separadas, na segunda estabelece normas a serem ministradas nos institutos de ensino superior, inclusive e sobretudo seminários, para o adestramento dos clérigos e fiéis máxime no sentido do diálogo com os “irmãos separados”.

Terceiro: *Reflexões e Sugestões sobre o Diálogo Ecumênico*, de 15 de agosto de 1970, estabelecido também pelo próprio Secretariado para a Unidade dos Cristãos e endereçado diretamente a todos os bispos romanos do mundo. Em sua longa extensão, este documento especificamente sobre o assunto, trata dos seguintes aspectos do diálogo: natureza, fins, fundamentos, condições, métodos, temas e formas.

I — ENCONTROS PARA ESTUDO OU DIÁLOGO PROPRIAMENTE DITO.

1) As reflexões e sugestões sobre o diálogo pecam pela base.

Requer o diálogo uma postura de igualdade de condições por parte dos interlocutores, sem o que impossibilitar-se-á a reciprocidade essencial para esses encontros.

A hierarquia romana, pois, se desejosa de um autêntico, genuíno, diálogo por-se-ia em nível de igualdade com os “separados” desde a elaboração das Reflexões e Sugestões sobre o Diálogo.

Lamentavelmente isto não ocorreu, fato que demonstra confundirem os hierarcas diálogo com catequese.

De fato, o Grupo Misto de Trabalho da Igreja Católica e do Concílio Mundial de Igrejas, que encarregara uma equipe interconfessional de estudar a questão do diálogo ecumênico, publicou, em 1967, um documento resultante dessas pesquisas.

Em consequência desse estudo, aliás, o Secretariado para a Unidade dos Cristãos esquivou-se de divulgar a segunda parte do Diretório Ecumênico.

Preferiu em Assembleia Plenária, rever todo o seu primeiro projeto do Diretório referente ao diálogo ecumênico. E todo aquele trabalho do Grupo Misto foi rejeitado. Serviu — isto sim — para orientar o Secretariado nas normas a serem adotadas como medidas preventivas em face de possíveis e desagradáveis surpresas para as pretensões do ecumenismo. O estudo do Grupo Misto abriu os olhos do Secretariado!

As Reflexões e Sugestões sobre o Diálogo Ecumênico foram cuidadosamente elaboradas e compostas sob os auspícios exclusivos do Secretariado para a Unidade dos Cristãos e sobre elas é que os bispos romanos devem se pautar na condução dos encontros com os “irmãos separados”.

Em Nota Explicativa, ao apresentá-las ao episcopado, o cardeal Jan Willebrands, presidente do Secretariado, lembra que este documento espera “ajudar todos os católicos que, segundo o Concílio, são chamados a trabalhar para a restauração da unidade cristã. Espera prestar, em toda a parte, um serviço particular aos bispos, a quem o Concílio Vaticano II recomendou que promovessem êste trabalho e o orientassem com prudência”.

2) A meta principal do dialogo ecumenista.

Depreende-se o objetivo primordial dos encontros para estudos visado pela hierarquia romana na seguinte declaração exarada no Decreto sobre o Ecumenismo, o documento basilar sobre o assunto: “Nestes encontros de cristãos, organizados no espírito religioso, cada qual explica mais profundamente a doutrina de sua comunhão e apresenta perspicuamente suas características. Pois com este diálogo todos adquirem um

conhecimento mais verdadeiro e uma avaliação mais adequada da doutrina e da vida das duas comunhões.

“Por meio deste diálogo promover-se-ão, além da equidade e da verdade (?), a concórdia, e a colaboração, o espírito fraterno e a união. Assim, palmilhando este caminho, superando paulatinamente os obstáculos que impedem a perfeita comunhão eclesial, todos os cristãos se congregam na celebração de uma só Eucaristia e na unidade de uma única Igreja. Esta unidade desde o início subsiste inamissível na Igreja Católica e esperamos cresça de dia a dia, até a consumação dos séculos” (§ 4).

Postos nesse pedestal de orgulho, os hierarcas se aferram à ideia esdrúxula de que a unidade entre os cristãos só será possível com o congregar de todos sob seus guantes.

O diálogo, segundo as normas estabelecidas pelo Secretariado para a unidade dos Cristãos, visa em primeiríssimo lugar, remover óbices a fim de que se consuma o unionismo.

Ninguém se iluda quanto aos objetivos dos encontros para estudos ecumênicos. As Reflexões e Sugestões sobre o Diálogo Ecumênico lembram na sua Introdução: “Se todos os membros da Igreja, os fiéis e os pastores, cada um de acordo com a própria condição, devem contribuir para o restabelecimento da unidade cristã, são os bispos que devem ser promotores e mentores do diálogo ecumênico”.

Sem reboços, as Reflexões e Sugestões sobre o Dialogo Ecumênico apresentam a finalidade suprema dos encontros com os “separados”: “Vê-se, assim, que o diálogo ecumênico não se limita a um nível acadêmico ou puramente conceitual; mas, promovendo a mais completa comunhão entre as comunidades cristãs, o serviço comum do Evangelho e a mais estreita colaboração no plano do pensamento e da ação, contribuem para transformar as mentalidades, os comportamentos e a vida cotidiana destas comunidades. Deste modo, visa a preparar a sua unidade na confissão da fé, no seio de uma Igreja una e visível”.

Aliás, ao apresentar esse documento, o presidente do Secretariado, cardeal Jan Willebrands, lembra ao episcopado a sua esperança de oferecer com ele uma ajuda aos católicos envolvidos no trabalho em prol da “restauração da unidade cristã”.

Para os católicos afastados da comunhão de Roma, por ansiarem a superação de pequenos óbices, o diálogo se torna exequível e agradável, porquanto aspiram idêntica meta e aceitam o dogma transubstancionista da Eucaristia, “pela qual é tanto significada como realizada unidade da

Igreja” (*Unitatis Redintegratio*, § 2). Facilita-se aos romanos o atendimento à exortação do Vaticano no sentido de que “reconheçam com alegria e estimem os bens verdadeiramente cristãos (?), oriundos de um patrimônio comum, que se encontram nos irmãos separados” (Idem, § 4).

Neste caso, torna-se evidente, constitui-se o diálogo em excepcional oportunidade de entendimento, conforme, aliás, as Reflexões e Sugestões reconhecem: “quando cristãos e igrejas ou comunidades eclesiais começam a sentir a preocupação ecumênica,. . . torna-se o diálogo instrumento indispensável do seu encontro e do seu testemunho, no plano do pensamento e no plano da ação”.

3) Inviável o diálogo ecumenista com os evangélicos.

Se os dialogantes devem amoldar suas doutrinas coincidentes, aparando-lhes possíveis arestas, no intento unionista, os encontros para estudo com os evangélicos se tornam impraticáveis, haja vista a sua falta de fé na estrutura hierárquica do romanismo, nos sacramentos, e de modo especial na eucaristia, no primado e na infalibilidade papais e em muitas outras doutrinas definidas por Roma.

Há evangélicos, todavia, que veem nesse diálogo uma abertura a lhes possibilitar o anúncio do Evangelho.

Embora reconheça-lhes a sinceridade do excelente propósito, contesto a sua viabilidade.

Pelo simples fato de pretender *a priori* como objetivo a unidade sob a tiara pontifícia, a hierarquia eclesiástica levanta, com esse pressuposto, uma intransponível barreira.

Ela se dispõe a ouvir tudo sobre as doutrinas evangélicas, sobre as suas organizações e sobre os seus métodos de trabalho, mas fecha-se em copas quanto àquele objetivo recusando quaisquer concessões doutrinárias.

Enquanto as circunstâncias de minhas atividades me permitem, procuro comparecer a esses encontros que sempre terminam em dissensões porque, ao ouvir qualquer afirmativa contrária à Revelação Divina, levanto contestação ou solicito explicações diante das passagens bíblicas feridas com a assertiva apresentada. Os clérigos presentes apelam para o sofisma, mas se atrapalham e embaralham tudo porque conheço em profundidade e em todos os seus meandros a dialética vaticana.

Perderá o seu tempo o discípulo de Cristo engajado na missão de pregar o Evangelho se pretender oportunidade nesses encontros.

Vem-me à mente a advertência de Jesus: “*Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas; não aconteça que as pisem com os pés, e, voltando-se, vos despedacem*” (Mateus 7:6).

Em Antioquia da Pisídia, Paulo e Barnabé aplicaram o conselho de Cristo porque os judeus invejosos e trancados nos seus preconceitos rejeitavam o Evangelho: *“Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a Palavra de Deus”*, afirmaram os servos do Senhor, *“mas, visto que a rejeitais, e vos não julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios”* (Atos 13-46). Atitude semelhante repetiu Paulo em Corinto (Atos 18:6) e em Roma (Atos 28:26, 29).

.oOo.

De certa feita, num desses diálogos televisionados compareceram a compor o elenco um clérigo romano, um luterano, um episcopal, um metodista, um anglicano e um pastor batista na pessoa do Dr. Djalma Cunha, tido como eminente teólogo entre os de seu grupo denominacional.

Procurei-o ao saber desse encontro com o intuito de dissuadi-lo de lá comparecer sobretudo por se tratar de um programa televisionado. A minha argumentação resultou ineficaz diante do obstinado pastor.

Quem mais falava era o sacerdote romano, o qual, justiça seja feita, por se enquadrar perfeitamente nas normas estabelecidas para esses casos. Com o apoio do luterano, do metodista e do anglicano, o clérigo episcopal lembrou, para gáudio de Olavo Pezzotti, o clérigo vaticano, o propósito do sr. Egmont Machado Krischke, proclamando ao ser, em abril de 1965, empossado no cargo de primaz de sua grei no Brasil: *“A Igreja Episcopal está disposta a se autodissolver para integrar a futura grande igreja Unida do Brasil”*.

É verdade que, após a abertura do programa, foi solicitada a manifestação do Dr. Djalma Cunha sobre o conceito batista de Igreja. Ele, porém, nem pôde concluir a sua explicação de que e porque o conceito batista quanto à eclesiologia se identifica com o Novo Testamento.

Ostentando menosprezo, o clérigo Pezzotti, velha e cínica raposa, marginalizou o pastor evangélico durante todo o diálogo. Recusaram-lhe qualquer brecha para se referir ao Evangelho de Jesus Cristo.

Frustrado, manifestou-me, depois, o seu descontentamento... E o pior é que serviu de motivo para as chacotas dos evangélicos *“avançados”*.

Ninguém se iluda! Roma é sempre a mesma! Em seu favor e no uso de sua astúcia multissecular ela transforma e corrompe até o significado dos vocábulos. E a sua capacidade de promoção popular é tamanha que o conceito errôneo por ela divulgado torna-se aceito de mão beijada.

Poderá mudar de tática, mas as suas intenções se bitolam à luz do seu supremo objetivo: manter o seu imperialismo político-religioso.

4) Incoerências do diálogo ecumênico

A) No vocabulário atual, o termo diálogo é dos mais repetidos. Repetem- no todos e a qualquer pretexto. Até para caracterizar as relações entre pais e filhos, professores e alunos.

No romanismo sobretudo as palavras mudam de significado segundo as suas conveniências doutrinárias e políticas. É um monstruoso transubstancialismo a metamorfosear o genuíno sentido das palavras... Assim o Jesus Cristo de lá, se bem que o nome seja semelhante, não é o mesmo Jesus Cristo do Evangelho, pois aquele é um salvador insuficiente e requer dos seus fiéis a prática de boas obras,, a cooperação de sua mãe, um lugar de purgação pós-morte, pois ele não é capaz de, sozinho, salvá-los. Em consequência, o vocábulo *Evangelho* e seus derivados possuem sentido diverso do bíblico. A expressão *ceia do Senhor* é sinônima de missa, o seu supremo culto idolátrico. *Orar* significa rezar. *Liberdade religiosa ou de consciência* significa sujeição aos seus dogmas. *Verdade*, da qual se julga a mestra, se identifica exclusivamente com as suas doutrinas.

Enfileiraríamos extensa lista de quiséssemos.

A sua terminologia serve-lhe aos propósitos de infeccionar a sociedade e, sobretudo, os evangélicos, em grande parte — saliente-se — iludidos na esperança de um retorno (?) à Bíblia por parte do catolicismo.

O vocábulo *diálogo*, coqueluche da época, tem, dentro do contexto de sua ação unionista e ecumenistizante, significado próprio. Diante das pretensões unionistas significa catequização e diante do intento ecumenistizante, diluição da doutrina evangélica.

B) Se o diálogo significa entrar em relação com outro no plano da comunicação oral visando entendimento sobre determinado assunto, há de requerer algumas condições:

1ª — a existência de posições doutrinárias divergentes se versar sobre assunto de doutrina, por exemplo.

2ª — essas posições não podem estar definitivamente elaboradas. Por isso que o diálogo não é feito entre dois corpos de doutrina ou dois sistemas de ideias. Seria isso um confronto ou comparação de sistemas. Seria refutar um pelo outro. Evidentemente que esta condição oferece certa igualdade entre os interlocutores, o que permite a reciprocidade essencial no diálogo.

3ª — em virtude desta mobilidade, o diálogo implica a possibilidade de uma modificação de pontos de vista e afirmações dos dialogantes.

Vê-se por essas condições que a aula não é diálogo, mas ensino, O pregador, embora permita debate e perguntas, expõe uma doutrina, O

psicólogo nas entrevistas com os seus clientes, aconselha. Na pesquisa social não há diálogo porque se busca a informação.

Em vista das condições acima, por si próprio, o diálogo nos encontros para estudo repousa no reconhecimento de um dado fundamental: a presença em cada um dos interlocutores da razão e da sua capacidade de verdade.

Evidencia-se, portanto, o ponto de partida que se caracteriza pela eliminação de pressupostos ou de convicções sobre os assuntos a serem abordados.

Entre um presbiteriano e um batista, por exemplo, jamais poderá haver diálogo sobre o batismo porque cada um procurará convencer o outro desde que ambos estejam firmados em suas convicções respectivas. Acontecerá uma disputa!

Requerem-se no diálogo duas partes, disposta cada uma a ouvir o ponto de vista da outra parte, e pronta a mudar a sua própria posição. Ou ambas devem ceder um pouco cada uma para haver um ajuste.

Aos dialogantes requerem-se, pois, duas atitudes essenciais: ouvir a outra parte e mudar a sua própria posição ao reconhecer o engano do seu ponto de vista.

No diálogo religioso, portanto, essas atitudes deveriam ser adotadas.

.oOo.

Sem se levar em conta o objetivo unionista prefixado, à luz das condições do genuíno diálogo e das atitudes essenciais dos interlocutores, constata-se a impraticabilidade do diálogo entre católicos e evangélicos.

.oOo.

Convençam-se estes de que a atitude de tolerância, com aparência de novidade, para com os “irmãos separados”, não é motivada por uma simpatia para com as suas doutrinas bíblicas. Essa nova tática é motivada pelo desejo de ecumenistizá-los afrouxando-os em suas convicções religiosas e, se possível, ganhá-los para o papa.

Desprezo aos que rechaçam as manobras da ação ecumenizante do Vaticano votam-se-lhes os clérigos e os próprios evangélicos “atualizados” já comprometidos com os sacerdotes da idolatria. Por estarem “fora de época”, em consequência de sua fidelidade à Bíblia e a Jesus Cristo, são

ridicularizados como fanáticos e retrógrados e perseguidos como inimigos da paz. Da grande paz ecumênica a raiar nos horizontes religiosos.

O ecumenismo usa o seu diálogo como oportunidade tática de, diluindo convicções, impor as suas doutrinas. O sacerdote ou o dialogante romanista comparece ao diálogo com o propósito preconcebido de apresentar e defender os pontos de vista de sua dogmática e desprovido, portanto, de qualquer intenção de ceder ou mudar de posição, quanto às doutrinas referentes ao plano de salvação, à eclesiologia, enfim quanto aos dogmas que caracterizam a sua seita.

Atende nisto o estabelecido pelo Decreto sobre o Ecumenismo, *Unitatis Redintegratio*: “É absolutamente necessário que toda a doutrina seja exposta com clareza. Nada tão alheio ao ecumenismo quanto aquele falso irenismo, pelo qual a pureza da doutrina católica sofre detrimento e é obscurecido seu sentido genuíno e certo. A fé católica deve ao mesmo tempo ser explicada mais profunda e mais corretamente de tal modo e com tais termos que possa ser de fato compreendida também pelos irmãos separados” (§ 11).

Ao final desse Decreto, ainda o Vaticano II a respeito do assunto insiste:

“Pois sua ação ecumênica não pode ser senão plena e sinceramente católica, isto é, fiel à verdade que recebemos dos Apóstolos e dos Padres em harmonia com a fé que a Igreja Católica sempre professou” (§ 24).

O papa Paulo VI, em seu discurso ao Simpósio do Conselho dos Leigos, a 20 de março de 1971, recrimina os que escapam das orientações emanadas do Vaticano referentes ao diálogo: “Mas, infelizmente, também, conhecemos as múltiplas contrafacções do diálogo: a inércia, o isolamento individualista, a separação de grupos isolados em si mesmos e que pretendem ser suficientes e inventar a Igreja à sua maneira, contra toda a Tradição da Escritura e dos Padres; as críticas cerradas e algumas vezes desleais, um estilo negativo de contestação; uma oposição surda do interior da Igreja, ou uma violência espantosa que baseia os seus métodos fora do espírito cristão, inebriada pela aparência de uma eficácia imediata”.

Essa recente advertência de Paulo VI se coaduna com a sua encíclica *Ecclesiam suam* quando adverte: “A preocupação de nos aproximarmos dos nossos irmãos não deve corresponder a uma atenuação, a uma diminuição da verdade. O nosso diálogo não pode ser uma fraqueza para com os compromissos de nossa fé. O apostolado não pode transigir e transformar-se em compromisso ambíguo para com os princípios de pensamento e de ação que devem considerar a nossa confissão cristã”.

C) Em decorrência, o diálogo no contexto do ecumenismo se torna numa tática instrumentalizada.

Com efeito, o Vaticano II recomenda aos bispos que a ação ecumênica seja por eles “vigorosamente promovida e prudentemente dirigida” (*Unitatis Redintegratio*, § 4). E no Decreto *Christus Dominus* sobre o *múnus* pastoral dos bispos, exige-lhes que no método do diálogo se distingam os clérigos dialogantes pela “perspicácia da palavra” e simultaneamente pela “afabilidade” (§ 13).

Eles, por isso, escolhem os clérigos mais indicados pela sua pertinácia em defender sofisticadamente os dogmas romanistas quando contestados, pela sua habilidade em formular as proposições, objeto do diálogo, pela sua maneira de apresentar as doutrinas, pelo seu linguajar rico de referências aos documentos pontifícios e conciliares, e pelo seu cinismo em tratar algum participante inconveniente por se ater às doutrinas bíblicas.

As Reflexões e Sugestões sobre o Diálogo Ecumênico lembram aos bispos, seus mentores: “Em virtude deste título, eles devem procurar com solicitude pastoral, que seja mantida a orientação exata, traçada, para este diálogo, pelo Concílio Vaticano II, no seu Decreto sobre o Ecumenismo”.

Que diálogo pode haver quando uma das partes se julga possuidora de toda a Verdade e gananciosa de todos os rendimentos?

Que diálogo pode haver quando uma das partes está como marionete sob “vigilância pastoral” dos bispos?

Neste intento de transformar o diálogo num instrumento de ação ecumênica, o Diretório exige “uma fidelidade firme e sincera à própria fé” (Parte II, cap. III, letra a).

O papa Paulo VI na audiência geral de 19 de janeiro de 1966 manifestou-se explícito: “Há também uma tomada de posição por parte dos que demonstram demasiado entusiasmo, como se os contactos com os irmãos separados fossem fáceis e sem perigos, e como se bastasse não conceder importância às questões de doutrina e de disciplina para conseguir imediatamente a concórdia e a colaboração. É uma atitude errônea porque pode criar ilusões, decepções, fraquezas e conformismos que não aproveitam à causa do verdadeiro ecumenismo”.

Atenção para a assertiva sublinhada!

Porque “o diálogo ecumênico exige uma grande fidelidade à vida e à fé de sua Igreja”, lembram as Reflexões e Sugestões, “o católico deve ter o cuidado de verificar a qualidade do seu comportamento no diálogo ecumênico”. E mais adiante: “Os católicos devem ter a preocupação de aprofundar a sua fé e de estarem em comunhão, de pensamento e de ação, com a sua Igreja”.

Os católicos envolvidos na ação ecumênica são estimulados a uma formação suficiente que, inclusive, deve se valer do próprio diálogo para isso. Neste sentido as Reflexões e Sugestões recomendam: “Na perspectiva desta formação será útil que os católicos, que tomam parte nos encontros ecumênicos, reflitam juntos sobre o diálogo a que tomam parte, quer antes, para se prepararem a ele, quer depois, para apreciarem o modo em que ele se desenrolou”.

5) O diálogo na repressão do evangelismo.

O ecumenismo reconhece na evangelização uma grave ameaça aos seus objetivos e prevê as possibilidades de alguns se aproveitarem da boa vontade (?) dos hierarcas para aliciar católicos ignorantes ou pouco esclarecidos em assuntos de sua seita. E como resultado, condena o trabalho de evangelização promovido pelos crentes e o taxa de proselitismo, a “insensata competição” (Decreto *Ad Gentes*, § 15).

Quanto à sua catequização denomina de atividade missionária requerida pelo próprio ecumenismo na sua busca unionista. Nessa conformidade, o Decreto *Ad Gentes* (§ 6), lembra: “É evidente que a atividade missionária decorre da própria natureza da Igreja. Ela (a atividade missionária) propaga sua fé salvífica. Expande e aperfeiçoa sua unidade católica, a atividade missionária entre as nações se distingue da ação pastoral exercida entre os fiéis e das iniciativas empreendidas para restaurar a unidade dos cristãos. Ambas (a ação pastoral e a ação ecumênica), porém, estão intimamente ligadas ao esforço missionário da igreja”.

Ao menos em duas coisas louvamos a ação unionista e ecumenizante da hierarquia: a franqueza em expor suas doutrinas e a clareza dos seus propósitos. Enganem-se os ingênuos! Os cegos que não querem ver!!!

Através de todos os recursos a evangelização deve ser reprimida. Por isso o Diretório Ecumênico faz a seguinte advertência: “Onde esta reciprocidade e compreensão mútua se tornaram mais difíceis, pelo fato de que em algumas regiões e em certas comunidades, seitas ou pessoas, ainda não se fortaleceram o movimento ecumênico e o desejo de paz com a Igreja Católica, deve o ordinário do lugar (o bispo), ou, se for o caso, a Conferência Episcopal, indicar os caminhos aptos para evitar o perigo do indiferentismo ou do proselitismo entre seus fiéis, em tal situação” (Parte 1, cap. IV, letra a, item 28).

Ainda neste particular o Concílio Mundial de Igrejas está a serviço do ecumenismo. Na sua Assembleia de 1968, em Upsália, por unanimidade, promulgou uma Declaração sobre O Relacionamento do Concílio Mundial

de Igrejas com a Igreja Católica, onde afirma: “As novas relações, além disso, tornaram possível a discussão franca de problemas práticos e pastorais, tais como a teoria e a prática atuais do proselitismo... que durante tanto tempo, eram obstáculos ao estabelecimento de uma verdadeira fraternidade”.

De acordo com o processamento da hierarquia romana e o Concílio Mundial de Igrejas que, ao aceitarem o antievangelho, consideram todos como “cristãos”, evangelizar é sectarismo, é fazer proselitismo.

Em consonância com o ecumenismo ninguém pode evangelizar, levar pecadores, pela conversão evangélica, a Jesus Cristo. Todos devem se empenhar na jornada unionista dentro do redil pontifício.

Os bispos da América Latina empenhados em coibir o surto evangélico, através do Departamento de Ecumenismo da CELAM, em sua reunião de janeiro de 1970, ao examinar o panorama da situação ecumênica neste Continente Latino-Americano, observa: “a presença de movimentos sectários e sua atividade proselitista constituem uma dificuldade especial”.

Ao destacar entre os movimentos sectários, os pentecostais, os adventistas e os batistas, no seu estudo dedica-lhes uma seção à parte sob o título: Movimentos “Sectários” na América Latina, onde inclui as seguintes moções:

1º- A chamar a atenção do Secretariado para a Unidade dos Cristãos sobre o problema dos movimentos geralmente chamados “sectários” que se “constituem na maior preocupação”.

Convidamos, por conseguinte, ao Secretariado para a Unidade dos Cristãos a tomar as iniciativas necessárias:

- Para o estudo aprofundado deste fato;
- Para a elaboração dos princípios gerais para um pastoral ecumênica no assunto.

Para estes diversos trabalhos, o Departamento oferece sua colaboração e sugere que certos aspectos do problema poderiam ser considerados em comum com o Concílio Mundial de Igrejas, e com a Comissão Episcopal para assuntos interreligiosos e ecumênicos o Episcopado dos Estados Unidos.

2º- Para procurar uma aproximação destes movimentos:

- Atender aos valores positivos que estes movimentos sectários podem ter para a vida da própria Igreja Católica na América Latina;
- Intensificar os contactos pessoais, inclusive por iniciativa católica;
- Participar ocasional e sinceramente no culto de tais movimentos de acordo com as orientações do Diretório Ecumênico;

— Recomendar ao Departamento de Ecumenismo da CELAM que intensifique seus contactos com a UNELAM (Comissão Provisória para a Unidade Evangélica Latino-Americana);

— Examinar a possibilidade de colaboração que oferece a crescente preocupação pelos problemas sociais demonstrada por alguns movimentos sectários”.

Os discípulos de Cristo que anseiam por permanecerem fiéis à sua incumbência de pregar o Evangelho “*a tempo e fora de tempo*” deveriam ler e reler, refletir muito sobre este documento.

II — COOPERAÇÃO NO CAMPO SOCIAL OU DIÁLOGO EM AÇÃO.

1) Jamais o Vaticano perde a sua visão unionista.

A soberana meta dos empreendimentos sociais do Vaticano está em implantar o unionismo.

Promover a paz, incentivar remédios para os males de nossa época, tais como a fome, as calamidades, o analfabetismo, a falta de habitação e a inadequada distribuição dos bens, todos essas nobres idealizações, se empreendidas em colaboração com os “irmãos separados”, devem servir de degraus para a ascensão do prestígio pontifício no conceito dos povos e de ensejo para atrair os “irmãos separados” à unidade religiosa sob a autoridade do papa, “*centrum unitatis*”.

Na cooperação ecumênica em prol de programas assistenciais e sociais, o ecumenismo vê uma excepcional oportunidade “desde que os fiéis da Igreja Católica, prudente e pacientemente, trabalhem sob a vigilância dos pastores (bispos)” porque “contribuirá para promover. . . a união”, que só pode subsistir “inamissível na Igreja Católica” (Decreto *Unitatis Redintegratio*, § 4).

Esse Decreto sobre o ecumenismo exalta esta cooperação mútua, denominada também de diálogo em ação, na seguinte e franca assertiva: “Por esta cooperação todos os que creem em Cristo podem mais facilmente apreender como devem entender-se melhor e mais estimar-se uns aos outros. Assim se abre o caminho que leva à unidade dos cristãos” (§ 12).

Utilizando-se da imprensa, como instrumento para a sua promoção no meio dos povos e das massas, o Vaticano procura levar as pessoas à convicção de que muito empreende em favor do bem comum a fim de que haja sólida paz no mundo, inadmissível sem o acatamento da autoridade pontifícia por todas as religiões.

A todo custo os hierarcas romanos querem aproximação física com os católicos dissidentes para, quanto antes, atraí-los a si e com os evangélicos para desmoralizá-los perante a opinião pública.

Dispõe-se, no âmbito dessa cooperação social, a fazer o jogo unionista e ecumenizante o Concílio Mundial de Igrejas.

E, de fato, na reunião do seu Comitê Central realizada em Enugu, Nigéria, em janeiro de 1965, à que compareceram dois observadores romanos enviados pelo Secretariado para a Unidade dos Cristãos — porque a qualquer encontro de qualquer departamento do Concílio coroinha do Vaticano o Secretariado envia emissários — naquela reunião foi aprovado o projeto de constituição de um Grupo Misto de Trabalho composto de membros do Concílio Mundial de Igrejas e do romanismo. Este ainda não participa do Concílio como seu membro inscrito oficialmente, mas está sempre por dentro de tudo.

Aquele projeto, depois de aprovado pelo Vaticano, pôs-se a concretizar-se na realidade dos fatos em maio seguinte, quando da primeira reunião do Grupo Misto de Trabalho, cujo escopo seria o exame de problemas sociais e o estudo de suas soluções.

Sob a capa de colaboração em atividades assistenciais e empreendimentos sociais, encobre-se o seu verdadeiro objetivo: dialogar sobre assuntos teológicos.

Recorde-se a presença de clérigos vaticanos no Grupo Misto de Trabalho! Na conformidade com as normas estabelecidas pelo ecumenismo e destinadas a nortear o diálogo, conforme vimos acima, devem eles se empenhar na catequização.

Nesse sentido os clérigos são exímios ativistas, pois já em dezembro desse ano de 1965, bafejado por esse Grupo Misto de Trabalho, em Bellaggio, Itália, aconteceu outro encontro em que se decidiu criar um Instituto Ecumênico de Pesquisas Teológicas, sediado em Jerusalém, reunindo romanos, anglicanos, luteranos e ortodoxos.

2) Pelo seu comportamento, o Vaticano está desautorizado de incentivar o “diálogo em ação”.

Os títulos de suas encíclicas sociais, pomposos e solenes, exalam um cheiro de Império Romano: *Rerum Novarum*, *Quadragesimo Anno*, *Divini Redemptoris*, *Mater et Magistra*, *Pacem in Terris*, *Populorum Progressio*.

Todas, de acordo com as circunstâncias do momento, apontam roteiros para a solução dos problemas sociais. Se assopram ventos capitalistas pendem para o capitalismo. Se socialistas inclinam-se para a esquerda.

Esses documentos papais são incapazes de equacionar a magna questão da humanidade. E as soluções sugeridas escapam da realidade.

São impotentes, outrossim, para despertar nos próprios países de maioria católico-romana interesse prático no sentido de sua aplicação.

O catolicismo sempre provou a sua ineficácia quanto ao exercer influência benéfica em seus fiéis.

A sua hierarquia jamais tem autoridade de reclamar pelo fato de não serem aplicadas as suas orientações sociais. Falta-lhe poder transformador!

Dentre as nações do Terceiro Mundo, destacamos as do Continente Latino- Americano, onde, desde os primórdios de sua colonização estiveram e estão os clérigos romanos. Em todas elas o catolicismo foi por cerca de três séculos religião oficial e em algumas ainda continua a sê-lo. Todos os seus governos são ocupados por católicos.

A cognominada liderança social e política desses povos passou, com raras exceções, pelos seus colégios e universidades. Da mesma forma os homens da alta indústria e do alto comércio.

As suas grandes solenidades são marcadas pela presença compacta do povo.

As famílias exigem a presença do sacerdote nos seus momentos mais solenes: nascimentos, casamentos e mortes.

Nas inaugurações de firmas comerciais, de empresas industriais, de estabelecimentos de ensino, de casas de crédito, de clubes esportivos, comparece o sacerdote, hissopo em punho, a espargir água benta reforçada com orações sacramentais, veículos das bênçãos do Alto.

Se há região do mundo que deveria ser paraíso terreal, onde reinasse a paz e a concórdia sociais, como resultado da aplicação da doutrina católica, essa é a abrangida pelo Continente Latino-Americano.

Incluir-se este Continente do Terceiro Mundo é declarar a bancarrota do catolicismo romano como orientador na solução dos problemas sociais, criados e agravados, aliás por seus hierarcas sempre identificados com a aristocracia do poder e do dinheiro.

A América Latina é a prova provada do fracasso do romanismo no terreno social!

Se de si própria a mensagem vaticana é impotente para transformar as sociedades levando os homens todos à participação do bem comum, falta, outrossim, autoridade ao clero porque nem ele aplica as normas emanadas das câmaras pontificias.

Paulo VI, em sua encíclica *Humanae Vitae* condena o uso das pílulas anticoncepcionais, mas a farmácia do Vaticano as vendia às mulheres italianas já antes de ser liberado o seu comércio na Itália.

O último domingo de outubro é cognominado de Domingo do Salário Justo com a missão e pregação sobre a justiça que deve envolver o salário

de acordo com o espírito das encíclicas. Mas o clero é o primeiro a pagar salários miseráveis aos seus subalternos.

Dentre os bispos da “esquerda festiva” destaca-se o arquiordinário de Belo Horizonte, João Resende da Costa, cujo nome se sobreelevou na crista da onda publicitária em fins de 1968, quando o Exército prendeu na Capital Mineira alguns sacerdotes estrangeiros implicados na trama subversiva. Suas manifestações favoráveis aos clérigos detidos timbravam por ressaltar a atuação do clero inspirado pelo Vaticano em favor de melhores condições de vida para as classes operárias.

A desmoralizar-lhe o palanfrório, porém, havia a situação de “O Diário”, órgão católico dirigido pela Cúria Arquidiocesana de Belo Horizonte, fundado em 1935 e abençoado por Pio XII para “defender e difundir as verdades supremas da razão e da fé”. Situação escandalosa de injustiça contra os seus 210 empregados remunerados com baixíssimos salários — os menores da imprensa brasileira!!! — e comprometidos com a agravante de um sistemático atraso nos pagamentos (cf. Veja. n° 34, pág. 18) e envolve o jornal do prelado defensor das reivindicações dos empregados -

O caso de “O Diário” se entrelaça no habitual comportamento da hierarquia romana marcado pela mais gritante injustiça e mais desumana exploração do homem.

O aforisma do satírico poeta latino Plauto: *Homo homini lupus* (“o homem é lobo para o homem”), por expressar com toda a crueza de realismo a ferocidade clerical no extorquir os pobres, assim poderá ser enunciado: *Episcopus pauperi lupissimus* (“o bispo é muito mais lobo para o pobre”).

O arcebispo de Belo Horizonte, o acoitador de baderneiros clérigos estrangeiros e arengueiro de salários justos, em agosto de 1971, foi levado às barras da Justiça do Trabalho por um sacerdote prejudicado por s. excia.

O clérigo Adelino de Araújo Loureiro, responsável pela administração da fazenda da Cúria Metropolitana de Belo Horizonte, entrou na Justiça do Trabalho pleiteando uma indenização de 76 mil cruzeiros, porque desde 1948 não recebe o salário mínimo, nem férias, nem 13° salário e nem outras vantagens previstas no Estatuto do Trabalhador Rural e na Legislação Trabalhista (Folha de S. Paulo, 23 de agosto de 1971).

Se contra fatos falecem os argumentos, também para com os que se aproximam do sr. João Resende da Costa, o arquiordinário belorizontino, se refere o conselho de Jesus: “*Não procedais em conformidade com as suas obras, porque dizem e não praticam*” (Mateus 23:3).

Na encíclica *Populorum Progressio*, Paulo VI adverte aos povos ricos de bens materiais que repartam migalhas com as regiões e países subdesenvolvidos.

Hipocrisia! Se aconselha por que se exime do exemplo?

Por que se agarra com inextinguível cupidez à sua fortuna incalculável que faz do Vaticano a maior potência econômico-financeira do mundo? Só pela *auri sacra fumes*? A execrável fome do dinheiro?

Ao sul da Itália se adensa vasta região subdesenvolvida. Mas o papa que tanto insiste em soerguimento econômico-social dos subdesenvolvidos nem se preocupa com a Itália, onde não existe empresa comercial de importância sem representar interesses econômicos para o Vaticano.

Evidentemente que a Itália dispensa as migalhas da requintada mesa pontifícia. Bastar-lhe-ia saldasse os seus compromissos de tributos.

Só o papa João XXIII, o “humano”, o “bom”, numa política vergonhosa em que usou os ministros Preti, Martineili e Tremeiloni como seus fantoches, forçou o governo a, ilegalmente, isentar de tributos as ações de suas empresas, o que acarretou aos cofres italianos um prejuízo de cerca de 40 bilhões de liras, ou 64 milhões de dólares, ou 352 milhões de cruzeiros. Importância suficiente para resgatar o sul da Península do humilhante subdesenvolvimento que o esmaga e sufoca.

No Brasil a hierarquia romana dispõe de recursos suficientes para resolver o problema da fome, das enfermidades e do desamparo de todos os miseráveis. Insensível, porém, ergue luxuosos templos a se altearem sobre casarios paupérrimos de cidades desprovidas de quaisquer obras de base.

O nosso livro “Pode-se confiar nos Padres?”, como brado de alerta, analisa o comportamento da hierarquia famosa e oportunista diante dos problemas econômico-sociais dos povos católicos.

Essas razões demonstram à saciedade a incompetência do clero também quanto ao “diálogo em ação”. Embrulhar-se com ele é expor-se ao ridículo. E servir-lhe aos gananciosos interesses unionistas.

3) Mas os minievangélicos se deixam engodar.

Admite-se a parceria no “diálogo em ação” de ortodoxos, luteranos, anglicanos e protestantes catolicizados com o clero romano porque propendem todos em direção ao unionismo a consumir-se quando todos eles, submissos, se ajoelharem aos pés do papa.

Engatam-se nesse comboio embandado de aventureiros festivos também os minievangélicos que do Evangelho conhecem apenas a periferia.

A ação ecumênica no campo dos problemas humanos encontra grande ressonância nas faixas evangélicas minadas pelo secularismo teológico, cuja meta atinge só os horizontes acanhados da renovação das estruturas sociais e políticas, identificando-se, pois, com os programas de agremiações civis destinadas a esse intento,

Esse secularismo é uma decorrência do neo-universalismo aceito por destacados teólogos protestantes e católicos.

O universalismo proclama a salvação universal prescindindo da conversão pessoal. Prega a unidade final e essencial da raça humana que nem por Deus jamais poderá ser dividida. Por sua morte, Cristo “reconciliou” a humanidade inteira. No contexto dessa teologia das realidades terrenas o destino humano se realiza aqui na terra durante os dias de sua vida e, portanto, não acontecerá uma eternidade alienada da presença de Deus, pois os neo-universalistas repelem as penas eternas.

Essa corrente teológica posta-se nas margens do Evangelho e, desinteressada de penetrar o seu âmago, desconhece a necessidade por parte do pecador de aceitar e reconhecer Cristo como Salvador Pessoal. Os que O aceitarem, ensina, atingirão a plenitude da humanidade em Cristo e, após a ressurreição universal, estarão todos igualmente salvos dentro de uma sociedade embasada em estruturas perfeitas.

Ao negar a condenação eterna, substitui, portanto, o evangelismo por um trabalho de reconciliação entre as igrejas que devem se engajar na arrancada reformista das estruturas.

A teologia secularizada ou das realidades terrenas, por se firmar no universalismo, reconhece o evangelho social e recebe com muito entusiasmo as encíclicas sociais promanadas do Vaticano sagaz em se aproveitar dessa área dos minievangélicos como excepcional investimento ecumenista.

Bastaria a este, se capaz de observação, notar ser dispensável a colaboração dos evangélicos haja vista as condições financeiras do Vaticano, que, sozinho, se o quisesse, solucionaria os problemas das nações de maioria católica.

Católicos de todas as seitas, protestantes catolicizados e minievangélicos, todos os favônios do evangelho social dizem ser missão da igreja, o povo de Deus na terra, efetuar a transformação das atuais estruturas sociais como realização da vontade de Deus em benefício coletivo da humanidade, embora o homem individualmente não reconheça a soberania de Deus e a redenção de Cristo.

Reúnem-se para os debates em torno dos planos de ação objetivando as mudanças pelas quais a sociedade deve passar e, por isso, carece-lhes

tempo para o estudo da justificação pela graça de Deus recebida somente pela fé (sem o concurso das obras), para o exame dos motivos pelos quais a Bíblia é a única regra de fé como Palavra de Deus.

.oOo.

Sim! *“Deus amou o mundo de tal maneira que enviou o Seu Filho Unigênito...”* (João 3:16).

Sim! Cristo *“é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos mas também pelos de todo o mundo”* (I João 2:2).

Sim! Deus *“quer que todos os homens sejam salvos...”* (I Timóteo 2:4 a).

Sim! É do agrado do Pai que, havendo por Jesus *“feito a paz pelo Sangue da Sua Cruz, por meio dEle reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão no céu”* (Colossenses 1:20).

Sim! É do beneplácito de Deus *“tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra”* (Efésios 1:10).

Sim! Deus exaltou soberanamente a Jesus *“para que ao Seu Nome se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra”* (Filipenses 2:10), *“para que Deus seja tudo em todos”* (I Coríntios 15:28 e).

Sim!!! Concordes estamos!

Mas, se as reivindicações de Deus sejam universais e o Seu triunfo pleníssimo, a Sua Graça Salvadora é em favor dos que creem em Cristo. *“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigênito para que todo aquele que nEle crê, não pereça, mas tenha a vida eterna”* (João 3:16).

“Mas, a todos quantos O receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que creem no Seu Nome” (João 1:12).

Mas, *“quem crê nEle não é condenado; e quem não crê já está condenado”* (João 3:18).

Mas, *“então dirá o Rei aos que estiverem à Sua direita: vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo... Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.*

E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna” (Mateus 25:34, 41, 46).

Mas, *“como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo; os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do Seu poder”* (II Tessalonicenses 1:8, 9).

Eis a Verdade do Evangelho! O Evangelho completo.

É uma lástima, porém, que os minievangélicos, encegueirados, troquem a sublime tarefa de proclamá-lo pela adesão a uma teologia das realidades terrenas comprometida com os adversários do evangelismo.

4) Diálogo em ação, investida contra o ideal evangelístico.

Verificamos páginas anteriores estampada em um documento do Departamento de Ecumenismo da CELAM a inquietação dos bispos latino-americanos quanto à dedicação evangelizante de alguns grupos de crentes, classificados por eles de “sectários”.

Os hierofantes eclesiásticos espreitam todos os movimentos dos discípulos de Cristo e aguardam uma oportunidade para investir contra eles aproveitando-se de suas próprias qualidades.

O crente sempre é um coração sensível aos problemas e angústias humanas e se move a buscar-lhes solução e lenitivo. Até deste pendor quer se valer o clero em seus intentos ecumenistas. E os hierarcas latino-americanos se propõem a “examinar a possibilidade de colaboração que oferece a crescente preocupação pelos problemas sociais demonstrada por alguns movimentos sectários”. O clero fomenta a cooperação conjunta entre católicos e evangélicos no terreno social com fins ecumenizantes, ou seja, com a intenção de amaciar o seu ardor evangelístico.

Vê nela, outrossim, um grande recurso na busca do unionismo. “Por esta cooperação”, sublinha o Decreto sobre o Ecumenismo (§ 12), “todos os que creem em Cristo podem mais facilmente apreender como devem entender-se melhor e mais estimar-se uns aos outros. Assim se abre o caminho que leva à unidade dos cristãos”.

O próprio Paulo VI quando de sua visita a Bogotá, na Colômbia, em agosto de 1969, lembrou aos seus clérigos: “A recondução de todos à unidade não será nunca o resultado... de uma tentativa no sentido unicamente de estreitar entre nós os laços sociais”.

O Diálogo em ação, longe de ser um fim em si mesmo, extravasa-se na conquista da unidade pleiteada pelo romanismo.

As Reflexões e Sugestões sobre o Diálogo Ecumênico prevêm a lentidão deste processo de aliciamento dos crentes: “os cristãos sensíveis aos problemas da atualidade, devem fazer deles objeto de conversações, segundo o país, o momento ou a profissão dos interlocutores; podem falar, por exemplo, da paz, da justiça social, da fome, dos problemas dos países

em via de desenvolvimento, da administração da cidade, das dificuldades dos novos lares, etc... Em seguida a esses encontros, o legítimo desejo de conhecer melhor os outros cristãos, na sua fé, na sua vida eclesial e litúrgica, pode levar algumas pessoas a formarem grupos mais especificamente ecumênicos”. Além da formação desses grupos ecumênicos, a cooperação social ou política leva as “comunidades cristãs darem um testemunho comum”, notam as Reflexões e Sugestões.

Pode ser um trabalho moroso e de efeitos retardados, mas frutuoso é inegável.

O Concílio Mundial de Igrejas implicado no papel de aglutinador das áreas católicas dissidentes de Roma e protestantes catolicizadas está desqualificado para se definir sobre a urgente necessidade de evangelizar o pecador perdido. As suas declarações sobre evangelização se caracterizam pela confusão e se, porventura, pretendesse formular uma definição de evangelismo consentânea com o Novo Testamento provocaria divisões múltiplas em seu seio, tantas quantas são as opiniões divergentes a respeito do assunto.

As assembleias desse Concílio nem sequer se envolvem com o tema transcendente: evangelismo.

Nelas tudo gira à volta do unionismo numa insofismável prova da distância abismal e intransponível existente entre ambos.

Que os do evangelho social caiam nas malhas ecumenistas e, como acólitos, se submetam ao aliciamento papal, pode-se entender.

Magoa-me, entrentes, constatar como vultos destacados entre os evangélicos se manifestam, desprovidos de quaisquer conhecimentos de causa, sua anuência a esse tipo de colaboração. É de se lamentar a atual postura de muitas igrejas evangélicas, antes comprometidas com o anúncio (*kerygma*) do Evangelho, agora voltadas inteiramente para uma *diakonia* (serviço) incompatível com o plano salvífico em benefício do pecador.

Na Guanabara e no Estado do Rio, regiões onde se adensam os grupos evangélicos e, de maneira particular, os batistas, essa tendência malsã, insidiosa e à sorrelfa, vem cavando a ruína de muitas igrejas por arrefecer o seu antigo ardor evangelístico levando-as ao emperramento da rotina.

Se os hierarcas sugerem aos vigários estreita amizade com os pastores e as igrejas evangélicas com o fim de desautorizá-los perante a opinião pública católica e reprimir-lhes o elan evangelizante, quantos melhores resultados não obterão por meio da aproximação produzida com o diálogo em ação!

Não há guerra bacteriológica mais nefanda e mais terrível do que a deflagrada pelo Vaticano. Todos os expedientes lhe são lícitos na conformidade da sua velha tese de que o fim justifica os meios. Aproveita-se dos sofrimentos do povo provenientes dos problemas sociais e econômicos e da disposição dos evangélicos simples para levar a efeito os seus propósitos unionistas e ecumenizantes.

Conscientes da presença do diabo, que “*anda ao redor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar*” (I Pedro 5:8), precisam os crentes se manter vigilantes.

Olhos postos na GRANDE COMISSÃO (Marcos 16:15), corações abrasados de paixão pelas almas apodrecidas no pecado, devem os discípulos do Senhor se empenhar até ao heroísmo para sobrepujar os percalços e os estorvos postos pelo Inimigo.

III — REUNIÕES DE ORAÇÃO.

O chamado diálogo, considerado o mais importante método de ação ecumênica, tem nas Reuniões de Oração o seu terceiro expediente.

Não se trata da “*communicatio in sacris*”, isto é, a participação nos sacramentos romanistas, permitida aos ortodoxos em certos casos previstos pelo Diretório Ecumênico.

As Reuniões de Oração consideradas no plano de ação ecumênica abrangem especificamente as *pró unitate* e os cultos ecumênicos.

1) Reuniões de oração pró unitate.

O Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio* exalta a sua conveniência e, ao recomendá-lo aos bispos que vigorosamente promovam e prudentemente dirijam a ação ecumênica, insiste para que “deem os primeiros passos em direção a eles (os irmãos separados)” (§ 4). E no § 8: “é lícito e até desejável que os católicos se associem aos irmãos separados na oração. Tais preces comuns são certamente um meio muito eficaz para interpretar a unidade. São uma genuína manifestação dos vínculos pelos quais ainda estão unidos os católicos com os irmãos separados”.

As Reuniões de Oração são programadas em atendimento a essa exortação e segundo as ocasiões indicadas pelo Diretório Ecumênico: a semana de 18 a 25 de janeiro, ou seja, da festa litúrgica da “Cátedra de S. Pedro” à da “Conversão de S. Paulo”; o período desde a comemoração da Ascensão do Senhor até Pentecostes; os dias precedentes da Epifania; “a Quinta-Feira Santa, quando se comemora a instituição da Eucaristia, sacramento da unidade”, conforme lembra o próprio Diretório Ecumênico; a sexta-feira santa; o domingo de páscoa; e “por ocasião de congressos ou de outros acontecimentos de grande importância que o ecumenismo

poderia suscitar e teriam uma importância ecumênica particular” (Diretório Ecumênico, 1 Parte, cap. III, § 21, letra e).

Que os católicos dissidentes se associem aos romanos nestas rezas ecumênicas, nada há a se exprobar, porquanto buscam superar dificuldades de somenos relevo na jornada unionista.

Mas a presença de evangélicos chega às raias do ridículo. É trágico-cômica!

Segundo a eclesiologia neotestamentária os evangélicos concebem as igrejas locais, manifestações da Igreja Universal Invisível, como repúblicas democráticas, autônomas e independentes. Rejeitam, evidentemente o conceito imperialista de uma igreja universal visível estruturada sobre a autoridade de um homem na qualidade de pretenso vigário de Cristo.

Em assim sendo, como decorrência lógica, jamais, se coerentes com os princípios neotestamentários, poderão orar a Deus em favor da unidade objetivada pelo ecumenismo.

A sua comparência nas Reuniões de Oração *pro Unitate* é hipocrisia refinada: ou porque pedem uma coisa na qual não podem crer, ou porque, se assim não pedem, lá se encontram como comediantes.

Os encontros de oração *pro unitate* são cultos eclesiôlatras, petrôlatas, eucaristiôlatras e esses evangélicos se dobram diante de Baal a troco da admiração de uma meia dúzia de basbaques.

O pretexto de lá comparecer para evangelizar é sandice!

Os batistas enfatizam as notas neotestamentárias da igreja, comunidade dos crentes. Mas, em maio de 1971, quando ocorreu a semana de Orações *pro Unitate* nos dias entre a Ascensão e o Pentecostes, dois pastores batistas da Guanabara, em atenção aos convites clericais e em plena discordância com os princípios distintivos de sua denominação, compareceram a rezar pela unidade de todos sob a tiara do papa.

A presença de evangélicos nessas oportunidades é sinônimo de mancebia. Concubinato. Prostituição. Conluio. Acomadramento.

O Vaticano sabe o que quer em sua arremetida ecumenista. E é de uma franqueza comprovada quanto às suas intenções e de uma pertinácia inexcedível quanto à sua insistência.

Dentre elas esta: como pode um pastor evangélico comparecer a Reuniões de Oração *pro Unitate*?

2) Cultos ecumênicos.

À par daquelas reuniões de oração especificamente *pro unitate*, o Diretório Ecumênico enaltece e estimula os cultos sob outras alegações: “É desejável que os católicos se associem na oração com os irmãos separados para toda a tarefa comum em que podem e devem colaborar entre si”

(Parte 1, cap. IV, letra B, n.º 33). E lembra de maneira particular os “dias de festa nacional” ou o “dia marcado para comemorar os mortos pela pátria” ou o “luto comum” ou no “caso de uma grande calamidade pública”. E excepcional oportunidade de associação oferecem as “festas de formatura”.

Ao Concílio Mundial de Igrejas, laicaio do romanismo em sua empreitada ecumenista, impossível omitir-se diante destas diretrizes pontifícias. Em sua declaração sobre o relacionamento com a seita do papa, adotada quando de sua última Assembleia em Upsália, em julho de 1968, portanto, tendo em vista esses encontros, recomenda: “Devemos escolher textos bíblicos que evitem as passagens que possam dar lugar a polêmicas”.

O Concílio Mundial de Igrejas, coerente com a sua missão e mui consentâneo com a psicologia ecumenizante, aconselha a infidelidade à Palavra de Deus.

Este método condiciona os seus associados a se esquecerem de certas passagens das Sagradas Escrituras marcadas de alto teor polêmico diante do erro.

Anos atrás nas datas nacionais e festas de formatura o programa sempre requeria uma missa acompanhada de foguetório no primeiro caso ou seguida de baile no segundo.

Agora tornou-se de bom tom o culto ecumênico. E lá vai o clérigo romano carnavalescamente trajado rezar a sua missinha acolitado pelo pascácio protestante ou pelo pancrácio evangélico, que, como arremate da cerimônia religiosa híbrida, despeja um discursinho de autômato prestante duma sociedade podre no pecado.

Em certos lugares, para canonização da burrice humana, apresenta-se o coral da igreja evangélica a cantar durante a missa.

Numa cidade do interior mineiro as autoridades municipais decidiram assinalar a passagem do 7 de setembro com estrondosas comemorações. De madrugada, alvorada com banda de música a pôr notas alegres dos dobrados nas residências estremunhadas de sono. À tarde, competições esportivas, à noite, uma grande concentração popular a ouvir oradores grandiloquentes na exaltação do Dia da Pátria.

A completar o programa, indispensável o “culto ecumênico” às 9 horas da manhã celebrado na Praça da Matriz. No palanque embandeirado o altar encimado pelo crucifixo, ladeado de duas bandeiras cívicas (uma do Brasil e a outra da cidade) e à retaguarda cinco cadeiras com genuflexórios para os pastores evangélicos. Defronte do palanque, lugares reservados para as autoridades locais e pessoas gradas. (Nesses luxos da sociedade os

pobres nunca são pessoas gradas). De um lado, uma arquibancada de madeira para o grande coral formado por elementos das igrejas evangélicas locais.

Missa começada, todos a postos para a comédia. As beatas escandalizadas com a presença dos protestantes, de vez que desde o catecismo aprenderam a odiá-los. “O mundo está virado! Onde já se viu bode ao lado do altar da missa e herege cantando nas cerimônias da igreja?” As autoridades segredando comentários na sofreguidão do amém final. A reduzida assistência a mastigar pipocas ou a espiar indiferente. O coral a esganiçar cânticos mal preparados. “Não se teve nem tempo de ensaiar direito!”

À hora da consagração, quando os elementos se transubstanciam no corpo sangue, alma e divindade de Cristo, quando o próprio Cristo se torna realmente presente sob as espécies de pão e vinho, ajoelharam-se as autoridades. Repicavam festivos os sinos. Estrugia nos ares o foguetório. E os pastores? Ora essa, ficaria feio se permanecessem assentados ou de pé. Então, todos os cinco de joelhos na postura de adoradores da hóstia...

Silenciados os sinos e os foguetes, o grande coral evangélico aclamou o Cristo presente na hóstia:

Saudai o nome de Jesus!
Arcanjos vos protraí!
O Filho do glorioso Deus
Com glória coroi!

Ó raças, tribos e nações,
O Rei divino honrai;
A quem quebrou os vis grilhões
Com glória coroi!

Inconcebível a ausência do coral mariano da paróquia. Então a seguir, cantou:

Ó Maria Imaculada,
Do Brasil protetora e carinhosa mãe
.....
É nossa Pátria desde o berço
Terra feliz de Santa Cruz
A Fé romana é seu escudo
É seu conforto e sua luz.

Sucederam-se dois pastores em discursos alusivos à data. Os outros três não podiam ficar de fora e, então, um leu um trecho bíblico e os demais ergueram orações agradecendo aos céus a liberdade de culto e suplicando bênçãos pela Pátria a fim de poder continuar gozando desse privilégio.

E a arrematar, a palavra do vigário.

Respondam-me! Porventura essa cidade não se tornara refratária ao Evangelho?

Mas, o assanhamento dos ecumenistóides atingiu tão elevada culminância que nem se ruborizam quando se manifestam favoráveis a esses cultos híbridos por verem neles ótimas oportunidades para testemunho do Evangelho.

Quando da posse de Vicente Zioni como bispo de Bauru, no interior paulista, a Cúria Diocesana expediu convites também para os pastores evangélicos. Compareceram alguns. E, ao final das cerimônias da posse, o bispo sentado no seu trono, trajado de riquíssimos paramentos e à cabeça mitra salpicada de joias, se dispôs a receber as homenagens de suas novas ovelhas.

As autoridades locais seguiram o clero no “beija-anel” do bispo. Em seguida, o mestre de cerimônias mui gentil colocou em fila também os pastores, que, dóceis e subservientes, foram se ajoelhando, um a um, para oscular o episcopal anel de ouro reluzente enriquecido de uma pedra preciosa. “Deixar de ir seria faltar com as boas maneiras”.

Certa vez encontrava-me em série de pregações numa igreja quando faleceu o filho de um dos seus membros cuja esposa era católica nominal. Tornara-se o defunto em pomo de discórdia. O pai queria um culto evangélico e a mãe, a invocar os argumentos de que o filho não havia sido membro da igreja do velho, insistia pela encomendação do padre. À volta do finado ferviam as discussões sobre assunto tão singular. Jamais naquela cidade um velório fora tão entusiasmado por duas torcidas radicalizadas em suas respectivas posições.

Entra o pastor em cena. Os católicos, de nariz torcido, aguardavam a sentença. Sendo crente o dono da casa, na certa o pastor sugerirá o culto evangélico... “E coitadinha da mamãe! Perder o filho e vai sem as últimas exéquias católicas!”

Com a surpresa geral e os aplausos de todos, o pastor deu a “sábua” e “prudente” solução: culto ecumênico.

Não é da moda? Até em programa de formatura escolar é do figurino social.

Na hora aprazada chegam os dois religiosos.

O vigário, mui cordato, em deferência ao chefe da casa, permitiu que o seu colega fosse o primeiro a se apresentar naquele culto fúnebre ecumênico.

O pastor dirigiu palavras de condolências à família enlutada e salientou o motivo de sua presença: confortar os vivos e apresentar-lhes a Palavra de Deus.

Uma jovem cantou um solo. Os evangélicos presentes entoaram um hino em desacordo, aliás, com a vida do falecido, que não havia sido crente:

“Dormindo no Senhor
Bendito é nosso irmão
Perante o trono vencedor
Desfruta a salvação.”

O pastor leu passagens bíblicas e falou sobre a morte como consequência do pecado. E convocou os circunstantes a aceitarem Cristo como Salvador.

Agora, sim, e sua consciência o parabenizava. Cumpriu eximamente o seu dever. Até ao vigário pregou o Evangelho. “Que coisa formidável: agora temos facilidades nunca imaginadas outrora de se pregar o Evangelho...”

O sacerdote romano tirou o hissopo de um canudo de metal, esborrifou água benta no defunto e pronunciou uma reza por sua alma.

Leu passagens bíblicas. E ressaltou a razão do pastor ao convocar a todos que creiam em Cristo porque crer nEle é penhor de vida eterna. Mas, observou que os católicos também creem em Cristo como Salvador. O jovem falecido cria em Cristo, mas como ninguém pode se eximir dos seus pecados até a hora da morte, ele também precisa dos sufrágios dos cristãos vivos. A sua alma no purgatório precisa da nossa compaixão... O purgatório, ressaltou o vigário, é uma das demonstrações do infinito amor de Deus por nós, pois, se não existisse esse lugar de purificação, o que seria de nós? Nos céus somente entram os puros. Onde nos purificarmos?

Dizem que a última impressão é a que fica. A arenga do clérigo, tendo como ponto de partida a alocução do pastor, esclareceu sobre a necessidade de se sufragar os cristãos mortos, envoltos em chamas purgatorias.

Fatos semelhantes se repetem à larga para o amaciamento dos crentes e indiferença do povo diante do Evangelho.

.oOo.

CAPÍTULO XX

O DIÁLOGO UNE?

E O EVANGELHO SEPARA!!!

EM SEUS TRÊS ASPECTOS o diálogo se põe às ordens da ação unionista e ecumenistizante.

Unionista para arrastar todos os católicos distantes da comunhão romana à sujeição ao papa, o *centrum unitatis*, o “perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade” (*Lumen Gentium*, § 23).

Ecumenistizante para aglutinar os evangélicos em disponibilidade, dispostos, a pretexto de serem atuais e “prafrentistas”, a se atrelarem no acometimento ecumenista embora sempre se confessem de opinião contrária.

Unionista e ecumenistizante o diálogo une, conlui, aconchega, conchava, agasalha a imensa fauna dos idólatras e dos autossuficientes comprometidos com o espírito do mundo num autêntico e cômico jardim de aclimação onde todos se irmanam no culto de sua própria vaidade...

.oOo.

Tão sutil a emboscada ecumenistizante que muitos discípulos do Senhor, corações inflamados na paixão de ganhar almas para Cristo deixam-se envolver nos meandros de suas subtilezas.

* * *

Eva, por certo, sentiu-se atraída pela beleza exterior da serpente, a “*mais astuta de todas as alimárias*” (Gênesis 3:1). Esta, na sua sagacidade, fez-se humilde aparentando desejo de saber ao perguntar: “*É assim que Deus disse: não comereis de toda a árvore do jardim?*” (Gênesis 3:1).

A serpente conhecia a proibição divina e o seu alcance. Astuciosa, simula ignorância e, insidiosa, aborda a mulher com uma pergunta aparentemente inocente e reveladora de desejo de saber.

Eva demonstrou-se fiel à Palavra de Deus. Não se limitou a um rápido sim e expôs, em toda a sua inteireza a Palavra do Senhor: “*Do fruto das*

árvores do jardim comeremos; mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais” (Gênesis 3:3).

Até aqui a mulher comportou-se com lealdade. Deixou-se, porém, enfeitiçar e se resvalou ao conservar o diálogo com satanás, “*que engana todo mundo*” (Apocalipse 12:9).

Se a serpente, logo de início, tivesse manifestado suas intenções, Eva tê-la-ia repelido.

.oOo.

A tentação se constitui num diálogo íntimo entre satanás e o tentado. Manter esse diálogo é expor-se à derrota certa!

Ao longo da História dos homens a psicologia da tentação é de uma constância imutável. Permanente. Desde aquele episódio de Eva a astúcia de satanás se reproduz.

Reconheço absoluta sinceridade por parte dos meus irmãos em Cristo ao verem na atual atmosfera religiosa do mundo acalentada pela brisa ecumenista uma excepcional oportunidade de evangelizar. Mas, com dor de coração, reconheço a inexigibilidade desse otimismo em vista dos objetivos e métodos da ação ecumênica analisados neste livro e também da prudência adotada por esses irmãos.

Enfeitiçados, aceitam eles a proposta da blandícia ecumenizante que foge da polêmica.

.oOo.

Em nome da paz tão ansiada pela humanidade, o ecumenismo propõe o diálogo e evita a polêmica porque não quer sejam contestadas as doutrinas católicas. Nestas condições, munidas do passaporte de livre trânsito, mais facilmente elas contaminam os espíritos e de tanto repetidas adquirem foros de verdade.

.oOo.

Ajustados a essa contextura religiosa inspirada pela ação ecumenizante, aqueles sinceros discípulos do Senhor, ao proclamar o Evangelho, escusam-se dos assuntos divergentes entre católicos e evangélicos.

Muitos pastores enlanguecidos deixam de, no púlpito, apresentar temas bíblicos para não afastar de seus auditórios a presença de alguns católicos.

Tem-me ocorrido várias vezes a advertência: “Gostaria de que o irmão evitasse combater doutrinas católicas para não afastar as pessoas”.

Supõe-se ser minha constante preocupação combater aquele sistema religioso. Bem ao contrário! Meu primordial anelo é proclamar o Evangelho e, para que as almas O aceitem, procuro anunciá-lo em sua integridade, removendo os óbices que satanás levanta à sua compreensão.

Entre muitos evangélicos há o medo de desagradar. Preferem contar com a graça dos homens. Com ares de aluna submissa de colégio de freiras, permitem diluir-se-lhes a combatividade evangelizante.

Esquecem-se de que, quando exposta com fidelidade e inteireza a Palavra de Deus desagrada o pecador. Em consequência, o fato de algum ouvinte se descontentar não deve assustar o fiel servo do Senhor.

Dentre esses pregadores distinguimos duas categorias: a dos emotivos imaturos que confundem unção do Espírito Santo com sentimentalismo e a dos comprometidos com a sociedade.

Esta distinção é fruto de minha experiência feita de contactos com eles.

A pessoa de caráter emotivo facilmente confunde a unção do Espírito Santo, imprescindível a todo o pregador, com sentimentalismo. Sermão ungido para ela é o molhado de lágrimas a contagiar de comoção os seus ouvintes.

Um pregador nessas condições resvala-se imperceptivelmente para a infidelidade à Palavra de Deus ao evitar ferir certos assuntos refratários ao clima emotivo. Quer atrair porque todos devem ouvi-lo. Sentimentaloide, agastar-se-ia se notasse alguém se retirando por haver se contrariado com a sua mensagem.

Supõe poder evangelizar o pecador apresentando-lhe o lema: “Cristo, a única esperança”.

“Se o pecador aceita o Evangelho assim exposto, por si próprio rejeitará os erros religiosos”, pensa.

Esquecem-se esses irmãos da necessidade de se tratar do pecado como ele é à luz da Palavra de Deus. E pecado na dimensão dessa Palavra não se restringe apenas as ações contrárias aos santos preceitos morais, mas também envolve a aceitação de doutrinas contrárias à Revelação Divina. Compete-lhes, pois, profligar o pecado com integridade e fidelidade completa à Palavra de Deus.

Se do púlpito se vergasta o vício do álcool, da maledicência, do mundanismo, por que fugir ao combate da heresia?

Há entre nós um eminente e respeitado pregador cujas mensagens se notabilizam pelas impetuosas objurgatórias contra o pecado. Na sua candência investe contra o mundanismo às escâncaras instalado em muitas das nossas igrejas. Omite-se, todavia, diante das heresias ecumenisticamente acampadas entre os “crentes”. Em nome do amor azorraga o mundanismo porque almeja puros os crentes. Em nome do amor poupa as heresias.

Por acaso a heresia não é pecado?

Se a contundência contra o mundanismo se faz de mister, porque não também contra as heresias?

Como resultado dessa complacência para como o erro doutrinário é que muitos “crentes” permanecem apegados a certas heresias. É incrível a multidão deles em nossas igrejas.

Sentem-se bem em nosso meio porque, de temperamento religioso, conciliam as suas tradições com o microevangelho que lhes é pregado.

Há, outrossim, os pregadores comprometidos com a sua sociedade ou com as estruturas vigorantes.

Caracteriza-os um episódio.

De certa feita, o pastor de uma igreja onde dirigi uma campanha evangelística, para me precaver, manifestou-me sua dedicação por evangelizar pessoas gradas da sociedade local ligadas ao romanismo. Desapontara-o, informou-me, um outro pregador ao combater do púlpito certos aspectos doutrinários católicos. “Algumas pessoas convidadas minhas e com as quais vinha trabalhando por evangelizá-las, aborreceram-se com os ataques e repeliram outros convites”, contrariado, contou-me o reverendo.

“Uma gota de mel atrai mais moscas do que um barril de vinagre. Fui católico e me irritava quando alguém atacava a minha religião e isto retardou a minha conversão”, contou-me.

Percebi nesse desabafo a sua orientação para os meus sermões. Constatei a seguir haver ele anuído à minha presença em seu púlpito em virtude da manifestação maciça dos membros de sua igreja nesse sentido.

Ao assomar ao púlpito move-me sempre o desejo de cumprir minha missão diante de Deus. Procuro em sã consciência contar com a unção do Espírito Santo. Pelo fato de haver sido padre, embora motivos humanos pudessem justificar ataques mordazes ao clero, jamais me deixo levar pelos meus impulsos pessoais.

Não maldigo a sorte de haver sido por mais de quinze anos sacerdote romano. Essa vivência favorece-me grande bagagem de experiências e me dá enorme autoridade pessoal na pregação do Evangelho.

Naquela pequena cidade interiorana a presença de um padre na igreja evangélica chamou a atenção pública e atraiu ao templo grandes auditórios em cada noite, incluindo-se as pessoas aborrecidas com o pregador da campanha antecedente.

O pastor da igreja mexia-se e remexia-se incomodado com o assunto da minha mensagem. E, por haver anunciado que no sábado seguinte relataria as razões da minha saída do ministério sacerdotal e da minha abjuração do catolicismo, demonstrou-me suas apreensões, justificando-se com o seu desejo de que o povo não se espantasse.

Temia a futura ausência de muitos por se sentirem feridos em suas convicções religiosas.

Na manhã seguinte à primeira conferência procurou-me uma jovem, católica fervorosa e líder num movimento de sua religião.

Hóspede do próprio reverendo, consentindo a angustiada moça, o pastor assistiu a conversa.

Contou-me de suas atividades na paróquia. De seu imenso desejo de ajudar os outros. De suas torturas íntimas... De suas angustiosas dúvidas... De sua terrível insegurança espiritual...

Ouvia-a calado.

Após haver extravasado a sua alma naquela dolorosa confissão, com palavras repassadas de comiseração, pois padeci o mesmo transe de aflições, demonstrei-lhe minha simpatia. E com vigor patenteei-lhe a origem de tamanha angústia. À luz da Bíblia, mostrei-lhe as contradições das diversas doutrinas e práticas romanistas lembradas por ela em seu depoimento.

Ao sentir o desejo do pastor no sentido de desviar o roteiro de minha exposição, solicitei-lhe a gentileza de se abster interferir.

Aquele reverendo, estupefato diante da minha maneira franca em expor as antinomias romanistas para uma pessoa suma e sinceramente católica, presenciou aquela jovem render-se a Jesus Cristo e, em soluções de alegria, agradecer a Deus a inefável libertação.

Lamento profundamente a postura tímida de muitos embaraçados por sua própria situação social ou pelo prestígio do dinheiro. Esquivam-se de profligar erros porque receiam desagradar. E, na pretensão de se coonestarem, alegam ser de má tática “provocar polêmicas”.

Um outro pastor, em idênticas circunstâncias sociais, fez-me semelhante observação. “Os tempos são diferentes. Pregue-se o Evangelho

pura e simplesmente. Se se apontar enganos doutrinários do romanismo, afugentar-se-ão muitos dos nossos cultos”. E quejandas.

Pois bem, no domingo, ao encerrar o culto matutino e sabedor da presença de um ex-membro de sua igreja agora ligado aos adventistas, fora de todo e qualquer propósito, por longos minutos, desancou uma crítica severíssima às doutrinas sabatistas exatamente “para espantar aquele visitante”, um simples operário.

.oOo.

Estou convencido — e minha experiência como sacerdote e como pregador do Evangelho me autoriza a me manifestar assim — que os católicos sinceros precisam de ouvir a Verdade sobre os enganos de sua religião. Poderão se revoltar no momento, o que é, aliás, ótimo sintoma.

Através do confissãoário sei perfeitamente como a verdade lhes causa uma tempestade de dúvidas, o que lhes propicia oportunidades excepcionais para se definirem.

E pode-se perfeitamente expor os monstruosos erros romanistas sem faltar com o devido respeito e caridade aos católicos.

Quando me surgem os conselheiros de prudência, ocorre-me o prolóquio latino: *Piscem natare doces* (Queres ensinar o peixe a nadar). Ensinar o padre. nosso ao vigário.

As duas espécies de pregadores: os sentimentaloides e os comprometidos com as estruturas do mundanismo, enleados pela panaceia do ecumenismo, embora cheios dos melhores auspícios evangelísticos, tornam-se cúmplices dos pelegos do papa.

.oOo.

Deus, o próprio Deus divide. Separa! E, se separa, afasta. E afasta-se. Isola-se.

Como Santo, Ele próprio é Separado. O sentido genuíno, original, do vocábulo santo é exatamente separado.

Na Sua Infinita Transcendência, Deus é o Separado. Separado da criação.

Misturado com a criatura seria um deus panteísta. Um deus panteísta não é um Deus Santo. Mas conspurcado. Limitado.

Transcendente, separado, constitui-se-Lhe a Santidade no atributo dos atributos, porquanto a Sua qualidade ética exalta a Sua excelência moral.

Por ser um Deus Transcendente, separado — Santo! — tudo que se Lhe refere deve ser santo. Separado. A santidade atribuída a lugares, coisas, períodos de tempo, pessoas, tudo enfim que se liga à adoração a Deus, significa uma relação que envolve separação do uso comum e consagração a Deus.

Para Si separou um povo. O Seu povo. O povo eleito! E o cumulou dos maiores privilégios e das mais escolhidas bênçãos.

.oOo.

A esse povo, através de Moisés, promete uma terra donde lançará fora os outros povos e recomenda que o Seu povo não faça com eles concerto algum. *“Mas os seus altares transtornareis, e as suas estátuas quebrareis, e os seus bosques cortareis. Porque te não inclinarás diante de outro deus; pois o Nome do Senhor é zeloso Deus zeloso é Êle; para que não faças concerto com os moradores da terra, e não se prostituam após os seus deuses”* (Êxodo 34:13-15).

O Deus Santo repele parcerias! Ele é Santo. Separado! E quer santo, separado, o Seu povo eleito.

Mas a história do Seu povo é a tragédia da desobediência. Da mistura. Do conluio. Do ecumenismo. Da prostituição.

Prostituição porque misturar-se com o culto aos deuses é abominação. E a pior de todas as abominações se chama prostituição.

Aquele povo — o povo eleito, separado — desobedeceu ao Senhor. Prostituiu-se.

Os do Seu povo *“se misturaram com as nações, e aprenderam as suas obras. E serviram os seus ídolos, que vieram a ser-lhes um laço”* (Salmo 106:35-36).

A luta dos profetas se destacou como luta antiecumenista. Sempre foi luta para separação.

O Deus Santo que destinara um povo para Si queixa-se desse povo por Lhe haver traído os desígnios. *“Eu vos introduzi numa terra fértil, para comerdes o seu fruto e o seu bem, mas quando nela entrastes, contaminastes a Minha terra, e da Minha herança fizestes uma abominação”* (Jeremias 2:7).

E, por meio de Ezequiel, apostrofa o Seu povo infiel, ecumenistizado, com as mais candentes objurgatórias: *“Quão fraco é o teu coração, fazendo*

tu todas estas coisas, obra duma meretriz imperiosa!... Foste como a mulher adúltera que, em lugar de seu marido, recebe os estranhos. A todas as meretrizes dão paga, mas tu dás presente a todos os teus amantes; e lhes dás presentes, para que venham a ti de todas as partes, pelas tuas prostituições. Assim que contigo sucede o contrário doutras mulheres nas tuas prostituições, pois após ti não andam para prostituição; porque dando tu a paga, e a ti não sendo dada a paga, fazes o contrário” (Ezequiel 16:30, 32-34).

.oOo.

O Deus Santo quer para Si um povo santo. Separado! Imune do contágio da idolatria.

“Santos sereis, porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou Santo. Porque Eu sou o Senhor vosso Deus; portanto vós vos santificareis, e sereis santos, porque Eu sou Santo” (Levítico 11:44; 19:2).

Afastar-se da santidade, conluiar-se com a idolatria, misturar-se é embarçar o plano de Deus Santo.

3

Jesus Cristo, o Verbo Eterno de Deus, ao encarnar-se trouxe como missão soberana separar.

O Seu Evangelho separa!!!

Aos que O aceitam separa da mentira... Do embuste... Da iniquidade... Da injustiça... Do mundanismo... Da parceria com o erro... Da mancomunação com os interesses do imperialismo religioso... Dos compromissos com satanás.

Separa-os pela própria força da Verdade!!!

.oOo.

Sinal de contradição (Lucas 2:34), Jesus Cristo, que personifica o Evangelho, divide.

.oOo.

Separou! A uns expulsou, a outros curou (Mateus 21:12 e 14).

Separou! Quando pregava produzia discórdias. *“Assim entre o povo havia dissensão por causa dEle” (João 7:43).* Ao se comparar ao bom

pastor e invectivar o mercenário, *“tornou a haver divisão entre os judeus por causa destas palavras”* (João 10:19). De hipócritas chamou os que O honram apenas com os lábios (Mateus 15:7) e os Seus discípulos ameaçados do vírus ecumenistizante Lhe advertiram: *“Sabes que os fariseus, ouvindo essas palavras, se escandalizam?”* Na Sua têmpera de aço, Jesus replicou-lhes: *“Deixai-os: são condutores de cegos...”* (Mateus 15:12 e 14). Ecumenistizado, teria Jesus ido atrás deles a se “explicar”, a cercá-los de paninhos quentes.

Separou! Diante dEle as opiniões se dividem. *“E havia grande murmuração eterna, muitos dos Seus discípulos murmuravam escandalizados”* (João 6:61) e se *“tornaram para trás, e já não andavam com Ele”* (João 6:66). E aos Seus doze interroga: *“Quereis vós também retirar-vos?”* (João 6:67).

Separou! Diante dEle as opiniões se dividem. *“E havia grande murmuração entre a multidão a respeito dEle. Diziam alguns: Ele é bom. E outros diziam: não, antes engana o povo”* (João 7:12). *“Então alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus; pois não guarda o sábado. Diziam outros: como pode um homem pecador fazer tais sinais?”* (João 9:16).

Querendo Seus adversários surpreendê-lo em alguma palavra, *“enviaram- Lhe os seus discípulos com os herodianos, dizendo: Mestre, bem sabemos que és verdadeiro... e de que ninguém se Te dá, porque não olhas à aparência dos homens”*. Na sua maldade reconhecem a altivez de Jesus!

.oOo.

Jesus separa! *“Não cuideis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz. mas espada. Porque Eu vim pôr em dissensão o homem contra o seu pai, e a filha contra a sua mãe, e a nora contra a sua sogra”* (Mateus 10:34-35). *“Vim lançar fogo na terra... Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, vos digo, mas antes dissensão”* (Lucas 12:49 e 51),

Aos que O querem servir dá-lhes a cruz... Promete-lhes sofrimentos.

Nas perseguições encontrarão felicidade. Devem se separar do mundo... Devem renunciar.

.oOo.

Jesus separará! *“E todas as nações serão reunidas diante dEle, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas e porá*

as ovelhas à Sua direita, mas os bodes à esquerda” (Mateus 25:32 e 33). A uns chamará de benditos e a outros, malditos (Mateus 25:34 e 41).

.oOo.

Salvador e Senhor, Ele é o Divisor! Se a Sua Cruz reparte em duas grandes fases a História (Antes de Cristo e Depois de Cristo), Jesus divide os homens.

Ao proclamar a inadiabilidade do arrependimento, o Seu próprio precursor, João Batista, O anunciava como Divisor: *“Ele tem a pá na Sua mão; e limpará a Sua eira, e ajuntará o trigo no Seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga”* (Lucas 3:17).

Perante o Divisor, inútil alegar a descendência abraâmica porque das *“pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão”* (Mateus 3:9). *“Raça de víboras”,* bradava o Batista, *“quem vos ensinou a fugir da ira futura?... Toda a árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo”* (Mateus 3:8 e 10).

Diante do Evangelho amor não quer dizer concessão, tergiversação com o erro... Amor não significa abster-se de proclamar a realidade nua e crua sobre o estado de perdição do pecador... Amor não significa complacência com a heresia...

Os profetas do Velho Testamento amaram em verdade o seu povo. Por isso cumpriram sua missão: vergastaram o erro, o pecado, os maus costumes do povo a que amavam.

O que Jeremias clamava em seu tempo, pode ser repetido hoje porque as situações se assemelham: *“E curam a ferida da filha do meu povo levianamente, dizendo: paz, paz; quando não há paz”* (Jeremias 6:14).

E, Jesus, o Deus-Amor Encarnado, separou. Dividiu. Vergastou o erro! Repeliu de Si as multidões dos comprometidos com os preconceitos da sociedade.

Ser fiel na proclamação do Evangelho é, à imitação de Crista, tornar-se divisor.

.oOo.

A coragem dos profetas em proclamar a mensagem de Deus doa a quem doer é uma constância nos dois Testamentos.

Se a palavra deles era verdadeira chicotada de fogo contra os prevaricadores, os pregadores do Evangelho ao se erguerem perante as massas sempre provocaram dissensões.

Precisaram de se armar de imensa coragem para anunciar Jesus Cristo diante dos judeus e da liderança eclesiástica de Jerusalém.

O ministério terreno de Jesus culminou com a Sua ignominiosa morte na Cruz. E que respeito poderia suscitar a memória de um pobre crucificado coberto de desonra e vilipêndio?

Se por inveja os sacerdotes inquisitoriais O entregaram à justiça do braço secular, empenhavam-se para ser sepultada no esquecimento a Sua lembrança, enquanto os soldados subornados negariam a notícia de Sua ressurreição.

Intransponíveis barreiras se antepunham aos discípulos quanto às suas pretensões de anunciar Jesus Cristo ao povo.

Se num gesto ecumenista Pedro se mancomunara com a negação durante o julgamento do Mestre, ungido pelo Espírito Santo, atira em rosto dos israelitas o seu crime e proclama a Ressurreição do Senhor (Atos 2:23-24). *“Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas”* (Atos 2:32).

.oOo.

Trouxera Caifás a solução do problema: *“Que faremos? porquanto este homem faz muitos sinais. Se O deixarmos assim todos crerão nEle, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação”* (João 11:47-48).

“Vós nada sabeis”, afirmara o enfatuado sumo pontífice. *“Nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação”* (João 11:49-50).

E agora estavam em sua presença João e Pedro acusados pelos doídos sacerdotes (Atos 4:2) de anunciarem ao povo — e dentro do templo — *“em Jesus a ressurreição dos mortos”*.

O homem que anteriormente com toda a empáfia afirmara: *“vós nada sabeis”*, agora diante da ousadia dos discípulos consulta o conselho que delibera arrolhá-los com ameaças (Atos 4:6, 15-17).

De uma coisa maravilham-se o pontífice e o seu conselho: da ousadia de Pedro e João (Atos 4:13).

.oOo.

O pontífice de Roma admirar-se-á porventura da ousadia dos ecumenistoides? Ou nestes ominosos tempos se utilizará de sua covardia!!!

.oOo.

Doutra feita, agastado lá se foi outra vez Caifás a interpelar os discípulos:

“Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse Nome? E eis que encheistes Jerusalém dessa vossa doutrina, e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem” (Atos 5:28).

Tinham contra si a autoridade eclesiástica do seu país. E daí? Importava- lhes acima de tudo obedecer a Deus.

.oOo.

A pregação do Evangelho divide as opiniões e provoca disputas.

Contra Estêvão enfureciam-se e rangiam os dentes os seus contendores (Atos 7:54). Assassinararam-no!

Sua morte exacerbou a violência contra os discípulos do Senhor. Choraram o diácono amado, mas o seu heroísmo acicatou-lhes a combatividade. Não se lhe constituíam em opróbrio as perseguições. Quanto mais perseguidos, mais cresciam em número os discípulos (Atos 16:5; 19:20).

Belíssima lição para os envolvidos nas tramas ecumenistizantes! Pregar o Evangelho em sua inteireza significa dividir as opiniões. Provocar dissensões.

Significa afastar para congregar!

Ferido em seu orgulho, revolta-se o pecador. Se sincero em suas convicções religiosas, vai analisá-las... E depois volta! E se rende a Jesus Cristo!!!

Todo pregador empenhado na salvação de almas reconhece nas experiências dos Atos dos Apóstolos o único roteiro para a sua missão. Sabe qual é a origem dos vergonhosos fracassos das atuais campanhas evangelísticas feitas na preocupação de agradar a todos, alisando-lhes as convicções religiosas.

.oOo.

CAPÍTULO XXI

PAULO, PREGADOR INCONTESTE E PROTESTANTE INTIMORATO, É O “PROMOTOR DE DISCÓRDIAS”

QUEM COMO o Apóstolo se imolou pelo anúncio do Evangelho puro de Jesus Cristo?

Jamais alguém como ele realizou uma tão apaixonada e rigorosa concentração de todas as suas energias físicas e espirituais a serviço do Evangelho.

O seu ministério é a epifania histórica de sua total dedicação a Cristo. É uma iliada de lutas e trabalhos...

As suas três expedições missionárias confirmam a sua declaração: *“Trabalhei muito mais do que todos”* (I Coríntios 15:10). Impressiona-nos o número de quilômetros por ele percorridos na Ásia Menor em suas três viagens.

Na primeira expedição, de Adália a Derbe e volta, 1.000 quilômetros. Na segunda viagem, de Tarso a Trôade, 1.400 quilômetros (e talvez 526 quilômetros mais, na hipótese da passagem por Ancira). E na terceira, de Tarso a Éfeso, 1.150 quilômetros (ou mesmo 1.700 quilômetros no caso de novo desvio por Ancira).

Este número de quilômetros será muito maior se levarmos em conta os numerosos desvios, as diferenças de altitude, etc. E os esforços físicos do viajante Paulo atrair-nos-ão a surpresa se nos recordarmos da completa ausência dos modernos meios de locomoção.

Damasco, Antioquia da Pisídia, Éfeso, Tessalônica, Atenas, Corinto, as grandes cidades, capitais de importantes províncias, centros de cultura e de comércio, foram atingidas pelo seu ardor evangelizante. Sua visão missionária levou-o a esses grandes centros de irradiação do mundo greco-romano donde se difundiria a Mensagem Salvífica (I Tessalonicenses 1:8).

Apesar de alquebrado de fadigas, circunstâncias especiais levaram Paulo a realizar o seu desejo de destacar o seu trabalho superior aos demais também em Roma. Roma dos Césares, das legiões, do direito e do Império. Roma, símbolo do poderio, do equilíbrio e da estabilidade.

As peripécias das viagens missionárias do Apóstolo marcaram os lances mais gloriosos da odisseia evangelizante do mundo.

Vinculam-no à mais pura raça hebráica os títulos: hebreu, israelita, descendência de Abraão. Outros títulos conquistados no campo de batalha exornam o se

.oOo.

“Quantas perseguições sofri” (II Timóteo 3:11), exclamava.

Prisões. Flagelos. Lapidação. Naufrágios. Perigos de salteadores. Ciladas dos inimigos. Intempéries da natureza. Riscos em viagem. Fome. Sede. Nudez. Vigílias. Preocupações espirituais. Ânsia pela vivência evangélica dos neófitos. (II Coríntios 11:22, 28),

Pregador inconcusso, Paulo é o protestante irrefreável.

Dotada de raras qualidades a sua personalidade é uma síntese de elementos os mais contrastantes: fé e razão, idealismo e concretização, lógica e sensibilidade, pensamento e ação, intuição e dialética.

Semeador do Evangelho a cujo serviço colocou toda a sua contrastante personalidade, vigoroso, brandiu a espada do protesto contra a pertinácia do erro, a trama da heresia e a duplicidade de comportamento.

As expressões de protestos permeiam o seu epistolário.

Protagonista irrefragável da gloriosa aventura de ganhar almas para Cristo, valoroso na defesa da Verdade do Evangelho, é o protestante impetuoso a alvoroçar os arraiais adversários.

A sua pregação incendiava discórdias!

Falava Paulo? As multidões de judeus, gentios e judaizantes se inflamavam em acirradas disputas.

Brandia a espada do seu protesto e feria as consciências...

.oOo.

Vivemos a época da contestação. Do protesto!

Nossos dias se caracterizam pela insurreição. Todos protestam.

Protesta-se até pela esquisitice do trajar.

Nos países superdesenvolvidos a juventude provida de todos os bens protesta contra a sociedade estabelecida.

Ministros religiosos se insurgem contra os seus próprios superiores hierárquicos a quem devem atender o voto assumido quando assentiram ao *Promitis mihi et successoribus meis obedientiam et reverentiam?*

Hoje todos protestam! Exceto os protestantes!!!

Chama-nos o mundo de protestantes. E deveríamos sê-lo. Mas nós não protestamos.

Acomodamo-nos. Cruzamos os braços. Sorrimos sorrisos benévolos de anuência para tudo e para todos.

Para nós tudo está bem. Não queremos desagradar. E, por isso, aceitamos tudo e aplaudimos os piores disparates.

Tornamo-nos sabujos. Chaleiras. Capachildos. Subservientes à impostura, ao embuste e à trama organizada no propósito de impedir a proclamação integral do Evangelho.

Eis a maior irrisão destes dias: os protestantes deixaram de protestar.

Degeneraram-se. Capitularam. Abastardaram-se.

O ecumenismo arrancou-lhes a personalidade e os transformou em autômatos às suas ordens!

.oOo.

Na ânsia de pregar o Evangelho, ao chegar nas cidades, Paulo procurava logo uma sinagoga, o ponto de encontro religioso dos judeus muito comum sobretudo nos grandes centros.

Além de encontrar um auditório de fé monoteísta naquele mundo romano imerso no politeísmo pagão, como doutor da Lei, cabia-lhe o direito de usar da palavra logo após a leitura das Escrituras. Sem evasivas lançava a primeira semente.

No sábado posterior podia retomar o assunto preparando, com base nas doutrinas comuns entre ele e os hebreus, o terreno para, em conclusão lógica, apresentar a mensagem do Evangelho. Então, a assembleia se dividia. A maior parte do auditório reagia violentamente.

Sobejas razões assistem Tértulo ao cognominá-lo “*promotor de sedições*” (Atos 24:5).

O coração de Paulo esperava levar à fé em Cristo todos os seus “irmãos pela raça”. Supunha-os com direito de prioridade, pois deles procedeu Cristo “*segundo a carne*” (Romanos 9:5) e possuíam a “*adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas*” (Romanos 9:4). Primeiro os judeus, depois os gentios (Romanos 1:16).

Contra os que recusam o Evangelho, porém, sacode-lhes as vestes (Atos 18:6). Longe do Apóstolo a ideia de transigir por querê-los todos simpáticos a si. Acima de tudo, a Verdade sacrossanta e íntegra do Evangelho!

Esta dissensão foi a norma constante de todas as sinagogas atingidas pela sua palavra. E Paulo jamais pensou em ficar nos subúrbios do Evangelho na pretensão de conservar os judeus todos ao redor de si.

.oOo.

Deus se utilizou da personalidade contrastante do Apóstolo como era. Serviu à Causa com o seu coração marcadamente amoroso. Terno. O seu epistolário é repassado de afetividade. Do seu coração procedeu o capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios!

Sensível e afetuoso, porém, nunca se deixou levar de sentimentalismo ao se desincumbir de sua tarefa evangelizante. Apresentava a sua mensagem doesse em quem doesse.

.oOo.

A Verdade divide! O Evangelho é a espada que separa!

O ministério de Paulo levou a mais profunda dissensão entre os judeus, o povo, embora pressionado pelo meio ambiente pagão das cidades onde se espalhava, unido na crença monoteísta do Verdadeiro Deus.

Destacaremos exemplos para alertar os atuais pregadores entibiados e acomodados pela onda ecumenizante.

Em Antioquia da Pisídia, longe de aglutinar, a sua palavra dividiu os judeus. Enquanto uns criam, outros contradiziam (Atos 13:43, 45). De antemão sabia ser a ressurreição dos mortos um assunto explosivo entre os hebreus e grande motivo de discórdia. Se comprometido com a trama ecumenizante não teria apresentado a questão. Almeja agradar a todos, mas de acordo com a Verdade do Evangelho. E seria escapar desta Verdade o agasalhar-se numa atitude de prudência.

O Evangelho precisa ser discutido. Diante dele as opiniões têm que se dividir. Do contrário a sua proclamação se torna improdutora por não chamar a atenção dos pecadores.

Aliás, a experiência da conversão leva à separação. Por se converter dos ídolos a Deus, o salvo se dispõe a servir o Deus vivo e Verdadeiro (I Tessalonicenses 1:9).

Em Icônio, irritaram-se os judeus. E a multidão se dividiu... (Atos 14:2, 4).

O promotor de sedições entra, acompanhado de Suas, em Tessalônica. Como de hábito vai à sinagoga. Disputa. Fala sobre Cristo

Ressuscitado. Desentendem-se os judeus. Os contrários se afastam. Criam um tumulto. E jogaram a cidade contra os dois servos do Senhor (Atos 17:1, 9).

.oOo.

Nos dias atuais Paulo, por ser “*promotor de sedições*”, teria fechadas as portas de muitas igrejas evangélicas norteadas pelas medidas de prudência que as leva a não “ofender” os visitantes. .

Os pastores sacramentados pela magia ecumenizante evitam assuntos polêmicos porque não querem “espantar”. Brandos, maneirados, sorriso profissional afivelado nos lábios, palavras amenas na boca, empenham-se pela presença de ouvintes anestesiados pelo pecado impedidos de uma definitiva decisão.

Senhores pastores envolvidos no emaranhado da manha ecumenista, a exposição franca de toda a Verdade do Evangelho, apesar de profligar erros religiosos e, por isso, afastar os “ofendidos”, move à conversão genuína os pecadores sinceros na busca de salvação.

Querem ter um ministério frutuoso na conquista de almas para Cristo? O método é o adotado por Paulo, o “*promotor de sedições*”. É efficientíssimo. E em abono desta assertiva, invoco o depoimento do próprio Apóstolo.

Não se escandalizem, senhores, com o resultado aparentemente insignificante ocorrido em Tessalônica: Alguns creram, enquanto a multidão se rebelou.

Os ecumenizados poderiam notar a ineficiência do processo evangelístico de Paulo e levantar embargos à minha contundência diante do maneirismo adotado por muitos.

Ao escrever aos tessalonicenses, porém, lembra-lhes as muitas tribulações com que receberam a Palavra (I Tessalonicenses 1:6) e exalta-lhes o poder irradiador da fé. “*Porque por vós soou a Palavra do Senhor, não somente na Macedônia e Acaia, mas também em todos os lugares a vossa fé para com Deus se espalhou*” (I Tessalonicenses 1:8). “*A vossa fé cresce muitíssimo*” (II Tessalonicenses 1:3).

Desejam os senhores uma igreja irradiante?

Que as suas pregações, marcadas de coragem, dividam os ouvintes!

Se alguém se agastar não se impressionem!

.oOo.

À Bereia, onde os judeus “*foram mais nobres*” (Atos 17:11) acorreram os de Tessalônica a fim de incitar o ódio especialmente contra o “*promotor de sedições*”, que precisou retirar-se (Atos 17:13-14).

Nem preso o Apóstolo deixou de promover dissensões. “*Jerusalém estava toda em confusão*” (Atos 21:31).

O seu depoimento perante as autoridades eclesiásticas hierosolomitanas incitou outra agitação. Sabendo o preso Paulo que os saduceus e fariseus, discordantes sobre a ressurreição dos mortos, compunham o conselho eclesiástico, clamou: “*No tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado*” (Atos 23:6). “*E a multidão se dividiu*” (Atos 23:7). “*Originou-se um grande clamor*”! (Atos 23:9).

.oOo.

Imagine-se um predicante evangélico infeccionado com o vírus ecumenistizante numa situação igual. Mediria as suas palavras? Mostrar-se-ia inocente diante das acusações?

Acusado por Tértulo como “*promotor de sedições*” (Atos 24:5), dá-lhe razão o agitar toda Jerusalém.

.oOo.

Na conformidade com o enredo ecumenistizante, o evangélico automatizado por seus cordéis, supõe seu dever evitar polêmicas para não desagradar e incidir na pecha de desatualizado. Julga de bom alvitre escolher as palavras para se tornar simpático. E assim calcula atrair a atenção das pessoas. De acordo com essa tática procura ver nas outras religiões o seu lado positivo e, conscientemente, fecha os olhos para os seus erros e enganos. Na pretensão de juntar valores encobre as falhas e os pontos negativos.

Supõe que a sua simpatia atrairá a benevolência dos outros para o Evangelho.

Se está no púlpito, exime-se de apresentar assuntos contraditórios para não ferir suscetibilidades ou magoar os ouvintes. E depois fica satisfeito se os visitantes demonstrar apreço por sua pregação. E mais feliz se torna se eles o consideram muito simpático e agradável.

É possível que pessoas sejam atraídas para uma igreja evangélica pela simpatia ecumenistizante do pastor. Conheço membros de nossas igrejas

que ao tempo de católicos se desavieram com o vigário e envolvidos pelas maneiras do pastor aceitaram o batismo e se associaram ao seu rebanho porque “aqui não se fala mal das outras religiões”.

Encontro-me pregando numa igreja batista da Baixada Fluminense ao escrever esta página. E, por saber a região minada de doutrinas espíritas, apresentei dois sermões no intento de esclarecer as pessoas sobre os seus enganos. Agitada, uma senhora, membro da igreja, me procurou e contou-me a sua história.

Há muitos anos espírita, ao residir na Guanabara, frequentava um “centro” próximo de sua casa e se tornara sócia da Legião da Boa Vontade. Ao se transferir para a Baixada Fluminense, o centro espírita mais próximo distava de sua casa atual uns três quilômetros. Os achaques da sua idade impedem-lhe essa caminhada, por isso, começou a visitar igrejas evangélicas “porque tudo é a mesma coisa, pois em todas as religiões se fala no nome de Deus e todas dão bons conselhos”.

Resolveu fixar-se nesta em que agora estou pregando porque o pastor lhe é mui simpático, muito sorridente, “sabe agradar as pessoas e não ataca a religião de ninguém”. Fez a sua decisão pública por Cristo como exige o costume da igreja e aceitou o batismo “porque o que é bom a gente pode receber sempre”. Informou-me, outrossim, que sempre creu em Cristo — “e quem não acredita em Jesus?” A Ele recorre em todas as suas dificuldades!

Continua sócia da L. B . V. e firme nas suas convicções espíritas, que esconde exatamente para não desagradar os “irmãos”. “E quem pode dizer que está salvo?”

Ao relatar-me a sua história e a sua situação de incredulidade, recriminou-me por atacar o espiritismo.

Doutra feita, ao pregar em Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, esteve presente um deputado estadual. Ao término do culto, fez-me a seguinte observação: “Desse jeito o sr. não ganha adeptos para a sua religião”. E se pôs como exemplo: “Se eu fizesse assim jamais seria eleito deputado”.

Fatos semelhantes poderia enfileirar à vontade.

Conheço muito membro de igreja evangélica que é católico apostólico romano ou espírita convicto. E quantos que fazem parte do movimento Rosa Cruz?

Generalizou-se a estupidez humana e atingiu em cheio nossos púlpitos.

Pretender ser simpático com o erro, com a mentira, com o pecado é trair a Causa do Evangelho.

Por causa dessa simpatia, o pastor poderá conseguir mais alguns adeptos para a sua igreja entre os aficionados do amadorismo religioso. Mas cumprirá o seu ministério?

A onda ecumenizante nos meios evangélicos é um excepcional teste: revela os aventureiros mascarados de pregadores do Evangelho.

.oOo.

Longe de Paulo, o “*promotor de discórdias*”, o desejo de ser simpático às pessoas a preço da fidelidade ao Evangelho e a Jesus Cristo e com o risco de iludir os seus ouvintes.

O ministério heróico e valente de Paulo contesta o moderno método de evangelizar orientado pela coqueluche ecumenista.

As nossas grandes e caríssimas campanhas de evangelização promovem a petulância de um punhado de enfatuados e posudos, mas não chama a atenção do público por ser insignificante a sua mensagem.

Não há conversões como seria de se esperar porque a nossa pregação não é valorizada com o nosso sofrimento e o nosso heroísmo.

Deflagre-se em todo o país uma campanha evangelística que afronte com valentia o erro, o pecado, a idolatria, a apostasia, as heresias e ver-se-ão os frutos em genuínas conversões a Jesus Cristo. É o método de Atos dos Apóstolos. É o método do “*promotor de sedições*”. E esse método nunca falha..

Em Listra, o poder de Deus se manifesta na cura de um aleijado. Em aclamações o povo ovaciona Paulo. O sacerdote de Júpiter apressa-se a lhe prestar culto. Paulo perdeu uma ótima oportunidade para um culto ecumênico! Não quis ver nada de positivo no gesto dos listrenses. A atitude oposta do servo do Senhor transforma radicalmente a opinião pública que, de favorável, se torna em contrária. As grinaldas com que queriam coroá-lo se metamorfosearam em pedras (Atos 14:11-19).

Como Paulo estabeleceu a Igreja em Filipos? Debaixo do chicote e na cadeia! Os pagãos recriminavam-no por perturbar a cidade e expor costumes estranhos (Atos 16:20-21).

A sua ousadia perturbou a cidade que, em revide, lhe moveu atroz perseguição. Mas esta lhe incitou o ânimo para “*falar o Evangelho de Deus com grande combate*” (I Tessalonicenses 2:2). Fora de suas cogitações o desejo de agradar aos homens. Com a autoridade do seu procedimento pôde dizer aos tessalonicenses: “*nunca usamos de palavras lisonjeiras*” (I Tessalonicenses 2:5).

Certa vez assisti uma preleção de um ecumenista, professor de homilética, sobre as qualidades de um sermão perfeito. Leu a mensagem de Paulo pronunciada no areópago de Atenas registrada em Atos 17:22-31. E dessas qualidades o enfatuado mestre de eloquência sacra ressaltou a seguinte: o sermão precisa atrair a atenção do auditório e, para isso, é necessário apresentar-se sempre o que se vê de positivo entre os ouvintes. Lembrou a conveniência de, nas visitas domiciliares de evangelização, antes do assunto principal, elogiar-se qualquer objeto da sala (um quadro, os móveis, um jarro de flor) ou alguém da família, sobretudo uma criança: “que bonitinha!"). Essa tática cria uma atmosfera de simpatia mui propícia a predispor as pessoas de maneira favorável.

Em verdade, o pregador deve irradiar calor humano, compreensão, amor. Deve ter justo espírito de observação e apreciar os valores positivos.

Dentre tantos altares, Paulo, em Atenas, distinguiu o consagrado ao Deus Desconhecido, “em que viu algo de positivo”.

“Esse, pois, que vós honrais, não o conhecendo, é o que vos anuncio” (Atos 17:23).

E o professor de homilética teceu longas e enfadonhas considerações sobre a tática sumamente necessária, e hoje imprescindível, de se ser simpático ao auditório para comunicar-lhe a mensagem do Evangelho. Ilustrou a sua exposição com muitos exemplos tirados de políticos, industriais, comerciantes, lembrando os métodos modernos de propaganda através dos veículos mecânicos de comunicação.

Pobrezinho! O texto sacro serviu-lhe apenas de pretexto para tanta baboseira.

A palavra de Paulo — e disto se desapercebeu o professor — criou contenda entre os filósofos de Atenas (Atos 17:18). O paroleiro (Atos 17:18) se viu algo de positivo no altar dedicado ao Deus Desconhecido, também manifestou-lhes sua condição negativa de “*supersticiosos*” (Atos 17:22) e combateu-lhes a idolatria, taxando aqueles filósofos de ignorantes (Atos 17-30) -

Aparentemente a pregação de Paulo trouxe-lhe uma derrota porque, zombando, afastaram-se (Atos 17:32). Acontece, todavia, que alguns creram, inclusive Dionísio, membro do concílio aristocrático de Atenas.

E como surgiu a Igreja em Éfeso?

Com Atenas e Jerusalém, Éfeso era uma das três cidades santas da época. A basílica da Senhora Diana, o “*artemisium*” se constituía no centro da magia oriental.

Aqueles sentimentos que invadiram o coração do Apóstolo quando considerava as imagens dos deuses de Atenas, se renovaram ao adentrar a cidade pela Porta Magnesia e cresceram quando os seus olhos se depararam com a gigantesca plataforma em que se assentava o célebre templo da Senhora Padroeira dos efésios.

Uma das sete maravilhas do mundo, o seu teto, sustentado por 127 colunas jônicas, esplendia em luxo. Ornamentado com obras-primas de Praxíteles e de Escopas, de Polícleto e de Fídias, tornara-se digno de acolher as pinturas dos grandes pincéis de Parrásio, Zeuxio e Apeles.

Multicolores filas de peregrinos procedentes de todas as partes do mundo cantavam louvores à Padroeira enquanto subiam a rua da procissão para o encontro com a enegrecida imagem em cuja cabeça uma coroa lembrava o bastião de uma muralha, oportunidade em que cumpriam as suas promessas aumentando a quantidade já imensa de “ex-votos”.

Apenas de passagem por Éfeso naquela ocasião, a sua pressa, contudo, não o impediu de ir à sinagoga disputar com os judeus (Atos 19:19).

Retornou posteriormente, quando da sua terceira expedição missionária. Sua pregação atingiu e dividiu os judeus da sinagoga local.

Angustiava-se o coração do Apóstolo por ver tantos iludidos pelo culto a Diana. E suas atividades evangelísticas se fizeram sentir também para com os dianólatras a pique de prejudicar a fabulosa fonte de riquezas dos fabricantes de imagens da Senhora Diana, cuja sociedade um tal Demétrio presidia.

A pregação do Evangelho punha em perigo de descrédito a profissão dos santeiros e o próprio templo da Padroeira. *“Este Paulo tem convencido e afastado uma grande multidão, dizendo que não são deuses os que se fazem com as mãos”* (Atos 19:26).

“Encheu-se de confusão toda a cidade” (Atos 19:29).

Por duas horas a multidão enfurecida bradava: *“Grande é a Diana dos efésios”* (Atos 19:34).

Posteriormente ao se referir a este incidente, o Apóstolo afirmava: *“Combati em Éfeso contra as bestas”* (I Coríntios 15:32).

E com grande verdade pôde dizer aos presbíteros de Éfeso: *“Em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do Evangelho da graça de Deus... Portanto, no dia de hoje, vos protesto que estou limpo do sangue de todos, porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus”* (Atos 20:24-27).

Ao proclamar o Evangelho na sua inteireza, afrontava o erro e a heresia. E as multidões se dividiam. Acaso o Apóstolo receava perder adeptos?

À sua ambição ausentavam-se os adeptos. Desejava levar os pecadores a Jesus Cristo.

E *“assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia”* (Atos 19:20), porque o único método para que êete resultado ocorra é a intrépida proclamação do Evangelho.

.oOo.

Os evangélicos contagiados pelo vírus ecumenista supõem ser o catolicismo uma faixa do próprio Cristianismo. Talvez um cristianismo menos perfeito. Um cristianismo ao qual foram acrescentadas algumas achegas espúrias ao Evangelho, é verdade, mas que por isso não deixa de ser cristianismo. Menos perfeito, sim. Mas, cristianismo.

Aliás, certos grupos protestantes sempre assim admitiram. E, em suas polêmicas contra o clero, reconheceram sempre no catolicismo um ramo do cristianismo.

Teimaram e teimam em não enxergar no catolicismo a extensão do paganismo antigo revestido apenas de uma terminologia cristã.

Por isso, supõem a possibilidade e a conveniência do diálogo porque a polêmica pertence aos arquivos do museu da história antiga. Querem se entender com o catolicismo supondo que os seus desvios doutrinários são em questões secundárias e não impedem a aproximação, a compreensão. Há mesmo evangélicos contagiados por aquele vírus que julgam essas doutrinas características do catolicismo procedentes de uma maneira própria de interpretar a Bíblia.

O aluvião ecumenistizante consagrou essa impressão nivelando-nos a todos.

Nas atitudes de Paulo encontrará embargos fulminantes às suas pretensões esse cristianismo deturpado.

.oOo.

Se Paulo não admitia o diálogo para se entender com os judeus, mas pregava-lhes o Evangelho que divide, também adotava a mesma atitude com os cristãos-fariseus, os cristãos-judaizantes.

Não causa espécie que o pontífice vaticano esteja à procura de entendimento com os muçulmanos, budistas, etc, e permita-lhes participação em seus cultos como vem acontecendo nos templos romanos. No primeiro domingo de novembro de 1967, Antônio Mucciolo, vigário da catedral de Sorocaba, aceitou em sua missa a parceria do monge budista, Chioro Komab, que exaltou a atitude unionista da seita papal: “Nós, os budistas, estamos muito contentes com o Concílio que veio pregar a unidade das igrejas”.

.oOo.

Os evangélicos ecumenistoides talvez julguem essas atitudes como aberturas da hierarquia vaticana a lhes possibilitar pregar o Evangelho nos arraiais romanistas. Desencantem-se!

.oOo.

Paulo recusou diálogo com os cristãos judaizantes, os cristãos-fariseus (Atos 15:5), a fonte doutrinária do catolicismo que exige, além da fé em Jesus Cristo, obras identificadas também em ritos religiosos, para a salvação do pecador.

Com eles nada de diálogo. Mas polêmica!

Já em Antioquia, ao regressar de sua primeira jornada missionária, provocou *“não pequena discussão e contenda”* (Atos 15:2).

Longe dele ser bonzinho com quem deturpa o Evangelho da graça ao lhe acrescentar achegas. *“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho, além do que já vos tenho anunciado, seja anátema”* (Gálatas 1:8).

Seja anátema! Seja afastado! Seja separado! Excluído!

Será porventura uma atitude ecumenista? Ou de fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo?

Que reboem nos ouvidos dos evangélicos empestados o clamor vibrante do Apóstolo: *“Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema”* (Gálatas 1:9). Seja eliminado. Afastado! Expulso!

O Evangelho recusa conchavos. Unionismo! Ecumenistização!

A crise provocada pelos católicos incipientes em Antioquia chamou a atenção dos de Jerusalém donde aliás desceram os pregadores do

evangelho adulterado. Nem lá, numa reunião muito maior, Paulo se conteve. “*Grande contenda*” (Atos 15:7) agitou a assembleia.

Contenda significa alteração, luta, combate, litígio, rivalidade, oposição, objeção, contestação, controvérsia. Discussão com vivacidade. Divergência acalorada.

Entre o diálogo e a contenda medeia um abismo intransponível. Ecumenismo e contenda são termos irreconciliáveis!

.oOo.

Diz o romanismo que Pedro é o seu primeiro papa. Sob alguns aspectos há de se concordar com essa pretensão, inclusive sob o aspecto ecumenista. Com efeito, em Antioquia, quando da chegada dos emissários de Tiago, o presbítero em Jerusalém, “Pedro temendo”, afastou-se dos crentes gentios. E a sua atitude movera à dissimulação os judeus e o próprio Barnabé (Gálatas 2:13).

Paulo resistiu a Pedro na cara, por ser repreensível pois, com seu ecumenismo, o seu entendimento com os judaizantes, os católicos, desviara-se da Verdade do Evangelho (Gálatas 2:11,14).

Missionário, sua luta se estendeu contra o catolicismo, com quem jamais admitiu diálogo ou acordo.

.oOo.

Evangelho é pura graça!

O seu próprio conceito repele quaisquer achegas. Quaisquer aderidas! Quaisquer aditamentos! Quaisquer subsídios!

Jesus Custos é o Único e Todo-Suficiente Salvador!!!

À Sua Todo-Suficiência é inconcebível o ser subsidiado. Auxiliado.

Redentor Único dispensa quaisquer co-redentores. E a corredentora!

No Seu ministério salvífico não se associa a sua própria mãe. Esta, por muita consideração que nos mereça por ser nossa irmã na fé, não é cor-redentora.

Nem ritos, nem devoções, nem sacramentos, nem igrejas, nem bentinhos, nem romarias, nem penitência, nada absolutamente nada!!! — se pode acrescentar ao valor infinito do Sacrifício de Cristo!

Cristo de nada valerá àquele que à Sua Todo-Suficiência pretender acrescentar alguma coisa... (Gálatas 5:2).

É separar-se de Cristo e rejeitar-Lhe a graça salvadora buscar auxílio alhures (Gálatas 5:4).

.oOo.

Evangelho híbrido, mestiço, não existe!

Esse evangelho é fábula. É ficção artificiosa. É urdidura de novela trágica. É mito. É mentira!

Ou o Cristianismo é o Evangelho genuíno, ou não é cristianismo.

Cristão é somente o salvo por Cristo porque nEle, e exclusivamente nEle, confia.

Em decorrência lógica de sua teologia, o católico não é cristão. E jamais poderá encontrar no labirinto de suas doutrinas e práticas rituais a salvação.

Desde que o católico aceita pela fé — e unicamente pela fé — a Jesus Cristo como seu Único e Todo-Suficiente Salvador, deixa de ser católico.

Hoje, inclusive nos meios religiosos, não se fala tanto em desmitificar? Tirar da religião os mitos?

Pois bem, o catolicismo é um mito por ser a sobrevivência do antievangelho, dos judaizantes.

Ao designá-lo pelo termo fábulas (I Timóteo 1:3, 4; 4:7; II Timóteo 4:3, 4; Tito 1:13, 14), Paulo se utiliza, no original grego, do vocábulo *mythoi* (na forma plural), que significa teorias ou ideias que nada têm a ver com a Verdade do Evangelho, mas, ao contrário, constituem-se-lhe em obstáculo.

Evidentemente que se os desmistificadores estão cômicos de sua tarefa, cumpri-la-ão destruindo o catolicismo, o requinte de todos os mitos.

.oOo.

Ao se referir aos judaizantes, Paulo dizia: *“Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo”* (Filipenses 3:18).

Os judaizantes, os farisaizantes, são inquietadores dos crentes. Transtornadores do Evangelho de Cristo (Gálatas 1:7; Atos 15:24; Tito 1:11). Falsos irmãos (Gálatas 2:4). Escravizadores. Espiões (Gálatas 2:4). Falsos apóstolos. Obreiros fraudulentos. Ministros de satanás (II Coríntios

11:13, 15). Desordenados. Faladores. Vãos. Embusteiros. Gananciosos torpes (Tito 1:10-11). Corruptores (I Timóteo 6:5).

Deles o Apóstolo recomenda distância. Separação. *“Aparta-te dos tais”* (I Timóteo 6:5).

Fibra invencível na fidelidade intransigente ao Evangelho de Jesus Cristo, Paulo desmascara Pedro (Gálatas 2:11), o incidente que pela última vez envolve o nome de Pedro na História do Cristianismo.

Note! O último episódio em que se viu envolvido Pedro em Atos dos Apóstolos foi precisamente quando se deixou ecumenistizar.

Empenhado exclusivamente em atender o seu ministério — *“se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo”* (Gálatas 1:10) — taxa de insensatos os gálatas por se deixarem fascinar pelo pseudoevangelho (Gálatas 3:1); recomenda a Tito que repreenda severamente os cretenses a fim de não darem ouvidos às fábulas judaicas (Tito 1:13, 14) e deixa Timóteo em Éfeso para prevenir os crentes contra a insidiosa praga do mito católico (I Timóteo 1:3-4).

Já com a sua sentença de morte lavrada preocupa-se com os futuros crentes e, diante de Deus, conjura a Timóteo que pregue a Palavra, inste a tempo e fora de tempo, e também redargua, repreenda e exorte para que não se desviem da Verdade e voltem às fábulas, ao mito católico (II Timóteo 4:1, 4).

Na sua fidelidade a Jesus Cristo, intransigente, escreve aos coríntios que não se associem *“com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beerrão, ou roubador; com o tal nem ainda comais”* (I Coríntios 5:11).

A ação ecumênica de Paulo tem duplo aspecto: o negativo que rechaça toda e qualquer parceria com o evangelho espúrio; e o positivo que o leva a proclamar com intrepidez e heroísmo a gloriosa Verdade do Evangelho.

Na sua ação ecumênica foi o pregador incontestado. O protestante intemorato. O *“promotor de discórdias”*!

Não só não tinha receio de que os contumazes hereges dele se afastassem, mas exigia que os crentes se distanciassem deles.

Por isso ele é o Apóstolo Ecumênico por antonomásia. Pelo seu ministério o Evangelho foi proclamado em todo o orbe conhecido em seu tempo.

Dá-nos Paulo a luminosa lição de evangelismo, eficiente: nada de entendimento, conchavo, aproximação com o antievangelho para se ter autoridade de pregar a Verdade do Evangelho.

.oOo.

CAPÍTULO XXII O USO TÁTICO DA BÍBLIA NA AÇÃO ECUMÊNICA

POSIÇÃO INFERIOR DA BÍBLIA DENTRO DA DOGMÁTICA CATÓLICO-ROMANA

A REBELDIA contra Roma marcou o fim da Idade Média. Exacerbados os hierarcas com a nova situação de incorformismo diante de seus ensinamentos alheios às Sagradas Escrituras, apelaram para outra fonte de Revelação: a TRADIÇÃO, identificada com a Patrística, isto é, o conjunto dos cognominados “pais da igreja”.

De destacada importância neste particular é a 10ª sessão do 5º Concílio de Latrão, celebrada aos 28 de abril de 1515, sob o pontificado de Leão X, por haver emitido a Bula *Inter Multiplices*, o roteiro de normas práticas para efetivar na tessitura da dogmática romana a Tradição, consolidada na patrística, como fonte de Revelação divina mais completa, mais lúcida, mais inteligível e mais atual do que a Bíblia.

A 4ª sessão do Concílio Ecumênico de Trento, aos 8 de abril de 1546, reafirmou aquela posição adotada no sínodo anterior.

O nosso livro: “O Vaticano e a Bíblia”, ao tratar em profundidade deste assunto, demonstra o fracasso da patrística como órgão da Tradição, porquanto todos os ingentes esforços redundaram ser ineficientes diante da urgência por se conseguir uma satisfatória coleção das obras dos “pais da igreja”.

No auge do desespero, a teologia da contra-Reforma convocou, em 1869, o Concílio Ecumênico Vaticano I. Precisava-se pôr cobro à situação humilhante de se sentir vencido na busca de argumentos patrísticos capazes de emudecer o arrazoado formidável das Escrituras levantado, qual muralha intransponível, por aqueles insubmissos às investidas idólatras de Roma.

Muitos evangélicos veem no Concílio Vaticano I apenas o forjador do ilógico dogma da infalibilidade papal. Visualise-se este dogma dentro da

estrutura doutrinária do romanismo e concluir-se-á ser ele a decorrência de um despropósito muito mais sério.

É que o infalibilismo foi definido para se pôr a serviço do chamado magistério eclesiástico.

Como novo órgão da Tradição, o magistério eclesiástico sobrepujou a falida patrística, agora reputada como uma velha e enferrujada panóplia de museu arqueológico.

Estas rápidas referências históricas sobre a evolução desta faceta da doutrinação católica despertam o leitor a buscar informes completos no livro “O Vaticano e a Bíblia”, acima mencionado, para compreender melhor o assunto.

.oOo.

A história do catolicismo nos evidencia ser lenta a gestação dos seus dogmas. A semente plantada num concílio, num documento pontifício ou num acontecimento qualquer pode germinar lentamente e, a longo prazo, produzir frutos.

Entre os três últimos concílios ecumênicos: o de Trento, o Vaticano I e o Vaticano II, existe um entrelaçamento mui estreito. Um entrelaçamento indefectível. Um entrelaçamento consistente e indelével.

Interpenetram-se. Interpermeiam-se! “Seguindo as pegadas dos Concílios Tricentésimo e Vaticano I, este Santo Concílio” (Vaticano II), admoesta a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (§ 1)”.

.oOo.

O Concílio de Trento, na mencionada 4ª sessão, de passagem apenas e sem usar a expressão magistério eclesiástico afirmou que somente à santa mãe Igreja “compete julgar o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras”.

O Concílio Vaticano I, pela sua Constituição Dogmática *De Fide Catholica*, de 24 de abril de 1870, proclamou ser à hierarquia atribuído o magistério eclesiástico e, em resultado, revestida do carisma da verdade.

De então a esta parte, os manuais de teologia se coalharam de citações de documentos oriundos dos detentores desse magistério, porquanto, após o Vaticano I, a dogmática romana assegura ser a pregação do magistério eclesiástico a própria divina Tradição.

Exclusivamente à hierarquia clerical: o papa aureolado pela infalibilidade, a cujo serviço estão os bispos do mundo inteiro, cabe fornecer o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras.

O Concílio Vaticano II, na disposição de seguir “as pegadas dos Concílios Tridentino e Vaticano I” (Constituição Dogmática *Dei Verbum* (§ 1), por seu turno, repisa a mesmíssima tese relativa à interpretação do Livro Santo: “O ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus escrita ou transmitida (a Bíblia e a Tradição) foi confiado unicamente ao magistério vivo da Igreja cuja autoridade exerce em nome de Jesus Cristo (*Dei Verbum* § 10). Pois tudo o que concerne à maneira de interpretar a Escritura está sujeito em última instância ao juízo da Igreja que exerce o mandato e o ministério divino de guardar e interpretar a Palavra de Deus” (idem § 22).

.oOo.

Ao conhecedor das Escrituras ocorrerá, à vista dessas declarações vaticanas, a seguinte pergunta: onde encontrar-se na Bíblia uma passagem a demonstrar que Deus outorgou procuração à alguma hierarquia eclesiástica para exercer aquele pretendido magistério interpretativo?

Ao demais, uma hierarquia clerical pretensamente revestida com o carisma da verdade se torna usurpadora de um poder que cabe exclusivamente ao Espírito Santo.

Os crentes em Jesus Cristo reconhecem de sobejo a necessidade de se buscar a orientação do Espírito Santo quando se deseja interpretar bem as Sagradas Escrituras. À saciedade sabem eles que nessa circunstância não podem se esquecer de que a mensagem bíblica fundamental é a de que o homem é pecador, pecador perdido, impossibilitado de, através de obras, obter sua salvação eterna. Esta só se alcança pela instrumentalidade da fé em Jesus Cristo, cujos méritos todo-suficientes para salvar o pecador decorrem de Sua Morte Vicária.

Toda e qualquer interpretação que não se fulcrar nessa mensagem central aberrada da Verdade Divina!

Ocorre ainda outra observação importantíssima: foi o Espírito Santo quem atuou orientando os escritores dos Livros Sagrados e, agora, Ele também atua nos leitores desses Livros. Se antes Ele inspirou agora Ele próprio orienta.

O Espírito Santo tanto esclarece diretamente, como pode usar de alguém como Seu instrumento para fazê-lo. Encontramos exemplo disto no

episódio registrado em Atos 8:27-39. Filipe — que não era apóstolo e nem presbítero e, por conseguinte, não participava de nenhuma hierarquia (a teologia católica teima em ver no colégio apostólico a hierarquia da igreja incipiente) — mas simples e humilde diácono, serviu de instrumento do Espírito Santo na interpretação de um texto de Isaías, levando o mordomo-mor de Candace a aceitar Jesus Cristo.

Os próprios Apóstolos, aliás, para se recordarem dos ensinamentos de Jesus precisaram da cooperação do Espírito Santo. *“Quando Ele vier vos fará lembrar todas as coisas que vos tenho dito”*, disse-lhes Jesus (João 14:26).

Interpretar a Bíblia não é como interpretar um romance ou uma obra eclássica. Neste caso, basta conhecer a língua, crítica textual e literária, crítica exegética, dados históricos e geográficos, porventura envolvidos nessa obra, e matérias afins.

Quanto à interpretação da Bíblia, o Livro de Deus, precisamos de mais. E muitas vezes esse mais é suficiente.

Esse mais é a orientação do Espírito Santo de Deus!

Com o Seu auxílio qualquer um interpreta fielmente as Escrituras. Sem o Seu auxílio, por mui ilustrado que se seja, impossível entendê-las corretamente.

O CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II DEPRIME MAIS AINDA A BÍBLIA

O Concílio Vaticano II extraiu dos seus dois concílios antecedentes as últimas consequências das proposições sobre o assunto, ao estabelecer o seu magistério eclesiástico como Novíssimo Testamento.

A teologia católica teime em ver no coMgio apontdlco a hierarquia da igreja incipiente.

Nunca é intempestivo acentuar-se esta constatação: do 5º Concílio de Latrão e do Concílio de Trento até às vésperas do Concílio Vaticano I, a Tradição, considerada como Fonte de Revelação, identificava-se com a patrística, o seu órgão.

O Concílio Vaticano I jogou a patrística para segundo plano e atribuiu ao magistério eclesiástico as funções de novo órgão da Tradição. Nesse caso, de 1870 até 1964, na dimensão doutrinária romana, a Tradição possuía dois órgãos: a patrística (inferiorizada pelo Vaticano I) e o magistério eclesiástico (estabelecido por esse Concílio).

O Concílio Vaticano II, recém-concluído, promoveu o magistério eclesiástico a Novíssimo Testamento da Revelação Romana!

“A Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja estão de tal maneira entrelaçados e unidos, que um perde sua consistência sem os outros, e que, juntos, cada qual a seu modo, sob a ação do Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas” (Constituição Dogmática *Dei Verbum* — § 10).

Eis o mais importante dogma de fé estatuído pelo Concílio Vaticano II: as três Fontes de Revelação: Tradição, Escritura e Magistério Eclesiástico! Entrelaçados. E unidos!

Observe-se que na teologia pós-conciliar, o magistério eclesiástico deixou de ser simples órgão da Tradição para se constituir em outra Fonte de Revelação.

Dentre os seus quinze documentos, o Vaticano II chancelou somente dois com a qualificação de dogmáticos: as Constituições Dogmáticas *Lumen Gentium* e *Dei Verbum*. As suas conclusões, como a acima transcrita, são dogmas de fé! Obrigam absoluto assentimento da razão.

Ambas as Constituições Dogmáticas correlacionam-se intimamente. Interdependem-se. Concatenam-se. Suplementam-se.

Na primeira, “a peça central de todo o Concílio Vaticano II”, se estabelece a base da segunda: A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, dedicada especificamente à *Revelação Divina*.

A *Lumen Gentium* se pronuncia dogmaticamente a respeito da hierarquia eclesiástica cujo fundamento é o papa, a quem os bispos prestam incondicional sujeição se querem permanecer ligados ao organismo eclesial romano.

A *Dei Verbum*, é verdade, mencionando 1^o Timóteo 6:14 e Tito 2:13 (esta segunda referência é descabida para o assunto), salienta: “E já não há que esperar nenhuma nova revelação pública antes da gloriosa manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo” (§ 4).

Os bispos conciliares, todavia, na função de juízes da fé (?), rejeitam explicitar o encerramento da Revelação com a morte do último Apóstolo.

Na conformidade com esta Constituição Dogmática, Jesus Cristo forneceu um imenso depósito de doutrina, o Evangelho, do que, apenas parte foi transcrita nos livros do Novo Testamento. Grande maioria dessas doutrinas ficou na memória dos Apóstolos. “Mas para que o Evangelho (o total conjunto das doutrinas de Cristo) sempre se conservasse inalterado e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram como sucessores os bispos, a eles transmitindo o seu próprio encargo de Magistério” (§ 7).

“A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura”, insta a *Dei Verbum*, “estão, portanto, estreitamente conexas e interpenetradas. Ambas promanam da mesma fonte divina, formam de certo modo um só todo e

tendem para o mesmo fim. Com efeito, a Sagrada Escritura é a fala de Deus, enquanto é redigida sob a moção do Espírito Santo; a Sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos para que, sob a luz do Espírito de Verdade eles em sua pregação fielmente a conservem, exponham e difundam; resulta, assim, que não é através da Escritura apenas que a Igreja consegue sua certeza a respeito de tudo que foi revelado” (§ 9).

Em assim sendo, a hierarquia romana jamais apresentou uma doutrina nova, alheia à Revelação Divina.

Todos os dogmas estranhos à Bíblia, como, por exemplo, os relativos aos sacramentos, ao culto dos santos, a Maria e à própria hierarquia, procedem de Cristo, embora não mencionados em o Novo Testamento. Todos eles foram ensinados oralmente por Cristo aos Apóstolos, que os revelaram, também oralmente aos seus imediatos sucessores e chegaram até nós graças à ininterrupta sucessão apostólica dos bispos.

“Esta missão divina confiada por Cristo aos Apóstolos deverá durar até ao fim dos séculos (cf. Mateus 28:20), já que o Evangelho que eles devem transmitir é para a Igreja em todos os tempos a fonte de toda a vida. Por esta razão os Apóstolos cuidaram de instituir sucessores nesta sociedade hierarquicamente ordenada.

“Pois não só tiveram vários auxiliares no ministério, mas, para que a missão a eles outorgada permanecesse após sua morte, impuseram a seus cooperadores imediatos, como que por testemunho, o múnus de completar e confirmar a obra por eles iniciada.

“Constituíram, portanto, tais varões e deram-lhes depois a ordenação a fim de que, quando eles morressem, outros homens íntegros tomassem o seu ministério.

“Por inferência, esclarece o Sagrado Sínodo que os bispos, por instituição divina, sucederam aos Apóstolos como pastores da Igreja, e quem os ouve ouve a Cristo, mas quem os despreza despreza a Cristo e Aquele que a Cristo enviou (cf. Lucas 10:16)...

“Para desempenhar ofícios tão excelsos, os Apóstolos foram enriquecidos por Cristo com especial efusão do Espírito Santo descendo sobre eles (cf. Atos 1:8; 2:4; João 20:22-23). E eles mesmos transmitiram aos seus colaboradores mediante a imposição das mãos este dom espiritual (cf. I Timóteo 4:14; II Timóteo 1:6-7), que chegou até nós pela sacração episcopal” (*Lumen Gentium* — § 20 e 21).

“Pelo benefício dessa sucessão apostólica que confere aos bispos romanos o carisma autêntico da verdade “é que a igreja, no decorrer dos

séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que se cumpram nela as palavras de Deus”, além de que “as próprias Sagradas Escrituras são nela cada vez melhor compreendidas e se fazem sem cessar atuantes” (*Dei Verbum* — § 8).

A hierarquia clerical do Vaticano revestida do magistério eclesiástico goza do carisma autêntico da verdade e, por isso, se constitui em Revelação perene e dinâmica.

Os teólogos pós-conciliares, à luz dessa perspectiva, veem uma “analogia admirável” entre a inspiração divina de que goza a hierarquia e a mesma inspiração concedida aos hagiógrafos e evangelistas ao escreverem os livros canônicos.

MALDIÇÕES SOBRE MALDIÇÕES CONTRA AS SOCIEDADES BÍBLICAS

É esta enfatuada hierarquia, usurpadora da missão do Espírito Santo, a quem exclusivamente cabe dirigir e orientar o crente no exame da Bíblia e, em sua interpretação, na vaidade de estar revestida com o carisma da verdade se arroga na competência de julgar o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras.

E enquanto podia se impôr diante dos fiéis pela força inquisitorial proibía a divulgação entre o povo das versões da Bíblia.

O papa Paulo IV, pela sua Bula *Domini Gregis* (Regra 4ª) proibiu o uso das traduções vernáculas das Sagradas Escrituras.

O seu sucessor, Paulo V, na relação de várias dessas edições da Bíblia anatematizadas pelo *Index Librorum Prohibitorum*, fez a seguinte observação: “Não se pode ler, imprimir-se ou possuir-se, sem licença do Santo Ofício, as edições da Bíblia em língua vulgar”.

Seguindo as mesmas normas decorrentes do Concílio de Trento, de Paulo IV e de Paulo V, o papa Pio VII, em sua carta *Magno et Acerbo*, de 3 setembro de 1816, ao ocupar-se da recente fundação da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em 1804, e da Sociedade Bíblica Americana, em 1816, atacou violentamente as traduções vernáculas do Livro Santo, como “a mais astuta das invenções, pela qual se abalam os fundamentos da religião e se leva os fiéis a beberem nessas fontes o letal veneno” (*“Nam que ab aliqua iam ex perlatís ad Nos huismodi versonibus animadvertimus eam in purioris doctrinae sanctitatem parari pernicem, ut facile fidelis exiis fontibus letale ebibant venenum”*).

E quando as Sociedades Bíblicas começaram a deslanchar a divulgação dessas versões, aterrado, o pontífice romano Leão XII, na sua

encíclica *Ubi Primum*, de 5 de maio de 1824, chama aquelas Sociedades Bíblicas de PESTE. “*Ad quam pestem advertendam praedecessores Nostri plures ediderunt Constitutiones*”.

O papa Gregório XVI pela sua encíclica *Inter praecipuas*, de 6 de maio de 1844, mantém-se na mesma posição de ataque às Sociedades Bíblicas.

A encíclica *Qui pluribus* promulgada em 9 de novembro de 1846 por Pio IX continua acesa a luta. E no § IV do *Syllabus*, Pio IX nivelou as Sociedades Bíblicas ao socialismo, ao comunismo e às sociedades clandestinas: “*Eiusmodi pestes saepe gravissimis que verborum formulis reprobantur*”.

O seu sucessor imediato, Leão XIII, apesar da expectativa causada nos meios evangélicos pela sua encíclica *Providentissimus Deus*, de 18 de novembro de 1893, mandou incluir no *Index Librorum Prohibitorum*, em 25 de janeiro de 1897, as versões da Bíblia publicadas pelas Sociedades Bíblicas.

CRÉDITO INSENSATO

Considerando-se essas atitudes contrárias à divulgação da Bíblia em vernáculo e levando-se, outrossim, em conta a pós-conciliar teologia sobre a Revelação Divina que arrola o magistério eclesiástico como uma de suas Fontes. Como se explica a nova atitude da hierarquia estimulando a difusão da Bíblia nas línguas vivas e o seu afã de se pôr em parceria com as Sociedades Bíblicas?

O comerciante sensato não favorece crédito a quem tem fama de caloteiro. E quem permitir que um título de débito de sua responsabilidade seja apontado pelo Cartório de Protesto, se desejar ter sua barra limpa no comércio precisa saldar aquele compromisso anterior. E assim mesmo as firmas comerciais de alta sensatez desconfiam de uma pessoa nessas condições.

Crédito se confere a quem tem um passado limpo.

Sobradas razões tem o comércio a se precaver dos caloteiros através de órgãos protetores do crédito.

Se os comerciantes cercam de tantas precauções os seus negócios, haveremos nós de ser ingênuos em assunto seríssimo como esse de se aceitar a parceria do catolicismo romano para a divulgação da Bíblia?

Esta observação, por acaso, procederá de quem está preconcebido? De quem guarda ressentimentos contra aquela hierarquia por ter sido por ela ludibriado?

Não!

É simples questão de bom senso! De prudência. De honestidade para consigo próprio. De fidelidade à Palavra de Deus.

.oOo.

Vem a talho o exemplo dos primeiros discípulos do Senhor. Quem mais do que eles se empenhavam em anunciar a Palavra de Deus? Mas, com sensata prudência, observavam Saulo de Tarso, recém-convertido (Atos 9:26).

.oOo.

Quando ao caloteiro contumaz se nega crédito, todo cara untuosa, promete, compromete-se e jura por tudo que desta vez pagará. Procura dar explicações sobre o seu relapso comportamento passado. Move céus e terra para persuadir o comerciante a lhe facilitar o crédito solicitado.

A hierarquia romana, pelo menos neste particular, é mais finória do que o caloteiro malandro.

Convocou um luxuoso concílio ecumênico a fim de demonstrar sua vitalidade e o seu esplendor diante do mundo. Proclamou suas intenções de se ajionar, de se atualizar, de tomar rumos consentâneos com o panorama atual do mundo e reclamou de todos que acolhessem a sua presença como engajada na transformação ciclônica do mundo.

Em relação ao seu passado simplesmente quer que se lhe ponha uma pedra em cima.

Será, porém, que o seu passado quanto à Bíblia credencia-a a assumir agora liderança na divulgação do Repositório Divino?

Pensem nisto os evangélicos.

Ainda em abril de 1965, quando já os representantes d Secretariado para a Unidade dos Cristãos assediavam as Sociedades Bíblicas, confiscaram-se na Espanha 35.000 exemplares do Livro Santo estocados no depósito da Sociedade Bíblica de Madrid.

Acresce uma observação importantíssima: essa hierarquia que incinerou milhões e milhões de exemplares da Bíblia aferra-se com unhas e dentes na confirmação de suas teses relativas à Revelação Divina.

Aí está a conciliar *Dei Verbum* a reafirmar a Tradição como Regra de Fé, e o magistério eclesiástico, qual Novíssimo Testamento, como Fonte de Revelação.

Se a sua postura doutrinária demonstra a sua desconsideração pelas Sagradas Escrituras, que crédito de confiança lhe poderemos dar no terreno prático?

Que parceria poderemos admitir com quem nega a todo-suficiência da Bíblia como Fonte da Revelação Divina?

Se um adepto do calotismo desejar crédito numa firma e explicar os seus princípios contrários à honestidade que reclama fidelidade no saldar compromissos, porventura ser-lhe-á facilitado o seu pedido?

Ora, os hierarcas vaticanos confirmam e reafirmam seus princípios anti- bíblicos e ilógicos quanto à Revelação Divina — e nisto são coerentes — como poderemos aceitar boa vontade, reta intenção, por parte deles quanto à divulgação da Bíblia?

Qualquer pessoa de mediana sensatez entenderá haver aí um propósito escuso.

E realmente há porque é uma tática ecumenizante.

Não é método unionista porque os católicos dissidentes de Roma, também aceitam a Tradição e, agora, o magistério eclesiástico da sua respectiva seita.

Concordes nisto, escusadas seriam as preocupações pontificias na arrancada ecumenista.

É tática ecumenizante porque visa diretamente os evangélicos. Visa frontalmente o seu ministério evangelístico.

É tática ecumenizante satanicamente sutil porque tende a desmoralizar, depreciar, aviltar o conceito da Bíblia entre o povo. Objetiva torná-la um livro comum. Como outro qualquer.

AS SOCIEDADES BÍBLICAS NUM PARADOXO ESTARRECEDOR

O ecumenismo, que é único, visa duplo objetivo, conforme verificamos: o unionista a acenar às seitas católicas dissidentes da comunhão romana para que se submetam à autoridade do pontífice romano, suposto *centrum unitatis* estabelecido pelo próprio Cristo e em quem deve concretizar-se o objeto da Sua oração registrada em João 17:21-23; e o objetivo ecumenizante que consiste, através de várias sortidas subreptícias nos redutos evangélicos, diluir-lhes as resistências da fidelidade à Bíblia e amaciar-lhes o ímpeto evangelístico.

Constatamos em capítulo anterior a falência do catolicismo no Velho Continente Europeu e as razões que movem o papa a confiar no Continente Latina Americano e, de modo especial, no Brasil.

Perceberam os hierarcas que os evangélicos rapidamente se conscientizam dos seus princípios religiosos pelo estudo sério das Sagradas Escrituras circunstância a pôr em risco os seus propósitos de domínio.

No passado, zombavam deles alegando a sua incapacidade intelectual para poder entender a Bíblia.

Sentiram que o povo nutria respeito e admiração por vê-los esclarecidos na sua religião e pregá-la nas esquinas e praças públicas. Reconheceram que o Livro Santo, tantas vezes impedido por eles de chegar às mãos do povo, por esse próprio povo, desejoso de conhecê-lo, passou a ser considerado.

O que fazer então?

Confundir o povo!

Improdutiva a violência contra os seguidores e pregadores da Bíblia e ineficiente atirar às chamas o próprio volume da Bíblia, decidiram adotar outro estratagema mui sutil, mas de efeitos surpreendentes: levantar na onda ecumenizante um alude de difusão da Bíblia para desmoralizá-la. Torná-la um livro comum. Esparramá-la entre o povo a fim de não ser mais considerada com aquele respeito anterior.

A sutileza da insídia é tão requintada que as próprias Sociedades Bíblicas foram convocadas para pôlo em execução.

Muitos evangélicos, homens instruídos em faculdades de teologia, caíram na emboscada.

Jamais o Vaticano poderia supor resultados mais surpreendentes com a sua jogada ecumenizante. Generalizou-se nos meios evangélicos a ingenuidade e muitos se transformaram em coroinhas do clero a servi-lo em seu diabólico empreendimento de baratear aos olhos da massa ignara o Livro Sacro.

Antecipando a promulgação da Constituição Dogmática *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965), que incentivaria as versões ecumênicas da Bíblia, reuniram-se na Holanda os representantes das Sociedades Bíblicas, inclusive de países latino-americanos, quando o cardeal primaz daquele país, acolitado por outros hierarcas, inclusive das áreas ortodoxas, propôs bases para essa Bíblia ecumênica.

Esta visa atender a problemática ecumenista sobretudo da América, onde se falam em caráter oficial castelhano, francês, inglês e português.

O apoio relevante de ordem prática à primeira investida planejada nos bastidores vaticanos surgiu, em 1966, da parte da comunidade protestante catolicizada de Taizé que se empenha na distribuição gratuita de um milhão de exemplares do Novo Testamento na América de língua

espanhola, em edição ecumênica revista em comum por especialistas católicos e protestantes.

Ao mencionar a participação direta da comunidade protestante de Taizé na ação ecumênica do nosso Continente, vale recordar que em seu livro *Unidade, Esperança e Vida*, o prior dessa comunidade, Roger Schutz, lamenta que uma boa parte do protestantismo manifeste, em face do catolicismo, uma “atitude conquistadora”. No seu entender, “os protestantes, longe de criar oposição com os católicos, responderiam a uma vocação fundamental do Evangelho, sendo acima de tudo, fermentos de unidade e cooperação”.

Na França, visando as nações de língua francesa, como o Canadá, exegetas romanos, ortodoxos e protestantes catolicizados, desde 1965, preparam para as Editions Cerf e a Aliança Bíblica Mundial uma Bíblia Ecumênica que deve incluir os livros apócrifos, enquanto as Editions Planète continuam a publicação, em três volumes, de *A Bíblia — Primeira Edição Ecumênica*, assim cogominada por causa do pormenor de ser cada livro precedido de várias ilustrações roanista, ortodoxa, protestante catolicizada e judaica.

E para atender às regiões em que se fala o idioma inglês, a primeira experiência da *Bíblia Comum* se tornou realidade quando, em junho de 1966, o cardeal Cushing, arcebispo romano de Boston, concedeu o “*imprimatur*” à “*Bíblia Oxford Annoted*”, que inclui notas explicativas exatamente para tender as exigências do Vaticano.

.oOo.

Em atenção à *Dei Verbum* (§ 22), de fato existe um grande empenho por parte das ex-anatematizadas Sociedades Bíblicas no sentido da publicação da chamada Bíblia Ecumênica, isto é, de uma Bíblia Comum a ser traduzida na língua de cada nação, em mútua cooperação, por exegetas e especialistas romanos, ortodoxos, judeus e outros católicos dissidentes de Roma, como também por protestantes catolicizados.

Isto ocorrendo, haverá uma única versão das Sagradas Escrituras a ser, indiscriminadamente, utilizada em todas as áreas da cristandade, o que, de acordo com as intenções do Vaticano, muito contribuirá para a união de todos sob a autoridade pontifícia.

A panaceia de uma Bíblia para todas as religiões objetiva a concórdia entre todas em busca da *Una Sancta* e, por isso, é que se empenha o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, o órgão do Vaticano destinado à promoção do movimento ecumenista.

Com efeito, os objetivos unionistas do papa encontram perfeita ressonância nas Sociedades Bíblicas em cujas cúpulas se encontram católicos (separados de Roma), como os luteranos, ávidos, na sua nostalgia, de se integrarem de novo na comunhão papal.

A ideia amadureceu rapidamente e já em janeiro de 1968, concordaram os peritos nos métodos para a elaboração dessa Bíblia, com os aplausos dos hierarcas romanos que veem no fato o acontecimento mais importante da História Contemporânea, superior à alunizagem.

Nos Estados Unidos, o trampolim da investida sobre a América Latina, as Sociedades Bíblicas solicitaram a colaboração de sacerdotes católicos romanos e ortodoxos e foram abençoadas com a visita de Nicodim, patriarca ortodoxo de Moscou.

Dentre os clérigos romanos dos Estados Unidos empenhados nesta tarefa cumpre-se destacar o jesuíta Walter Abbott. Não se pode perdê-lo de vista!

VAMOS DESAFIVELAR MÁSCARAS

O ano de 1968 assinala passos sumamente importantes para a consumação dos planos vaticanos contra a evangelização dos povos latino-americanos através do descrédito da Bíblia promovido pela ação ecumenizante.

O êxito ecumênico do Vaticano é notável inclusive neste aspecto porque, conquanto acachapados e acapaehados sob o poder faustoso do pontífice, os representantes das Sociedades Bíblicas contestam as suas ligações, implicações e compromissos com a arrancada ecumenista.

Pelo que já temos examinado, qualquer pessoa se convence dessas implicações ecumenistas entre as Sociedades Bíblicas e o Vaticano.

Recorde-se, porém, que a Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina *Dei Verbum*, foi promulgada somente em 18 de novembro de 1965, ao final do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Pois bem, as Sociedades Bíblicas Unidas, cuja sede está em Nova Iorque, que abarcam uma cadeia de 35 Sociedades Bíblicas Nacionais, operando em 150 países, incluindo-se o Brasil, desde 1963 – dois anos antes daquele documento vaticano vir a lume! – já assediavam o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, tentando uma ação comum para tradução, publicação e distribuição da Bíblia no mundo inteiro.

Diante dos arreganhos dessa instituição — quando a esmola é demais o santo desconfia! — o cardeal Agostinho Bea, então presidente do

Secretariado ecumenista, recomendou calma e mandou esperasse primeiro a publicação da *Dei Verbum*.

Como bom jesuíta, porém, não menosprezou tão excepcional oferta e permitiu que um grupo *oficioso* principiasse a trabalhar num primeiro esboço de programa para um futuro entendimento.

Com a oficialização do movimento ecumênico por parte do catolicismo romano através do Decreto *Unitatis Redintegratio*, promulgado em 23 de novembro de 1964, e a promulgação, em 13 de novembro de 1965, da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, um grupo composto de peritos representantes das Sociedades Bíblicas Unidas e do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, acelerou os trabalhos para o estabelecimento de uma programática ecumênica quanto àquela ação comum desejada pelas Sociedades Bíblicas Unidas desde 1963.

Enquanto esse grupo ecumenista se apressava no exame das diversas facetas do conluio, sucederam várias ocorrências reveladoras da atmosfera das Sociedades Bíblicas poluídas do mais nauseante, virulento, corrupto, infecto e contaminante ecumenismo apóstata.

Dentre elas destacamos a assembleia de Buck Hill Falls realizada de 16 a 21 de maio de 1966, quando os representantes de 35 Sociedades Bíblicas Nacionais ligadas às Unidas declararam-se unanimemente dispostos a colaborar com a igreja católica romana para a tradução e a difusão das Escrituras, aceitando a ideia da inclusão dos livros apócrifos, em lugar especial entre o Velho e o Novo Testamento.

Quanto ao problema das notas explicativas, rejeitadas ao princípio pelas Sociedades, nessa assembleia passou a ser examinado sob outra luz e todos aqueles representantes concordaram em incluí-las de acordo com as exigências da alínea 24 da *Dei Verbum*.

Em janeiro de 1966 concluíra-se a redação definitiva das NORMAS PARA A COOPERAÇÃO INTERCONFESSIONAL NA TRADUÇÃO DA BÍBLIA numa conferência de peritos *em Roma*, com a participação do cardeal Agostinho Bea e do dr. Laton E. Holmgren, metodista, presidente do Comitê Executivo das Sociedades Bíblicas Unidas.

Esse documento foi revisto também pela Pontifícia Comissão Bíblica e aprovado pelo papa e pelo Comitê Executivo das Sociedades Bíblicas Unidas.

Na exposição deste assunto, atemo-nos a um estudo apresentado em *La Civiltà Cattolica* (Nº 5, 1 de junho de 1968, pp. 422-436) pelo jesuíta Walter M. Abbott, assistente do cardeal Bea e ponta de lança da vaticana ação ecumênica por meio da Bíblia nos Estados Unidos.

Dividem-se as Normas em duas grandes partes: na primeira abordam aspectos técnicos da cooperação (problemas textuais, exegéticos e linguísticos) e na segunda indicam algumas maneiras práticas de proceder (clima de cooperação, revisão ou novas traduções, organização do trabalho, nomeação do pessoal, formulação de princípios, supervisão da edição, tipos de edições, nome do Editor e *Imprimatur*).

“Toda edição preparada em conjunto, por católicos e protestantes, normalmente deverá trazer o nome da Sociedade Bíblica Editora e o *Imprimatur* da autoridade eclesiástica católica competente”, estabelecem as Normas (II Parte, Letra H).

Sacramentada com o *Imprimatur*, adquirirá mais valor a Palavra de Deus?

O entendimento entre essa instituição bíblica e o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, ao lançar as suas Normas de Cooperação, opta por uma nova tradução comum, a cognominada Bíblia Ecumênica, julgando, portanto, ineficiente o aproveitamento de uma já existente embora revisada de comum acordo. “Será melhor”, lembra Abbott, “elaborar uma nova tradução, ao invés de simplesmente rever uma antiga”. E alude as seguintes vantagens da nova tradução: “Não se acha ligada a formas tradicionais, permite aditar novas formas de linguagem e um estilo mais adaptado, demonstra real ecumenicidade e dá base psicológica e científica para as decisões criadoras”.

Salienta, outrossim, o clérigo jesuíta: “Condição prévia fundamental para o trabalho comum será o clima psicológico favorável, supondo uma linha fundamental de comportamento igual da parte das Sociedades Bíblicas”.

As declarações acima por mim sublinhadas merecem ser meditadas seriamente pelos discípulos do Senhor fiéis à Bíblia que não só contém, mas é a Palavra de Deus e Fonte Única, Completa da Revelação Divina.

É confrangedora a conclusão chegada quanto ao cânon bíblico: “as edições das Sociedades Bíblicas apresentarão os livros deuterocanônicos numa secção antes do Novo Testamento, de forma que o livro possa receber o *Imprimatur*”.

O vocábulo *deuterocanônico* designa os livros anexados posteriormente à Bíblia. Esse termo é um sinônimo suave do vocábulo *apócrifo*.

Quem diria há uns dez anos passados que as Sociedades Bíblicas de tão gloriosos episódios na divulgação da Palavra de Deus fôssem nestes ominiosos tempos se acumpliciar com os “*falsificadores da Palavra de Deus*” (II Coríntios 2:17).

.oOo.

Durante quinze anos e meio exerci o ministério sacerdotal romano, depois de haver feito o longo curso de teologia na Faculdade Teológica da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo.

Perdoem-me os leitores a referência pessoal! Dediquei-me empenhadamente em todas as funções a mim atribuídas e sempre apreciei estudar, tanto assim que, além dos estudos eclesiásticos, estudei ciências jurídicas e fiz em faculdade de medicina o curso completo de psicologia.

Este livro, além de se basear em farta documentação, procede de uma pessoa consciente do que diz. Acresce, outrossim, notar-se outra particularidade muito importante: quem lê minha autobiografia: “Este padre escapou das garras do papa” constatará que a minha conversão a Jesus Cristo aconteceu pela exclusiva instrumentalidade da Sagrada Escritura. Em consequência, e o meu atual ministério de missionário evangélico isto demonstra, em consequência, sou um apaixonado da Bíblia, que se constitui na única autoridade das minhas pregações.

E diante da defecção das Sociedades Bíblicas sinto uma mágoa intensíssima. Sinto-me sobremaneira agravado mais do que possa suportar, de modo que, às vezes, até da vida tenho desesperado (II Coríntios 1:8).

.oOo.

Note-se e anote-se!

O catolicismo romano jamais mudou o seu esquema tático de agir feito de três lances:

1º Observar;

2º Tomar parte; e

3º Absorver e monopolizar.

Em relação às Sociedades Bíblicas já está no segundo lance.

E com que proficiência!!!

.oOo.

Na nossa responsabilidade de desafivelar máscaras de certos representantes das Sociedades Bíblicas e esclarecer pessoas honestas, mas crédulas e incautas, transcreveremos alguns tópicos das Normas para

a Cooperação Interconfessional na Tradução da Bíblia produzidas pelas Sociedades Bíblicas Unidas em conjunto com o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, documento esse que estabelece as diretrizes sobre a colaboração mútua na tradução ecumênica da Bíblia.

Recorde-se que o Secretariado para a Unidade dos Cristãos é o departamento do Vaticano destinado a dirigir o movimento ecumenista no mundo inteiro. Conclui-se, portanto, e com toda a lógica que a tal versão da Bíblia servirá para atender os planos unionistas e ecumenizantes do Vaticano.

Mas, para que esta conclusão se comprove, leiamos as diretrizes sob o título

Cânon:

“Numerosas Sociedades Bíblicas têm a possibilidade, em certos casos bem definidos, de publicar edições da Bíblia que contenham os textos deuterocanônicos ou “apócrifos”.

“Devemos reconhecer que, de um lado, toda edição completa da Bíblia, para receber o *Imprimatur* das autoridades eclesiásticas, deve comportar estes livros; e que, de outro lado, enquanto numerosos grupos no interior do protestantismo se utilizam dos “apócrifos”, parece impossível a uma grande maioria aceitar uma edição do Antigo Testamento que não faça uma distinção clara entre estes textos e o cânon hebraico tradicional. Acharmos que estas duas posições podem ser conciliadas se, normalmente, nas edições da Bíblia publicadas pelas Sociedades Bíblicas e trazendo o *Imprimatur* das autoridades eclesiásticas católicas, os textos deuterocanônicos fôssem inseridos numa sessão à parte, antes do Novo Testamento. No caso do livro de Ester, a tradução do texto grego será inserida na sessão deuterocanônica, ao passo que a do texto hebraico será inserida entre os livros do cânon hebraico, As partes deuterocanônicas do livro de Daniel poderão ser inseridas numa sessão à parte”.

Se isto tudo não fôr ecumenismo, o que será?

Ultrapassa as mais otimistas previsões do papa!

É o suprasumo da infidelidade à Palavra de Deus. É o passar-se de armas e bagagens para o adversário. É a rendição incondicional e vergonhosa à heresia.

Como explicar-se este agachamento das Sociedades Bíblicas às imposições do Vaticano senão pela presença de católicos (anglicanos e luteranos) e protestantes catolicizados em cargos de direção e em órgãos consultivos dessas Sociedades? Desempenham com astúcia incrível o diabólico papel de quinta-colunas. E o Vaticano sempre se especializou em se utilizar do quinta-colunismo.

No documento produzido pelo Comitê Executivo das Sociedades Bíblicas Unidas e o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, distingue-se outra norma pelo seu caráter nitidamente ecumenista. É a que se refere às *anotações*: “As restrições sobre tipos de anotações de forma alguma proíbem aos católicos e aos protestantes publicar comentários em volumes separados para ajudar o leitor a melhor compreender e apreciar a natureza e a significação da Sagrada Escritura, à luz de sua própria tradição”.

Vejam só! As Sociedades Bíblicas Unidas a aceitarem as “notas explicativas” ao sabor da Constituição Dogmática *Dei Verbum* (§ 25).

Se a hierarquia vaticana, Mãe e Mestra aurealada com o “carisma autêntico da verdade” (???) é irreduzível em seus princípios e em suas normas, os outros católicos que se agachem e se submetam às suas imposições... Querem a *Una Sancta* debaixo do tacão pontifício? Paguem o preço!

Essa Sociedades Bíblicas Unidas, qual fâmulas subservientes, se colocam a serviço da ação unionista e ecumenizante porque reconhecem o valor da tradição em concorrência com a Bíblia.

COM AS VISTAS VOLTADAS PARA A AMÉRICA LATINA

Falido o catolicismo romano na Europa, o pontífice vaticano, esperançado, volta-se para os povos latino-americanos.

Quando da ruptura luterana e anglicana do século XVI, esses mesmos povos, colonizados por Portugal e Espanha, países que se lhe mantiveram submissos e, mais ainda, empenhados em servi-lo, compensaram-lhe a perda sofrida e agora se constituem, em objeto de sua confiança.

Nenhuma doutrina politico-social lhe faz moessa. Camaleão, o romanismo se adapta a todas elas, conforme se verifica através da História.

O avanço do comunismo e das ideias socialistas em solo latino-americano não lhe causa susto. Fora do intento deste livro a análise deste fato, mas a qualquer um é fácil averiguá-lo nas atitudes dos hierarcas em debandada alegre para as esquerdas, valendo-se dos últimos documentos pontifícios de índole social. Se o leitor desejar maiores informes poderá ler o nosso livro “Será que podemos confiar nos padres?”, onde extensamente tratamos do assunto.

Apavoriza-se, isto sim, com o desenvolvimento rápido de certos grupos evangélicos distinguidos pelo seu vigor em proclamar o Evangelho movendo pecadores à conversão.

A disseminação de igrejas evangélicas a arrebatar da idolatria as almas leva o episcopado latino-americano a grandes preocupações. Se se retardasse em interpôr uma barreira, supõe ele, o catolicismo romano veria ruídos todos os seus anelos de ter neste Latino Continente Americano fiéis dedicados a lhe engordar as estatísticas.

Os evangélicos em seu ministério evangelizador se baseiam numa única autoridade: a Bíblia.

Tirar-lhes a Bíblia é tirar-lhes toda a autoridade.

Desmoralizar o Santo Livro aos olhos do povo é deixá-los incapacitados de prosseguir em sua obra.

Quanto à ação ecumenizante a hierarquia romana visa sobretudo a América Latina e percebeu logo no início de sua investida serem as Sociedades Bíblicas o seu principal instrumento.

Os evangélicos no seu empenho de difundi-la não perceberam a insidiosa intenção da hierarquia clerical ao se valer dos elementos incrédulos empoleirados em altos postos daquelas Sociedades.

Apressaram-se estes em entregar a serviço dos propósitos vaticanos toda a organização das Sociedades que dirigem.

Em páginas anteriores chamamos a atenção para o jesuíta Walter Abbott. Este sacerdote, como assistente pessoal do cardeal Agostinho Bea, também jesuíta e presidente do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, preparou-se convenientemente para a tarefa específica de ser o meio de ligação entre esse Secretariado e as Sociedades Bíblicas Unidas, com sede também em Nova Iorque. Sublinhemos outra vez a intenção do Vaticano sobre os povos latino-americanos.

Depois da presidência do Secretariado, o cargo mais importante é o do clérigo Abbott pelo significado de sua missão junto às Sociedades Bíblicas Unidas.

O Vaticano sabe perfeitamente que, ao se infiltrar e manipular esta instituição, terá conseguido deter o surto evangelístico na América Latina em cujos países se espalham as Sociedades Bíblicas nacionais dependentes monetariamente das Unidas.

Engajadas na ação ecumenizante, essas Sociedades, outrora empenhadas em servir fielmente à Causa da Evangelização, perderam a dignidade e seus representantes promovem encontros entre pastores e clérigos romanos para dialogarem sobre assuntos consentâneos com os interesses da hierarquia romana instalada neste Continente, como, por exemplo, os anunciadas pela revista Ercilla: “Orientação de Atualidade na Tarefa Evangelizadora da Igreja Católica” (???) e “Difusão da Bíblia e

Ecumenismo”, debatidos em certa assembleia híbrida de Santiago, no Chile.

Reconhecem, porém, os seus dirigentes e consultores que, se manifestarem publicamente e abertamente as vinculações e compromissos das Sociedades Bíblicas com a ação ecumênica, perderão o apoio de muitas igrejas evangélicas decididas a se conservarem leais a Jesus Cristo e à Palavra de Deus, repelindo, por isso, sua adesão à aventura ecumenista.

Por maldosa tática, os diretores e funcionários dessas Sociedades negam com ímpeto tais compromissos. E, para iludir os incautos, afirmam que se aproveitarão de todos os meios, recursos e oportunidades para entregar a Bíblia ao povo. A sua missão é distribuir o Livro Santo e se os comunistas se dispuserem a cooperar, utilizar-se-ão deles para divulgá-lo na Rússia ou na China.

Por se mencionar a Rússia, lembro que a Bíblia, livro proibido pela censura soviética, é um verdadeiro best-seller da clandestinidade. Lá não existe a Sociedade Bíblica a enxarcar o mercado livreiro com as suas campanhas promocionais de venda. Lá a Bíblia é adquirida a peso de ouro através de livreiros de confiança após meses de espera, para ser depois muitas vezes copiada ou mimeografada numa extraordinária difusão subterrânea. Pelo testemunho de crentes vindos da Rússia, sabe-se como os servos do Senhor se empenham em levar uma vida digna do Nome de Jesus Cristo e como pregam o Evangelho baseando o seu ministério heroico na autoridade da Palavra de Deus.

Mas, os crentes desta parte do mundo, na sua simplicidade, se babam com tamanha disposição das nossas Sociedades Bíblicas e entregam seus poucos recursos para ajudar o “glorioso” programa estabelecido por elas. Longe dees o imaginar que estão contribuindo para uma aventura de traição à Palavra Divina.

A insídia é tão capciosa que até crentes ávidos de uma vida espiritual mais profunda na vivência da plenitude do Espírito Santo se esquecem de que aceitar-se a ajuda da idolatria para a divulgação da Bíblia significa o franco reconhecimento da falta de unção e de poder do Alto para a obra evangelizante.

Quem aceita a cooperação dos adversários das Escrituras Sacras para a sua difusão confessa, conquanto suas palavras e seus gestos emotivos sejam diferentes, o seu vazio espiritual proveniente da carência da verdadeira, genuína e autêntica unção do Espírito Santo.

Aquelas Sociedades, comprometidas com o alude ecumenizante, nos paroxismos do descaramento, negam o seu crime mesmo quando colhidas em flagrante.

Vejam comprovado esse cinismo nos seguintes tópicos do manifesto divulgado pela Conferência Regional das Sociedades Bíblicas Unidas, cuja assembleia aconteceu de 9 a 13 de dezembro de 1968, em Oaxtepec, Estado de Morelos, México, com a presença de mais de cem representantes de 25 países das três Américas, inclusive da hierarquia eclesiástica romana na pessoa dos clérigos Jorge Mejía e Walter Abbott, o jesuíta designado pelo Secretariado Ecumenista do Vaticano para encaminhar as negociações no sentido de influenciar as Sociedades Bíblicas a produzirem a Bíblia Ecumênica, o principal instrumento a ser aplicado na operação ecumenizante.

Eis os tópicos desse manifesto: “O novo interesse pelas Sagradas Escrituras, por parte da Igreja Católica Romana, confronta as Sociedades Bíblicas com uma situação nova e desafiante. Em vista de vários círculos católicos romanos se terem aproximado das Sociedades Bíblicas Unidas procurando na tradução, produção e distribuição das Escrituras, estas solicitaram da Igreja Católica Romana qual seria sua política a respeito. Como consequência destas gestões, ficou lançado um desafio às Sociedades Bíblicas Unidas para responder a esta colaboração. Julga esta Conferência Regional que as Sociedades Bíblicas devem oferecer esta cooperação no mesmo espírito em que a ofereceram às igrejas que no passado as sustentaram e com elas cooperaram fielmente.

“Ao oferecer esta cooperação, deve-se dizer que as Sociedades Bíblicas buscam obter o apoio e aceitam o conselho de todos os grupos cristãos, com o propósito de promover uma maior distribuição da Bíblia, sem notas e sem comentários doutrinários. Está fora de seu propósito participar do diálogo ecumênico como o de legislar sobre o método do batismo cristão. Sua única preocupação é recrutar os fiéis, não importa o credo que professem, para cumprir a tarefa mais urgente do nosso tempo: a proclamação da Boa Nova do Evangelho em todo lugar e em toda língua.

“As Sociedades Bíblicas publiquem, se alguma Igreja o solicitar, uma versão da Bíblia que inclua os livros deuterocanônicos, colocando-os entre os dois Testamentos, e precedidos de uma clara nota explicativa indicando a diferença de valor que a eles atribuem as Igrejas Protestantes e a Igreja Católica Romana.

“As Sociedades Bíblicas publiquem textos católicos-romanos das Escrituras se estiverem dentro das normas já estabelecidas e sempre que tal publicação promover um aumento na circulação”.

Sobre esse pronunciamento da Conferência Regional das Sociedades Bíblicas Unidas faremos algumas observações mui pertinentes à constatação cristalina de seus compromissos ecumenistas e impertinentes para com os seus dirigentes criminosamente mancomunados com o antievangelho:

1) À luz do exposto no início dêste capítulo sobre a posição doutrinária do romanismo em face da Bíblia expressa na Constituição Dogmática *Dei Verbum* enaltecedora, de acordo com os ensinamentos tradicionais da grei pontifícia, da Tradição e do Magistério Eclesiástico (revestido com o carisma da Verdade), constatamos manter a sua antiga postura diante da Bíblia. Doutrinariamente nenhuma novidade a denotar acatamento da Bíblia como Única e Todo-Suficiente Fonte de Revelação Divina.

“O novo interesse pelas Sagradas Escrituras, por parte da Igreja Católica Romana” não parte de uma nova convicção doutrinária. Por conseguinte, esse novo interesse significa a adoção de uma nova tática a desafiar as Sociedades Bíblicas, as PESTES (Leão XII, encíclica *Urbi Primum*), combatidas em passado recente com a máxima violência pela faustosa hierarquia.

2) As Sociedades Bíblicas recusam o desafio e se acapacham diante da nova e demoníaca investida contra a Bíblia.

3) Essas Sociedades aceitam cooperar na “tradução, produção e distribuição das Escrituras” conforme o plano da ação ecumênica elaborado nos bastidores do Vaticano. Supúnhamos que pessoas convertidas a Jesus Cristo dirigissem aquelas instituições empenhadas — assim acreditávamos — também na salvaguarda da integridade do Livro Santo. Ocorre, porém, a presença de muitos irregenerados e de católicos aos quais nada se lhes dá a respeito dessa responsabilidade.

4) Por julgar a Conferência Regional das Sociedades Bíblicas dever oferecer cooperação à ação ecumênica da hierarquia vaticana “no mesmo espírito em que a ofereceram (as Sociedades Bíblicas) às igrejas que no passado as sustentaram e com elas cooperaram fielmente” significa o seu reconhecimento de que o catolicismo é uma área do Cristianismo. Aliás, a declaração de Oaxtepec, de se referir à “Igreja Católica Romana”, diz aceitar o apoio e o conselho de todos os grupos cristãos. Esse reconhecimento de si é suficiente para revelar as vinculações ecumenistas da Conferência com o clero romano.

5) Uma pergunta: que autoridade têm para divulgar a Bíblia os fiéis de uma denominação que frontalmente nega-lhe a qualidade de Única Regra de Fé?

Se as Sociedades Bíblicas nada de mais veem nisto por lhe faltar sensibilidade, então é porque já se manifesta *“o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parece Deus”* (II Tessalonicenses 2:4).

6) A declaração em exame lembra o propósito dessas instituições bíblicas: “promover uma maior distribuição da Bíblia, sem notas e sem comentários doutriniais”? Se se parasse a leitura neste tópico, pelo menos uma impressão boa teria ficado em nossas mentes. Mas os diretores dessas Sociedades desonram seus antecessores e deles não herdaram aquela iuquebrantabilidade que os caracterizava. Afirmam uma coisa boa e logo a seguir desdizem-na porque, condicionados pelas táticas da ação ecumenista, precisam obedecer o comando do patrão pontifício que os move por meio de cordéis no palco da teatrada ecumênica.

Disseram que aceitam a cooperação do clero para “uma maior distribuição da Bíblia, *sem notas e sem comentários doutriniais*”. Mas, em tópico abaixo, sugerem: “As Sociedades Bíblicas publiquem, se alguma Igreja o solicitar, uma versão da Bíblia que inclua os livros deuterocanônicos, colocando-os entre os dois Testamentos, e precedidos de uma clara nota explicativa indicando a diferença de valor que a eles atribuem as Igrejas Protestantes e a Igreja Católica Romana”.

A rendição é total! Não só notas explicativas, mas também os próprios apócrifos, os quais, de acordo com a terminologia católica, são intitulados de deuterocanônicos para expressar a total submissão das Sociedades Bíblicas até à nomenclatura da maior máquina levantada contra as Sagradas Escrituras.

O crente em Jesus Cristo, porventura, em sã consciência poderá aceitar um conchavo desses? Poderá eximir-se da luta contra essas Sociedades lideradas por sabujos do Vaticano? Fechar os olhos e contribuir para elas é prestar homenagem à traição, ao vilipêdio e à desonra movida contra a Palavra de Deus.

7) A declaração afirma categoricamente o seu propósito de não participar no diálogo ecumênico. E com razão! Não participa mais do diálogo ecumênico. Já se engajou plenamente na ação ecumênica!!! Já se assentou na roda dos escarnecedores.

Se ainda dialogasse é porque havia arestas e remover. A sua atitude, porém, é de ostensiva e franca colaboração na façanha ecumenista.

.oOo.

A ação ecumenizante que se utiliza das próprias Sociedades Bíblicas, na conformidade com as *Normas para a Cooperação Interconfessional na Tradução da Bíblia*, produzidas em conjunto com o Concílio Mundial de Igrejas e o Secretariado para a Unidade dos Cristãos tolera temporariamente as versões antigas. O seu alvo, por melhor atender seu objetivo, é uma nova tradução cognominada de Bíblia Ecumênica por demonstrar “*real ecumenicidade*”, como o nota o jesuíta Abbott.

A revista Ercilla, um semanário de vasta circulação na América de língua castelhana, máxime no Chile, no seu nº 1727, de 24-30 de julho de 1968, noticiou o lançamento da Bíblia Ecumênica, já no prelo na Colômbia, México e Estados Unidos, declarando que os seus promotores principais são as Sociedades Bíblicas desses países e o cardeal chileno Raul Silva Henriquez com a aprovação de Paulo VI e das Sociedades Bíblicas Unidas sediadas em Nova Iorque e Londres, profundamente comprometidas com a apostasia.

.oOo.

Esta Bíblia está eivada de erros em sua tradução, que é traição à Palavra de Deus. Apenas um exemplo: traduz I Timóteo 2:5 assim: “Há um só Deus, e entre Deus e os homens há um só, isto é, Jesus Cristo, que também é homem”. Por que não traduziram o vocábulo original *misites* (mediador)?

.oOo.

Não nos iludamos! As edições do Novo Testamento esparramadas ultimamente nos países latino-americanos, inclusive o Brasil, pelas Sociedades Bíblicas e pela comunidade de Taizé (agora traduzido também para o português), fazem parte de um programa provisório de amaciamento da opinião pública evangélica que reagiria de chofre se lhe fosse apresentada a Bíblia Ecumênica.

A trama é sutilmente bem urdida, de tal sorte que muitas pessoas sinceras e dotadas de bons propósitos aceitam a jogada. E, inadvertidas, ao distribuir os exemplares dessas edições do Novo Testamento, se comprometem com a ação ecumenizante da hierarquia vaticana.

.oOo.

A ansiedade de engatamento na máquina ecumenizante, por parte das Sociedades Bíblicas, é tão grande que supera as previsões dos clérigos romanos e excede às próprias atividades da sua programática.

O jesuíta Walter Abbott, o elemento de mediação entre o Secretariado para a Unidade dos Cristãos e as Sociedades Bíblicas Norte-Americanas, sempre norteadoras e influenciadoras das suas coirmãs latino-americanas, vendo tamanho êxito em suas atividades, está convencido de novas perspectivas e crescentes triunfos na sortida ecumenizante. Olhos postos nessa meta, sente-se o Secretariado para a Unidade dos Cristãos na oportunidade inexcedível de capitalizar todos os gestos de submissão das Sociedades Bíblicas.

Nesse intento criou-se, em abril de 1969, no Vaticano, a Federação Mundial Católica de Apostolado Bíblico, cujo secretário é o próprio jesuíta Walter Abbott, para colaborar com as igrejas protestantes na tradução e na difusão da Bíblia. Essa Federação se propõe ser o elemento de aglutinação de todos os planos e esforços unionistas e ecumenizantes acontecidos nas Sociedades Bíblicas. Propõe-se, outrossim, realizar de três em três anos assembleias plenárias de delegados dessas organizações bíblicas, sobretudo dos países latino-americanos.

O sacerdote Abbott deve se rejubilar muito por constatar como as Sociedades Bíblicas estão escapando de sua missão pela qual, no passado, as caracterizava como PESTES.

Ao romanismo compete aproveitar-se — e com urgência urgentíssima! — dessa desmoralização proveniente do desvirtuamento das finalidades daquelas organizações.

E nesse intento é que o Vaticano, aos 19 de março de 1970, mandou o cardeal Jan Willebrands, atual presidente do Secretariado para a Unidade dos

Cristãos, levar 25 mil dólares às Sociedades Bíblicas Unidas de Nova Iorque, cuja Comissão Executiva é presidida pelo metodista e fanaticamente ecumenista Laton Holmgren, também secretário geral da Sociedade Bíblica Americana.

E já que interessa ao Vaticano manter romanistas os povos da América Latina, a ocorrência da Sociedade Bíblica de San Francisco, nos Estados Unidos, lhe demonstrou como poderá aguardar com segurança absoluta os sucessos provenientes do seu envolvimento tático sobre as Sociedades Bíblicas.

A polícia, em fevereiro de 1969, varejou a sede dessa organização, situada no centro de San Francisco, e deteve os seus dirigentes empenhados numa campanha de sabotagem e terrorismo na Califórnia,

apreendendo ainda o equipamento da Sociedade Bíblica: armas automáticas, semiautomáticas, fuzis e pistolas de vários calibres, lançadores de granadas, milhares de cartuchos, grande quantidade de pólvora, dinamite e produtos químicos para a fabricação de bombas incendiárias.

E as outras Sociedades coirmãs dos países latino-americanos, de seu arsenal ecumenizante retiram e lançam os mais potentes petardos na sabotagem contra a evangelização.

O GRANDE EMPENHO DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO

Demonstramos à sociedade em capítulos anteriores os objetivos do Ecumenismo: unionista quanto às seitas católicas separadas da comunhão romana convidadas a se ajoelharem aos pés do vaticano pontífice, o *centrum unitatis*; e ecumenizante quanto aos crentes em Cristo para afrouxá-los diante da Grande Comissão e, pela blandícia, reprimir o seu ativismo evangelístico.

Neste último aspecto, a programática do Vaticano estabelece uma ação especial, visando, sobretudo, a América Latina destinada, em seus planos, a ser o seu fabuloso reduto.

O Departamento de Ecumenismo da CELAM (Conferência Episcopal da América Latina) teve um encontro em janeiro de 1970 para examinar o Panorama da Situação Ecumênica na América Latina. Os bispos participantes desse encontro apresentaram informes relativos à “presença de movimentos sectários e sua atividade proselitista”, destacando os pentecostais, os adventistas e os batistas.

Desde que, por força do Ecumenismo, os católicos devem ser reconhecidos como cristãos, todos irmanados na fé em Cristo, o trabalho desses grupos se constitui em proselitismo.

Percebe-se o propósito subreptício do Ecumenismo ao chamar a todos de irmãos: levar o povo a se convencer de que tudo é a mesma coisa e ninguém mais precisa de “mudar de religião”. Portanto, evangelizar significa sectarismo. Fazer proselitismo!

Deve-se ter em mente que estas duas palavras nas dimensões do Ecumenismo significam uma crítica contra o esforço evangelizante.

Com efeito, o Concílio Mundial de Igrejas e a “Igreja Católica Romana” estabeleceram um Grupo Misto de Trabalho composto de catorze pessoas e destinado ao estudo da problemática ecumênica. Após os seus vários encontros em lugares diferentes já produziu dois amplos relatórios. O

último, aceito na sessão de 25 de agosto de 1967, foi sacramentado com a aprovação do Secretariado para a Unidade dos Cristãos e as bênçãos pessoais do papa Paulo VI (*L'Observatore Romano*, 16 de setembro de 1967).

Esse relatório atualizado com os aplausos das sumidades ecumenistas, dentre os seus muitos tópicos, consagra um estudo sobre o proselitismo, em que vê os mais sérios embaraços no avanço do movimento ecumênico.

Naquele encontro os bispos, no desejo de coibir o trabalho evangelístico dos crentes menosprezado com o apodo de proselitismo, decidiram “recomendar ao Departamento de Ecumenismo da CELAM que intensifique seus contactos com a UNELAM (Comissão Provisória para a Unidade Evangélica Latino-Americana)”.

A esta UNELAM compete levar ao ridículo nos meios protestantes aquele trabalho.

Na investida contra os “sectários”, os bispos estabeleceram também o plano astucioso de se aproximar deles solicitando-lhes a ajuda em programas de solução dos problemas sociais.

Os bispos componentes daquele Departamento de Ecumenismo da CELAM, naquela reunião, ao reconhecerem o papel da Bíblia nas mãos dos “sectários”, com o intuito de coibir-lhes o ímpeto evangelizante, adotaram as seguintes medidas específicas quanto à Bíblia:

“1) Preparar uma reunião continental sobre a Bíblia, que abrangeria tanto o aspecto técnico de tradução e difusão, como os aspectos mais diretamente pastorais, em relação, na medida do possível, com as Sociedades Bíblicas da América Latina;

2) Estabelecer relações com as Sociedades Bíblicas da América Latina, em coordenação com as relações que se mantêm ou materão com as Sociedades Bíblicas locais;

3) Pedir ao Departamento de Ecumenismo da CELAM que, na medida do possível, ofereça às Conferências Episcopais da América Latina, um julgamento sobre as versões protestantes e de outra origem que periodicamente aparecem no Continente;

4) Pedir ao Departamento de Ecumenismo da CELAM que considere a possibilidade de iniciar estudos que levariam à elaboração de uma Bíblia comum, de base ecumênica, para ser usada no culto, em constante colaboração com os demais organismos competentes da CELAM;

5) Considerar a possibilidade de criar uma seção especial do Departamento de Ecumenismo a fim de promover a difusão pastoral da

Bíblia em nível continental, em conexão com a Federação Católica Mundial para o Apostolado Bíblico”.

.oOo.

Ese documento merece ser examinado e meditado pelos evangélicos! De modo mui particular chamamos a atenção para as alíneas 3, 4 e 5.

.oOo.

Os crentes, segundo o ardil ecumenistizante, ao cooperarem no campo da ação social com o clero, se nivelam, à vista do povo, com ele, tirando-lhes a autoridade na pregação porque se tornam considerados iguais.

Ao classificar o trabalho de evangelização feito pelos crentes como sectarismo ou proselitismo, pretendem os bispos desmoralizá-los, desacreditá-los perante a opinião pública como perturbadores da paz religiosa almejada pelo Ecumenismo, e levar os grupos protestantes catolicizados a ridicularizá-los como fanáticos.

Em servindo a Bíblia como instrumento desse proselitismo, conforme reconhecem os bispos, resolveram adotar aquelas medidas pastorais para transformá-la aos olhos do povo num livro como outro qualquer.

E, de fato, os católicos abordados pelos crentes já afirmam: “Agora tudo é igual, o santo padre disse que somos todos irmãos e nós agora também temos a Bíblia. Os padres leem a Bíblia para os seus fiéis. A Bíblia é uma só! Vejam que os bispos aprovam a Bíblia espalhada pela Sociedade Bíblica. As diferenças entre nós são motivadas pela maneira diferente de interpretação. Todos cremos em Deus e em Jesus Cristo, a divergência em outros pontos doutrinários é secundária e não deve motivar desentendimento entre nós. Os crentes também acabarão no catolicismo”. E quejandas...

O plano é tão astucioso que os próprios crentes veem nele uma coisa muito boa: “Lendo a Bíblia, os padres e o povo mais facilmente se converterão!”

“Contanto que a Bíblia seja espalhada, não importa como!”

Até um pastor evangélico, considerado culto, professor de um seminário e havido por líder em sua denominação, sobre este assunto, nos paroxismos do entusiasmo, em abono de seu apreço pela tática, invocou Filipenses 1:18, como se Paulo se referi-se aí aos seguidores do

antievangelho. Conquanto alto gabarito intelectual, líder de sua grei denominacional, digno catedrático, sua exegese, no caso, faliu. E do modo mais primário... A destoar de suas incensadas qualidades...

Na sua ingenuidade, os evangélicos caem na velha e criminosa tese: O fim justifica os meios!

Se o fim (a divulgação da Bíblia) é bom, é ótimo, não nos importam os meios pelos quais ela chegue às mãos da massa.

Na adoção dessa tese, confessam a sua impotência evangelística. Confessam a sua anemia espiritual. Proclamam a sua carência da unção do Espírito Santo. Mas ajudam – e muito bem, *cum summa in laude!* – os senhores bispos latino-americanos quanto ao seu domínio nesta parte do mundo.

ESTARÁ TAMBÉM COMPROMETIDA A SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL?

À Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) cabe imensa responsabilidade de envidar todos os recursos no sentido de atender aos anseios pontifícios de domínio nesta parte do mundo.

Por isso sentem os bispos a urgência de barrar o surto do Evangelho.

Frei Cláudio Hummes, subsecretário nacional do Departamento de Ecumenismo da CNBB, sob o título *O Ecumenismo no Brasil*, divulgou no Boletim Informativo da CNBB *Nacionais Informam* (nº 53, 1ª quinzena de abril de 1968), algumas observações colhidas em suas viagens de contacto pelo Brasil durante os anos de 1966 e 1967, observações essas mui valiosas para nos deixar alertados na hipótese de desejarmos escapar das malhas ecumenizantes.

O frade notou a múltiplice diversificação quanto ao desenvolvimento da obra ecumenista no Brasil e o classificou sob dois prismas: a diversidade de situações e a diversidade de tipos.

Na região sul do país (do Rio de Janeiro até o extremo Sul), julga ser a situação bem semelhante à da Europa porque o ecumenismo aí é exercido pelas igrejas históricas (romana, ortodoxa, episcopal, luterana, metodista) e por alguns grupos de fiéis e pastores da igreja presbiteriana.

Entendem-se muito bem e a ação ecumênica prospera a olhos vistos. Aliás, como observa frei Hummes, essas igrejas se implantaram no Brasil mais por imigrantes do que por motivo missionário. Falta-lhes ardor de conquista e seu crescimento é vegetativo.

Como membros do Concílio Mundial de Igrejas representam aqui o ecumenismo norte-americano e europeu. E a formação teológica dos seus líderes se afina com a dos europeus.

Em contrapartida, existem as igrejas missionárias. Os grupos preocupados com o trabalho evangelístico, com a conquista de almas para Cristo. Este empenho é denominado pelos hierarcas de sectarismo ou *proselitismo*.

Se, de acordo com a doutrina do ecumenismo, todos são cristãos, pregar o Evangelho aos católicos é fazer proselitismo.

E é este proselitismo — evangelismo, dizem os discípulos do Senhor — o maior percalço na problemática ecumenista.

Referindo-se aos “proselitistas”, o frade do Departamento de Ecumenismo da CNBB, declara: “Penetram principalmente nas camadas mais pobres e menos cultas das grandes cidades... e entram no Brasil com o intuito de conquistar para as suas igrejas ou comunidades os batizados católicos. Seus métodos de difusão abrangem a pregação oral, a propaganda escrita, a difusão sistemática da Bíblia, as visitas domiciliares e as obras de beneficência assistencial. Na pregação concedem o primeiríssimo lugar ao querigma do Evangelho e à Bíblia. Sua atividade evangelizadora, de modo particular a dos pentecostais e adventistas, se exerce muitas vezes entre o povo simples, pobre e de pouca instrução religiosa. tanto nos subúrbios das grandes cidades como nas regiões interioranas de pouca assistência religiosa. Os sucessos são rápidos, nascem pequenas comunidades que se expandem progressivamente. Por causa desse proselitismo é que surgiu a situação tensa entre católicos e protestantes na América Latina”.

A conclusão constatada pelo frei Cláudio Hummes de que “os sucessos são rápidos” deixou os bispos no Brasil alarmados e apreensivos.

Mas o frade, dentre os métodos evangelísticos adotados pelos crentes ressalta o da difusão sistemática da Bíblia e o da pregação com base na autoridade da Bíblia em que se concede o primeiríssimo lugar à mensagem central do Evangelho.

.oOo.

Vale notar-se a conclusão atingida pelo frade subsecretário do Departamento de Ecumenismo da CNBB: como consequência do empenho evangelístico desses grupos de crentes é que ocorre uma situação tensa entre eles e os católicos.

Eis o auferidor do empenho evangelizante: as relações amistosas ou tensas com a hierarquia católica.

Logicamente que, ao visar uma aproximação e um entendimento entre evangélicos e católicos, o ecumenismo tem como desígnio obstacularizar a marcha evangelística.

.oOo.

Com esses elementos os prelados, tendo em vista outrossim que a Sociedade Bíblica do Brasil ainda não se manifestara em sentido prático quanto ao seguir o exemplo de suas coirmãs de outros países latino-americanos, resolveram tomar a iniciativa de abordá-la diretamente.

E, como investida inicial, em meados de 1967, propôs o lançamento de uma tradução conjunta do Novo Testamento.

A CNBB pôde constatar uma atmosfera francamente acolhedora por parte dos dirigentes máximos da Sociedade Bíblica do Brasil, profundamente contaminados pelo vírus ecumenista.

Com efeito, “a Diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil, reunida no dia 24 de outubro de 1967, resolveu autorizar a composição de uma comissão paritária formada de elementos da igreja católica e de evangélicos, para o estudo da possibilidade de tradução conjunta do Novo Testamento” (Circular da Sociedade Bíblica do Brasil, de 15 de fevereiro de 1968).

Como resultado desse conchavo, o Pastor Sinésio Lyra, após cerca de vinte anos de colaboração, como participante de sua Diretoria, tendo reconhecido baldados seus esforços para impedir tamanha iniquidade e em protesto franco e ostensivo, renunciou o seu cargo.

Esta renúncia deflagrou uma onda imensa de descontentamento entre os evangélicos brasileiros contra aquela decisão da Sociedade Bíblica do Brasil.

Premida esta por semelhante conjuntura, resolveu convocar as pessoas interessadas para reuniões em que, por meio de perguntas e respostas, acontecesse o “debate esclarecedor”.

Propalou-se que a Sociedade Bíblica do Brasil iria auscultar a opinião pública evangélica sobre o lançamento de uma tradução conjunta do Novo Testamento.

A verdade, porém, é bem outra!

A Sociedade Bíblica do Brasil resolveu convocar aquelas reuniões depois do acordo consumado e com o fim de dirimir dúvidas quanto àquele lançamento.

Na Capital Paulista, dirigida pelo rev. Ewaldo Alves, ocorreu aos 5 de março de 1968, no salão nobre da Igreja Presbiteriana Unida, sita à Rua Helvetia, 772, uma reunião agitadíssima, em que estive presente.

Compadeci-me do rev. Alves, secretário-geral da Sociedade Bíblica do Brasil, sobretudo quando, tomando eu a palavra e mostrando-lhe as Constituições Dogmáticas *Lumen Gentium* e *Dei Verbum*, perguntei-lhe se havia lido esses documentos, e me respondeu com uma negativa. No caso de desconhecer a atual posição doutrinária e prática do catolicismo romano perante a Bíblia como poderia defender as pretensões de uma parceria com aquela seita católica na tradução e divulgação do Novo Testamento?

Os senhores diretores deveriam examinar detidamente a Constituição Dogmática *Dei Verbum* que, na tessitura dogmática pós-conciliar, está no epicentro da ação ecumênica.

Conhecendo-se a *Dei Verbum* e os designios ecumenistas da hierarquia vaticana expressos nos seus contactos com as Sociedades Bíblicas Unidas, tem-se a certeza de que a proposta da Tradução conjunta do Novo Testamento é o ponto de partida para o lançamento da denominada Bíblia Ecumênica que enfeixará os apócrifos e notas explicativas e será autenticada com o *Imprimatur*.

O clero é paciente e sabe dar tempo ao tempo. É, ainda, perspicacíssimo na sondagem do terreno por ele interessado e com precisão ausculta as circunstâncias do momento.

Baseada nos informes do frei Hummes, subsecretário nacional do seu Departamento de Ecumenismo, a CNBB reconhece na diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil a presença de elementos ligados às denominações aqui estabelecidas pelos antigos imigrantes e destituídas de espírito de conquista missionária. Reconhece, outrossim, a dificuldade proveniente dos “sectários” agressivos a levantar percalços em seus gestos de envolvimento da Sociedade Bíblica do Brasil.

.oOo.

Minha vida está depositada nas mãos do Senhor para usá-la como instrumento Seu na extensão do Reino entre as almas. E, no cumprimento desse meu soberano ideal, gasto todas as minhas energias.

Convertido pela instrumentalidade das Sagradas Escrituras, tenho verdadeira paixão pela Bíblia, que aceito como Única Regra de minha fé e de minha vida espiritual.

Nessas condições, o meu exclusivo compromisso é com Jesus Cristo e com a Palavra de Deus, a Bíblia. E por conhecer as astúcias da teologia e das práticas vaticanas quanto à Bíblia, entristeço-me profundamente ao verificar a atual situação da Sociedade Bíblica do Brasil, cujo passado de lutas e de benefícios às almas deveria se constituir em penhor de um futuro nobre no serviço da Causa da Evangelização, não fôsse a presença em sua direção de elementos comprometidos com o ecumenismo.

Calar-me seria faltar ao meu dever de fidelidade à Bíblia e de amor à Causa da Evangelização.

.oOo.

Pacientemente a hierarquia do antievangelho prossegue à sorrelfa para com os crentes e às escancaras para com os ecumenistas, minando e solapando as resistências para se utilizar da Sociedade Bíblica do Brasil em sua ação ecumênica.

Na sua primeira investida saiu vitoriosa por duas razões: primeira porque levou ao descrédito a Sociedade Bíblica do Brasil diante de larga faixa evangélica e depois porque obteve o seu intento de cancelar com o seu *Imprimatur* o Novo Testamento divulgado por aquela instituição.

E vitoriosa, ainda, porque agora está segura de poder contar com parte da diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil empenhada também em confundir os crentes.

Aliás, este fato pode-se constatar desde as suas primeiras manifestações favoráveis aos desígnios da CNBB.

Em sua circular de 15 de fevereiro de 1968, dizem tratar-se da tradução conjunta do Novo Testamento.

Explodida a onda de descontentamento nos redutos evangélicos, ao convocar as reuniões para esclarecimentos, não se fala mais em tradução e sim em revisão conjunta.

Aliás, a malícia da mudança do vocábulo tradução pelo termo revisão se caracteriza muito bem na circular de 15 de fevereiro de 1968 em que se fala de uma tradução “em linguagem mais acessível, independentemente dos textos já existentes”.

Houve aí um jesuítismo! Ou as palavras perderam o seu significado.

Entre tradução e revisão existe enorme diferença.

Em virtude da reação vigorosa manifestada nas reuniões convocadas com o objetivo de informar o povo evangélico sobre um fato consumado, a diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil decidiu conformar-se à velha tática do clero: esperar.

Aos 20 de maio do mesmo ano de 1968 a cognominada Comissão Paritária se reuniu “para estudar a possibilidade de uma revisão conjunta do Novo Testamento, tendo por base a fidelidade absoluta aos textos originais”.

Esses estudos, conforme informa outra circular, “duraram algumas horas, suspendendo-se os trabalhos às 18 horas do mesmo dia da instalação”.

Afirma-se, outrossim, que a “Comissão Paritária não voltou a reunir-se”.

Alguns dias posteriores, porém, a “Sociedade Bíblica do Brasil recebeu ofício assinado por todos os membros católicos da referida Comissão, dizendo que aceitavam o texto de João Ferreira de Almeida, tal como foi revisto e atualizado pela Sociedade Bíblica do Brasil”.

Pergunta-se: em poucas horas poder-se-á examinar com fidelidade absoluta os textos gregos originais para se concluir que a versão revista e atualizada de João Ferreira de Almeida atende aos desejos de uma tradução “em linguagem mais acessível?”

Quem não vê naquelas expressões uma evasiva? Um subterfúgio? Uma submissão à conjuntura do momento criada pelo repúdio dos evangélicos?

Uma submissão aparente!!!

Aparente porque a CNBB mandou o seu *Imprimatur* e a Sociedade Bíblica do Brasil o aceitou e o tem estampado numa edição especial do Novo Testamento.

Assim, de qualquer forma, a hierarquia romana e a Sociedade Bíblica do Brasil lançaram o “seu” Novo Testamento.

Traduzido ou não! Revisto ou não! O fato é que se consumou a perfídia amplamente aceita nos redutos evangélicos, mesmo entre aqueles refratários à tradução ou revisão anteriormente proposta.

Nessas condições, a CNBB saiu-se amplamente vitoriosa. E mui vitoriosa também porque os evangélicos aceitaram o seu envolvimento. Aceitaram serem amaciados.

E, acreditando haver recuado a Sociedade Bíblica do Brasil, continuam emprestando-lhe larga confiança e fornecendo-lhe suas contribuições financeiras. O Novo Testamento, sacramentado com o *Imprimatur*, apareceu na ribalta ecumenizante sob o estrugir das ovações daqueles mesmos que repeliram a tradução conjunta.

.oOo.

Reconheço haver nos diversos setores da Sociedade Bíblica do Brasil pessoas conscientes de suas responsabilidades diante da Palavra de Deus. Aliás, é do próprio interesse dos ecumenistas essa presença nesta fase de abrandamento porque assim, entre os evangélicos, continuam a merecer confiança.

Devagar se vai ao longe.

Posteriormente outros serão escolhidos ao talante da política ecumenista. Ninguém se iluda! Bem fariam os evangélicos conscientes de suas responsabilidades diante da Palavra de Deus se adotassem o mesmo gesto do Rev. Sinésio Lyra...

A nossa Sociedade Bíblica está na rabada das Sociedades Bíblicas Unidas. Delas depende! É-lhes subalterna!

E as próprias Sociedades Bíblicas Unidas completamente engajadas na ação ecumênica do Vaticano também sabem dar tempo ao tempo e dirigir as suas dependentes na tarefa do afrouxamento dos ambientes marcados por resistências.

.oOo.

Outro aspecto dessa obra de diluição das resistências da opinião pública evangélica do Brasil está exatamente na declaração insistente dos diretores da Sociedade Bíblica do Brasil de sua posição independente do movimento ecumênico.

Sabem eles que os grupos evangélicos empenhados na conquista de almas para Cristo repelem o ecumenismo. Evangelização e ecumenismo são posições opostas e irreconciliáveis.

Nesse caso — é o que se está fazendo — conquanto se neguem compromissos e vinculações com o movimento ecumênico, age-se amplamente de acordo com as normas de sua ação.

O lançamento do Novo Testamento autenticado com o *Imprimatur*, além de preparar o terreno para a vindoura Bíblia Ecumênica, já faz parte da ação programada pelo movimento ecumenista.

Qualquer pessoa de juízo normal percebe isso.

Mas, na já mencionada circular de 15 de fevereiro de 1968, a Sociedade Bíblica do Brasil declara: “O trabalho de tradução conjunta do Novo Testamento, de cuja possibilidade se cogita, não tem qualquer objetivo ecumênico. Ecumenismo não faz parte das finalidades da Sociedade Bíblica do Brasil.

“A Sociedade Bíblica do Brasil e as Sociedades Bíblicas Unidas (entidade mundial que congrega 35 Sociedades Bíblicas) não participam do

Concílio Mundial de Igrejas, não estão a ele subordinadas e também não exercem sobre ele autoridade nenhuma, nem sofrem dele nenhum controle, aliás, de acordo com o Art. 3º, § 1º, do seu Estatuto que declara: “Para atingir o seu objetivo, a Sociedade se empenhará na obra de traduzir, revisar, publicar e distribuir as Escrituras Sagradas, com seus próprios meios e em cooperação com pessoas físicas ou jurídicas, bem como organizações cristãs, recomendadas pela Diretoria” (Alíneas a e b).

Aliás no manifesto de Oaxtepec, México, a Conferência Regional das Sociedades Bíblicas, ao sabor da artimanha ecumenista, declarou a mesma coisa, conforme já consideramos em páginas anteriores: “Está tão fora de seu propósito participar no diálogo ecumênico como o de legislar sobre o método do batismo cristão”.

O subterfúgio é a espinha dorsal das Sociedades Bíblicas atreladas na máquina ecumênica, pois importa a fim de melhor atender os seus objetivos nesse sentido ludibriar o povo evangélico.

A essas declarações apresentamos as seguintes ponderações que demonstram à sociedade o envolvimento da Sociedade Bíblica do Brasil na ação ecumênica como ocorre com as suas coirmãs:

1) Se consciente da posição da Bíblia na dogmática romana pós-conciliar teria rejeitado de imediato quaisquer propostas de parceria por parte do clero para a tradução ou divulgação da Bíblia, ou porção dela, pois como “andarão dois juntos, se não estiverem de acodo” (Amós 3:3)?

As Sociedades Bíblicas concordam com a dogmática romana que considera a Sagrada Escritura como Fonte de Revelação secundária e incompleta ao admitir também a Tradição e o Magistério Eclesiástico como Fontes de Revelação Divina?

Se se acomodam é porque se entendem.

2) De fato, nenhuma Sociedade Bíblica participa como membro do Concílio Mundial de Igrejas, pois não é Igreja. E o Concílio é composto só de Igrejas. Do seu rol de membros estão ausentes todas as Sociedades Bíblicas e quaisquer outras organizações.

3) Os diretores das Sociedades Bíblicas Unidas, como o metodista Laton E. Holmgren, presidente do seu Comitê Executivo, e muitos das Sociedades Bíblicas nacionais, como o referido senhor, secretário geral da Sociedade Bíblica Americana, pertencem a igrejas filiadas àquele Concílio. É evidente que, ao gerir essas instituições, eles, quais agentes do inimigo, se norteiam pelas táticas ecumenistas numa autêntica conspirata interna.

4) Aliás, são eles simpatizantes e cooperantes daquele Concílio e jamais nenhum deles levantou a voz em testemunho de sua fidelidade à Bíblia em face da afrontas contra ela assacadas pelo Concílio ecumenista

que, em sua assembleia de Upsália, em julho de 1968, chegou ao desprazo de recomendar para as reuniões ecumênicas: “Devemos escolher textos bíblicos que evitem as passagens que possam dar lugar a polêmicas” (item IV, letra e). Se se pretende controlar a leitura da Bíblia, quanto mais não quererá controlar o seu exame!

5) Verificamos anteriormente e demonstramos com documentos como as Sociedades Bíblicas estão comprometidas com o movimento ecumenista.

6) O clérigo Abbott, embora seja jesuíta (que é sinônimo de hipócrita, astuto, astucioso, conforme o dicionário de Séguier, o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, o de Cândido de Figueiredo, o de sinônimos de Francisco Fernandes e outros) tem, pela clareza dos seus pronunciamentos, sido bem mais honesto do que os líderes das Sociedades Bíblicas. Ele abriu francamente o jogo e rasgadamente fala dos objetivos ecumênicos de suas atividades junto dessas instituições. E quanto à Sociedade Bíblica do Brasil em particular, Walter Abbott, ao se empenhar pela Bíblia Ecumênica em língua portuguesa, enviou à CNBB as Normas para a Cooperação Interconfessional na Tradução da Bíblia já referidas e sobre as quais tecemos reflexões. Ao lume dessas diretrizes ecumênicas é que a CNBB assedia a Sociedade Bíblica do Brasil.

7) É verdade que as Sociedades Bíblicas não se vinculam ao Concílio Mundial de Igrejas. A sua ação ecumênica, porém, está muito mais adiantada do que a das igrejas filiadas ao Concílio porque elas se entrosaram e se afinaram com o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, que, em matéria de ecumenismo, opera com muito mais intensidade e afinco do que o Concílio Mundial de Igrejas.

As Sociedades Bíblicas não estão vinculadas ao Concílio Mundial de Igrejas! Mas, quanto ao seu comprometimento com o ecumenismo a sua situação é mais grave do que se lhe estivessem filiadas. São dependentes do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, que é o órgão promotor do ecumenismo por parte do Vaticano. As Sociedades Bíblicas, numa subserviência total, se puseram a seu serviço. Capitularam diante das investidas daquele órgão vaticano. Deixaram-se por ele encabrestar.

Tanto o envolvimento da Sociedade Bíblica do Brasil se enquadra na ação ecumênica do Vaticano, embora com negativas os seus diretores queiram manter ludibriados os evangélicos desacompanhados, que a Revista Eclesiástica Brasileira, em seu volume n.º XXVIII, fascículo 1, março 1968, p. 199, ressalta, dentre os primeiros passos ecumênicos no Brasil, o lançamento do Novo Testamento da Sociedade Bíblica do Brasil com o *Imprimatur*.

8) Se, de acordo com o seu Estatuto (Art. 30, § 1º), a Sociedade Bíblica do Brasil aceita a cooperação de organizações cristãs, recomendadas pela Diretoria, ao aceitar a cooperação da hierarquia romana é porque reconhece no catolicismo uma área do cristianismo. E exatamente isso é ecumenismo. E evangelizar os católicos, portanto, é proselitismo. Neste particular, a Sociedade Bíblica do nosso País também se afina com a I Conferência Regional do Oaxtepec, México; quando se decidiu: “Dada a possibilidade, poderão os católicos romanos ser incluídos nas juntas administrativas”. Evidentemente dessas Sociedades participantes do conclave, inclusive a do Brasil.

9) As três circulares da Sociedade Bíblica do Brasil expedidas no primeiro semestre de 1968, sobre o assunto da tradução conjunta do Novo Testamento e que tenho em mãos, pelas suas tergiversações, revelam os compromissos ecumenizantes assumidos pelos seus diretores com a hierarquia autodeificada.

10) Sem ser futurólogo asseguro que oportunamente a Sociedade Bíblica do Brasil, em conluio com o clero romano, lançará a Bíblia Ecumênica acrescenta dos livros apócrifos e notas explicativas, conforme requer a *Dei Verbum*, (§ 24), e sacramentada com o *Imprimatur*, chegando assim às últimas consequências de sua franca, decidida e decisiva ajuda à ação ecumênica do Vaticano deflagrada para reprimir o impulso evangelístico dos crentes. Aliás, em nota de esclarecimentos à imprensa, a Sociedade Bíblica do Brasil, na alínea

3, destaca: “Esse trabalho conjunto de tradução das Escrituras Sagradas, já vem sendo realizado em mais de 35 países, com apreciável aceitação, e proporcionando reconhecido incremento na divulgação da Palavra de Deus”. Além da recomendação da sua matriz, ela tem o exemplo de suas coirmãs que já atingiram o clímax de traição à Bíblia. O “reconhecido incremento na divulgação da Palavra de Deus” fica por conta da demagogia para iludir os incautos.

Essas razões que fundamentam minha assertiva no sentido de que a Sociedade Bíblica do Brasil caminha decidida para atender as diretrizes vaticanas quanto ao lançamento da Bíblia Ecumênica se valorizam mais ainda com a seguinte constatação estarrecedora: Em sua circular “Rio de Janeiro, 1968”, com o fac-símile da assinatura de Benjamin Moraes, presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, esta notícia:

“1. Cumprindo determinação da Diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil, reuniu-se a 20 de maio do corrente ano, a Comissão Paritária, composta de quatro ministros evangélicos e quatro sacerdotes católicos,

para estudar a possibilidade de uma revisão conjunta do Novo Testamento, tendo por base a fidelidade absoluta aos textos gregos originais.

2. Os estudos duraram algumas horas, suspendendo-se os trabalhos às 18 horas do mesmo dia da instalação.

3. Alguns dias depois, a Sociedade Bíblica do Brasil recebeu ofício assinado por todos os membros católicos da referida Comissão, dizendo que aceitavam o texto de João Ferreira de Almeida, tal como foi revisto e atualizado pela Sociedade Bíblica do Brasil.

4. À vista dêste fato, sumamente auspicioso para a Sociedade, a Comissão Paritária não voltou a reunir-se, considerando-se encerrados os seus trabalhos.

5. A Sociedade Bíblica do Brasil registra sinceros agradecimentos ao evangelismo nacional pelo amor que tem demonstrado sobejamente aos trabalhos desta Sociedade, aumentando, este ano, extraordinariamente suas ofertas à nobre Causa sintetizada no nosso lema: Dar a Bíblia à Pátria”.

Em confronto com essa circular lacônica distribuída para informar — ou desinformar? — os evangélicos do nosso País, verificaremos como a CNBB, através do Boletim Telepax, n.º 141, cientifica o clero romano: “No dia 20 de maio deste ano, reuniu-se na Sociedade Bíblica do Brasil, sob a presidência de Dom José Gonçalves da Costa, Secretário-Geral da CNBB, e do rev. Ewaldo Alves, Secretário-Geral da Sociedade Bíblica do Brasil, com a presença de assessores, observadores e convidados, a Comissão Paritária Nacional (quatro evangélicos e quatro católicos), com o fito de estabelecer os princípios orientadores para a edição conjunta do Novo Testamento, para uso de todos os católicos e evangélicos do Brasil. De manhã os representantes de cada parte se reuniram separadamente para estabelecerem a própria posição. À tarde houve reunião de todos para trocarem ideias em torno dos princípios que nortearão as futuras edições conjuntas do Novo Testamento. As perguntas estudadas e respondidas foram estas:

1ª pergunta: É possível uma revisão conjunta ou uma tradução conjunta do Novo Testamento, preparada paritariamente por evangélicos e católicos, para uso de todos os cristãos do Brasil? A resposta foi afirmativa.

À 2ª pergunta: Entre as duas possibilidades — de uma revisão conjunta ou de uma tradução conjunta — que se deve fazer primeiro: rever um texto evangélico ou católico já existente, ou traduzir diretamente dos originais, conjuntamente, um novo texto? — Respondeu-se unanimemente

que era melhor começar por uma revisão conjunta de algum texto já existente.

3ª pergunta: Deve-se começar logo também uma nova tradução dos originais? Respondeu a Comissão Paritária que no momento não há condições para tal tradução nova dos originais e expressou o desejo de que tal tradução seja logo iniciada, assim que as circunstâncias o permitam.

4ª pergunta: Dado que a Comissão Paritária, unanimemente, aprova a proposta de uma revisão imediata, de algum texto já existente, a partir de que texto deve ser feita tal revisão? Depois de longa troca de ideias, pesadas as vantagens e as desvantagens, a Comissão Paritária, por sete votos contra um (favorável, mas com reservas) decidiu que se tome como texto-base o atual texto do Novo Testamento que está sendo distribuído pela Sociedade Bíblica do Brasil (a Bíblia traduzida por Ferreira de Almeida). Há novos encontros previstos, para tratar da revisão e edição definitiva do Novo Testamento”.

Ao cotejarmos esses dois documentos verificamos sobretudo o seguinte:

A) A Sociedade Bíblica do Brasil informa o já repetido em outras circulares anteriores: a Comissão Paritária se reuniu “para estudar a possibilidade de uma revisão conjunta do Novo Testamento”. A CNBB esclarece: a referida reunião de 20 de maio de 1968, aconteceu “com o fito de estabelecer princípios orientadores para a edição conjunta do Novo Testamento”.

B) Pela alínea 4 da circular da Sociedade Bíblica do Brasil conclui-se que os trabalhos da Comissão Paritária foram encerrados tendo em vista o pleno êxito das demarches com a aceitação por parte da aristocracia clerical da versão João Ferreira de Almeida a que ofereceu a pública chancela do seu *Imprimatur*. Assim creem os evangélicos para quem o assunto está definitivamente encerrado. A CNBB, porém, comunica que na reunião da tarde trocaram-se ideias “em torno dos princípios que nortearão as futuras edições conjuntas do Novo Testamento”.

O Boletim da CNBB, aliás, arremata o seu comunicado de maneira clara quanto aos encontros futuros da Comissão Paritária.

Saliente-se, outrossim, esta observação: A Sociedade Bíblica do Brasil insiste no subterfúgio do termo possibilidade enquanto a CNBB, na verdadeira dimensão dos fatos e objetivos ressalta o vocábulo princípios.

C) Pelas respostas às quatro perguntas, constata-se que efetivamente o *Imprimatur* na versão de Almeida é o primeiro passo na meta colimada por ambas as instituições.

D) A 3ª pergunta com a ressalva: “Assim que as circunstâncias o permitam”, respondida positiva e afirmativamente, deve ser meditada no objetivo de colocar prevenidos os evangélicos.

Da versão ecumênica do Novo Testamento à Bíblia Conjunta livre estará de percalços o caminho da rendição total da Sociedade Bíblica do Brasil ao Vaticano.

E a Bíblia Ecumênica, conforme o sacerdote jesuíta Walter Abbott, facilitará o movimento ecumenista por demonstrar ela mesma uma “real ecumenicidade”.

A SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL ENGAJADA NA OPERAÇÃO ECUMENISTIZANTE

Diante de negarem as Sociedades Bíblicas, inclusive a do Brasil, o seu comprometimento com a ação ecumênica, recordo-me de um episódio ocorrido num dos internatos da Companhia de Caridade, antiga obra social da Arquidiocese do Recife, Pernambuco, por mim dirigida de 1952 a 1960.

Procuraram-me dois rapazitos enfurecidos. Um deles se exasperara em extremo porque o seu companheiro o chamara de ladrão. “Seu padre, eu não sou ladrão!”

À minha indagação, explicou-me: “Ele é ladrão, sim, porque arrombou a minha maleta e roubou o meu dinheiro, um canivete e uma lata de doce trazida por mamãe”.

De fato, o garoto havia-lhe invadido a maleta e feito a “limpeza”. E confessou: “Tirei mesmo, mas não sou ladrão”. Que se lhe desse qualquer castigo, porém não admitia que a sua vítima o enquadrasse entre os gatuños.

Desculpem-me a lembrança desse incidente! Claudicam as comparações.

As Sociedades Bíblicas, entretanto, comportam-se semelhante. Por não se registrarem como membros do Concílio Mundial de Igrejas apregoam sua isenção e independência quanto ao ecumenismo. Cumprem uma tarefa específica no contexto da programática ecumenista e teimam em negar suas vinculações com o ecumenismo.

Ao estabelecer, em outubro de 1967, a Comissão Paritária integrada também por sacerdotes romanos, para o estudo sobre uma tradução conjunta do Novo Testamento, a Sociedade Bíblica do Brasil lançava as bases para a cognominada Bíblia Ecumênica a incluir os apócrifos e notas

explicativas, a meta principal do Secretariado para a Unidade dos Cristãos no intento de perverter os objetivos das Sociedades Bíblicas.

Em virtude da inesperada reação ocorrida nos meios evangélicos, ao invés de levar avante a anunciada tradução, tergiversou e decidiu aceitar o *Imprimatur* da CNBB para o Novo Testamento em sua “edição revista e atualizada” da versão de João Ferreira de Almeida.

Reconhecendo a intempestividade do lançamento imediato daquela tradução, resolveu recuar a fim de preparar terreno. Eis o motivo do seu retraimento: dar tempo ao tempo, enquanto adotará outras investidas táticas na preparação de um clima propício.

E foi no propósito de esmaecer, amaciar a opinião pública contrária ao Novo Testamento ecumênico, em conluio com a CNBB, que editou um Novo Testamento para os católicos romanos, que leva em sua primeira página, o fac-símile duma recomendação assinada por três prelados em nome dessa Conferência. O jocoso, porém, é que as livrarias romanistas não o expõem e quem o divulga são as livrarias evangélicas e a própria Sociedade Bíblica do Brasil.

Esta, a título promocional, enviou um exemplar a 5.000 paróquias católicas romanas e aconteceu um certo reboliço.

Os evangélicos concordes com a tese de que o fim justifica os meios, na sua caquexia espiritual, ergueram brindes à Sociedade Bíblica do Brasil.

Além de se levar em conta o fato de que a hierarquia clerical não faria uma coisa dessas sem estar segura do êxito em seu benefício, é preciso, à vista dos documentos atrás examinados, reconhecer-se que a Sociedade Bíblica do Brasil com esse lançamento, deu um primeiro passo no sentido de arrefecer a capacidade de reagir por parte dos evangélicos refratários ao Novo Testamento ecumênico e à Bíblia ecumênica, a meta final dessa arrancada em prol da ação unionista e ecumenizante.

Muitos evangélicos, que, na primeira hora, reagiram, agora, afrouxados, já anuem à ideia da Bíblia ecumênica.

Aconteceu, porém, um outro aspecto do efeito ecumenizante desse conluio. É que o Novo Testamento da Sociedade Bíblica do Brasil sacramentado com o *Imprimatur* da CNBB, ao invés de facilitar o trabalho de evangelização dos romanistas, como muitos crentes ingênuos supunham, trouxe um grande prejuízo para essa causa e, em consequência e dentro das previsões dos hierarcas, um fabuloso lucro para os interesses da religião do papa.

E, com efeito, sei de muitas experiências desapontadoras: evangélicos que deram a amigos católicos romanos um exemplar desse Novo

Testamento supondo encontrar neles uma maior abertura porque o livro trás a “aprovação eclesiástica” ficaram frustrados, pois essas pessoas enaltecem a paz agora reinante nos meios religiosos, graças à boa vontade e magnanimidade do “santo padre”. “Ora, se os senhores bispos aprovam o Novo Testamento da Sociedade Bíblica do Brasil significa que tudo é igual, que todas as religiões são boas, que todas elas aceitam a Bíblia e que está assim tudo muito bem”.

Nas localidades mais minadas pelo trabalho evangélico os próprios sacerdotes romanos se encarregaram de espalhar em profusão exemplares daquela obra. Enquanto os clérigos empenhados em conservar os seus fiéis no seu curral eclesiástico, distribuíam êsse livro com o objetivo de imunizá-los contra as arremetidas da “heresia”, os jornais evangélicos espalhavam, como alvissareiras, as notícias de que havia padres adquirindo às centenas para a distribuição popular. “Como os tempos mudaram! Aqueles que há bem pouco incineravam a Bíblia agora adquirem o Nôvo Testamento editado pela Sociedade Bíblica do Brasil para espalhá-lo entre o povo”, clamava um pancrácio pregador empoleirado no pedestal da sua própria e ilustre vaidade.

Acalmem-se, senhores! Esse lançamento é o primeiro ato de uma série em atenção ao plano de se afrouxarem resistências... Aguardem! Daqui a pouco virá o restante...

E qualquer observador poderá constatar que esse Novo Testamento, ao invés de facilitar, ao trazer confusão, dificulta muito a obra de evangelização.

.oOo.

Ao ensejo destas reflexões convém advertir que a “edição revista e atualizada” da versão de João Ferreira de Almeida, lançada pela Sociedade Bíblica do Brasil, deixa, à luz dos originais hebraico e grego, muito a desejar, e, no caso do Novo Testamento abençoado com o *Imprimatur*, comprometendo o propósito anunciado pela mesma entidade bíblica no sentido de nessa obra conjunta ater-se à “fidelidade absoluta aos textos originais”.

Numa tática ao sabor de promoção comercial, porém, os dirigentes dessa instituição se agasalharam na popularidade da versão de Almeida para apresentar a sua “atualizada”, que, num confronto, se constata a enorme disparidade entre elas. Do ex-padre João Ferreira de Almeida, esta só tem o nome no interesse de se beneficiar do seu prestígio.

Cumpra-nos, ainda, lembrar a presença na cúpula da Sociedade Bíblica do Brasil de elementos protestantes catolicizados à mercê dos acenos ecumenistas do Vaticano. Subreptícios, embandeiraram-se de anseios pela popularização da Bíblia, o que, conforme eles, só será possível com uma tradução conforme o linguajar corrente do povo. Daí o trabalho de se usar os termos em voga para se tornar fácil a compreensão da Bíblia por parte das pessoas comuns e semialfabetizadas.

Poderá à primeira vista parecer louvável esse desejo. Enquadra-se, todavia, igualmente na programática ecumenizante.

Aliás, se fosse o caso, melhor seria fazerem-se versões para cada região do País e, às vezes, de um mesmo Estado, porque a terminologia popular difere muito de região para região. Por exemplo, o burrico é chamado em certas regiões de jumento e, em outras, de jegue. Então, para que o povo simples compreenda o relato da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, seriam necessárias diversas traduções para em cada uma adotar um desses termos.

Numa conversa com um antigo participante da diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil informou-me ele a sua preocupação porque mui empenhado em vulgarizar a linguagem da Bíblia. E, para exemplificar, lembrou o vocábulo joanino: “Verbo”. “É inacessível ao homem do povo entender o sentido desta palavra e penso em sugerir que se lhe faça substituição por Filho de Deus”, alvitrava o reverendo.

Esta sugestão é absurda e incompetente por esvaziar, no contexto de João, o significado profundo do termo “Verbo”.

A versão Ferreira de Almeida, note-se, apesar de sua antiguidade, satisfaz plenamente. O seu vocabulário é fácil, ainda hoje, à compreensão popular.

Justiça seja feita à competência do EX-PADRE João Ferreira de Almeida. Soube fazer uma obra de valor permanente... Impossível, contudo, abandonarem-se expressões próprias da Bíblia, como Verbo, Apóstolo, graça, justificação, expiar, conversão, nascer de novo, e muitas outras, sem se diluir inteiramente a Revelação Divina.

Cabe aos pregadores explicar ao povo esses termos, como aconteceu com Filipe e o eunuco de Candace.

Todos os setores da vida humana têm a sua terminologia própria. A medicina, o direito, o comércio, a política, a administração, a pedagogia, o esporte, a culinária, a cidade, o campo, o automóvel, os meios mecânicos de comunicação... Cada setor tem a sua nomenclatura própria e ninguém pretende aboli-la a título de popularização.

No caso da Bíblia esta ideia leva a deliberação de, ao diluir a mensagem divina, facilitar a ação ecumenizante.

.oOo.

No empenho de afrouxar as faixas evangélicas refratárias a quaisquer aproximações com o clero romano, a Sociedade Bíblica do Brasil, solerte em se aproveitar de todas as oportunidades, estampa em sua revista fotografias de solenidades em que se destaca a presença de sacerdotes e freiras, está recebendo a valiosa contribuição para os seus malfadados propósitos do lançamento da versão por tuguesa do Novo Testamento da Comunidade Protestante de Taizé, anteriormente divulgado em castelhano nos outros países latino-americanos.

A hierarquia romana se empenha denodadamente em cooperar com os desígnios da Sociedade Bíblica do Brasil comprometida com a ação ecumenizante e, por isso, levou a Herder, editora romanista, a difundir em nosso País esse Novo Testamento, cuja edição é “feita com espírito ecumênico” conforme declara o sr. Agnelo Rossi, então cardeal em S. Paulo, em sua carta de apresentação de 4 de junho de 1969 estampada nas primeiras páginas da brochura.

Só do lado evangélico que muitos não querem ver as vinculações ecumenistas nessa difusão de edições do Novo Testamento em parceria com a aristocracia clerical. Do lado protestante catolicizado o assunto é exposto em toda a sua verdade. “Para que o impulso dado por João XXIII à unidade cristã não fique desvirtuado”, escreve o Prior de Taizé, Roger Schutz-Marsauche, em seu prefácio, — o que somente os que não querem entender as palavras poderão continuar iludidos — “são necessárias as realizações concretas, que poderão dar ao ecumenismo uma nova dimensão. A unidade visível de todos os seguidores de Cristo poderá ser atingida através dos atos de solidariedade que os cristãos da Europa realizam com relação a seus irmãos da América Latina.

“Pelo mesmo motivo demos também uma resposta positiva ao pedido que nos formularam os bispos do Brasil, solicitando que custeássemos a edição de 500 mil exemplares do Novo Testamento, em português, para os distribuir gratuitamente aos mais pobres do Brasil”.

O cardeal Rossi, na carta já mencionada, ao exaltar esse empreendimento, observa, para nos dar razão quando alegamos que existe manifesto nesse empreendimento de divulgar em conjunto a Bíblia ou parte dela um interesse ecumenista: “A colaboração entre os protestantes e católicos, seja os de língua espanhola para as Notas e Vocabulário, seja os

do Brasil para a revisão conjunta do texto básico da Liga de Estudos Bíblicos, sobre indicar quanto já o ecumenismo avançou pelo caminho da caridade e da verdade, também fundamenta sólida esperança de que teremos futuramente um só texto da Palavra Divina aberto para todos os batizados”.

Embora reconheça a carência de autoridade para falar em caridade e verdade por parte do purpurado, contudo, ele não encobre aquilo que os evangélicos encegurrados pela fumaça ecumenizante evitam enxergar.

Com efeito, despercebidos desses compromissos ecumenistas, alguns evangélicos, conquanto sejam dignos de encômios os seus esforços evangelísticos, mas, com o espírito de análise e observação encoberto por um emocionalismo responsável pela sua imaturidade psíquica, colocam-se a serviço da antievangelização ao distribuírem os exemplares da versão de Taizé, companheira da edição sacramentada pelo *Imprimatur* vaticano e divulgada pela Sociedade Bíblica do Brasil na obra ecumenizante.

Como não poderia deixar de ser, a obra feita por protestantes catolicizados de Taizé apresenta graves “enganos” para, exatamente, na arrancada ecumenista, embair os leitores e dirigir os romanos no sentido de que permaneçam sob o jugo do antievangelho.

No afã (?) de apresentar uma “linguagem mais acessível”, no prólogo do Evangelho segundo João, em vez de VERBO usa o vocábulo PALAVRA. “No princípio existia a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. No princípio estava ele com Deus. Por ele tudo foi feito, e sem ele nada se fez de tudo o que foi criado” (João 1:1, 3).

A regra da boa gramática do nosso vernáculo manda que a terceira pessoa do pronome caso reto concorde em gênero com o sujeito da oração, o substantivo VERBO. Os tradutores num cochilo, esqueceram-se de que PALAVRA pertence ao gênero feminino. Então, ao invés de ele, deveriam ter usado ela, por se referir à Palavra.

Afinal esse assunto gramatical nas dimensões deste livro é de somenos importância. Mas, se há o interesse de apresentar ao povo comum uma tradução mais acessível, por que os protestantes catolicizados de Taizé não verteram o termo grego original batismo, que, em vernáculo, significa imersão? A pessoa semialfabetizada tropeça a língua quando pronuncia o vocábulo presbítero. Por que não a verteram por velho? Por que não verteram outras palavras, como igreja, Rabi, diácono, apóstolo?

Se quiseram fazer uma versão acessível porque o emprego de termos desconhecidos até pelas pessoas de média instrução, como o aplicado ao subtítulo da perícopa de Lucas 16:19-31: Parábola do pobre Lázaro e do

rico epulão? A expressão pobre todo mundo entende. Mas, alguém vai supor que epulão é o nome do rico...

Apreende-me o espírito a mudança de vocábulos essenciais da mensagem bíblica, também porque os tradutores taizenianos conservam outros vocábulos, os quais simplesmente transliteram. Nestas considerações anoto que, ao invés de Filho UNIGÊNITO a versão dos protestantes catolicizados prefere Filho ÚNICO. O adjetivo *único* também não expressa a profundidade de UNIGÊNITO. *Único* pode acompanhar qualquer substantivo. *Unigênito*, porém, exprime a unicidade especial e ímpar da geração do Filho de Deus?

Evidentemente que cabe aos pregadores esclarecer aos seus ouvintes a nomenclatura bíblica.

Estender-nos-íamos se fôssemos apresentar todas as contrafações dessa versão. Mas, para evidenciar mais ainda os seus desígnios de servir a ação ecumenista, torna-se sumamente útil transcrever algumas de suas notas explicativas. As referentes à mariologia, então, denotam amplamente a sua subserviência à dogmática romana.

Assim é que, comentando Mateus 1:25, diz: “A tradução puramente verbal seria: E não a conhecia (não tinha relações conjugais) até que deu à luz um filho. A expressão portuguesa “até que”, todavia, depois da frase negativa anterior, pareceria afirmar que depois, sim, houve tais relações: coisa que o texto grego não considera nem insinua, visto como, por todo o contexto e sua expressão, nada afirma ou nega a respeito do futuro, senão que se limita a dizer que no passado, na concepção de Jesus, não houve essas relações (cf. v. 18), a saber, que a concepção de Jesus foi virginal”.

Trata-se de uma escapatória sofisticada, porquanto, os teólogos romanistas reconhecem o contrário dessa conclusão e buscam na patrística e nos documentos eclesiásticos base para a sustentação de sua tese sobre a virgindade perpétua de Maria.

E em todas as referências sobre os “irmãos de Jesus”, sulcados no mesmo dogma romanista, os protestantes taizeanos apresentam a cediça argumentação em favor dos “primos” de Jesus.

A fundamentação do dogma da Imaculada Conceição de Maria está na tradução errada da Vulgata de Gênesis 3:15 e no verso 28 de Lucas 1, para o que, dentro da conotação vaticana, apresenta a explicação em abono daquele dogma, que, por si só, nega a necessidade absoluta do Sacrifício de Cristo para a redenção do pecador. Enfim, afortalezados por essa versão e pela da Sociedade Bíblica do Brasil, os ecumenistas, solapando de mansinho as faixas evangélicas, realizam a sua empreitada na conformidade com os rumos estabelecidos pela programática do

movimento ecumenista preparada nas confabulações do Secretariado para a Unidade dos Cristãos.

A DIVULGAÇÃO DA BÍBLIA NA DIMENSÃO ECUMENISTIZANTE

Oferecer-se um exemplar da Bíblia a alguém é um excelente gesto. Mister se faz, porém, saber entregá-lo. Dá-lo como se fosse um outro livro qualquer é

fazer o jgo ecumenistizante. É transformar a Bíblia num livro comum. É minimizá-la. Barateá-la.

No passado, quando a Sagrada Escritura circulava apenas nos arraiais evangélicos, entre os católicos as opiniões se dividiam: odiavam-na uns e outros a respeitavam.

Perseguia-a o clero. Quantos dos seus exemplares as fogueiras inquisitoriais não queimaram!

Em virtude da radical mudança conjuntural do mundo é contraproducente a aplicação do mesmo método.

Salta à vista de qualquer observador superficial que o comportamento atual e diferente do clero significa simples mudança de tática em busca da finalidade permanente: sufocar a divulgação da Mensagem Divina encerrada nas Páginas Sagradas.

E o método mais adequado para a hora presente é a sua fartíssima distribuição porque assim tornar-se-á a Bíblia um livro comum diante do povo.

Nenhuma instituição como a hierarquia clerical, enriquecida com uma experiência multissecular, é capaz de engendrar recursos suficientes para obter as suas metas...

.oOo.

A distribuição à larga da Bíblia vai conseguindo os seus objetivos vaticanos! Transubstanecam-na muitos até em talismã. Conheço pessoas que a possuem em casa “porque dá sorte”.

Erigem-se monumentos nas praças públicas, às quais, muitas vezes, dão-lhe o nome.

Promovem-se grandes concentrações no seu dia.

Placas com o convite: “Leia a Bíblia” são plantadas à entrada das cidades. E o mesmo convite é afixado nos ônibus e se estampa em faixas estendidas sobre as ruas.

Ocorrem monumentais campanhas para a venda porta a porta do Livro Santos.

Tudo entrosado no plano de desmoralizá-la.

.oOo.

Escandalizaram-se os ouvidos pios com certa música psicodélica a saracotear a alegre juventude porque profanava o Nome Santo de Jesus Cristo.

Arrepiavam-se ao ouvirem o “aleluia” de Handel e a melodia de Bach “Jesus, Alegria dos Homens” avacalhados pela propaganda comercial destinada a influenciar e a manipular a sociedade de consumo.

Esses fatos, conquanto estarrecedores por significarem desrespeito a Jesus Cristo e às coisas sagradas, diminuem de proporção diante do que os próprios evangélicos estão fazendo conscientemente com a Bíblia.

Marionetes manejadas por cordéis vigorosos dos fautores da ação ecumenistizante promovem a avacalhação do Livro Sagrado.

.oOo.

Certa igreja evangélica de longo rol de membros e cujo pastor se salienta pelo seu trabalho dedicado precisava renovar a pintura do seu templo e dependências. Quis uma pintura luxuosa fora de sua receita orçamentária. Das várias discussões surgiu o plano: uma espetacular venda de volumes da Bíblia. Estabeleceram-se os dispositivos da campanha marcada com o dístico: Leia a Bíblia

Cartazes impressos foram colados nos muros e nos postes. Faixas encimando ruas e avenidas convidavam à leitura da Bíblia: “Você está triste? Leia a Bíblia”. “Está enfermo? Leia a Bíblia”. “Mal andam os seus negócios? Leia a Bíblia”. “Seu time perdeu? Leia a Bíblia”. “Você é feliz? Leia a Bíblia”. E tantos mais... E todos sempre marcados com o mesmo refrão: “Leia a Bíblia”.

Tamanho vulto atingiu a campanha promocional — quase que uso o adjetivo: comercial — de venda da Bíblia naquela grande cidade que a imprensa começou a se ocupar dela em seus noticiários e comentários.

O pastor, eufórico, se vangloriava do êxito e previa uma arrecadação de dinheiro superior ao custo da pintura, capaz de lhe possibilitar a troca do seu velho carro por um novo. E, batendo o indicador na testa, se blasonava: “Isto é cuca! É crâneo! Tem miolo!”

Coitado! A sua massa cinzenta incapacitara-se de perceber que o seu comércio atendia à jogada de avacalhação da Bíblia.

.oOo.

Como parte do programa de uma campanha de evangelização, certo pastor acompanhado de luzido séquito, visitou altas autoridades civis e militares do País. Após um discurso recamado de termos pomposos, à luz de flashes da imprensa adrede convocada, entregava um exemplar da Bíblia ao visitado.

Um funcionário do palácio de um chefe de Estado contou-me que, após a saída da comitiva, a ilustre autoridade comentou: “É a décima quinta Bíblia que recebo nestes dois anos de governo, mas com isso essa gente quer a própria promoção”.

.oOo.

Encontrava-me doutra feita numa livraria evangélica quando um secretário regional da Sociedade Bíblica do Brasil, em voz mansa, solicitava do responsável por um programa evangélico de rádio o “especial obséquio” de anunciar a chegada da Bíblia em alemão. “Coisa fina! Encadernação de luxo! É preciso vender todos os exemplares. Insista na propaganda. Dar-lhe-ei um presente”. Envolvente, instava aquele secretário por reconhecer difícil a venda daquele livro na região carente de pessoas alemãs.

Porventura isto é “dar a Bíblia à Pátria”?

E aquela outra instituição bíblica, ao espalhar uma edição das Escrituras Sagradas assinalada com o emblema maçônico e com páginas internas em branco destinadas às anotações das efemérides da sociedade secreta, estará com isso incentivando o respeito pela Palavra de Deus?

.oOo.

Então, não se deve divulgar a Bíblia?

Deve-se, sim! E com intensidade enorme e crescente!!!

Mas é preciso saber fazê-lo.

A sua distribuição como está sendo feita favorece a ação unionista e ecumenizante do Vaticano. Por isso que os clérigos a estimulam.

Se os sacerdotes e as freiras derramam seus exemplares entre os fiéis romanistas e os evangélicos, por seu turno, em campanhas despidas de qualquer critério e bom senso, esparramam-nos entre esses mesmos fiéis, há de se constatar o efetivar-se da intenção pontifícia: depreciar a Bíblia. É o que, desgraçadamente, está acontecendo!

A Sagrada Escritura precisa ser posta na mão das pessoas de acordo com as suas próprias orientações. No Capítulo 8 de Atos dos Apóstolos encontramos um luminoso exemplo para o caso. A caminho de Gaza, a atenção de Filipe voltou-se para um etíope a examinar o profeta Isaías.

“Entendes tu o que lê?”, perguntou-lhe.

“Como poderei entender, se alguém não me ensinar?” (Atos 8:31).

Eis a dificuldade.

Em geral, o entregar-se, sem mais, a Bíblia a uma pessoa é expô-la a sofrer esse mesmo problema, caso tente lê-la.

O povo não diz ser difícil a sua leitura?

“Como poderei entender, se alguém me não ensinar?”

Cinco etapas devem secundar a entrega de uma Bíblia a alguém:

1ª — Oração fervorosa e constante.

2ª — Ensinar quem a recebe a lê-la.

3ª — Orientar a interpretá-la porque a Bíblia se interpreta com a própria Bíblia.

4ª — Ajudar a aceitar a sua mensagem, que, em última análise, implica na aceitação de Cristo, como Único e Todo-Suficiente Salvador.

5ª — Ensinar a vivê-la.

Sem isso, entregar-se ao povo a Bíblia indiscriminadamente, por atacado, à larga, repitamos, é bancar o acólito da aristocracia clerical em sua tarefa ecumenistizante.

O fato de se entregar a Bíblia a alguém responsabiliza-nos mais ainda à pregação.

Muitos evangélicos ecumenistizados, pelo receio de serem ridicularizados como fanáticos ou proselitistas, tranquilizam-se oferecendo a Bíblia ou porções dela. Entregam-na e se supõem em paz com a sua consciência pelo dever supostamente cumprido.

Incorrem assim na astúcia ecumenistizante da hierarquia eclesiástica a serviço de quem se encontram as Sociedades Bíblicas com as suas promoções de venda.

A autoridade da Palavra de Deus vem em nossa valia também neste particular. E, com efeito, Paulo Apóstolo nos adverte, após declarar que *“todo aquele que invocar o Nome do Senhor será salvo”*: *“como, pois, invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não*

ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue?. De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus” (Romanos 10:13, 14, 17).

A autoridade da experiência quotidiana também se coloca à nossa disposição ao nos demonstrar que na aquisição de conhecimentos, insuficientes são os livros, pois reclamam o concurso do professor. Por isso existem as escolas. Do contrário, bastar-nos-iam as livrarias.

Escasseiam os autodidatas!

.oOo.

Desculpem-me a insistência. A simples entrega do volume da Bíblia é uma fuga. Fuga da responsabilidade pessoal de se evangelizar pela pregação.

Esta, envolta no calor do testemunho pessoal, é o método estabelecido por Jesus e por Ele próprio praticado. É o método de Atos dos Apóstolos. É o método de Paulo Apóstolo.

A pregação é insubstituível no ministério da conquista de almas! Em consequência, Deus se dispõe, na Sua Infinita Misericórdia a capacitar, por meio da unção do Espírito Santo, os Seus servos para essa obra.

Deus não unge entidades. Deus não unge máquinas denominacionais. Deus não unge templos. Deus não unge corais. Deus não unge meios mecânicos de comunicação. Deus não unge um livro material. Mas DEUS UNGE A PESSOA... DEUS UNGE SOMENTE A PESSOA DO DISCÍPULO DE CRISTO!!!

Aos Seus discípulos, após recordar-lhes a promessa do Espírito Santo, recomendou: *“Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder”* (Lucas 24:49; cf. Atos 1:4). *“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-Me-eis testemunhas”* (Atos 1:8).

Por que este revestimento especial de poder? Para se testemunhar de Cristo. Para se pregar o Seu Evangelho!

“SCRIPTURA EX MACHINA”

NOS SOFISMAS DA DOGMÁTICA CATÓLICA

A insídia ecumenizante requer esse gigantesco aluvião de volumes da Bíblia entre o povo.

É do seu teor, outrossim, tornarem-se citadas pelos clérigos as Sagradas Escrituras.

Muitos evangélicos, despercebidos do embuste, aguardam muitas conversões porque, em suas arengas religiosas, os sacerdotes citam muito a Bíblia. Supõem eles que pela simples leitura da Palavra de Deus que citam, chegarão os sacerdotes à conversão.

A ampla referência a passagens escriturísticas faz parte da tarefa ecumenizante. Eis a verdade.

Grande parte dos sacerdotes católicos desconhece a Bíblia. Excluída das preocupações clericais a leitura e o exame do Livro Santo.

As passagens mencionadas em seus sermões a propósito e adrede selecionadas nos gabinetes do Vaticano, encontram-se em seus missais, breviários e outros livros litúrgicos. Os padres não se dão ao trabalho de procurá-las na Bíblia. De examiná-las no seu próprio panorama. No seu contexto.

Os versículos apresentados por eles constam nos seus manuais e teologia, que adota a *“scriptura ex machina”*.

“Scriptura ex machina” é o enquadramento de versículos sacros extraídos do seu contexto com o objetivo de comprovar teses preestabelecidas e alheias à mente das próprias Escrituras. Exemplificando, aquela teologia resolveu nos seus laboratórios engendrar o dogma da assunção corporal de Maria. Alvitrou dar-lhe privilégios bíblicos e, então, selecionou alguns versículos escriturísticos na demonstração de que a morte é consequência do pecado (Gênesis 2:17; 3:19; Romanos 5:12). Ora, Maria jamais pecou (Gênesis 3:15; Lucas 1:28). Logo, imune da morte, foi assumta em corpo e alma aos céus, onde, coroada rainha dos anjos e dos homens, intercede por nós.

Outro exemplo de aplicação do *“scriptura ex machina”*. Em seu discurso proferido na comemoração litúrgica de “são” Pedro, o pontífice romano Montini, em catadupa, apresentou compacta citação de versículos bíblicos, para deles, à base do *“scriptura ex machina”*, extrair o ensino sobre a sua pessoa pontifícia, centro, mestre e cabeça da igreja. “Poderemos, ou melhor, deveremos fazer uma meditação de capital importância no plano da nossa fé, afirmou Paulo VI. Devemos lembrar o que o Evangelho e outros livros do Novo Testamento nos contam dele, Simão, filho de Jonas e irmão de André, o pescador da Galileia, discípulo de João, o Precursor, chamado por Jesus com um novo nome, Cefas, que significa Pedro (João 1:42; Mateus 16:18); lembrar também a missão simbolizada pelas figuras de pescador (Lucas 5:10) e de pastor (João 21:15 ss) a ele confiada por Cristo que, com os outros onze e antes deles fez do discípulo o Apóstolo (Lucas 6:13); lembrar enfim a função que este homem humilde (Lucas 5:8), dócil e modesto (cf. João 13:9; 1 Pedro 5:1),

débil mesmo (Mateus 14:30), inconstante e até medroso (Mateus 26:40-45, 69 ss; Gálatas 2:11), mas cheio de entusiasmo e fervor (Mateus 26:33; Marcos 14:47), de fé (João 6:68; Mateus 16:17) e de amor (Lucas 22:62; João 21:15 ss) imediatamente exerceu o papel na nascente comunidade cristã (cf Atos 1-12:17) de centro, de mestre e cabeça”.

Num período apenas, o papa, artificioso, cita, numa profusão impressionante, 18 passagens bíblicas para concluir haver sido Pedro, no cristianismo nascente, o centro, o mestre e a cabeça da Igreja. Antes, para tudo que disse sobre Pedro invocou um texto da Escritura. Em abono da conclusão, porém, impossível valer-se de semelhante autoridade. A quem o ouviu, contudo, fica a impressão de que os textos arrolados na prédica pontifícia confirmam aquela posição petrina na comunidade primitiva dos cristãos.

Na sua Constituição Apostólica *Poemitemini* sobre a necessidade da penitência, relaciona mais de cinquenta citações e referências das Escrituras para “demonstrar” ser indispensável a penitência para a salvação. “Com efeito, diz o papa Montini”, Cristo é o modelo supremo dos penitentes: quis sofrer a pena pelos pecados não seus, mas dos outros” (§ 13).

A Paulo VI escapa a sublime Verdade do Evangelho: Cristo, ao morrer, pagou exuberantemente pelos nossos pecados. A penitência que nos traz a paz, Ele a cumpriu (Isaías 53:5). Na mentalidade pontifícia Jesus é apenas um “modelo supremo dos penitentes”. Ao lume dessa noção antievangélica, conclui: “Seguindo, por isto, o Mestre, todo o cristão deve regenerar-se a si mesmo, tomar a sua cruz, participar dos sofrimentos de Cristo; transformado, deste modo, numa imagem da Sua Morte, ele é tornado capaz de merecer a glória da ressurreição” (§ 15). Mais de cinquenta passagens bíblicas a fim de atingir essa conclusão aberrante.

Na *Indulgentiarum Doctrina*, a Constituição Apostólica sobre as indulgências, o pontífice Montini atinge o cúmulo desse método de forjar sofisma com o uso indevido das Escrituras.

A teologia paulossestiana e pós-conciliar especializou-se no “*scriptura ex machina*”.

Do documento central do Concílio Ecumênico Vaticano II apresentaremos um trecho a comprovar ainda a nossa assertiva quanto ao mau uso das Escrituras pelos hierarcas que delas, mediante escandalosos sofismas, tiram conclusões absolutamente alheias às passagens bíblicas invocadas.

“O Senhor Jesus, depois de haver rezado ao Pai, chamando Ele mesmo a Si os que quis, constituiu doze para que ficassem Consigo e para

enviá-los a pregar o Reino de Deus (Marcos 3:13-19; Mateus 10:1-42). Estes apóstolos (Lucas 6:13) instituiu-os à maneira de colégio ou grupo estável, ao qual prepôs Pedro escolhido entre os mesmos (João 21:15-17). Enviou-os primeiro aos filhos de Israel e depois a todos os povos (Romanos 1:16), para que, partícipes do Seu poder, fizessem discípulos Seus todos os povos, santificando-os e governando-os (Mateus 28:16-20; Marcos 16:15; Lucas 24:45-48; João 20:21-23), propagando desta forma a Igreja; e guiados pelo Senhor a apascentassem como ministros, todos os dias, até à consumação dos séculos (Mateus 28:20). Nesta missão foram plenamente confirmados no dia de Pentecostes (Atos 2:1-26) segundo a promessa do Senhor (Atos 1:8). E os Apóstolos, ao pregarem por toda a parte o Evangelho (Marcos 16:20) aceito pelos ouvintes por obra do Espírito Santo, congregam a Igreja Universal, que o Senhor fundou nos Apóstolos e edificou sobre o bem-aventurado Pedro” (*Lumen Gentium*, § 19).

“Para desempenhar ofícios tão excelsos, os Apóstolos foram enriquecidos por Cristo com especial efusão do Espírito Santo descendo sobre eles (Atos 1:8; 2:4; João 20:22, 23). E eles mesmos transmitiram aos seus colaboradores mediante a imposição das mãos este dom espiritual (I Timóteo 4:14; II Timóteo 1:6.7), que chegou até nós pela sagração episcopal” (Idem § 19).

Tantas citações bíblicas a formarem uma colcha de retalhos.

Os 2.500 bispos presentes ao Concílio Ecumênico Vaticano II ao aporem suas reverendíssimas assinaturas à *Lumen Gentium* e aos demais documentos conciliares quiseram destacar a sua dogmática. Jamais lhes passou pela cabeça a necessidade de tirar as legítimas conclusões dos textos bíblicos mencionados.

Senão vejamos!

a) A perícopes de João 21:15-17 está longe de ensinar que Jesus prepôs Pedro aos demais Apóstolos;

b) O verso 16 de Romanos 1 ensina que “o Evangelho de Cristo é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, e também do grego”. Não expressa a ordem de pregarem os Apóstolos primeiro aos filhos de Israel e depois a todos os povos. Aqui os bispos, caso conhecessem as Escrituras, citariam outras passagens como, exemplificando, Atos 1:8.

c) As passagens Mateus 28:16-20; Marcos 16:15; Lucas 24:45-48; João 20:21-23 significam que cabe a todos os discípulos a incumbência de pregar o Evangelho. Deas impossível extrair-se a missão exclusiva e imposta a uma casta sacerdotal, da governar os discípulos de Cristo.

d) Atos 2:1-26 não confirmam essa pretensão petulante do Vaticano II, pois todos os discípulos — e não apenas os Apóstolos — foram cheios do Espírito Santo.

e) Qual a passagem escriturística que nos demonstra Jesus estabelecendo a sucessão apostólica pela imposição das mãos?

f) Qual dos doze, incluindo-se Matias (Atos 1:26) impôs suas mãos sobre Paulo — o Apóstolo por excelência?

g) E ao próprio Matias quem impôs sacramentalmente as mãos? Todos, apóstolos e discípulos, após lançarem sorte e, *“por voto comum foi contado com os onze apóstolos”* (Atos 1:26).

h) Ananias não era Apóstolo e impôs as mãos sobre Paulo (Atos 9:17).

i) Nem à luz da História conseguem demonstrar a ininterruptibilidade da pretendida sucessão apostólica dos bispos. Ao contrário!

É muito do gosto da teologia romana citar passagens bíblicas para impressionar e no meio delas vai espalhando suas teses absolutamente contrárias aos próprios textos arrolados em seus sofismas.

Por outro lado, a *“scriptura ex machina”* produz os resultados colimados pela ação ecumenistizante. Com efeito, muitos evangélicos caem na arriosa.

Numa cidade interiorana, ao encerrar-se a festa do seu padroeiro abundante de barracas na quermesse monstro, aconteceu grande e vistosa queima de fogos de artifício. Embevecido, o Zèzinho contemplou aquela fabulosa cachoeira entre luzes multicoloridas erguida nos ares, aquele imenso e polícromo jarro de flores, o maravilhoso altar no santo orago e tantas outras peças lindíssimas e suspensas nos ares.

Antes de terminar o espetáculo pirotécnico, porém, o Zezinho adormeceu, conservando na mente a fantástica visão.

No dia seguinte, bem cedo, entre esperto e desconfiado, correu o Zezinho à praça. Queria constatar se, de fato, lá nos ares do logradouro, permaneciam aquelas visões maravilhosas... Constatou a fatuidade pirotécnica e artificiosa do espetáculo da noite.

O Zèzinho foi inteligente. Sagaz, longe dele a ideia de ser embrulhado...

Os evangélicos emocionalmente imaturos, desprovidos de prudência, deixam-se engodar e insidiar com os fogos de artifício acendidos pelo palanfrório ecumenistizante da aristocracia episcopal.

.oOo.

Certa feita, disputando com um clérigo romano sobre o batismo infantil apresentei-lhe a incongruidade das pcrícopes por ele mencionadas. No paroxismo do desespero saiu-se com êste argumento imbecil: “de fato, na Bíblia não se encontra nenhuma passagem que confirme o batismo infantil; mas, também, não se encontra nenhuma que o condene claramente; então, pode haver acontecido e. por conseguinte, nada de mais adotá-lo como os judeus faziam com os recém- nascidos ao circuncidá-los”.

.oOo.

Os clérigos católicos usam a Palavra de Deus como satanás. Porque satanás também conhece as Escrituras. E, embora conhecendo-as, continua no seu ministério de iniquidades.

.oOo.

Na tentação aos nossos primeiros pais acrescentou-lhe apenas a partícula “não”. Deus disse: “*Certamente morrerás*”. E satanás: “*Certamente não morrereis*” (Gênesis 2:17; 3:4).

O diabo investiu contra Jesus. Aproveitou-se da Sua fome para tentá-lo a transformar pedras em pães.

Frustrado, arremete-se de novo contra Jesus, oferecendo-Lhe todos os reinos do mundo, caso o adorasse.

Repelido, porque nem a fome e nem os encantados reinos do mundo propiciaram-lhe argumentos fortes para vencer o Mestre, lança mão do mesmo recurso com que Jesus o vencia: a Palavra de Deus.

Leva-O ao pináculo do templo e Lhe diz: “*Se Tu és o Filho de Deus, lança- Te daqui abaixo; porque está escrito: mandará aos seus anjos, acerca de Ti, que Te guardem, e que Te sustentem nas mãos, para que nunca tropeces com o Teu pé em alguma pedra*” (Lucas 4:9-11).

Satanás, conhecedor das Escrituras, utiliza-se dos versículos 11 e 12 do Salmo 91. Para demonstrar a segurança encontrada no Senhor por todos quantos nEle confiam como refúgio e fortaleza, o salmista enfileira diversas circunstâncias em que o servo de Deus pode-se encontrar necessitado de Seu auxílio. E, para exaltar a Sua Misericórdia e o Seu Cuidado no sentido de que nenhum mal lhe suceda, diz: “*Porque aos Seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus*

caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra” (Salmo 91:11-12).

Saltar de um elevado pináculo na esperança de que um anjo o ampare na queda é tentar a Deus. É uma temeridade! E isto o Salmo 91 não autoriza ao enaltecer o livramento divino em favor dos servos do Senhor.

Utilizou-se satanás deste texto — e o Salmo 91 não é messiânico — pretendendo aplicá-lo ao Filho de Deus porque queria ter certeza sobre a origem de Jesus Cristo.

Êmulos perfeitos do diabo são os sacerdotes também quanto ao uso tendencioso e sofisticado das Santas Escrituras!

Na adoção do “*scriptura ex machina*”, torcem e retorcem, desvirtuam e corrompem, separam e prostituem textos bíblicos e o sentido genuíno de sua mensagem para engendrar os sofismas necessários à conservação de sua estrutura dogmática responsável pela perversão de tantas almas.

AOS INCONSCIENTES

CAUDATÁRIOS DO ECUMENISMO

A Bíblia é luz para o caminho e lâmpada para os pés (Salmo 119:105).

É como o martelo a estilhaçar a penha (Jeremias 23:29).

É a espada do Espírito (Efésios 6:17). A espada bigúmea a penetrar e a sondar as profundezas mais profundas do íntimo do homem (Hebreus 4:12).

É o poder de Deus (Romanos 1:16).

.oOo.

Ela é luz. É lâmpada... É qual martelo... É espada...

É o poder de Deus...

Mas é tudo isso para aquele que crê... É o “*poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê*” (Romanos 1:16).

“*É a Palavra da fé*” (Romanos 10:8)!!!

Insuficiente ouvi-la. É imprescindível crer nela.

.oOo.

Ela opera nos crentes!!!

“*Pelo que também damos sem cessar graças a Deus, pois havendo recebido de nós a Palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como*

palavra de homens, mas (segundo é na verdade), como Palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes” (I Tessalonicenses 2:13).

“Para nós, que somos salvos, é o poder de Deus” (I Coríntios 1:18).

Em sua segunda Carta aos coríntios, Paulo lembra-lhes que para os filhos de Israel a Palavra de Deus estava encoberta como por um véu encoberta era a face de Moisés. *“Mas quando se converterem ao Senhor, então o véu se tirará”* (II Coríntios 3:16). *“O nosso Evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto”* (II Coríntios 4:3).

Ouvindo Lídia a pregação de Paulo, *“o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta”* (Atos 16:14).

Os discípulos somente compreenderam as Escrituras referentes à Sua Morte e Ressurreição, quando Jesus *“lhes abriu o entendimento”* (Lucas 24:45).

.oOo.

Diante da Bíblia há duas categorias de pessoas: os crentes e os incrédulos. Os primeiros, salvos. E os outros, condenados...

Para os primeiros ela é luz a iluminar-lhes os caminhos. É lâmpada a dirigir-lhes os pés. É a espada a sondar-lhes as consciências. É a espada do Espírito na sua luta de resistência no dia mau.

.oOo.

Compara-a Jesus à semente... (Mateus 13:1-23).

Dela uma parte caiu à beira do caminho. Assemelha-se àquele que não a entende e o maligno a arrebatou do coração.

Outra parte caiu em pedregais. Compara-se àquele pronto em recebê-la com alegria, mas, acovardado pela perseguição, rejeita-a.

A outra, atirada entre espinhos, lembra o coração envolvido nos cuidados deste mundo e, seduzido pelas riquezas, onde, sufocada, infrutífera se torna.

No bom terreno, no coração crente, há, outrossim, graduações de frutos, segundo a fé com que é recebida a Palavra de Deus.

Esta se desenvolve no íntimo do crente na conformidade de sua fé porque esta também é susceptível de desenvolvimento. *“Acrecenta-nos a fé”*, clamaram os discípulos (Lucas 17:5).

Segundo a fé é a porcentagem de sua produção. Cem por cento... Sessenta... Ou trinta...



Para os crentes a Bíblia é luz. Diante dela, porém, se escandalizam os perdidos! *“Seus ouvidos estão incircunciosos!” “Eis que a Palavra do Senhor é para eles coisa vergonhosa; não gostam dela”* (Jeremias 6:10). É escândalo! (Marcos 4:17). E, para os que nela tropeçam, Jesus Cristo é *“rocha de escândalo”* (I Pedro 2:8).

Para o salvo ela é espada a perscrutar-lhe a consciência na busca de perfeição espiritual de acordo com o preceito de Jesus: *“Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”* (Mateus 5:48).

Para que ele seja perfeito, *“e perfeitamente instruído para toda a boa obra”* (II Timóteo 3:17), que ela *“é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça”* (II Timóteo 3:16).

Mas, o irregenerado, embora a ouça, não a pratica. Rivaliza-se a Israel subjugado pela avareza. *“E eles veem a Ti”,* diz o Senhor a Ezequiel, *“como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti como Meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza. E eis que tu és para eles como uma canção de amores, canção de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as Tuas palavras, mas não as põem por obra”* (Ezequiel 33:31-32).

Parece-se com Herodes. De boa mente ouvia João Batista (Marcos. 6:20), contudo o decapitou.

Compara-o Tiago ao desmemoriado que, após mirarse ao espelho, esquece seus traços fisionômicos (Tiago 1:23-24).

Jesus, ao assemelhar a Palavra de Deus com a semente, em Mateus 13:15 é categórico: *“Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos; para que não vejam com os olhos. e ouçam com os ouvidos, e compreendam com o coração, e se convertam, e Eu os cure”*.

Para o crente a Bíblia é o martelo vigoroso a esmiuçar a penha! Qual chuva não retornará vazia ao Senhor, pois o coração que a recebe é uma terra fértil (Isaías 55:1, 3, 11).

Corrompem-na os incrédulos, seus falsificadores (II Coríntios 2:17). Transgridem-na e profanam as coisas santas. *“Entre o santo e o profano não fazem diferença nem discernem o impuro do puro”* (Ezequiel 22:26).

Por suas tradições invalidam-na, impedindo-lhe o poder nas almas. *“E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus. Mas em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens”,*

esclarece Jesus em Mateus 15:6, 9 porque à Palavra de Deus nada se pode acrescentar, nem em nome da tradição e nem em nome de quaisquer magistérios eclesiásticos.

Ou a Palavra de Deus é pura ou deixa de ser Palavra de Deus. Torcer o seu sentido é cavar a própria perdição (II Pedro 3:16).

Insensatez acrescentar-lhe qualquer achega. *“Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus”* (II João 9).

Paulo Apóstolo insiste com Tito que previna aos cretenses a recusarem ouvidos às fábulas dos *“homens que se desviaram da verdade”* (Tito 1:14). E aos colossenses: *“Ninguém vos domine a seu bel-prazer com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu..., às quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade, e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum senão para a satisfação da carne”* (2:18, 23).

.oOo.

Insuficiente ler a Bíblia. De crer nela e aceitar a sua mensagem ninguém eximir-se-á se desejar salvar-se pelo plano estabelecido em Jesus Cristo (II Timóteo 3:15).

Leem-na muitos. Muitos buscam nela coonestar seus extravios doutrinários e seus descaminhos morais.

Quem como os fariseus conhece a Bíblia? Eles próprios, investigando, reeriminaram seus servidores: *“Creu nEle, porventura, algum dos principais ou dos fariseus?”* (João 7:48).

“Não Me conheceis a Mim, nem a Meu Pai”, dirigindo-se-lhes Jesus (João 8:19).

Os judeus conheciam a Bíblia... Mas Jesus, contundente, lhes declara: *“A Minha palavra não entra em vós”* (João 8:37).

Aos judeus Pedro no templo lembra que por ignorância entregaram Jesus Cristo, sem eximir dessa ignorância os magistrados da nação (Atos 3:17).

Aliás, foi em nome da Bíblia que os judeus, embora examinassem as Escrituras (João 5:39), exigiram a condenação de Jesus. *“Nós temos uma Lei, e, segundo a nossa Lei, deve morrer, porque se fez Filho de Deus”* (João 19:7).

No decorrer dos tempos muitos examinam e conhecem as Escrituras sem compreendê-las. Cegos caminham para a perdição.

De sobra os russelitas sabem a Bíblia, mas para torcer seu sentido de tal sorte que, pretensamente estribados nela, negam a Divindade de Jesus.

Há espíritas que sabem de cor longos capítulos das Sagradas Escrituras e jamais conseguem desvendar a meada dos seus enganos.

O ex-padre Huberto Rohden verteu do original grego o Novo Testamento. Conquanto lhe caiba a honra de ser, em nosso vernáculo, o primeiro a empreender essa tarefa, escapou do romanismo e se chafurdou no espiritismo.

Todas essas considerações revelam a ineficácia da distribuição à larga e indiscriminada da Bíblia.

A massificação do Livro Santo pode atender os interesses comerciais das Sociedades Bíblicas aumentando o seu mercado consumidor e se presta excelentemente aos planos ecumenizantes do Vaticano que o quer desmoralizado, desacreditado, minimizado, desconsiderado, desrespeitado, tornado num livro comum.

As Sociedades Bíblicas se mancomunaram com o vaticano Secretariado para a Unidade dos Cristãos na mais insidiosa conspirata, na mais pérfida cilada, na mais aleivosa emboscada, na mais astuciosa trama, na mais sutil traição, no mais subreptício estratagema contra a Bíblia, o instrumento do Espírito Santo para a regeneração do pecador.

O acomadramento dessas Sociedades com o Vaticano é uma farsa para ilaquear o pecador no emaranhado da idolatria. E a exacerbante campanha de distribuição de exemplares do Novo Testamento chancelado com o *Imprimatur* clerical é uma panaceia ridícula.

A qualquer observador superficial se configuram interesses pontifícios nessa mudança de atitude da hierarquia autodeificada. Se primeiro perseguia e agora, conservando a sua cediça dogmática diante da Bíblia, busca as Sociedades Bíblicas, é porque, por força das circunstâncias, precisou mudar de tática.

Esta reviravolta de atitudes em vista de nova conjuntura traz-nos à mente o ditado italiano: *“Mettere la coda dove non va il capo”*. Desde que já não pode mais passar a cabeça, o Vaticano mete o rabo.

Quem, a não ser os imaturos, poderá esquivar-se dessa conclusão?

À luz da teologia antievangélica do catolicismo e da sua postura perante a Bíblia, admitir-se os sacerdotes como protagonistas na distribuição do Livro Santo é uma experiência suicida para a evangelização.

Mesmo sem se levar em conta a documentação apresentada neste capítulo que demonstra à saciedade e à evidência os objetivos interesseiros

do ecumenismo, o crente jamais poderia aceitar o conluio, a pareceria, a sociedade, a companhia de sacerdotes na tarefa de distribuir a Bíblia.

A teologia deles demonstra que em seu meio está “o espírito da prostituição” (Oseias 5:4) e, como falsificadores da Palavra de Deus, deixam-se “enganar por suas próprias mentiras” (Amós 2:4).

E, se não estivermos de acordo, como poderemos andar juntos? (Amós 3:3).

Vale muito bem para, este caso a advertência do Apóstolo: “*Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo. Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e Eu vos receberei*” (II Coríntios 6:13-17).

.oOo.

Os evangélicos teimosos em ser ingênuos caudatários do ecumenismo, acometidos dessa coqueluche grassante nos arraiais religiosos, se postam subservientes às ordens da ação ecumenizante, lembram o bobo das cortes da antiga monarquia.

Enlaçados pelo espírito da mentira e da insídia, birrentos, obstinam-se na explicação, aliás proveitosíssima para os interesses do Vaticano: contanto que se leve a Bíblia ao povo vamos aproveitar a boa vontade dos sacerdotes; vamos usar o Novo Testamento com a aprovação deles para mostrar ao povo que a Bíblia é igual e ninguém mais precisa ter medo de excomunhão ao recebê-la das mãos de um protestante... E coisas que tais...

Esta atitude é uma franca confissão de fracasso espiritual e de falta de ética. Que os clérigos primem pelo despudor, agem consentâneos com os seus códigos de moral. Mas, que um evangélico queira se aproveitar de uma situação inferior do adversário, como eles consideram a atual posição da hierarquia romana perante o povo, deve-se recusar como imoral.

O ministério evangelístico só pode ser fecundado pela graça de Deus. A simples divulgação da Bíblia não é trabalho de evangelização.

E quem aceita nesta tarefa a companhia de irregenerados é porque, pelo menos implicitamente, descrê da necessidade da graça de Deus para a conversão do pecador.

Só quando encontra o coração aberto pela Graça para acolhê-la, que a Palavra de Deus desenvolve a sua energia, como a semente que germina no bom terreno e dá frutos (Mateus 13:4-23).

Dar ouvidos ao Evangelho significa, antes de tudo, dispor a alma para o ingresso de Deus, abrindo o coração ao dom do Espírito Santo que acompanha a Palavra. *“Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo”* (Apocalipse 3:20).

Em Tessalônica assim aconteceu. *“Porque o nosso Evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza; como bem sabeis quais fomos entre vós, por amor de vós”* (I Tessalonicenses 1:5).

O *dynamis* do original grego, vertido pelo vernáculo *poder*, significa a força divina, a Graça.

Capacitado pela *“virtude do Espírito Santo”* (Atos 1:8; 2:4; 4:31; 6:3, 8; 9:17; Efésios 5:18) e, por isso mesmo, liberto de quaisquer vínculos com irregenados, o discípulo do Senhor, êmulo dos seus primitivos irmãos na fé, com ousadia, se empenhará no cumprimento do Grande Mandato de Cristo: Ide, pregai o Evangelho!

.oOo.

PONTO FINAL!

Credencia-se o viajor, após longa e fatigante jornada, ao repouso. Admite-se com direito de posse o conquistador após cruentas batalhas. Instala-se em justo ócio o trabalhador após o mourejar em tarefa estafante.

Arrematado este livro, nossa luta, porém, continuará. Acirrar-se-á em consequência dele. Os aviltados, os encegueirados e os enleados pelo ecumenismo endurecer-se-ão em suas posturas porque ao orgulho destoa o anuir à evidência quando isto significa renúncia ou arrependimento. Os abarregados com o unionismo, tocados pelas magias cúpidas, encontrarão ao longo destas páginas as razões documentadas para o confirmar de sua mancebia com a mãe das prostituições. Os abemolados e ameigados pelos fluidos ecumenizantes, inflados em sua petulância, continuarão abandalhados e acapachados à aristocracia clerical.

A eferverscência ecumenista prosseguirá, em sua obra de poluição espiritual, a exalar miasmas intoxicantes. A congregar no enrêdo vaticano os unionistas. A acomodar os oportunistas. A mobilizar os covardes. A enfeitar os sentimentaloides. A encantar os amaciados. A aturdir os imaturos. A resignar os anêmicos espirituais.

Conglutinados, todos esses susceptibilizar-se-ão com este livro e o avaliarão extemporâneo, antipático. Anacrônico! Inimigo da paz religiosa!

Proseguirá, então, a nossa luta!!! Sem acovardamentos. Sem medos de duendes. Sem renúncias ao sofrimento. Sem conchavos com o desânimo.

Quanto mais se acirra a refrega tanto mais nos exaltamos na obra do Senhor.

.oOo.

Em todas as fases de preparação deste livro, desde a pesquisa até ao rascunho, desde o datilografar das laudas até à última revisão, minha alma foi tomada por sentimentos, os mais opostos. Compaixão e revolta. Tristeza e alegria. Exaltação e serenidade. Certeza e expectativa.

Compaixão dos aviltados...

Revolta diante da astúcia e da má-fé...

Tristeza ao ver tanta ingenuidade e tantos braços cruzados enquanto as almas se perdem.

Alegria porque se cumprem os desígnios do Senhor sobre a minha vida.

Exaltação por estar convicto de que muitos jamais se curvarão na liturgia de Baal...

Serenidade por estar cumprindo meu dever.

Certeza na vitória certíssima de Jesus Cristo.

Expectativa de que estas páginas sacudirão a muitos...

Sim! Almejamos o despertar dos adormecidos e a conscientização dos insensibilizados pela morfina ecumenizante... Que, despertados, se reengajem na odisseia estupenda de estender entre os homens o Santo Reino de Deus!!!

.oOo.

Senhor, rendo-Te louvores porque me abençoaste na execução desta tarefa. Graças Te rendo porque a Tua Bênção fecundou minhas pobres energias consagradas ao Teu serviço.

Senhor de toda a Verdade, ilumina, esclarece, orienta o Teu povo remanescente a fim de sobrepassar os assédios do maligno.

E dá-me forças para prosseguir como Teu servo sempre em disponibilidade às inspirações do Teu Espírito, sempre submisso à Tua Vontade, sempre sedento da Tua Unção...

Que o mundo não me fascine! Que a covardia não me recolha! Que o comodismo não cruze meus braços! Que a cansa não agrilhoe meus pés! Que os desapontamentos não desanimem meu coração! Que a blandícia ecumenizante jamais arrefeça meu ardor evangelizante!!!

Em Nome de Jesus, a Verdade Encarnada!

Amém!!!

.oOo.

